

AUTORA BESTSELLER
KELLY ORAM

CINDER
&
Ella


Pandora



CINDER

ella

Copyright © Kelly Oram, 2014
Todos os direitos reservados
Copyright 2016 © by Editora Pandorga

DIREÇÃO EDITORIAL
Sílvia Vasconcelos
PRODUÇÃO EDITORIAL
Equipe Editora Pandorga
REVISÃO DE TEXTO
Alinne Salles – AS EDIÇÕES
PROJETO GRÁFICO
Inari Jardani Fraton – ELO EDITORIAL
DIAGRAMAÇÃO DE FROOK
Cristiane Saavedra
CAPA
Marco Mancen
FOTO DA ALURA
Jessica Downey

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo n.º 54, de 1995)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Ficha elaborada por Tereza Cristina Barros – CRB-8/7410

Oram, Kelly.
Cinder & Ella / Kelly Oram ; tradução Fátima
Pinho. -- 1. ed. -- São Paulo : Pandorga, 2016.
304 p. ; 16 x 23 cm.

Título original: Cinder & Ella.
ISBN 978-85-8442-163-3

1. Romance norte-americano I. Título.

16.08/028 2016

CDD- 813.6

2016
IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL
DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À
EDITORA PANDORGA
RODOVIA RAPOSO TAVARES, KM 22
CEP 06709-015 – GRANJA VIANA – COTIA – SP
TEL (11) 4612 – 6404
www.editorapandorga.com.br

CINDER & Ella

KELLY ORAM



2016

Para minha filha, Jackie.

Porque toda garota merece seu próprio conto de fadas.

Sumário

Capa	
Título	
Ficha Catalográfica	
Dedicatória	
Prólogo	
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	
32	
Agradecimentos	
Editora Pandorga	

Prólogo



O problema dos contos de fadas é que a maioria deles começa com uma tragédia. Eu entendo o que está por trás disso. Ninguém gosta de uma heroína mimada. Uma grande personagem precisa de dificuldades para superar — de experiências que deem a ela profundidade, que a deixem vulnerável, com as quais possamos nos identificar e que sejam agradáveis. Boas personagens precisam de desventuras que as tornem fortes. A ideia faz sentido, mas continua sendo uma droga se você é a heroína.

Minha vida nunca foi um conto de fadas. Não tive sonhos que se tornaram realidade, mas também nenhuma grande tragédia. Meu pai teve um caso e nos abandonou quando eu tinha 8 anos, mas, a não ser por isso, a vida sempre foi mais ou menos.

Até que sou bonita — tenho cabelos castanho-escuros longos e encaracolados e a pele bronzada e macia, graças à herança chilena pelo lado de minha mãe. Porém, tenho os olhos azuis grandes e brilhantes de meu pai. Sou inteligente — a maior parte das minhas notas é “A” e nunca preciso estudar muito. E sou um tanto popular — não exatamente a rainha do baile, mas também nunca fico sem amigos ou sem um paquera nas noites de sábado.

Posso ter crescido sem um pai, mas minha mãe era minha melhor amiga e isso estava bom demais para mim. A vida, em geral, foi bastante boa. Então, em novembro passado, minha mãe decidiu me fazer uma surpresa com uma viagem de fim de semana para esquiar em Vermont, por causa do meu aniversário, e eu tive minha primeira dose real da tragédia que constrói uma personagem.

— Reservei para nós o pacote completo de spa, assim poderemos descongelar na Jacuzzi e teremos massagens quando estivermos doloridas de esquiar o dia todo — mamãe confessou enquanto deixávamos a cidade de Boston para trás pelos quatro dias seguintes.

— Uau, mami! Não que eu não esteja grata, mas podemos pagar por isso tudo?

Mamãe riu de mim. Eu amava o som da sua risada. Era um som leve e vibrante que me fazia sentir como se eu pudesse sair flutuando nele. Ela sempre ria. Era a pessoa mais exuberante que eu já tinha conhecido. Para ela, a vida não tinha como ser melhor.

— Ouça você mesma, Ella. Você está fazendo dezoito anos, não quarenta.

Dei um sorriso forçado.

— Como vai fazer no mês que vem?

— *Cállate!* Esse é nosso segredo. Se alguém perguntar, terei trinta e nove anos pelo resto da vida.

— Claro que terá. Espere aí... isso são... *pés de galinha?*

— Ellamara Valentina Rodriguez! — Mamãe arfou. — Isso são *linhas de sorriso*, e tenho muito orgulho delas. — Ela olhou para mim e os olhos brilhantes se enrugaram com *linhas de sorriso* nos cantos.

— Com você como filha, tive muito trabalho para consegui-las em vez de cabelos brancos.

Rindo com desdém, peguei o celular, que estava tilintando com mensagens para mim.

— Seja legal com a mamãe ou vou fazer você passar vergonha na frente de todos os garotos bonitos neste fim de semana.

Eu teria uma resposta espirituosa, mas me esqueci dela quando vi a mensagem em meu celular.

Cinder458

Seu blogversário está chegando, não é?

Cinder458, ou apenas Cinder para mim, é meu melhor amigo no mundo, além de minha mãe, embora eu nunca o tenha encontrado. Nunca falei com ele, nem sequer pelo telefone. Nós trocamos e-mails sem parar desde que ele tropeçou no meu blog, *Palavras Sábias de Ellamara*, há mais ou menos dois anos.

Meu blog é um blog sobre livros e filmes. Eu o inaugurei quando tinha 15 anos, e meu terceiro blogversário estava realmente se aproximando.

O nome Ellamara é uma homenagem à minha personagem favorita da minha série de livros preferida, *As Crônicas de Cinder*. É uma série de fantasia escrita nos anos 1970 e se tornou uma das mais queridas da literatura moderna. Hollywood finalmente está adaptando para o cinema o primeiro livro, *O Príncipe Druida*.

Ellamara é também o meu nome. Minha mãe leu os livros quando era garota e os amou tanto que me deu o nome da misteriosa sacerdotisa druida. Fiquei orgulhosa do nome e de minha mãe por gostar mais de Ellamara do que da princesa guerreira Ratana, como todo mundo. Ellamara era uma personagem muito melhor.

Cinder, obviamente, também é fã de séries. Foi o nome Ellamara e minha postagem onde eu explicava por que ela era a personagem mais subestimada do livro que arrastaram Cinder para meu blog, em primeiro lugar. Ele ama os livros tanto quanto eu, por isso gostei dele no mesmo instante — mesmo ele tendo argumentado que a princesa Ratana era mais apropriada para o príncipe Cinder. Ele discordou da maioria das minhas resenhas desde então.

EllaTheRealHero

Os seus amigos de Hollywood sabem que você usa termos como blogversário?

Cinder458

Claro que não. Preciso do seu endereço. Comprei um presente de blogversário para você.

Cinder comprou um presente para mim?

Meu coração dava cambalhotas.

Não que eu estivesse apaixonada pelo meu melhor amigo da internet ou coisa parecida. Isso seria absolutamente ridículo. O cara era convencido e teimoso e retrucava tudo que eu dizia, só para ser irritante.

Ele também tinha muito dinheiro, tinha namorado modelos — o que significa que devia ser atraente — e era um *nerd* dos livros enrustido.

Engraçado, rico, atraente, confiante, amante de livros. Definitivamente não era meu tipo. Não. Nem um pouco.

Tá legal, tudo bem, então ele não era meu tipo por definição porque morava na Califórnia e eu morava em Massachusetts. Assim seja.

Cinder458

Alô? Ella?? O endereço??

EllaTheRealHero

Eu não dou meu endereço para gente que fica me seguindo e importunando na internet.

Cinder458

Então acho que você não quer essa primeira edição de capa dura autografada de *O Príncipe Druida*. Que pena. Eu pedi a L. P. Morgan que autografasse para Ellamara quando o encontrei na FantasyCon na semana passada, de modo que não vou poder tentar impressionar nenhuma outra garota com ele.

Não percebi que estava grunhindo até que o carro deu uma guinada.

— *Por el amor de todo lo sagrado*, Ellamara! Não assuste sua pobre mãe dessa maneira. Estamos no meio de uma tempestade de neve. As estradas já estão perigosas demais sem você gritando como uma maluca.

— Desculpe-me, mama. Mas é que o Cinder disse...

— *Híjole muñeca*, esse menino outra vez. — Reconheci o cansaço na voz. Eu estava prestes a receber um dos sermões favoritos de minha mãe. — Você tem noção de que ele é um completo estranho, certo?

Eu fiz que não com a cabeça.

— Não é, não. Eu o conheço melhor do que conheço qualquer um.

— Você nunca o encontrou pessoalmente. Não está levando isso em consideração, mas tudo o que ele diz pode ser mentira.

Serei a primeira a admitir que já havia pensado nisso antes, porque a vida de Cinder parecia a de um astro do rock, mas eu o conhecia há tanto tempo que acreditava que ele não estava mentindo.

— Eu realmente não penso assim, mamãe. É possível que ele enfeite um pouco, mas quem nunca? E o que importa? É apenas um amigo da internet. E mora na Califórnia.

— Exatamente. Então por que perde tanto tempo com ele?

— Porque gosto dele. Posso conversar com ele. Ele é meu melhor amigo.

Mamãe suspirou mais uma vez, mas sorriu para mim, e a voz dela se acalmou. — Só tenho medo de que você se apaixone por ele, *muñeca*, e aí?

Essa era uma boa pergunta. E era exatamente por isso que Cinder não era meu tipo.

Não era meu tipo.

Não. Era. Meu. Tipo.

Cinder458

Endereço. Nome. O lugar onde uma organização em particular ou uma pessoa pode ser encontrada (ou onde pode receber presentes legais pelo correio).

EllaTheRealHero

Foi seu carro que disse isso?

Cinder dirige uma Ferrari 458, ele me contou uma vez, quando perguntei o que os números do nome dele significavam. Dei uma pesquisada no carro. Custa mais do que o que minha mãe ganha em cinco anos. Gosto de colocá-lo em dificuldades por causa do jeito supercaridoso dele. E sim, o carro, na verdade, fala mesmo com ele.

Cinder458

Não estou dirigindo, então foi o meu celular que falou. Endereço, mulher. Agora! Ou não vou contar quem assinou para encenar o Cinder no filme.

Quase grunhi outra vez. O filme estava confirmado, mas o elenco não tinha sido anunciado. O pai de Cinder era algum figurão da indústria cinematográfica, por isso Cinder sempre sabia das coisas de antemão.

EllaTheRealHero

Sem essa! Conta logo! Estou morrendo!!!

Não consegui saber que ator iria immortalizar um dos personagens mais adorados de todos os tempos, porque um caminhão de madeira pegou uma área de gelo negro e deslizou pela estrada de duas pistas, direto na direção de nosso carro. Eu estava olhando para o celular quando isso aconteceu e não vi o que estava prestes a acontecer. Só me lembro de ouvir o grito de minha mãe e de ser atirada contra o cinto de segurança, enquanto o airbag explodia em meu rosto. Houve um momento de dor tão intensa que literalmente me fez parar de respirar e, depois, mais nada.



Acordei três semanas depois, em um centro de queimados em Boston, quando os médicos me trouxeram de volta de um coma induzido. Eu tinha queimaduras de segundo e terceiro graus em setenta por cento do corpo.

Minha mãe estava morta.

Cinder458

Endereço. Nome. O lugar onde uma organização em particular ou uma pessoa pode ser encontrada (ou onde pode receber presentes legais pelo correio).

EllaTheRealHero

Foi seu carro que disse isso?

Cinder dirige uma Ferrari 458, ele me contou uma vez, quando perguntei o que os números do nome dele significavam. Dei uma pesquisada no carro. Custa mais do que o que minha mãe ganha em cinco anos. Gosto de colocá-lo em dificuldades por causa do jeito supercaridoso dele. E sim, o carro, na verdade, fala mesmo com ele.

Cinder458

Não estou dirigindo, então foi o meu celular que falou. Endereço, mulher. Agora! Ou não vou contar quem assinou para encenar o Cinder no filme.

Quase grunhi outra vez. O filme estava confirmado, mas o elenco não tinha sido anunciado. O pai de Cinder era algum figurão da indústria cinematográfica, por isso Cinder sempre sabia das coisas de antemão.

EllaTheRealHero

Sem essa! Conta logo! Estou morrendo!!!

Não consegui saber que ator iria immortalizar um dos personagens mais adorados de todos os tempos, porque um caminhão de madeira pegou uma área de gelo negro e deslizou pela estrada de duas pistas, direto na direção de nosso carro. Eu estava olhando para o celular quando isso aconteceu e não vi o que estava prestes a acontecer. Só me lembro de ouvir o grito de minha mãe e de ser atirada contra o cinto de segurança, enquanto o airbag explodia em meu rosto. Houve um momento de dor tão intensa que literalmente me fez parar de respirar e, depois, mais nada.



Não me lembro de muitos detalhes específicos do acidente, mas o medo que senti naquele dia está ainda bem nítido em minha memória. Tenho pesadelos o tempo todo. É sempre a mesma coisa — algumas imagens distorcidas e uma mistura de sons caóticos, mas fico paralisada de terror e não consigo respirar até que acordo gritando. O terror, em si, é o foco principal do sonho.

Se o sol não estivesse brilhando em meu rosto de uma forma tão rude e se meu corpo não estivesse dolorido do voo de cinco horas e meia desde Boston, eu teria pensado que estava de novo dentro de meu sonho. Eu estava *assim* aterrorizada quando parei na calçada e olhei para aquela que seria minha nova casa.

Até então, entre o aeroporto e a casa de meu pai nas montanhas de Los Angeles, eu só tinha olhado para a paisagem de dentro do carro. Foi o suficiente para saber que Los Angeles não era nada parecida com Boston — apesar do que o tráfego da estrada me fazia pensar.

Desejei que fosse apenas a mudança de cenário o que me deixava assustada. Eu tinha passado oito semanas em uma UTI e depois mais seis meses em um centro de reabilitação. Oito meses de hospitalização no total, e agora eu estava sendo deixada aos cuidados do homem que foi embora de minha vida dez anos antes — dele e da mulher por quem ele me deixou, junto com as duas filhas pelas quais me substituiu.

— Devo avisar que Jennifer deve ter preparado alguma coisa para comer, algum tipo de surpresa de boas-vindas.

— Não é uma festa, é? — respondi de sobressalto e meu terror explodiu em algo que poderia, finalmente, me matar.

Nunca pensei que viveria um inferno que a maioria das pessoas sequer pode imaginar para no fim ser deixada, no primeiro dia fora do hospital, com um grupo de estranhos aleatórios querendo me dar as boas-vindas.

— Não, claro que não — meu pai garantiu. — Não é nada desse tipo. A equipe de reabilitação veio aqui na semana passada e preparou toda a família. Jennifer sabe que encontrar um monte de gente nova seria muito desgastante de início. Tenho certeza de que serão apenas ela e as meninas, mas deve haver um jantar legal esperando você, com presentes e, quem sabe, enfeites. Ela está ansiosa para conhecer você.

Eu não podia dizer o mesmo.

Quando não respondi, meu pai olhou para mim com aquele olhar de impotência com que vinha me olhando desde que saí do coma e o encontrei sentado ao lado da minha cama no hospital. É um olhar que é setenta por cento pena, vinte por cento medo e dez por cento embaraço. É como se ele não fizesse ideia do que dizer ou de como agir comigo — provavelmente porque não me via ou falava comigo desde que eu tinha 8 anos.

Ele limpou a garganta e disse:

— Você está pronta, menininha?

Eu nunca estaria.

— Por favor, não me chame assim — murmurei, fazendo um esforço para falar com o nó que de repente se formou em minha garganta.

Ele respirou fundo e tentou sorrir.

— Muito velha para isso agora?

— Mais ou menos isso.

Na verdade, eu odiava o apelido porque ele me lembrava de mamãe. Ela sempre me chamava de pequena *muñeca* ou de bonequinha. Quando eu tinha quase 6 anos, papai começou a me chamar de *menininha*. Dizia que era porque eu precisava de um apelido americano também, mas acho que era porque tinha ciúme do relacionamento que eu tinha com mama já naquela época.

— Sinto muito — disse papai.

— Está tudo bem.

Abri a porta do carro antes que o embaraço nos matasse. Papai deu a volta no carro para me ajudar a sair, mas eu o repeli.

— Acho que consigo fazer isso.

— Certo, desculpe. Aqui está.

Enquanto eu movia as pernas uma de cada vez, ele me estendeu a bengala e esperou enquanto eu me equilibrava lentamente.

Foi preciso esforço e não foi pouco, mas finalmente consegui andar sozinha outra vez. Eu estava orgulhosa por isso. Os médicos nem sempre pensaram que isso seria possível, mas me forcei em meio à dor e reconquistei boa parte da minha variedade de movimentos. As cicatrizes já eram bem ruins. Eu não queria ficar confinada a uma cadeira de rodas pelo resto da vida também.

Fiquei feliz pela caminhada lenta pela calçada. Isso me deu o tempo de que eu precisava para me preparar para o que me esperava lá dentro.

Papai acenou para a casa à nossa frente.

— Sei que não parece grande coisa aqui da frente, mas é maior do que parece e a vista lá do fundo é espetacular.

Não parecia grande coisa? O que será que ele esperava que eu pensasse da casa de dois andares pós-moderna de vários milhões de dólares na minha frente? Ele tinha visto o pequeno apartamento de dois dormitórios onde mamãe e eu morávamos em Boston. Foi ele quem o esvaziou depois do funeral de minha mãe.

Sem saber o que dizer, apenas dei de ombros.

— Nós montamos o seu quarto no piso térreo, de modo que você não precisará subir escadas, exceto para ir para a sala íntima, que fica a apenas um pequeno lance de escadas. Você tem também um banheiro privativo e nós o reformamos para deixá-lo acessível. Tudo deve estar pronto para você, mas, se virmos que a casa não é adequada, Jennifer e eu já conversamos sobre procurar algo novo, talvez lá embaixo, em Bel-Air, onde podemos encontrar alguma casa térrea legal.

Fechei os olhos e respirei fundo na tentativa de não cravar os olhos nele ou de dizer algo rude. Ele falava como se eu fosse ficar ali para sempre, mas eu iria desaparecer assim que tivesse permissão.

Tive um momento de fraqueza em uma época ruim da recuperação e tentei acabar com minha vida. Já

estava no hospital havia três meses naquela época e sem previsão de alta. Eu ainda mal podia me mexer, tinha acabado de passar pela décima sétima cirurgia, diziam que eu nunca mais iria andar, eu sentia a falta da minha mãe e sentia tanta dor que só queria que aquilo tudo terminasse.

Ninguém me culpou pela minha atitude, mas agora ninguém acreditava mais que eu não fosse um risco para mim mesma. Eu planejava ficar em Boston, terminar pela internet a escola que perdi e depois ir para a Universidade de Boston, quando estivesse pronta. Eu tinha 18 anos e tinha dinheiro guardado, mas, quando meu pai soube o que eu estava planejando, ele fez com que eu fosse declarada mentalmente incapaz e me forçou a vir para a Califórnia com ele.

Não foi fácil, para mim, ser civilizada com o homem.

— Estou certa de que a casa é ótima — murmurei. — Será que podemos terminar logo com isso para que eu possa ir para a cama? Estou exausta e dolorida depois de viajar o dia todo.

Eu me senti mal por ser tão direta quando vi o desapontamento piscar nos olhos dele. Acho que ele queria me impressionar, mas não entendia que eu nunca tive muito dinheiro e nunca precisei disso. Estava contente com a vida humilde que tinha com mamãe. Nunca sequer usei os cheques que ele mandava todo mês. Mamãe os colocava em uma conta no banco há anos. Eu tinha o suficiente lá para pagar a faculdade — outro motivo pelo qual eu ficaria bem sozinha.

— Claro, querida. — Ele fez uma pausa e recuou. — Desculpe, suponho que esse nome também não esteja na lista dos chamamentos aprovados, hum?

Eu fiz uma careta.

— Que tal ficarmos apenas com Ella?

Por dentro, a casa era tão imaculada quanto o centro de tratamento. Ela provavelmente tinha alarmes que disparariam se um grão de poeira pousasse em qualquer lugar. Minha equipe de recuperação ficaria assustada. O lugar era luxuoso e a mobília toda parecia altamente desconfortável. Não havia como essa casa algum dia parecer meu lar.

A nova senhora Coleman estava em uma cozinha enorme quando entramos, arrumando uma travessa de prata com frutas e molhos em uma bancada de granito. Acho que a bandeja devia ser de prata verdadeira. Quando notou nossa presença, todo o rosto dela se iluminou no maior e mais brilhante sorriso que eu já tinha visto em alguém.

— Ellamara! Seja bem-vinda à nossa casa, querida!

Jennifer Coleman devia ser a mulher mais bonita de Los Angeles. Cabelos dourados como o sol, olhos azuis como o céu e cílios que chegavam à lua. As pernas dela eram longas, a cintura, fina, e os seios gigantes eram perfeitamente redondos e firmes. *Mulherão* foi a única palavra que veio à minha mente.

Não sei por que achei a beleza dela surpreendente. Eu sabia que ela era modelo profissional — de revistas e comerciais, não de moda. Fazia coisas, como comerciais de xampu e cremes para a pele, por isso tinha uma aparência saudável e não era magricela como uma viciada em crack.

A julgar pelo tamanho da casa, ela devia se virar muito bem sozinha, porque meu pai podia ser um advogado figurão, mas os advogados não têm salários exorbitantes nos Estados Unidos. Quando ele ainda morava conosco, tínhamos uma casa mediana no subúrbio, mas certamente não tínhamos uma Mercedes nem vivíamos no alto de uma colina em uma casa com portões privativos.

Jennifer caminhou em minha direção, me abraçou com cuidado e beijou o ar ao lado da minha bochecha.

— Estamos tão empolgados por finalmente tê-la aqui conosco. Rich tem falado tanto de você para nós por tanto tempo que sinto como se já fosse parte da família. Deve ser um alívio estar em uma casa de verdade de novo.

Na verdade, deixar o centro de recuperação foi uma das coisas mais aterrorizantes que já tive de fazer, e estar ali era o oposto de alívio. Mas é claro que eu não disse isso. Tentei pensar em algo que fosse verdadeiro e não tão insultante.

— É um alívio estar fora do avião.

O sorriso de Jennifer tornou-se solidário.

— Você deve estar cansada, pobrezinha.

Engoli o aborrecimento e forcei um sorriso. Eu odiava a pena das pessoas tanto quanto odiava os olhares, se não mais. Antes que eu tivesse que pensar em algo para dizer, minhas duas novas irmãs postičas entraram correndo pela porta da frente.

— Meninas, vocęs estão atrasadas. — Jennifer parecia irritada, mas recolocou aquele sorriso grande e falso de volta no rosto. — Vejam quem chegou!

As duas irmãs se chocaram uma com a outra quando pararam abruptamente de correr. Eram gêmeas. Não idênticas, eu diria, mas pareciam tão similares que, se não fosse pelo corte dos cabelos, aposto que iria confundi-las. Eu sabia, pelas fotos que papai tinha me mostrado, que Juliette era a que tinha cabelos loiros compridos que caíam em cachos sedosos até a metade das costas, enquanto Anastasia tinha um bob anguloso e brilhante que caía no rosto e terminava abruptamente no queixo. Era tão perfeitamente penteado que parecia que ela tinha saído de uma revista de cortes de cabelo.

As duas meninas eram tão lindas quanto a mãe — mesmos cabelos loiros, olhos azuis e silhuetas perfeitas. E eram as duas tão altas! Tenho modestos 1,65 m, e as duas eram bem mais altas que eu. É claro, elas estavam usando saltos que lhes davam pelo menos mais dez centímetros extras, mas aposto que as duas beiravam os 1,78 m mesmo sem os sapatos. Eram mais de um ano mais novas que eu, mas poderiam passar tranquilamente por 21.

Sem se dar ao trabalho de dizer qualquer tipo de alô, Anastasia levou uma das mãos ao peito.

— Ah, menina, que bom que seu rosto não ficou zoad.

Juliette concordou com a cabeça, com os olhos arregalados.

— Certeza. Nós demos uma olhada em fotos de pessoas queimadas na internet e, tipo, todas elas tinham aquelas cicatrizes horríveis no rosto. Era muito grosseiro.

Meu pai e Jennifer soltaram risadas nervosas e foram para o lado das gêmeas.

— Meninas — Jennifer advertiu com suavidade —, não é educado falar sobre as deformidades das pessoas.

Eu me encolhi com o termo. Era isso o que elas pensavam de mim? Que eu era *deformada*? Meu rosto pode ter tido sorte, mas, do ombro para baixo, o lado direito do meu corpo e tudo da cintura para baixo eram cobertos de cicatrizes rosadas e grossas que se destacavam na minha pele naturalmente bronzeada.

Meu pai puxou as meninas para ele, abraçando uma de cada lado. Com os saltos, elas ficavam na mesma altura dos 1,85 m dele. Lembro-me dele como um homem de boa aparência, mas ele estava realmente muito bonito ao lado da família perfeita de fotografias. Ainda tinha uma farta cabeleira castanha e, claro, meus olhos azuis brilhantes.

— Querida, essas são minhas filhas, Anastasia e Juliette. Meninas, essa é a sua meia-irmã, Ellamara.

Ele arreganhou os dentes com orgulho, fazendo brilhar seu sorriso perfeito de advogado enquanto apertava as duas meninas. As rugas ao redor dos olhos dele fizeram meu coração doer. Linhas de sorriso. Ele, obviamente, tinha passado a vida rindo bastante. Também notei que chamou as gêmeas de filhas, não de enteadas.

Ignorei o desejo de me enrolar em uma bola e chorar e levantei uma mão em sinal de saudação.

— Apenas Ella. Ella Rodriguez.

Nenhuma das meninas pegou minha mão.

— Rodriguez? — Juliette açoou. — Não deveria ser Coleman?

Deixei a mão cair ao meu lado e encolhi os ombros.

— Mudei para o nome de solteira de minha mãe quando tinha doze anos.

— Por quê?

— Porque *sou* uma Rodriguez.

Minhas duas meias-irmãs olharam como se, de alguma forma, eu as tivesse ofendido. Precisei travar a

mandíbula para não dizer obscenidades a elas em espanhol. Meu olhar deslizou para meu pai.

— Onde está minha mala? Preciso tomar minha medicação e depois descansar. Meus pés estão inchados.



Jennifer discutia com as filhas em sussurros acalorados enquanto meu pai me conduzia até meu quarto pelo andar principal da casa. Não dei a mínima que elas estivessem discutindo por minha causa. Estava apenas feliz pelo fato de as apresentações terem terminado. Com um pouco de sorte, quem sabe agora eu pudesse evitá-las o máximo possível.

Sentei-me na cama hospitalar que podia levantar tanto a cabeça quanto os pés e engoli algumas pílulas antes de analisar meu quarto novo. As paredes eram amarelo-claras — sem dúvida intencionalmente, porque algum médico disse a meu pai que o amarelo era uma cor tranquilizante e alegre. Honestamente, não era tão ruim, mas a mobília era de um branco afetado horroroso, que me fazia sentir como se tivesse 6 anos de idade outra vez. Era horrível.

— Você gosta? — Jennifer perguntou esperançosa.

Ela tinha vindo para o quarto e ficou ao lado de meu pai. Ele passou os braços pela sua cintura e beijou-a no rosto. Foi preciso muito esforço para que eu não fizesse uma careta para eles.

Mais uma vez, escolhi as palavras com cuidado.

— Nunca tive coisas tão legais assim antes.

Papai pegou algum tipo de controle remoto *touchscreen*.

— Você precisa ver a melhor parte. — Ele sorria enquanto começava a apertar botões. — Mais tarde mostro a você como usar isso. Ele controla a tv, o estéreo, as luzes, o ventilador e as janelas.

As *janelas*? As janelas eram controladas por um controle remoto?

Papai estufou o peito e, com um último toque na tela, as cortinas brancas de *voile*, que iam do teto ao chão ao longo da parede atrás de mim, deslizaram, revelando uma parede inteira de janelas com uma porta deslizante no meio. Então, com outro toque no botão, as venezianas de cada janela subiram, fazendo com que a luz inundasse o quarto.

Papai abriu a porta e saiu para a sacada de madeira onde o sol estava se pondo e que dava vista para toda a cidade de Los Angeles, até onde a vista podia alcançar. Para lá da sacada, não dava para ver o chão. Aparentemente, a casa ficava na encosta de um penhasco.

— Você tem a melhor vista da casa. Precisa sair aqui e ver as luzes da cidade depois que escurecer. É mesmo algo que você precisa ver.

Dada a reputação da Califórnia com relação aos terremotos, achei a perspectiva de ficar naquela sacada um tanto perturbadora.

Papai voltou para dentro e, depois que as venezianas e as cortinas estavam todas de volta a seus lugares, virou-se para mim com uma expressão otimista. Ele me pegou olhando com receio para o laptop na mesa. Era prateado e parecia fino como uma panqueca. Sempre quis ter um daqueles, mas, de alguma forma, ele não parecia mais tão convidativo.

Papai caminhou até lá e abriu o laptop.

— Espero que você não se importe com a mudança. O computador que você tinha no apartamento era muito antigo. Achei que fosse gostar deste. Pedi para que fizessem um backup do seu HD antes de me livrar dele. Também comprei um celular novo para você, já que o seu foi queimado. — Ele pegou o que parecia ser um iPhone em uma capa rosa e me deu. — Nós a incluímos no plano familiar, tudo ilimitado, por isso não se preocupe se quiser ligar para seus amigos em Massachusetts. Não será nenhum problema.

Eu me encolhi. Não tinha contato com nenhum de meus amigos desde o acidente. Na época em que recuperei a capacidade de ligar para as pessoas, tanto tempo havia se passado que imaginei que todos tivessem seguido com suas vidas. Eu estava indo para casa com meu pai e não voltaria, então nunca vi motivo para tentar manter contato. Agora que estava a milhares de quilômetros de distância, eu realmente não via motivos.

Meu pai deve ter percebido isso também, porque forçou um sorriso frágil e esfregou minha nuca como se estivesse, de repente, extremamente desconfortável.

— Obrigada — eu disse. — Mas, hum, onde estão as *minhas* coisas todas?

O rosto de papai relaxou, como se eu tivesse acabado de fazer uma pergunta fácil sobre um tópico muito mais seguro.

— Tudo que era do seu quarto, exceto a mobília, é claro, está encaixotado no closet.

No *closet*?

— Que tamanho tem esse closet?

Jennifer achou aquilo engraçado.

— Não tão grande quanto o meu, mas duvido que você tenha o problema com sapatos que tenho.

Eu não quis dizer a ela que minha mãe e eu tínhamos problema com sapatos. Calçávamos o mesmo número e devíamos ter um caminhão de sapatos se juntássemos os das duas. Não que eu vá usar qualquer um deles na vida outra vez. Nada de sandálias com os dedos de fora ou de salto de qualquer tipo para mim agora — apenas sapatos especiais que suportem terapeuticamente meus pés queimados e gritem “vovó”. Minhas mãos foram reconstruídas, o que me deu outra vez movimento suficiente para que eu pudesse escrever novamente — ou quase. Eu ainda estava trabalhando em tentar deixar minha caligrafia legível, mas eles não conseguiram salvar meus dedos dos pés completamente.

— Deixamos tudo nas caixas porque pensamos que iria querer retirá-las e arrumá-las você mesma — papai disse —, mas, se quiser ajuda, ficaremos felizes em ajudar no que precisar.

— Não, eu posso me ajeitar. E as coisas de mamãe e do resto do apartamento?

— Encaixotei tudo que me pareceu importante, fotos e coisas, e alguns dos pertences de sua mãe que achei que pudesse querer. Não tinha muita coisa, apenas algumas caixas. Estão com as suas coisas. E dei fim a todo o resto.

— E os livros? — Meu coração começou a pular em meu peito. As estantes de livros não estavam no quarto e duvidei seriamente que estivessem no closet. — O que você fez com todos os meus livros?

— Aqueles livros todos que estavam na sala? Eu os doe.

— Você o quê?

Meu pai se encolheu quando gritei e ficou outra vez com aquela expressão de pânico nos olhos.

— Sinto muito, querida. Não imaginei...

— Você doou todos os meus livros?

Talvez fosse uma coisa boba pela qual fazer tempestade depois de todo o estresse emocional que tinha atravessado naquele dia, mas simplesmente não consegui suportar a ideia de que meus livros tivessem desaparecido. Eu vinha colecionando há anos.

Desde que aprendi a ler, era o que eu mais gostava de fazer. Mamãe me dava livros no meu aniversário e no Natal — e, às vezes, simplesmente porque tinha vontade — por tanto tempo que aquilo tinha se tornado uma tradição.

Fui a sessões de autógrafo e a convenções por todo o nordeste, e tinha dúzias de livros assinados por todos os meus autores favoritos. Toda vez que eu ia até mamãe com aquele olhar, ela ria e perguntava: “Para onde vamos dessa vez?”. Em toda sessão de autógrafos, eu pedia a alguém que tirasse uma foto de minha mãe e de mim com o autor e colava a foto no lado de dentro da capa do livro correspondente.

E agora, os livros, as fotos e as memórias... tinham desaparecido. Assim como mamãe. Eu nunca iria tê-los de volta, e nunca poderia substituir o que perdi. Era como perdê-la outra vez.

Meu coração se quebrou em um milhão de pedaços, despedaçado além da reparação. Eu explodi em soluços incontroláveis, rolei na minha cama e me enrolei em uma bola apertada, desejando que, de alguma forma, pudesse bloquear a dor.

— Sinto muito, Ellamara. Não fazia ideia. Você não estava acordada para que eu pudesse perguntar. Mas

posso comprar livros novos. Sairemos esta semana e você pode comprar o que quiser.

A ideia de ele tentar substituir aquela coleção me revoltou no mais profundo do meu ser.

— Você não entende! — gritei. — Por favor, vá embora daqui.

Não ouvi a porta se fechar, mas ninguém mais me incomodou depois daquilo até a manhã seguinte. Chorei por horas até que desmaiei de exaustão.



Uma coisa que posso dizer da Califórnia é que todo mundo aqui é bonito. Por um lado, é uma porcaria, porque isso só vai fazer com que minhas cicatrizes fiquem mais em evidência quando todos ao meu redor parecem tão perfeitos o tempo todo. Por outro lado, gosto de passar o tempo com caras bonitos tanto quanto qualquer garota, e toda a minha nova equipe de reabilitação é linda. Isso é legal porque faz com que todo o tempo que tenho de passar com cada um deles seja muito mais agradável.

Meu nutricionista e meu enfermeiro são dois caras atraentes na casa dos 30. Meu nutricionista é também *personal trainer* em meio período. Nunca gostei muito de exercícios, mas o cara me faz querer entrar para uma academia. Meu fisioterapeuta tem apenas 28 e é de dar água na boca. Ele devia estar na tv e não na minha sala de estar me forçando a fazer exercícios até que eu tenha vontade de chorar. A fisioterapia nessas duas últimas semanas tem sido uma coisa pela qual eu quase fico esperando. Quase.

Dei um gemido com um surto inesperado de dor e preendi a respiração para não chorar.

— Vamos lá, Ella, só mais um. Eu sei que você consegue. Desça até os sapatos dessa vez.

Eu queria chorar, mas fiz mais uma flexão porque Daniel sorria para mim com tanta confiança que eu não poderia desapontá-lo. E juro que ele ficou surpreso. Forcei os dedos em direção ao chão e estiquei minha pele nova em alguns dos lugares mais apertados. Eu sabia que a fisioterapia deveria ser dura — ela leva a frase “sem dor, sem resultado” a sério —, mas simplesmente não consegui fazer com que meus dedos alcançassem os pés. Meu corpo inteiro queimava. As lágrimas escorriam dos meus olhos e fiquei em pé novamente.

— Sinto muito. Não consigo. Sinto que meu corpo vai se rasgar a qualquer segundo.

Daniel franziu a testa — não por frustração ou desapontamento, mas preocupado comigo. O movimento foi de tirar o fôlego.

— Você alcançou os pés uma vez na segunda-feira. Está fazendo os exercícios todos os dias como combinamos?

— Sim, mas acho que minha pele odeia o ar da Califórnia. Está me irritando a semana toda.

— Deixe-me ver — Daniel exigiu.

Levantei um pouco a camiseta para que ele pudesse examinar minhas costas e levantei as pernas das calças para que ele desse uma boa olhada atrás dos meus joelhos.

— Por que não disse antes? Eu não devia estar forçando tanto. Você não está coçando, está?

— Estou tentando não coçar.

— E exposições ao sol? Nenhum banho de sol no pátio de trás? Nenhum passeio na praia?

— Ah, é — caçoei. — Desfilar por aí em público em trajes de banho está no topo da minha lista de coisas a fazer. Nem sequer tenho saído de casa desde que cheguei. Sou praticamente uma vampira agora.

Daniel parou de examinar minha pele e enrugou a testa outra vez. Dessa vez, eu estava em apuros.

— Para começar, a praia é linda e você iria amar. No próximo verão, quando sua pele estiver mais forte, vou levá-la lá pessoalmente. — Daniel Delicioso usando nada mais que um calção de praia? Isso quase valia os olhares. — Segundo, quando o enfermeiro vem?

— Só na próxima segunda.

— Não é rápido o bastante. Você está muito ressecada. Sua pele ainda está se adaptando à mudança de clima. A Califórnia é bem mais seca que a costa do nordeste.

— Meu cabelo concorda com você.

Daniel riu e começou a vasculhar a mochila, aparentemente em uma missão.

— A-há! Tenho um pouco aqui comigo. — Ele tirou um frasco de óleo mineral e deu um sorriso forçado. — Vá se trocar e eu vou lhe fazer uma massagem. Sua mãe tem uma maca de massagens, certo? Acho que ela disse na última vez em que estive aqui.

Não percebi que estava paralisada até que o sorriso brincalhão desapareceu do rosto de Daniel.

— Ela não é minha mãe — eu disse, embora não tenha sido isso o que deixou meu estômago todo amarrado de uma hora para outra. — E, sim, ela tem uma cama de massagens, mas você não precisa fazer isso. Estou certa de que vou ficar bem até segunda.

Ele já tinha visto minhas cicatrizes, mas um braço ou uma perna aqui e ali era muito diferente de testemunhar o quadro todo de uma só vez.

Daniel olhou direto dentro dos meus olhos, como se soubesse exatamente o motivo da minha hesitação.

— Ella — a voz dele era gentil, mas séria. — Você vai estar com a pele rachada e sangrando na segunda-feira. Não podemos nos arriscar a rasgar os enxertos. Você não quer passar por outra cirurgia, quer?

— Não. — Minha voz tremia enquanto eu lutava com minhas emoções.

— Se não estiver confortável comigo, posso chamar Cody ou você pode pedir a algum de seus pais que faça isso, mas tem de ser feito hoje.

Como se eu fosse deixar que meu pai ou Jennifer fizesse isso.

Eu odiava quando meu enfermeiro precisava me ver tanto quanto odiava que Daniel me visse, então não fazia sentido pedir a ele que chamasse Cody. Respirei fundo e concordei com a cabeça.

— Desculpe. Você está certo. Está bem. Vou me trocar.

— Boa menina. — Daniel sorriu para mim com um orgulho tão sincero que aquilo revirou minhas entranhas. — Você é uma das minhas pacientes mais corajosas, sabia?

Eu ri.

— Aposto que diz isso a todos os seus pacientes.

Daniel deu um sorriso largo.

— Digo, mas com você estou sendo sincero.

— Aposto que diz isso para todos também. — Revirei os olhos e fui para o quarto colocar o temido biquíni.

Quando, finalmente, tomei coragem para sair do quarto, Daniel já tinha montado a maca na sala de estar. Prendi a respiração, mas, quando olhei para ele, ele sorriu como se nada estivesse diferente. Não houve um segundo de hesitação. Nem mesmo um vacilo. Ele simplesmente deu um tapinha na mesa.

É por isso que eu amava os médicos. A equipe no centro de queimados em Boston era todinha como Daniel. Para eles, eu era apenas mais uma pessoa. Durante minha estadia por lá, até cheguei a me enganar

pensando que a vida não seria tão ruim.

Na viagem de Boston para Los Angeles, eu usava sapatos, calças e uma camisa de mangas compridas. As únicas cicatrizes visíveis eram as da minha mão direita e, é claro, eu andava coxeando. As pessoas me olhavam como se eu fosse um alienígena com três cabeças. Elas sussurravam, apontavam e se encolhiam. Eu não podia imaginar o que seria sair de casa com uma camiseta regata e de shorts.

Arrumei um pouco de coragem e fui em direção a ele, mas, quando entrei na sala, Jennifer me viu. Ela vinha trazendo alguns copos cheios de limonada e, quando me viu com todas as cicatrizes expostas, teve um sobressalto e os olhos dela ficaram marejados. Ela precisou colocar os copos em uma mesa e se sentar.

— Desculpe-me — ela murmurou. — Rich disse que era ruim, mas eu não fazia ideia... Sinto muito, Ella. — Ela olhou para mim e se encolheu outra vez. — Perdoe-me — ela disse, e então saiu correndo e subiu as escadas em direção a seu quarto.

Fechei os olhos e respirei fundo. Daniel me deu um minuto para me recompor e então pegou minha mão com gentileza.

— Você precisa de ajuda para subir?

Normalmente, eu teria tentado fazer isso sozinha, mas dessa vez deixei que ele me colocasse na maca. Eu me deitei de bruços primeiro porque não estava pronta para olhar para ele. Não conseguiria, depois de ter acabado de fazer minha madrastra subir as escadas correndo.

— Não sei por que meu pai paga por tratamento domiciliar — resmunguei enquanto Daniel começava a besuntar minha pele sensível com óleo mineral. — O centro de queimados não é tão longe. Eu preferiria ir até lá a fazer tudo isso.

Daniel ficou em silêncio por um momento e depois disse:

— Queria poder dizer a você que vai melhorar. Nunca vai ser fácil, Ella. As pessoas sempre irão reagir. Algumas de uma forma pior que as outras.

— Pelo menos, as meias-irmãs bruxas não estão em casa. Jennifer poder ser indelicada, mas pelo menos ela tenta ser legal. Mas Bruxa Um e Bruxa Dois fazem o diabo parecer inofensivo.

Daniel suspirou.

— Veja pelo lado positivo. Você sempre vai poder dizer quem são seus verdadeiros amigos. Um dia, quando decidir se assentar e se casar, vai ter a cereja do bolo como marido.

Eu ri com desdém. Como se houvesse alguma chance de alguém querer me namorar agora, muito menos de escolher se prender a mim pelo resto da vida.

— Não se atreva a rir da ideia de que alguém amaria você, Ella. Vire — ele mandou.

Quando virei de costas, ele tentou fazer uma cara de bravo para mim. Ele não era muito bom nisso.

— Você é inteligente, espirituosa e forte. E é bonita.

— De novo, você é meu médico. Você tem de dizer isso.

Daniel não riu. Ele olhou direto para mim, mais sério do que jamais o tinha visto.

— Bonita de tirar o fôlego — ele insistiu. — Você tem olhos que poderiam assombrar os sonhos de um homem.

Eu quis fazer uma piada, mas algo no semblante de Daniel tornou isso impossível, então apenas murmurei “obrigada” enquanto meu rosto ficava vermelho como um pimentão.

— Existem pessoas lá fora que serão capazes de enxergar além das suas cicatrizes e ver a garota lá dentro — disse Daniel —, mas você não vai encontrá-las se ficar escondida dentro desta casa o dia todo. Não pense que esqueci isso, mocinha. Estou avisando agora que vou dedurar você para a doutora Parish.

Eu soltei um gemido. Minhas sessões com a psiquiatra eram quase mais dolorosas que as de fisioterapia.

— Não faça essa cara para mim. É para o seu próprio bem. Ficar sentada nesta casa o dia todo não é o que você deveria estar fazendo, e sabe disso. Você pode regredir, Ella. Não quer que todos esses meses de trabalho duro sejam perdidos.

— Mas estou fazendo meus exercícios todos os dias. Juro que estou.

— Não é a mesma coisa. Você precisa ser ativa. Precisa de variedade nos movimentos. Precisa fazer todas as coisas que costumava fazer sem sequer pensar. Além disso, vai ficar deprimida, e daí vai parar de trabalhar duro. E aí eu vou parecer ruim e seu pai vai me despedir. Você pode querer se livrar de mim, mas prometo que qualquer substituto que ele encontrar irá torturar você do mesmo jeito. Ele apenas não vai ser tão legal quanto eu.

Ele tinha razão. Se todo mundo fosse pelo menos metade do que Daniel é legal.

Meu pai entrou na sala e examinou minha pele em silêncio enquanto Daniel terminava de hidratá-la. As sobrancelhas dele baixaram sobre os olhos e ele apontou para minha pele.

— Por que ela está assim? — Ele havia presenciado várias sessões de massagem quando eu estava no hospital em Boston, por isso podia ver a diferença.

Meu pai estava olhando para Daniel, então deixei que Daniel respondesse à pergunta.

— Ela está acostumada à umidade de Boston. Você deveria pedir que o enfermeiro a examinasse com mais frequência até que o corpo dela tenha tempo de se ajustar ao clima da Califórnia.

Papai concordou com a cabeça.

— Vou chamar Cody hoje mesmo. Tudo bem ela sair de casa desse jeito? Preciso levá-la para se matricular na escola.

Ugh! Fisioterapia, aterrorizar minha madrastra até fazê-la chorar, pele seca, visitas extras do enfermeiro, e ainda assim meu dia acabava de ficar bem pior, como por milagre. Fascinante.

Daniel — que era consciente o bastante para saber que falar sobre as pessoas como se elas não estivessem na sala quando, na verdade, estavam bem ali era pra lá de rude — falou comigo quando respondeu ao meu pai. Ele piscou e disse:

— O ar fresco vai ser bom para você.



Meu pai me matriculou na mesma escola particular extravagante em que estavam as gêmeas. O mais próximo que eu já tinha estado de uma escola particular foi assistindo dramas de adolescentes na tv. A escola dizia que tinha 98% de sucesso no programa de colocação em faculdades. Minha escola em Boston se gabava dos detectores de metal e se vangloriava de uma taxa de graduação de 63%.

Como se isso não fosse ruim o suficiente, a escola exigia uniforme. Eram as tradicionais camisas polo brancas, ou de gola rolê no inverno, e saias pregueadas azul-marinho. Eu tinha passado o verão trancada em casa e, nas poucas ocasiões em que papai e Jennifer me forçavam a aparecer em público, eu me cobria da cabeça aos pés. Agora eles esperavam que eu fosse para a escola usando mangas curtas e uma saia na altura do joelho? Será que não entendiam como os adolescentes eram malvados?

Meu pai era todo sorriso quando voltamos para o carro depois da entrevista com o diretor.

— E então? — ele perguntou. — O que achou? Está empolgada? É legal, não é?

Era *muito* legal. A escola ficava encarcerada atrás de portões de ferro enormes e de uma guarita, e ficava no alto de um gramado gigante. Era formada por várias construções menores ligadas entre si por arcadas, o que me lembrava uma antiga missão. Eu mal podia acreditar que o lugar era um colégio.

Enquanto papai saía do estacionamento, meu coração começou a palpitar daquela forma familiar que aprendi a reconhecer como ataque de pânico. Virei-me totalmente para o lado no banco e agarrei o braço dele.

— Papai, por favor, não me faça vir para cá.

Ele ficou perplexo com minha intensidade repentina. — Por quê, o que há de errado?

— A escola vai ser uma coisa difícil demais para mim por si só. Por favor, por favor, não piore as coisas. Esse lugar é maluco. Pelo menos na escola pública eu vou saber onde estou pisando. Os médicos disseram que preciso de coisas “familiares”. *Isso* — apontei para a escola atrás de nós — não é familiar para mim. Eu não consigo. Não me faça vir para cá.

Meu pânico era cem por cento sincero, mas meu pai teve a capacidade de rir de mim. Ele menosprezou minha ansiedade como se não estivesse acontecendo nada.

— Não seja ridícula. Você vai ficar bem aqui, vai ver.

— Por que não posso estudar a distância? Eu poderia recuperar o tempo que perdi e obter meu diploma em poucas semanas, em vez de repetir todo o último ano.

— Você sabe por que não pode fazer uma escola a distância. Todos os seus médicos ressaltaram a importância de que volte a uma rotina normal o mais rápido possível. Quanto mais ficar trancada, mais difícil será para, algum dia, ter uma vida normal.

Eu ri daquilo.

— Acha que algum dia vou ter uma vida normal novamente?

— O que você quer que eu faça, Ella? Só estou tentando seguir as orientações dos médicos. Estou tentando fazer o que é melhor para você.

Eu queria gritar. Ele não fazia a menor ideia do que era melhor para mim.

— Tudo bem. Posso pelo menos ir para uma escola pública, então?

Meu pai pareceu chocado com a sugestão.

— Por que diabos iria querer fazer isso?

— Ah, nada de uniformes, para começar, e também porque lá as pessoas podem se expressar e ser indivíduos. Haverá muito mais aberrações. Eu teria uma chance muito melhor de me enturmar.

— Você não é uma aberração.

Lancei um olhar de descrença a meu pai, desafiando-o a dizer aquilo outra vez. Ele não disse.

— Mesmo que não estivesse coxeando e cheia de cicatrizes, eu não iria querer ir para aquela escola. Não sou como as filhas de Jennifer. Eu não pertencço a uma escola esnobe, cheia de privilégios de crianças riquinhas e extravagantes.

— Você está sendo muito crítica, Ella. Pelo menos dê uma chance à escola antes de decidir que a odeia.

— Mas...

— Além disso, uma filha minha não vai frequentar a escola pública quando posso dar a ela uma educação melhor.

Achei aquilo totalmente ofensivo, considerando que toda a minha educação até ali tinha sido em uma escola pública.

— Isso não parecia incomodá-lo no ano passado — soltei —, mas acho que eu não era sua filha no ano passado, era? Ou durante todos os anos em que frequentei a escola pública antes disso.

Meu pai ficou paralisado, a expressão dele se transformou em uma cara de paisagem séria. Só consegui imaginar que aquilo o tinha deixado muito bravo ou ferido seus sentimentos. Provavelmente os dois, mas não importava naquele momento. Eu estava muito brava, muito assustada e sentia demais a falta de minha mãe para me importar com o que o homem que nos deixou estava pensando.

— Você já está matriculada. Não vou mandar você para a escola pública. Fim da discussão.

Fechei a boca e me recostei no banco, escolhendo ficar calada e olhar pela janela pelo resto da viagem para casa. Fim da discussão? Muito bem. Eu não me importava se aquela tivesse sido a última discussão.



Brian

Desabei na cadeira e coloquei os fones de ouvido no celular, talvez o novo álbum de Katy Perry pudesse evitar que eu morresse de tédio. Eu odiava essas reuniões.

Quando a música encheu meus ouvidos, soltei um leve suspiro. Muito melhor. Nada acalmava minha alma como a voz sensual de Katy. E ela era tão linda. Fechei os olhos e a imaginei rugindo para mim em minha própria serenata particular. Talvez ela quisesse sair comigo. Um dos idiotas nesta sala devia saber como contatar a equipe dela. Assim que eles parassem de falar — se em algum momento parassem —, eu iria perguntar. Quem sabe pudessem fazer algo de útil uma vez na vida.

Um dedo me cutucou o ombro, mas eu ignorei.

— Brian!

Suspirando, arranquei os fones de ouvido. Aqueles momentos de adiamento nunca duravam muito. Abri os olhos para ver que a maior parte da equipe de direção estava olhando para mim. Meu pai, o famoso diretor cinematográfico Max Oliver, sentado bem em frente a mim na enorme mesa de reuniões, me olhava como se quisesse me estrangular. Que bom.

Essa seria a última vez na vida em que eu trabalharia com meu pai. Para começo de conversa, se não fossem *As Crônicas de Cinder*, eu nunca teria aceitado o trabalho. Família e negócios não devem se misturar — principalmente quando se tratava da minha família tosca.

Meu novo assistente, Scott, colocou um papel diante de mim e depois esticou os braços na minha frente para passar a pilha para minha coadjuvante, Kaylee Summers. Dei um gemido quando vi a lista de datas impressas. Amassei o papel até que se transformasse em uma bolinha, recostei-me na cadeira, mirei e atirei. A bola de basquete improvisada caiu no cesto de lixo do outro lado da sala sem tocar em nenhum dos lados... *puff*.

— Rá! Dois pontos!

Ergui a mão em direção a Kaylee para um *high five*.

— Você viu isso? Talvez eu tenha encontrado minha vocação muito cedo na vida. Acho que vou tentar os Lakers na próxima temporada.

Kaylee me olhou com o desdém habitual e me deixou com a mão levantada no ar. Tanto faz. Scott servia. Virei para ele a seguir. Ele olhou nervoso pela sala, mas no fim ficou com muito receio de ignorar meu pedido e bateu em minha mão.

Eu ri do nervosismo do cara.

— Relaxa, Scott. Sou a única pessoa nesta sala que pode demitir você, então, quando estiver na dúvida, satisfaça os meus desejos, não os deles. Eles não vão culpar você por isso.

— Já terminou de desperdiçar nosso tempo? — meu pai esbravejou.

A raiva tomou conta de mim, como sempre acontecia quando meu pai estava por perto. Peguei a cópia da agenda de compromissos de Scott e chacoalhei no ar.

— Esta reunião estúpida é uma perda de tempo para todos.

Toda a equipe de direção ficou muito ofendida com minha afirmação, mas foi meu agente, Joseph, quem falou.

— Esse é o esboço da turnê de publicidade de *O Príncipe Druida*. Você precisa estar atento a ela.

— Por quê? É para isso que serve o Scott. — Coloquei o braço sobre os ombros do meu assistente. — Esse cara tem habilidades de agendamento alucinantes, foi por isso que o contratei. Ele já deve ter oito cópias desta lista, impressas e guardadas para emergências. Ele nunca deixaria que eu perdesse uma reunião. Acredite, fiz o impossível para perder esta aqui.

Joseph suspirou.

— Você está aqui porque seu assistente não pode aprovar a agenda por você.

— Precisa da minha aprovação? — zombei. — Como se eu tivesse algum tipo de voz ativa em qualquer coisa aqui?

— É claro que você tem.

Eu queria rir, exceto pelo fato de que realmente não era engraçado. Não pude dar uma única opinião sobre nada desde que meu primeiro filme adolescente atingiu o primeiro lugar nas bilheterias. Agentes, empresários, publicitários, advogados, consultores de imagem, *personal trainers* e um milhão de outras pessoas... elas agora controlavam minha vida — o que eu poderia ou não vestir, o que podia ou não comer, a que solenidades poderia comparecer, o que podia ou não podia dizer. Caramba, eles agendaram toda essa turnê de publicidade sem me consultar uma única vez. O que eles me davam agora era apenas um itinerário que já estava gravado na pedra.

Percorrendo a lista, vi que havia semanas de entrevistas, sessões de fotos, aparições públicas, estreias de filmes, participações como convidado em programas de entrevistas de rádio e tv. Los Angeles, Nova York, Chicago...

Olhei nos olhos de Joseph e levantei uma sobrancelha em um arco desafiador.

— Tenho certeza de que você já reservou os voos e os hotéis, então que droga importa se aprovo ou não qualquer uma dessas coisas? E se eu não aprovar alguma delas? O *Kenneth Long Show*? Aquele cara é um babaca. Eu definitivamente não aprovo isso.

Joseph fez uma careta, mas o rosto dele se fechou em uma carranca determinada.

— O *Kenneth Long Show* está em uma rede de emissoras em horário nobre. É o programa de entrevistas mais popular da atualidade. Ele tem milhões de espectadores. Você não pode dispensar uma entrevista com ele porque não gosta dele.

— Tudo bem, mas o que é essa merda de *Fofocas de Celebridades*? É uma droga de um tabloide.

Meu publicitário — outro babaca completo — limpou a garganta e entrou para defender o compromisso.

— Eles são o maior tabloide do mundo. Se gostarem de você, podem torná-lo a pessoa mais famosa do

mundo e, se não gostarem, podem transformá-lo na maior piada de Hollywood.

— Já estão de olho em você, Brian — adicionou meu empresário, Gary, com uma expressão carrancuda. — É melhor trabalhar com eles e tê-los ao seu lado do que tê-los criando histórias como essa pela mídia todas as semanas.

Gary jogou a última edição do *Fofocas de Celebidades* na mesa e deslizou-a para mim. Li a manchete e dei um sorriso afetado. Trazer Adrianna Pascal para casa comigo no último fim de semana foi a coisa mais importante que fiz o ano inteiro.

— Você deu uns amassos na namorada de Kyle Hamilton, astro do rock de fama mundial, na própria festa de aniversário dele.

Err. Fizemos bem mais do que dar uns amassos naquela noite. Olhei para todos na sala com olhos grandes e inocentes.

— Eles ainda estavam juntos?

— Você acabou com o noivado deles.

Eu encolhi os ombros.

— O cara é um idiota egoísta. Além disso, se ela realmente o amasse não teria dado em cima *de mim* a noite toda.

Meu pai finalmente perdeu as estribeiras.

— Esse não é o tipo de publicidade de que você precisa agora! — rosnou. — Você acha que é o primeiro astro adolescente gostoso a tentar competir com os grandes? Não é! Hollywood vê novos bundões como você todo ano. Se não conseguir colocar a cabeça no lugar, sua próxima grande aparição vai ser em algum reality show do tipo “onde estão eles agora?” daqui a vinte anos.

Olhei para meu pai com mais ódio do que achava que era fisicamente possível. Meu pai nunca me respeitou, nunca acreditou em mim. Zombou de cada filme que já fiz. Ele dizia constantemente que eu não conseguiria “competir com os caras grandes”, desde que disse a ele que queria fazer meu próprio caminho na indústria de filmes, em vez de deixar que ele me escalasse para os filmes dele. Agora ele só estava esperando que eu fracassasse para poder jogar tudo na minha cara.

— Para mim, já chega dessa bobagem.

Afastei a cadeira da mesa de conferência e fiz uma bola com a segunda folha de compromissos. Dessa vez, eu estava com raiva demais para me concentrar e meu arremesso não acertou o cesto de lixo.

Antes que eu pudesse sair da reunião, Lisa, a produtora executiva do filme e a única pessoa na sala, além de Scott, que eu suportava, veio ao meu encontro na porta e bloqueou minha passagem.

— Brian — ela disse, pegando minha mão. O sorriso dela era absolutamente condescendente, mas ainda assim amoleci diante dele. — Sabemos que está frustrado. Você teve um pouco de azar com os paparazzi ao longo do ano passado, mas essa turnê de imprensa é importante.

Um pouco de azar? Desde que fui escolhido para fazer o papel de Cinder, tornei-me o novo alvo dourado dos paparazzi para todo o mercado feminino. Eles me encurralavam constantemente para que pudesse vender milhões de revistas para cada mulher no país entre as idades de 12 e 60 anos. Eles me seguiam a todos os lugares. Eu não podia mais limpar o traseiro sem tê-lo colado em todas as capas de revista da América. Eu não tinha um instante de paz há mais de um ano.

— É importante para todos nós, Brian, mas principalmente para você — Lisa disse. — Esse papel é um presente. Cinder é um papel único e você *arrasou*. Todo mundo — críticos e frequentadores comuns de cinema — vai se apaixonar pela sua atuação. Se trabalhar direito, pode conseguir uma indicação para o Oscar.

Aquilo me fez parar e Joseph aproveitou minha hesitação.

— Ela está certa, Brian. Tem rolado um burburinho.

As cabeças balançavam em concordância por toda a mesa de conferências. Todos sorriam, exceto Kaylee, que provavelmente não suportava a ideia de que eu a tinha ofuscado nesse filme. Definitivamente, não havia nenhum burburinho sobre um Oscar acerca do nome dela.

Sem conseguir me conter, olhei para meu pai. O cara era um dos nomes mais importantes de Hollywood. Por mais que odiasse o homem, nunca consegui deixar de buscar sua aprovação.

Papai encontrou os meus olhos com uma expressão grave.

— Você realmente se saiu bem.

O elogio me chocou tanto que retornei ao meu lugar.

— Obrigado.

Meu pai concordou com a cabeça.

— Esse filme pode garantir a você muito respeito pela cidade. Pode fazer a sua transição da posição de ídolo adolescente e levá-lo para uma posição de um ator sério de primeira linha. — Ele pegou a revista da mesa e acrescentou: — Mas a elite de Hollywood não gosta de deixar entrar pessoas que tragam esse tipo de drama com elas. Não importa o quão bom ator seja, se eles não respeitarem você ou se pensarem que vai causar problemas, não vão continuar a trabalhar com você.

Infelizmente, ele estava certo. Se minha equipe estivesse falando sério sobre a quantidade de burburinho que eu estava recebendo com essa atuação, então eu tinha de melhorar meu jogo um pouquinho. Eu teria de encontrar uma maneira de fazer com que as pessoas me levassem a sério. Isso não seria fácil quando o mundo me considerava pouco mais que um colírio para os olhos.

— O que vocês querem que eu faça? — O antagonismo tinha sumido de minha voz, mas não a amargura. — Não posso fazer nada se tudo que as pessoas querem saber quando me entrevistam é sobre meus músculos e se eu namoraria ou não uma fã. Não é culpa minha que eu seja boa-pinta demais para ser levado a sério.

— E se nós o envolvermos em uma instituição de caridade? — alguém perguntou.

— Muito artificial — alguém respondeu. — Tem sido muito usado. As pessoas iriam perceber.

— E se o matriculássemos em uma faculdade? — outra pessoa sugeriu.

Yes! Eu poderia embarcar nessa. Sempre quis ir para a faculdade. Venho sendo ensinado por um tutor particular por toda a vida. O mais próximo que já estive de uma escola de verdade foi quando encenei um estudante colegial nos filmes.

— Ei, sim, posso fazer isso. Eu poderia ir para a UCLA. *Vamos, Bruins!* Eu gostaria de estudar literatura inglesa.

Joseph balançou a cabeça, enviando-me um sorriso solidário.

— É realmente uma boa ideia, mas não iria ter tempo.

— Mas nós já temos *O Príncipe Druida* amarrado — argumentei. — Não tem nada que me prenda neste momento. Com toda certeza eu poderia fazer isso. Posso me afastar por alguns anos e ir para a escola. Isso me manteria longe dos problemas.

Todos na sala balançaram as cabeças ao mesmo tempo.

— Por que não? — Fiquei irado por eles serem tão rápidos em dispensar a ideia. — O que provaria que sou responsável com mais convicção do que ter um diploma na faculdade? Sou inteligente o suficiente. Eu teria boas notas.

Lisa sorriu, mas era um sorriso cheio de pena.

— É claro que você conseguiria, mas temos cinco livros na série das *Crônicas de Cinder*. Quando *O Príncipe Druida* chegar aos cinemas e quebrar os recordes de bilheteria, o que vai acontecer, o estúdio vai dar o sinal verde para os outros quatro filmes. Eles já estão trabalhando no próximo script. Você estará filmando outra vez na primavera.

Fiquei deprimido. Eu deveria saber que não teria permissão de fazer algo tão normal quanto ir a uma faculdade. Procurei meus fones de ouvido outra vez. Minha opinião claramente não era necessária naquela reunião e, qualquer que fosse o esquema com que eles iriam aparecer, eu tinha certeza de que iria precisar de Katy para me alegrar.

— E se ele ficasse noivo?

Eu tirei o fone de ouvido antes que a música tivesse a chance de tocar.

— *Como é que é?* — Olhei embasbacado de horror para o meu publicitário e esperei que a sala começasse a rir da ideia, mas ninguém fez objeção. — Você não pode estar falando sério. *Noivo?*

— Na verdade, é brilhante! — disse Joseph. — Este país vive por um grande romance. Isso satisfaz as adolescentes interesseiras e mostra ao mundo que Brian Oliver cresceu, que ele está pronto para aposentar o garoto mau e começar a levar a vida a sério.

Tentei não ficar ofendido com aquilo. Sempre fui sério com relação à minha carreira. Tenho trabalhado desde garoto e nunca tive a oportunidade de ser um adolescente normal, porque estava sempre muito ocupado *levando a vida a sério*.

— Sou muito jovem.

— É mais romântico dessa forma, e ninguém vai culpá-lo quando você romper mais tarde.

— E de quem diabos você sugere que eu fique noivo? Espera que eu saia por aí caçando uma garota aleatória na rua e dê a ela um anel?

— Eu faço isso.

A sala toda ficou em silêncio. Kaylee estava enviando mensagens no celular e não levantou os olhos para olhar para ninguém, mas encolheu os ombros sabendo que tinha a atenção da sala toda.

— Esse é meu primeiro filme. A publicidade me fará bem.

Lutando contra minha risada involuntária, recostei-me na cadeira. Se alguma vez a genética desapontou a raça humana, foi na criação de Kaylee Summers. Ela era como aqueles coelhinhos de chocolate vendidos na Páscoa — deliciosos por fora, completamente ocos no interior, e exagerar na dose provavelmente deixaria você com o estômago enjoado. Já era ruim o suficiente ter de ser legal com ela no trabalho. Por nada nesse mundo eu conseguiria manter o fingimento fora do set.

— Eu amei! — declarou Joseph.

— Genial! — Gary concordou.

Até meu pai sorriu com entusiasmo e disse:

— É perfeito.

— De jeito nenhum! Se eu tiver de ficar noivo, será de Katy Perry ou de ninguém.

Kaylee tirou os olhos do celular por tempo suficiente para rir.

— Só porque você quer.

— A única pessoa sonhando aqui, lindinha, é *você*.

A raiva brilhou nos olhos de Kaylee, mas o sorriso dela se transformou em agressivo.

— Qual o problema, lindinho? Nós já ficamos uma vez, e não me lembro de você ter reclamado na época. Vamos lá, vamos fazer isso juntos. Podemos nos divertir com isso.

Eu estremei.

— Sem chance.

Várias pessoas na sala suspiraram e, mais uma vez, Lisa ficou com a incumbência de me persuadir a concordar.

— Brian, pense nisso — ela encorajou —, um romance na vida real entre vocês dois iria gerar milhões em publicidade grátis. Seus fãs iriam acreditar. Seria excelente para o filme e também para a sua carreira.

— Um romance na vida real com *ela*? — repeti. — Acho que você está superestimando minhas habilidades cênicas, Lisa.

Isso arrancou o sorriso convencido do rosto de Kaylee.

— Bundão.

Eu retornei o sentimento sem consciência pesada.

— Cobra.

— Seja adulto, Brian — meu pai interrompeu. — Não se trata apenas de você. *Todos nós* precisamos disso. Essa é minha primeira incursão em filmes mais sérios. Se meu ator principal receber uma indicação para o Oscar, poderei fazer qualquer tipo de trabalho que queira depois desse e não apenas filmes de ação.

— Não precisa ser real — Gary acrescentou. — E não vai durar para sempre. Apenas alguns meses sendo vistos juntos em público e, então, depois do lançamento do filme, podem terminar. Sem prejuízo para ninguém. Você poderia ficar noivo razoavelmente rápido e dizer às pessoas que namoraram em segredo durante as filmagens. Casos secretos de amor são emocionantes. O mundo irá à loucura com isso.

Olhando pela sala, senti a necessidade de socar alguma coisa. Não havia chance de eu sair solteiro dessa reunião. Kaylee zombou da derrota nos meus olhos:

— Vou fazer uma reserva para nós em algum lugar legal. Ah, e é bom que meu anel seja de platina e de pelo menos três quilates.



A única mulher na equipe de reabilitação era a psicóloga, mas até mesmo ela ainda era jovem e atraente. Era muito bom que ela fosse uma garota, porque eu precisava elaborar sentenças coerentes em nossas seções, e isso seria impossível perto do Daniel Delicioso.

A doutora Parish começou com as perguntas antes mesmo que eu tivesse me sentado na enorme poltrona de couro de seu consultório.

— Como foi a semana, Ella? Algum progresso para contar?

Eu adorava a poltrona, mas odiava as sessões semanais de terapia. Eram embaraçosas demais e eu sempre saía delas me sentindo horrível.

— Finalmente consegui assistir a todos os episódios que tinha perdido de *Once upon a time*.

Aquele foi o único progresso em que consegui pensar. Foi basicamente a única coisa que fiz a semana toda.

— Você sabe, eu estava falando sobre a sua família.

— Aquelas pessoas não são minha família.

A doutora Parish sorriu para mim.

— Eu entendo por que se sente dessa forma. Contudo, elas são a sua família e precisa aceitar isso. Você precisa encontrar uma maneira de construir um relacionamento com eles.

— Não posso construir um relacionamento com pessoas que não gostam de mim e não me querem por perto. As únicas vezes em que falo com as gêmeas é quando elas me chamam para ter certeza de que estou escondida em meu quarto, antes de trazerem os amigos para casa, e me dizem que mandam uma mensagem quando for seguro sair.

O interessante na doutora Parish é que ela nunca perde o rebolado. Sei que ela deve ficar frustrada, mas, de alguma forma, sempre parece verdadeiramente empática.

— Tenho certeza de que está interpretando mal as intenções delas. Talvez quando elas ligam para dizer que estão trazendo amigos para casa seja a forma que encontraram de tentar incluí-la.

Ri daquilo com desdém. A doutora Parish era uma mulher inteligente, mas otimista demais.

— As palavras exatas de Anastasia quando me ligou ontem foram: “Ei, irmãstrenga, estou levando alguns

amigos para casa e todos eles têm, tipo, um medo enorme de cachorros, então veja se você se tranca no seu quarto esta noite. Mando uma mensagem quando puder sair”. Pode me chamar de pessimista, mas não acho que interpretei nada errado.

Os olhos da doutora Parish se apertaram, mas ela não disse nada.

— A melhor parte — continuei — eram as risadas ao fundo. Ela estava com as amigas quando ligou para me dizer aquilo. Esperou até ter uma plateia, de propósito.

— Você falou com seus pais sobre o comportamento da sua meia-irmã?

Mais uma vez, eu ri sem humor.

— Ela disse coisas piores na minha cara com meu pai e Jennifer bem ali. Eles sempre forçam umas risadas nervosas, como quem diz: “Ah, que doce, as meninas estão brincando uma com a outra”. Eles nunca dizem nada. Estão em total negação. Dão àquelas meninas o que elas querem e deixam que elas façam o que querem também. Juliette, pelo menos, tem a decência de ao menos fingir que eu não existo se fico fora do caminho dela, mas Ana é uma princesa mimada, podre e cruel. Eu não seria amiga dela mesmo que ela me desse uma chance. Não é o tipo de pessoa saudável para *qualquer pessoa* ter como amiga. É a mais pura *garota malvada*, daquele tipo que aparece nos filmes.

Doutora Parish suspirou. Ela colocou de lado a caneta com que sempre fazia anotações durante nossas sessões e tirou os óculos para esfregar os olhos. Claramente cansada de andar em círculos, mudou de assunto.

— Vamos falar sobre sua tentativa de suicídio.

Dei um gemido, mas puxei as mangas da camisa. Eu tinha cicatrizes por todo o corpo, mas as cicatrizes no punho eram diferentes. Essas eram minha culpa. Aquele momento em minha vida foi uma decisão de que me arrependi sinceramente. Algo de que eu tinha vergonha.

— Foi um erro — murmurei. — Eu não estava nem levando a sério.

— Li os relatórios, Ella, e já vi vários casos de tentativa de suicídio. Se você tivesse mais do que uma faca de carne disponível, teria conseguido. Quase conseguiu. Você não estava brincando.

— Está bem, talvez estivesse falando sério sobre isso *naquela época*, mas eu não estava pensando direito. Foram tempos muito difíceis para mim, mas melhorei muito.

A doutora Parish não acreditou em mim.

— Eu posso andar outra vez! Estou aprendendo a escrever com minha mão ruim outra vez! Os médicos em Boston me disseram que não esperavam que isso fosse possível. Acha que eu teria me esforçado tanto e enfrentado tanta dor e sofrimento tentando conquistar essas coisas se ainda pensasse em acabar com minha vida? Fiquei arrasada depois do acidente e perdi a cabeça por um momento, mas não sou mais uma suicida! Por que ninguém acredita em mim?

A doutora Parish se levantou da mesa e me entregou uma caixinha de lenços. Depois que peguei um, relutando, ela se sentou na poltrona perto da minha. — Eu acredito em você, Ella — ela disse. — Você ainda tem uma longa estrada pela frente, mas sei que já caminhou muito para longe daquele lugar escuro. O que não entende é que, até que a sua vida esteja muito mais estável, seria muito fácil voltar para aquele lugar. Pelo menos morando na casa de seu pai, sinta-se você confortável ou não, existe alguém que a ama e tem as melhores intenções cuidando de você.

Aquilo me deixou com tanta raiva que comeci a tremer.

— Você acha que aquele homem me ama? Acha que tem as melhores intenções? Ele nem sequer me conhece! No outro dia, ele me matriculou na mesma escola em que as filhas dele estudam. É uma escola privada excêntrica como essas que você vê nos programas de tv sobre crianças ricas com vidas problemáticas.

— É provável que seja uma excelente escola, Ella.

— Talvez, mas não significa que seja a escola certa para mim. Ele me levou para conhecer o lugar quando me matriculou e eu me senti como se estivesse em algum planeta alienígena. Cresci frequentando escolas públicas em Boston. Tínhamos detectores de metal, e não um sushi bar. Não vou me adaptar. Sequer vou

saber como interagir com as pessoas ali. Não teremos nada em comum. Todos serão como Anastasia e Juliette. Além disso, temos que usar uniformes: saias curtas e camisetas polo! Vai ser um inferno para mim.

Quando a doutora Parish suspirou, tentei me defender de uma forma que não parecesse que eu estivesse me lamentando.

— A escola pública seria muito mais familiar para mim, muito mais diversificada. Eu poderia vestir o que quisesse e não precisaria estar expor minhas cicatrizes o tempo todo como em um show de horrores. Eu poderia me enturmar mais. Além disso, pode ser até que existam outros alunos em um programa de cinco anos por lá. Você acha que os estudantes vão para uma escola como a Academia Preparatória de Beverly Hills e ficam retidos? Como se eu já não tivesse que lidar com isso o suficiente, vou ser um ano mais velha que todos os outros. E mais, já tenho uma arqui-inimiga que não quer que eu vá para lá e que prometeu tornar minha vida um inferno se eu cruzar seu caminho.

Esperei que a doutora Parish me dissesse outra vez que eu estava interpretando mal as ameaças de Anastasia, mas não o fez. Ela voltou para a mesa e começou a fazer mais anotações.

— Você falou sobre alguma dessas preocupações com seu pai?

Dei outra risada sem humor.

— Tive um enorme ataque de pânico quando vi o lugar. Entendo que você não queira que eu estude em casa, então perguntei se ele poderia ao menos me mandar para a escola pública. Dei a ele todos os motivos que acabei de dar a você. Disse que eu iria me adaptar melhor se estivesse em um terreno mais familiar e menos ansioso. Implorei. E sabe o que ele fez? Ele riu de mim! Eu estava no meio de um ataque de pânico real. Estava implorando para que ele entendesse. Eu estava chorando e ele riu. Ele me disse que eu estava sendo ridícula e que iria adorar a escola. Disse que filha nenhuma dele iria estudar em uma escola pública quando ele tinha condições de pagar por uma educação melhor.

Como era bem comum nas sessões de terapia, comeci a chorar outra vez e tive de pegar mais um lençinho.

— Ele não consegue pensar no melhor para mim porque não tem ideia do que é melhor para mim. Não sabe nada sobre mim ou sobre o que preciso. Ele não passa de um esnobe que se viu entalado com uma menina monstrenga, que é parte de um passado que ele tentou enterrar. Sou o segredo mais profundo, obscuro e vergonhoso dele. Está mais preocupado em limpar a barra com os amigos do que comigo.

Assoei o nariz e controlei as lágrimas. Quando consegui falar novamente de forma racional, eu disse:

— Olhe, sei que está tentando me ajudar e tal, mas a verdade é que a casa de meu pai não é um ambiente saudável. É incômodo, estressante e só está tornando tudo mais difícil para mim. Todo o meu processo de reabilitação seria muito mais fácil se eu pudesse morar sozinha.

A doutora Parish ficou lá por um minuto, contemplando em silêncio o que eu havia dito.

— Se pudesse morar sozinha — ela disse por fim —, para onde você iria? Voltaria para Boston?

Finalmente um assunto que não era deprimente.

— Não sei — eu disse com sinceridade. — Perdi a vaga na Universidade de Boston e todos os meus amigos já seguiram em frente. Não seria a mesma coisa se eu voltasse, então provavelmente escolheria outro lugar.

— Mas para onde iria? — a doutora Parish perguntou outra vez. — O que iria fazer com a sua vida?

— Primeiro, iria terminar o Ensino Médio em algum programa on-line. Se eu fizesse isso, poderia começar agora e teria terminado em alguns meses, em vez de ter de repetir todo o último ano. Depois iria para a faculdade. Sei que quero estudar jornalismo. Acho que só tenho que decidir para onde quero ir. Eu poderia ir para qualquer lugar agora, mas quero ser escritora ou crítica de entretenimento, por isso é provável que fique aqui ou em Nova York. Provavelmente Nova York, porque tenho uma queda pela Costa Leste.

Eu soube que havia dito a coisa errada quando os olhos da doutora Parish se estreitaram.

— Você iria embora desse jeito? Iria sozinha para uma faculdade em uma cidade onde não conhecesse ninguém? Onde não tivesse amigos?

— Muitos estudantes fazem isso. — Fiquei arrependida de ter parecido defensiva. Sabia que aquilo ia se

voltar contra mim, mas não consegui evitar. Eu odiava a maneira como as pessoas estavam sempre destacando que eu não tinha mais ninguém.

— Muitos estudantes não estão em recuperação de uma experiência tão traumática como você está e, mesmo assim, a maioria desses estudantes tem um sistema forte de apoio em casa.

Eu caçoei:

— E você acha que tenho isso aqui? Acha que meu pai e a família dele são um sistema de apoio?

— Não, não acho — ela disse somente.

Fiquei chocada com a resposta dela. Todos que eu havia encontrado, desde o momento em que acordei do acidente, tinham tentado me empurrar meu pai e a família dele como se o fato de que meu pai e eu compartilharmos do mesmo sangue significasse automaticamente que todos nós fôssemos nos amar e nos tornar melhores amigos instantaneamente.

— Talvez tenha razão em dizer que viver com seu pai e a família dele não seja a melhor coisa para você — ela disse devagar.

Meu coração saltou com esse pequeno raio de esperança, mas tentei contê-lo. Tinha de haver uma pegadinha em algum lugar. Ela não iria atestar minha sanidade mental, que era o que eu precisava para ficar livre da supervisão de meu pai e viver sozinha.

A doutora Parish colocou o bloco de anotações de lado e se recostou na cadeira.

— Ella, sei que me vê como a carcereira da sua prisão, mas espero que entenda que eu realmente quero o que é melhor para você. É meu trabalho tentar ajudá-la a descobrir o que isso seria e ajudá-la a alcançar mentalmente um lugar onde possa concretizá-lo. Quero ver você tendo sucesso. Quero poder atestar os papéis de liberação para você, mas tem de me provar que está pronta para isso.

Então, ela não ia me tirar da casa de meu pai. Minha esperança tinha sido devidamente aniquilada.

— O que isso significa? — resmunguei.

— Significa que se conseguir um lugar só seu for realmente o melhor para você, então é nisso que iremos trabalhar. Mas não vou deixar que faça isso até que possa me provar que não vai estar completamente sozinha. Eu não acredito que esteja pronta para viver sozinha. Acho que isso iria colocá-la em perigo de entrar em outra depressão severa. Você precisa de amigos. Precisa de um sistema de apoio sólido. Se não acredita que sua família desempenhará esse papel, então encontre outras pessoas. Faça alguns amigos. Entre para um grupo de apoio. Tente voltar a ter contato com alguns dos seus antigos amigos em Boston. Mesmo que eles tenham se mudado e que não viva perto deles, você ainda precisa de gente com quem possa conversar. Se conseguir construir para você mesma um sistema de apoio, Ella, então eu mesma vou com você comprar um apartamento.

A promessa da doutora Parish ficou na minha cabeça pelo resto do dia. Eu precisava de um sistema de apoio e havia apenas um lugar onde eu conseguia pensar em começar.



Brian

Arrumei o colarinho da camisa quando paramos no restaurante. É claro que Kaylee escolheu o The Ivy para o nosso primeiro “encontro”. Era só um dos lugares frequentados por celebridades mais conhecidos de Los Angeles. Os fotógrafos ficavam acampados nas calçadas todas as noites da semana e essa noite não era uma exceção. Os flashes começaram a disparar quando ainda estávamos a meio quarteirão de distância, porque todos os paparazzi reconheceram meu carro. Eles iriam enlouquecer quando percebessem que nessa noite eu estava jantando com Kaylee Summers.

— Você está pronto, baby? — Kaylee provocou do banco de passageiros.

Meu estômago deu cambalhotas. Kaylee estava um tanto ávida demais por todo esse fingimento desde o início. Ela se atirou em mim quando nos vimos pela primeira vez e eu cometi o erro de levá-la para minha casa. Levei apenas alguns dias para perceber como aquilo tinha sido estúpido. Ela parecia não entender que uma noite de diversão para aliviar a tensão depois da filmagem era apenas aquilo: uma noite de diversão. Levei semanas para convencê-la de que não estava interessado em nada mais e tive que desfilar dezenas de outras garotas na frente dela para fazê-la entender.

Olhei para ela mais uma vez. Ela passou um pouco de brilho nos lábios e depois riu.

— Você age como se tivessem pedido que cumprisse uma sentença de prisão.

Eu quase sorri. A afirmação era surpreendentemente precisa.

— Não sei por que você está tão ranzinza por isso. A maioria dos homens mataria para estar em um relacionamento comigo.

Mesmo que Kaylee não fosse uma megera calculista de alto custo, egoísta e mais estúpida que um peixinho dourado, eu não a namoraria de verdade. Eu não namorava ninguém — pelo menos não mais que uma vez.

— Eu não gosto de namoros.

— E por que não? Acho divertido.

Para que um relacionamento fosse real, era necessário que a pessoa usasse o coração, e meu coração não funcionava mais. Não pelos últimos oito meses, mas eu não estava disposto a explicar isso a Kaylee.

— Apenas não gosto.

Kaylee parou de se enfeitar e virou-se no banco para me analisar com olhos inquisidores. Depois de algum tempo, os lábios dela se curvaram em um sorriso presunçoso.

— Que ironia. O destruidor de corações favorito de Hollywood não namora porque foi machucado por uma garota.

Travei a mandíbula e desviei o olhar para a janela da frente. Eu não falava sobre Ella com ninguém, muito menos com Kaylee.

Kaylee riu novamente.

— Uau. Quem quer que ela seja, certamente magoou você.

Olhei firme para ela.

— Esse assunto está proibido. Pare de falar disso ou vou te dar um pé na bunda e encontrar alguém mais interessante para me divertir esta noite.

O sorriso de Kaylee desapareceu e os olhos dela cintilaram com malícia.

— Esse relacionamento vai me lançar à popularidade. Não vou deixar que estrague isso porque alguém deu um fora em você. Se estragar isso, acabo com a sua carreira. Quando eu tiver terminado, terá de se mudar para o Polo Norte para escapar do sofrimento que vou causar à sua vida.

Por mais que eu odiasse admitir, a ameaça de Kaylee era real. Esse podia ser o primeiro filme dela, mas os pais dela estavam entre as pessoas mais poderosas da cidade e ela tinha amigos ainda mais poderosos — e, por esse motivo, conseguiu um papel para o qual não era boa o suficiente, para começar. O pai era o presidente do estúdio que deu sinal verde para *O Príncipe Druida*.

Eu tinha alguma influência e uma habilidade de atuação que não podia ser ignorada. Por isso tinha algum espaço para respirar e enfrentar Kaylee aqui e ali. Mas, se a deixasse irada o suficiente, eu não tinha dúvida de que ela poderia causar sérios prejuízos à minha carreira. Eu estava realmente preso nesse pesadelo — pelo menos durante a temporada de indicações para o Oscar. Se eu conseguisse uma indicação e mostrasse aos atores mais famosos de Hollywood que era digno de ser um deles, então poderia dispensar Kaylee e eles provavelmente iriam me parabenizar por essa decisão inteligente.

Recostei a cabeça no banco, fechei os olhos e suspirei.

— Você me impressiona às vezes, Kay. Nunca encontrei alguém que conseguisse ser tão irritante quanto você consegue ser com tanta naturalidade.

— Eu não preciso ser irritante, Brian.

Lancei a ela um olhar desconfiado e Kaylee deu um sorriso caloroso.

— Você pode não gostar de relacionamentos, baby, mas agora está em um. — Ela se inclinou em minha direção e falou baixinho em meu ouvido. — Posso fazer desses próximos meses um inferno para você ou posso torná-los muito, muito agradáveis.

Ela seguiu beijando meu pescoço enquanto deslizava a mão para um lugar perigoso no lado de dentro da minha coxa. As unhas longas raspavam meu jeans com pressão suficiente para me levar à loucura.

Prendi a respiração. Eu não queria ceder a ela, mas *essa* Kaylee era definitivamente mais agradável do que a versão cruel e irritante com a qual eu estaria entalado se não entrasse no jogo. Com cuidado, de modo a não irritá-la ainda mais, empurrei as mãos dela para longe de meu colo.

— Daqui a dois segundos, não serei mais capaz de descer do carro. A menos que queira pular o jantar e ir direto para a sobremesa, sugiro que guarde suas mãos para você.

Kaylee deu uma risadinha enquanto voltava para seu lado do carro e passava batom outra vez.

— Tentador. Mas precisamos ser vistos juntos antes de passar para a parte divertida. Além do mais, estou

faminta.

— Certo. — Como se ela fosse pedir qualquer coisa além de uma garrafa de água e comer mais do que umas poucas folhas de alface. — Como quiser.

Respirei fundo mais uma vez e, finalmente, abri a porta e coloquei imediatamente no rosto meu sorriso “público” quando as pessoas começaram a gritar pedindo atenção. Todos os pensamentos e sentimentos se apagaram. O entorpecimento que me ajudou a sobreviver durante o ano anterior tomou conta de mim. Dei as boas-vindas a ele e o recebi de *braços abertos*.

O caos ia diminuindo à medida que eu sorria para a multidão. Encenar era uma arte que eu dominava, um jogo que eu amava. Esse namoro com Kaylee era apenas outra encenação, então eu iria levá-lo a cabo e iria fazer um excelente trabalho.

Dei a volta no carro e, como um perfeito cavalheiro, abri a porta para Kaylee. Depois de ajudá-la a sair do carro, passei o braço pela cintura dela.

— Sorria para as câmeras, *princesa* — provoquei em um tom alto o suficiente para que nossa plateia ouvisse e depois a beijei em um ponto sensível atrás da orelha.

Kaylee tremeu de contentamento. Enquanto entrávamos no restaurante, ela murmurou no meu pescoço:

— Hum, talvez você mereça mesmo um Oscar. Eu quase chego a acreditar que me quer.

— Está vendo? Eu mereço *mesmo* um Oscar.

Vinte minutos depois, eu estava tão morto de tédio que quase chorei de alegria quando o celular me avisou que eu tinha recebido um e-mail. Era provável que fosse apenas Scott enviando alguma mudança na agenda, mas mesmo isso era mais atraente do que ouvir Kaylee tagarelar sobre os detalhes do nosso futuro noivado. Ela já tinha o pedido todo planejado, desde quando e onde eu iria fazer o pedido até a última linha do que eu deveria dizer a ela. *Por que não me dá um tiro agora?*, pensei, quando ela mencionou que precisávamos planejar uma festa de noivado.

Peguei minha bebida no mesmo instante em que tirava o telefone do bolso e então fiquei paralisado quando abri o e-mail.

Você tem 1 nova mensagem.

De: Ellamara

Assunto: Cinder?

— Caramba!

O copo escorregou dos meus dedos e caiu no prato, esparramando vinho tinto por cima de Kaylee e de mim. Os funcionários do restaurante vieram voando de todas as direções com o grito agudo de Kaylee, mas eu mal notei. Não conseguia tirar os olhos do celular.

— Caraaaaaamba!

— Brian! — Kaylee guinchou. — Que diabos aconteceu com você?

Eu a ignorei e, com as mãos trêmulas, abri o e-mail, rezando para que aquilo não fosse algum tipo de brincadeira doentia.

Para: Cinder458@gmail.com

De: EllaTheRealHero@yahoo.com

Assunto: Cinder?

Caro Cinder,

Levei semanas para criar coragem e escrever este e-mail. Não tinha a menor ideia de como dizer olá depois de tanto tempo. Não escrevi de volta para você naquele dia porque sofri um acidente de automóvel. Fiquei em coma por algum tempo e depois fiquei no hospital por muito tempo.

Eu não conseguia controlar minha respiração ofegante. Sempre imaginei que tivesse sido algo parecido, mas a confirmação tornou real o pesadelo, de uma forma que não era antes.

Ella e eu tínhamos sido sempre apenas amigos anônimos de e-mails, mas, na última vez em que nos falamos, pedi o endereço dela para que pudesse enviar uma encomenda pelo correio. Era um passo enorme em nosso relacionamento, mas eu queria arriscar. Precisava saber mais sobre ela. Queria *ser* mais para ela.

Arrisquei, encontrei um presente que achei que pudesse ganhar o coração dela e pedi o endereço. Ela me chamou de perseguidor de internet, mas eu tinha certeza de que ela estava brincando — até que ela não me escreveu mais. A princípio, pensei que o celular estivesse sem bateria e depois, quando ela não me escreveu mais naquele dia, fiquei com medo de tê-la assustado. Mas, quando ela deixou de postar a frase da sexta-feira no blog, no dia seguinte, tive certeza de que havia algo errado.

Escrevi e-mails e mais e-mails para ela e esperei dia após dia que ela respondesse ou que ao menos postasse no blog outra vez, mas, depois de algumas semanas, perdi as esperanças. Eu sabia que mesmo que a tivesse deixado fora de si naquele dia e feito com que ela nunca mais quisesse falar com o bundão perseguidor da internet outra vez, Ella nunca teria abandonado o blog. Nunca. A menos que estivesse morta. Essa foi a conclusão a que finalmente me resignei depois que um mês inteiro se passou sem que eu tivesse notícia alguma dela. Por meses, lamentei a perda de minha melhor amiga e a garota por quem eu tinha me apaixonado — e ainda estava lamentando a perda até cinco minutos atrás.

Engolindo o nó que havia subitamente se formado em minha garganta, li o resto do e-mail.

Minha mãe morreu no acidente, por isso tive que vir morar com meu pai e a família dele. Ele esvaziou meu apartamento e o alugou bem antes de eu ter alta no hospital. Eu nunca voltei para casa. Nunca mais vi nenhum dos meus antigos amigos. Nunca pude dizer adeus a ninguém. Nem mesmo à minha mãe. Não pude ir ao funeral dela.

Desculpe por ter demorado tanto para escrever este e-mail, e ainda não sei se vou conseguir clicar no ENVIAR. É que tudo é tão diferente agora e pensar no passado machuca tanto que eu não consigo suportar. Eu não fiz contato com ninguém da minha vida antiga. Pensei em recomeçar meu blog, mas meu pai se livrou de todos os meus livros enquanto eu estava em coma, e agora não tenho mais ânimo para fazê-lo.

Sinto muito por ter desaparecido tão de repente. Desculpe se magoei você. Não era minha intenção. Espero que possa me perdoar. Só quero que saiba que sua amizade sempre significou muito para mim (e ainda significa). Penso em você o tempo todo.

Saudade,

Ella

Fiquei sentado na cadeira, olhando para o e-mail enquanto a sala girava ao meu redor. Ella estava viva. Ella tinha me enviado um e-mail. E sentia a minha falta. Era quase bom demais para ser verdade.

Engoli em seco outra vez, mas dessa vez lutando contra o enjoo e as emoções. Eu estava abalado pelo fato de ela estar viva, mas também por saber que ela tinha passado por algo tão horrível. Ela perdeu a mãe e teve que ir morar com o pai que a tinha abandonado anos antes. A ideia de que Ella estivesse passando por tudo aquilo era agonizante.

As emoções faziam uma espiral descontrolada dentro de mim e era quase impossível contê-las. Não pude evitar a euforia, o alívio e a alegria que senti por saber que ela estava viva, mas, ao mesmo tempo, meu coração estava todo partido outra vez. Eu estava enjoado de preocupação por ela. Ela deve ter se sentido muito sozinha esse tempo todo.

— Brian!

A voz estridente de Kaylee me arrancou do meu estado de choque. Depois de piscar algumas vezes, encontrei o olhar inquisidor dela sobre a mesa.

Alguém interrompeu dizendo:

— Senhor Oliver? O senhor está bem?

Chacoalhei a cabeça, tentando afastar o resto de minha confusão, e olhei para a gerente do restaurante, que parecia estar flutuando sobre nossa mesa. A mulher estava me oferecendo uma toalha. Só quando ela me encorajou a pegá-la percebi que tinha derrubado o vinho. Aceitei a toalha e me limpei.

— Minhas desculpas pela bagunça.

— Não se preocupe com isso — a mulher disse. — Estou mais preocupada com você. Está pálido. Não está se sentindo bem? Precisa de algum tipo de assistência? Quer que chamemos um médico?

— O quê? Ah! Não. Estou bem. Só estava surpreso. Sinto muito. — Peguei o comprovante do manobrista no bolso e entreguei à gerente do restaurante. — Você poderia pedir ao manobrista que trouxesse meu carro? Eu preciso ir. E é urgente, então...

A gerente fez que sim com a cabeça, mas o olhar de preocupação nos olhos dela se intensificou e ela franziu as sobrancelhas.

— Claro, Senhor Oliver, mas tem certeza de que o senhor está bem?

Se eu estava bem? Se essa mulher soubesse. Eu estava melhor do que tinha estado por oito meses. A parte perdida do meu coração acabara de retornar para mim. Ella tinha me enviado um e-mail! E eu não tinha respondido ainda.

— Senhor Oliver?

Acalmando a preocupação da mulher com um aceno de mão, apertei o botão de resposta.

Para: EllaTheRealHero@yahoo.com

De: Cinder458@gmail.com

Assunto: RE: Cinder?

Ella!!!! ESTOU SURTANDO! Estou jantando fora com uma amiga. Dê-me dez minutos. NÃO SAIA DAÍ!!!!

Tão logo cliquei em ENVIAR, levantei-me e dei à gerente dinheiro e um cartão.

— Aqui está o telefone do meu assistente. Você me faria a gentileza de entrar em contato com ele sobre a conta, pelo jantar e por qualquer estrago que eu tenha causado? Obrigado por tudo e, mais uma vez, sinto muito pelo aborrecimento.

Não esperei a resposta. Saí do restaurante o mais rápido que consegui e já estava entrando no carro quando Kaylee saiu do restaurante e esbarrou em mim.

— Brian! — sibillou. Ela forçou um sorriso para os paparazzi curiosos e abrandou a voz. — Baby, tem certeza de que está se sentindo bem? Você quer que eu dirija?

Ah, sim. Mais essa.

Eu tinha me esquecido totalmente de Kaylee, mas o olhar que ela me lançou por sobre a Ferrari me fez lembrar da encenação que eu deveria fazer para o público. Para dizer a verdade, eu já não ligava mais se Kaylee tivesse um ataque de cólera e tentasse me destruir. A única coisa que importava era que Ella estava viva e esperando para conversar comigo. Mas começar uma briga levaria mais tempo do que deixar Kaylee feliz, então dei a ela um sorriso de tirar o fôlego.

— Eu estou bem, *baby*. Só me sinto horrível por ter arruinado um vestido tão sensual e acho que é importante que eu o tire o mais rápido possível.

A surpresa passou rapidamente pelos olhos de Kaylee, mas o rosto dela se iluminou e ela sorriu para mim.

— Você é muito levado.

Ela deu uma risadinha e então se virou para dizer algo aos fotógrafos, mas não esperei para ouvir o que era. Subi no carro, coloquei o cinto e desci o vidro do passageiro.

— Baby, pare de flertar com as câmeras e coloque seu corpinho sensual no carro agora. Não posso esperar mais!

Kaylee deu outro sorriso para os paparazzi e subiu no carro. Enquanto eu acelerava para longe do restaurante, ela libertou a megera que vinha segurando enquanto estávamos em público.

— Você ficou louco? Que diabos foi aquilo tudo? Fez com que nós dois parecêssemos dois idiotas; e *arruinou* meu vestido! Aqueles fotógrafos acabam de tirar fotos de mim com *vinho* escorrendo pela frente do vestido!

— Não estou nem aí para a porcaria do seu vestido. Ella me mandou um e-mail e eu preciso ir para casa para conversar com ela.

Kaylee arfou.

Eu estava dirigindo rápido demais para poder tirar os olhos da estrada, mas senti o fogo do olhar dela. Era tão quente que tive medo de que ela pudesse entrar em combustão espontânea. Se ela se incendiasse e arruinasse os meus bancos de couro, eu ficaria enfurecido.

— Tudo isso porque uma garota enviou um e-mail?

— Ella não é *uma* garota. Ela é *a* garota. A *única* garota.

— *O QUÊ?*

— Isso é uma droga de estratégia publicitária, Kaylee. Nosso relacionamento é *falso*. Não se esqueça disso.

— Talvez, mas se acha que vou deixar você ficar por aí às escondidas com alguma cadela nojenta quando deveria estar me namorando...

— Isso não tem nada a ver com *você* — cortei. — Acabo de descobrir que a pessoa mais importante da minha vida *não morreu* há oito meses. Ela estava em coma e acaba de me escrever para dizer que ainda está viva! Eu estou um tanto perturbado neste momento, por isso não me diga mais nenhuma asneira! Eu *preciso* falar com ela.

Milagre: consegui deixar Kaylee atordoada e sem palavras.

Cinco minutos depois, eu passava pelo portão de segurança de minha casa em Hollywood Hills. Quando desliguei o carro e comecei a sair, Kaylee me agarrou:

— Você vai simplesmente entrar e ligar para essa *Ella*? — Ela pronunciou o nome com ódio. — E o que é que *eu* faço?

Como se eu me importasse? Eu dei de ombros.

— Chame um táxi.

— Um *táxi*? — Kaylee guinchou horrorizada. — Você espera que eu pegue um táxi para casa? Essa foi a primeira vez que saímos juntos em público. Sabe que fomos seguidos depois que deixamos o restaurante. Por nada nesse mundo vou ser fotografada deixando sua casa sozinha, logo depois que chegamos aqui, em uma droga de um *táxi*.

Kaylee estava enfurecida e claramente procurando uma briga, mas eu não queria perder tempo entrando nessa com ela.

— Então, entre! Passe a noite aí, eu não me importo, e levo você para casa pela manhã.

Kaylee entrou em casa comigo, ainda explodindo de raiva.

— Você vai me levar em casa pela manhã *com certeza*. Depois de me levar para tomar um café da manhã legal para se desculpar por essa idiotice e ainda vai me dar uma camisa para vestir como um *verdadeiro* namorado faria.

A irritação tomou conta de mim. Tudo o que eu queria era falar com Ella, e Kaylee estava preocupada com um truque bobo de publicidade. Eu tirei o blazer e arranquei pela cabeça a camisa que estava vestindo. — Divirta-se, *princesa* — resmunguei enquanto atirava a camisa para ela. — É o mais próximo que vai chegar de mim esta noite. O quarto de hóspedes fica no fim do corredor, à direita.

Disparei para meu quarto, batendo e trancando a porta.



Eu consegui. mandei um e-mail para Cinder e, menos de cinco minutos depois, recebi uma resposta. No instante em que li o e-mail dele, todo meu corpo relaxou. Fiquei muito aliviada. Era Cinder! Eu tinha falado com Cinder! Ele parecia a mesma pessoa de sempre e pareceu ansioso para falar comigo. Talvez tivesse, sim, me restado um amigo no mundo.

Uma pequena parte de meu coração morto voltou à vida e eu parecia estar respirando de verdade pela primeira vez depois do acidente. Minhas mãos tremiam de ansiedade enquanto eu fazia login no programa de mensagens e esperava. Meu estômago era uma mistura de todos os tipos de borboletas — nervosas, animadas, apavoradas, felizes...

Os minutos faziam tique-taque. Dez minutos se passaram, depois quinze e, finalmente, vinte. Pensei que fosse enlouquecer. Achei que iria entrar pelo computador e estrangulá-lo por demorar tanto tempo se ele me fizesse esperar mais um minuto. E então ele apareceu.

Cinder458

**Mil desculpas. Demorei mais do que achava
que demoraria para chegar em casa.**

EllaTheRealHero

Casa? Você deixou sua amiga?
Não precisava fazer isso.

Cinder458

Está brincando? Ella, eu pensei
que você estivesse *morta*.

EllaTheRealHero

Você está falando sério?

Meu coração se apertou. Ele pensava que eu tinha *morrido*? Fiquei imaginando se todos os meus amigos de onde eu morava também pensavam isso. Fiquei pensando se deveria dizer a eles que eu não estava morta. Não sabia se conseguiria lidar bem com as perguntas.

Cinder458

E o que eu poderia pensar? Você desapareceu
no meio da conversa! Escrevi milhões de e-mails.
Verifiquei o blog e o Twitter todos os dias por
meses. Não pude pensar em nenhum outro
motivo para você parar de blogar tão de repente.

Sei que não se pode realmente ler as emoções em um e-mail, mas Cinder parecia muito chateado. Eu me senti muito mal por ele ter passado por tudo aquilo. Sei que, se estivesse no lugar dele, eu teria ficado louca de preocupação.

EllaTheRealHero

Eu sinto muitíssimo. Não deveria tê-lo
deixado preocupado por tanto tempo.

Cinder458

Não se desculpe, Ellamara. Você não tem por
que se desculpar. Estou é feliz por estar bem.
Ainda nem acredito que estou falando com
você. Quase caí da cadeira quando recebi
seu e-mail.

Cinder458

Minha companhia pensou que eu fosse louco, por falar nisso. Não vou conseguir nada com ela agora e ela é bem atraente. Tudo sua culpa.

Por um segundo, caí na gargalhada. Era o mesmo Cinder de sempre. Então percebi o que ele tinha dito e meu coração parou de bater por um instante.

EllaTheRealHero

Você estava *em um encontro*??? Cinder! Eu não acredito que a dispensou. Que babaca.

Cinder458

Ah, ela tinha um custo muito alto, de qualquer maneira.

EllaTheRealHero

Cinder!!!

Cinder458

Deixe isso pra lá, mulher! Foi um encontro idiota. Você era mais importante. O e-mail quase me fez chorar. Você me arrancou lágrimas, Ella! E por que estamos falando de mim? Eu não posso imaginar o que você passou. Sei como era agarrada com sua mãe. E teve que ir morar com seu pai? Você não o via há anos!!!! Como você está? Tem alguma coisa que eu possa fazer? Quer que eu voe para aí e roube você dele? Ou pelo menos que dê um soco na cara dele? Não posso acreditar que ele jogou seus livros fora.

O mundo já parecia mais brilhante. A vida já não era tão ruim quanto tinha sido meia hora atrás. Minha solidão arrasadora havia desaparecido. Não havia uma luz no fim do túnel ainda, mas pelo menos eu já não estava mais sozinha no escuro.

Eu deveria saber que Cinder não teria mudado. Devia ter escrito para ele meses atrás, no centro de reabilitação, tão logo pude me mover de novo. Ah! Era inútil pensar no passado. Eu o tinha de volta agora, e isso era tudo o que importava.

EllaTheRealHero

Sem socos. Meu pai é um advogado americano grande e mau. Ele iria enfiá-lo na corte, colocar você atrás das grades e provavelmente tirar até o seu carro falante.

Cinder458

Opa, opa, opa! Nada de mexer com o meu precioso! Está bem, então nada de socá-lo ou de raptá-la. Mas, sério, Ella, o que posso fazer por você? Eu me sinto inútil aqui, *chica*. Fale comigo.

EllaTheRealHero

Eu não quero falar. Estou tão cansada de falar. As únicas pessoas com quem falo são os médicos e tudo que eles fazem é me fazer falar. Não preciso de mais um médico. Preciso de um amigo. Preciso de alguém que me faça rir e que me ajude a esquecer de tudo. Não me trate como se eu fosse de vidro. Grite comigo e não me deixe sair ganhando quando eu estiver agindo como uma criança mimada.

Cinder458

Como se eu fosse perder uma oportunidade de chamar você de mimada?

EllaTheRealHero

Não. E é por isso que preciso de você. Minha vida está de cabeça para baixo neste momento, e eu preciso realmente de algo familiar. Eu preciso do normal.

Cinder458

Eu posso fazer o normal.

Soltei uma gargalhada genuína, feliz e de coração leve. Foi a primeira gargalhada verdadeira que consegui soltar desde meu acidente. Não havia nada de forçado ou de estranho nela. Eu não tinha gargalhado porque estava nervosa ou tentando esconder meus sentimentos verdadeiros. Gargalhei porque estava de bom humor (e porque o que Cinder disse foi ridículo).

A doutora Parish iria ficar feliz. Talvez, se eu tivesse sorte, ela pararia de pedir sem descanso que eu passasse algum tempo com meu pai e minhas meias-irmãs, mas eu duvidava.

EllaTheRealHero

Claro que pode, astro do rock. Você não reconheceria o normal se ele mordesse esse seu rostinho ridiculamente bonito.

Cinder458

Você nunca viu meu rosto. Como sabe que é bonito?

EllaTheRealHero

Porque nenhuma pessoa feia poderia ter um ego tão grande quanto o seu.

Cinder458

Você está certa. Sou lindo. Talvez eu seja também inacreditável demais para conseguir ser normal, mas posso com certeza lidar com o familiar. Você viu o elenco de *O Príncipe Druida*, certo? Eu estava indo à loucura por não poder conversar com você sobre isso.

Ri outra vez. Isso era familiar. Minha mente mergulhou de volta nos primeiros meses do hospital. Os médicos me colocaram em um coma induzido por três semanas porque a dor era muita e eu estava passando por muitas cirurgias. Depois que me trouxeram de volta, houve ainda várias semanas em que fiquei grogue e incoerente, alternando entre consciente e inconsciente. A equipe do hospital me disse que por semanas eu chamei por minha mãe e por Cinder.

Um dia, uma das enfermeiras reconheceu o nome Cinder e me trouxe uma revista de entretenimento. A capa exibia um artigo sobre o principal gostosão de Hollywood, que tinha sido elencado para o papel do príncipe mais querido da fantasia. Acho que a ideia de Brian Oliver, a sensação das adolescentes, representar o príncipe Cinder foi tão aterrorizante que me tirou do meu estupor e me causou um chlique, como meu enfermeiro denominou. E isso foi antes de saber quem estava dirigindo.

EllaTheRealHero

Ugh! Nem me lembre!

Cinder458

?

EllaTheRealHero

Por que Hollywood sempre tem que estragar tudo?

Cinder458

Você acha que vai ser ruim?

EllaTheRealHero

Kaylee Summers como a princesa Ratana? Ela nem sequer é uma atriz! É uma supermodelo!

Cinder458

Quem sabe, talvez, atuar seja a vocação dela.

EllaTheRealHero

E talvez Max Oliver tenha achado apenas que ela era bastante atraente. Eles nem a mostram com um vestido no filme. Ela sempre aparece com alguma roupa de couro apertada e promíscua como Xena, a Princesa Guerreira. É uma desgraça. E esqueça qualquer chance de que eles sigam a história. Com Max Oliver na direção, você sabe que não vai passar de uma trama irracional e extravagante.

Cinder458

Uau! Então você realmente não é fã de Max Oliver, hein? Eu pensei que você estivesse brincando todas aquelas vezes em que escreveu críticas contundentes sobre os filmes dele no blog.

EllaTheRealHero

Eu achava que você estivesse brincando toda vez que o defendia. Max Oliver é o diretor que você precisa se quer perseguições de carros em alta velocidade, grandes explosões e mulheres seminuas, que sei que são o seu tipo favorito de filmes, mas mesmo você tem que admitir que ele é a pessoa errada para *O Príncipe Druida*. E claro, ele tinha que trazer o filho para fazer o papel de Cinder! Por quê??? Por que estão fazendo isso comigo???

Cinder458

Quê? Achei que você fosse ficar feliz com isso. Brian Oliver fará um Cinder excelente. Aquele cara é impressionante.

EllaTheRealHero

Haha! Nunca soube que você tinha uma paixão gay por Brian Oliver.

Cinder458

Lembre-se do que falamos sobre você ser uma menina mimada? Não é uma paixão. Só acho que ele é perfeito para o papel.

EllaTheRealHero

Claro, ele se parece com o papel, mas só fez filmes bregas para adolescentes até hoje. Quem sabe se ele vai conseguir dar vida ao drama? Não que vá haver algum, com o pai dele dirigindo.

Cinder458

Eu admito que Max Oliver não seja a pessoa ideal para o filme, e que Kaylee Summers definitivamente tenha ar no lugar do cérebro, mas não acho que o filme vá ser uma porcaria. Jason Cohen, o vencedor do Oscar, adaptou o script, e você está errada sobre Brian. Ele tem capacidade para o papel. Existe até um burburinho de Oscar na cidade neste momento.

EllaTheRealHero

Burburinho para o *Teen Choice Awards*, talvez. Melhor beijo e abdominais mais sensuais, com certeza. Mas melhor ator? Eu só acredito vendo.

Cinder458

Que seja então, mimadinha. Ele será pelo menos indicado. Estou dizendo isso agora. Ele fez um drama independente, *O Longo Caminho para Casa*. Assista-o, e prometo que deixo você ajoelhar-se para pedir perdão quando perceber o quanto está errada com relação a Brian.

EllaTheRealHero

Ah! Tá bom. Vou dar uma olhada. Mas agora preciso ir.

Cinder458

Não vá ainda.

EllaTheRealHero

Por quê?

Cinder458

Não sei. Só não quero que você vá.

Cinder podia ser muito agradável quando queria, mas não foi por isso que aquela pequena confissão fez meu peito ficar apertado. Ninguém tinha me desejado por perto desde o acidente. Meu pai me trouxe para casa, ele e Jennifer tentavam ser legais, mas era óbvio que eu não fazia parte da família.

Às vezes eu saía do meu quarto e demorava alguns segundos até que Jennifer conseguisse forçar um sorriso no rosto. E por que não seria assim? Eu era o passado esquecido de meu pai. Era uma ruptura no mundo perfeito e lindo dela, e cheguei com muita bagagem. Ela me suportava, e não acho que me odiasse, mas também não gostava de mim. As irmãs bruxas definitivamente não me queriam por perto. Eu tinha certeza de que ninguém iria me querer outra vez.

EllaTheRealHero

Está com medo de que eu desapareça outra vez?

Cinder458

Não tem graça. Você me deixou aterrorizado, mulher!!!
Achei que tivesse perdido você para sempre. Tem
certeza de que está bem?

Estar bem era um conceito relativo.

EllaTheRealHero

Estou bem melhor agora que estou falando com você. Eu realmente senti sua falta.

Cinder458

Eu senti mais. Você não pode desaparecer da minha vida outra vez. Eu preciso de você, Ellamara, ó bela e mística sacerdotisa do Reino. Preciso de sua orientação e de seus conselhos.

EllaTheRealHero

Como se você alguma vez tivesse ouvido uma só palavra do que digo.

Cinder458

Eu sempre ouço. É só que raramente concordo.

EllaTheRealHero

É porque você é tolo e superficial, jovem príncipe druida.

Cinder458

Você se esqueceu de dizer que sou lindo.

EllaTheRealHero

E convencido.

Cinder458

Ah, como senti falta de você sempre podando meu ego.

EllaTheRealHero

É uma tarefa quase impossível porque ele é muito inchado, mas faço o meu melhor.

Cinder458

Acho que devo deixar você ir agora. Se é tarde aqui, deve ser quase manhã para você.

Eu hesitei em responder. Parte de mim estava desesperada para contar a verdade a ele, dizer que eu estava morando em Los Angeles agora e pedir para encontrá-lo pessoalmente. Eu queria tanto ter um rosto para juntar ao nome. Queria ouvir a risada por trás de todos os *hahas* que ele digitava. Queria saber como era a voz dele quando me chamava de *mulher* toda vez que estava frustrado comigo.

O problema era que eu sabia que, uma vez que o encontrasse, iria querer muito mais que isso. Mamãe tinha medo de que me apaixonasse por ele algum dia, mas eu já estava apaixonada. Na verdade, eu tinha certeza de que estava perdidamente apaixonada por ele. Sempre estive.

Cinder não iria me querer. Quem iria, quando poderia ter qualquer garota maravilhosa que escolhesse? Eu tinha quase certeza de que Cinder continuaria a ser meu amigo se visse minhas cicatrizes, mas até onde? Será que teria vergonha de mim? Será que seria como minhas meias-irmãs e não iria querer me apresentar para os amigos perfeitos? Será que seria como Jennifer e teria medo de olhar para mim? Ou como meu pai, preso a uma conhecida estranha porque se sentia obrigado?

Se nos encontrássemos, não poderíamos voltar atrás. Isso sem dúvida mudaria tudo. Eu não podia arriscar quando ele era tudo o que eu tinha, então não disse nada.

EllaTheRealHero

Obrigada por dispensar seu encontro para falar comigo esta noite.

Cinder458

Sempre que você quiser. Nos falamos em breve? Você não vai desaparecer da minha vida outra vez?

EllaTheRealHero

Não se eu puder evitar. Vou ver aquele filme e falo com você. Boa noite, Cinder.

Cinder458

Boa noite, Ella. Obrigado por escrever. Estou feliz de verdade por você estar bem.

Ele ficou off-line e a culpa tomou conta de mim. Não contar a ele parecia mentir.

— Talvez algum dia — suspirei para mim mesma enquanto fechava o laptop. Eu esperava que fosse verdade. Esperava que algum dia encontrasse coragem para encará-lo.



O primeiro dia na escola foi, em boa parte, como eu esperava que fosse. Embora ainda fizesse muito calor, usei o uniforme de inverno, porque ele cobria minha pele. Mas não importava que as pessoas não pudessem ver minhas cicatrizes. Elas ficavam me observando coxear pela escola com a bengala e olhavam para as mangas compridas e para minhas dificuldades, sabendo exatamente quem eu era e o que estava escondendo sob as roupas.

Algumas pessoas tentavam ser discretas ou tentavam não olhar, mas os olhos delas acabavam se voltando para mim, de qualquer forma. Esses eram os estudantes que forçavam um sorriso em minha direção ou que falavam comigo de forma grosseira quando precisavam. Outros encaravam abertamente, riam, apontavam e me provocavam na tentativa de fazer os outros rirem.

Ninguém se esforçou para fazer amizade comigo. Ninguém me defendia quando eu era provocada. Alguns olhavam como se estivessem se sentindo culpados por mim, mas estavam amedrontados demais para intervir. Percebi que esses eram, provavelmente, os estudantes que tinham sido alvo dos assédios até que eu chegasse à escola para substituí-los. Nem mesmo esses estudantes me convidavam para sentar com eles na hora do lanche. Estavam amedrontados demais para serem legais comigo.

Fiz meu melhor para ignorar aquilo tudo, mas levaria algum tempo para chegar a um ponto em que aquilo não me machucasse — se é que isso seria possível.

Minhas meias-irmãs não ajudavam em absolutamente nada. As duas estavam comigo em pelo menos uma das aulas, e todas tínhamos o mesmo lanche, mas, como suspeitei que iria acontecer, elas adotaram a tática do *Ella-não-existe*. A única vez que nos falamos durante todo o dia foi no estacionamento, depois das aulas. Anastasia me saudou com um olhar perverso enquanto abria a porta do passageiro do pequeno conversível de duas portas.

— Estacionar no lugar de deficientes é muito embaraçoso.

Juliette jogou a mochila no banco de trás e sentou-se no lugar do motorista.

— Não importa. É o melhor lugar do estacionamento. É tão perto que vamos estar longe daqui antes que comece o congestionamento.

Anastasia zombou da irmã, puxou o banco do passageiro para a frente, e gesticulou para que eu fosse para o banco de trás. Será que ela estava de brincadeira?

— Você sabe que eu não consigo entrar aí, não sabe?

Anastasia deu de ombros.

— Então vá andando para casa. Eu não vou andar no banco de trás o ano todo.

Fechei os olhos contra uma fígada repentina de lágrimas frustradas. Tinha sido um dia horroroso e eu só queria ir para casa.

— Não estou querendo ser difícil. Eu não tenho habilidade física para entrar lá atrás.

— Ana! — Juliette se zangou. — Será que você pode entrar logo?

— Não, este é o nosso carro. Nós não deveríamos ser punidas porque a monstrenga não consegue usar as pernas.

Ela tinha levantado a voz o bastante para ganhar a atenção de metade dos estudantes no estacionamento. Se ela estava *realmente* com vergonha de mim, estava lidando com a situação da maneira errada. Juliette obviamente pensava da mesma forma. Ela olhou para a irmã, deu a volta no carro e colocou as chaves do carro na mão de Anastasia.

— Obrigada — murmurei quando Juliette subiu no banco de trás e puxou o banco para que eu pudesse sentar.

— Não importa.

Anastasia olhou para nós duas, depois balançou a cabeça em recriminação. Depois de sentar-se no banco do motorista, ajeitou o cabelo e olhou para a irmã pelo retrovisor.

— Não acredito que você fez a vontade dela. Vai sentar aí atrás todos os dias pelo resto do ano?

— Será que você poderia simplesmente ir embora? — Juliette rosnou. — As pessoas não param de olhar.

O caminho para casa foi silencioso, a não ser pelas 40 músicas mais populares tocando no rádio. Jennifer estava em casa, esperando para nos receber com um grande sorriso e um milhão de perguntas. Eu queria ir direto para meu quarto e ficar lá até o dia seguinte, mas o estômago venceu a batalha contra a força de vontade. Eu não tinha tomado o café da manhã ou almoçado e iria ficar enjoada se não comesse alguma coisa.

— Como foi o primeiro dia? — Jennifer perguntou para nós três enquanto caminhávamos para a cozinha.

Decidindo que ela só se importava com as filhas, deixei que elas respondessem às perguntas e fui direto para a geladeira.

— Foi um pesadelo — Anastasia reclamou por trás de mim. — Mãe, ela andava por ali feito um zumbi, embora as pessoas continuassem a rir e a apontar para ela, entre outras coisas. Era como se ela tivesse alguma doença repugnante. Ela se sentou na cafeteria no almoço e os estudantes na mesa dela se dispersaram como baratas. O lugar estava lotado, tipo, todos os lugares estavam ocupados, mas ninguém quis sentar ao lado dela. Ela ficou com a mesa toda para ela. Foi muito embaraçoso.

Incapaz de conter meu temperamento por mais tempo, bati a porta da geladeira e me virei.

— Foi embaraçoso *para você*?

— Hum, dá. — Anastasia sorriu com desdém. — Todo mundo sabe que você mora conosco. Eles ficaram nos perguntando por que nossa meia-irmã é assim monstrenga o dia todo. Você demora cem anos para ir a qualquer lugar e estava usando mangas compridas e calças embora estivesse fazendo, tipo, trinta graus lá fora.

Juliette caçou:

— E o que mais ela poderia fazer? Você viu as pernas dela.

Não sei dizer se ela estava me defendendo ou me insultando, mas Jennifer pareceu pensar que era a primeira opção, porque balançou a cabeça como se concordasse.

— Ana, tenha um pouco de compaixão. Como você se sentiria se tivesse que andar pela escola com uma bengala e tivesse a aparência dela?

Fiquei de boca aberta. Se essa era a ideia que ela tinha de me defender, era preferível que não o fizesse. Mas ela era tão desnorreada que nem consegui dizer nada ou ficar com raiva dela. Do que adiantaria?

Jennifer me deu um sorriso simpático.

— Não há problema em usar as mangas longas e as calças se elas fizerem você se sentir mais confortável, Ella.

Jesus, eu me sentia muito melhor agora que tinha a aprovação dela.

— Ah! Isso me faz lembrar... — O rosto de Jennifer se iluminou com a empolgação e ela apontou para mim. — Comprei uma coisa para você hoje, enquanto estava fazendo compras.

Anastasia e Juliette me lançaram um olhar perplexo e questionador enquanto Jennifer desaparecia escada acima em direção ao quarto dela, mas eu apenas dei de ombros para as duas. Eu não fazia ideia do que ela estava falando. Peguei um suco V8 e um pedaço de queijo da geladeira e me sentei à bancada.

Jennifer voltou antes que eu tivesse terminado o lanche e tinha várias sacolinhas nas mãos.

— Tenho pensado muito nas suas cicatrizes — disse, e descarregou um oceano de cosméticos na minha frente. — Estou no negócio de modelagem, você sabe, então beleza e pele são o meu forte. Conversei com várias amigas e comprei esses cremes, óleos e hidratantes para você, e dizem que eles realmente ajudam a reduzir as cicatrizes.

Não tinha certeza de como reagir. O gesto foi bem intencionado, à maneira bizarra de Jennifer. Estava até agradável, até que Ana caçoou.

— Odeio desfazer suas esperanças, mãe, mas creme nenhum vai consertá-la.

Eu pensava a mesma coisa, mas, mesmo assim, não era legal ter isso reforçado.

Jennifer franziu o rosto para Anastasia e depois olhou para minha mão com cicatrizes.

— Bem, é claro que não é uma cura ou algo parecido. Você tem muitas cicatrizes que nunca irão desaparecer, mas alguns desses produtos podem ajudar com os enxertos manchados e talvez deixar as elevações mais lisas. É isso que se destaca tanto. Se pudéssemos deixar a pele mais lisa e no mesmo tom, as cicatrizes não iriam chamar tanta atenção.

Ah, meu Deus, ela me achava medonha.

— E sempre há a cirurgia plástica.

— *Cirurgia plástica?* — Será que ela me achava tão horrível a ponto de precisar de cirurgia?

Jennifer, não absorvendo o horror em minha voz, concordou com a cabeça, entusiasmada.

— Ah, com certeza. Conversei com um médico amigo meu sobre você. Mostrei a ele algumas de suas fotos médicas e ele disse...

— Você falou com alguém sem me perguntar? — falei de sobressalto. — Mostrou a ele minhas *fotos*?

Jennifer vacilou, assustada com minha explosão.

— Eu não queria dizer nada antes de saber se ele poderia ajudar você. Não queria criar falsas esperanças. Mas, Ella, ele disse que há, *sim*, coisas que ele pode fazer para ajudar. Você não precisa ter uma aparência tão ruim como a que tem agora.

E foi isso. Eu não conseguiria aguentar nem mais um segundo dessa conversa.

— Não acredito que você fez isso.

— Eu só estava tentando ajudar.

— Dizendo que sou tão feia que assusto e que preciso de cirurgia plástica?

Anastasia desatou a rir e balbuciou:

— Bem, é a verdade.

— Anastasia! — Jennifer replicou horrorizada. — *Nunca mais* diga uma coisa tão rude!

Depois de olhar com raiva para a filha, ela olhou frustrada para mim.

— Isso não é justo, Ella. Sabe que não era essa minha intenção. Eu só quero ajudá-la a ter uma aparência melhor, e se há coisas que podemos fazer...

— Eu já passei por cirurgias demais, obrigada.

Jennifer fechou os olhos e começou a massagear as têmporas. Isso fez com que eu me sentisse uma babaca. Ela não tinha tato algum, mas, de seu modo insensível e desagradável, estava realmente tentando me ajudar. Cansada demais depois de um dia de pesadelo para brigar com ela, tentei acalmar a situação. Deslizei do meu banquinho e peguei a sacola de produtos que ela tinha me dado. — Vou perguntar à equipe de reabilitação sobre essas coisas, está certo? Tenho que pedir permissão antes de passar qualquer coisa em minha pele.

Jennifer se acalmou também e concordou com a cabeça. Enquanto eu saía da cozinha, ela me disse em voz baixa:

— Eu realmente só queria ajudar, Ella.

Ugh! E agora eu tinha de me sentir culpada, além de tudo. Parei de andar e me virei para olhar para ela.

— Eu sei. Desculpe. Tive um dia horrível e preciso de um descanso. Vou me afundar na banheira por um tempo.

— Tente um pouco de óleo de lavanda na banheira. Tem um pouco na sacola. É muito relaxante para os nervos.



Fiquei na banheira até que a água estivesse fria e chorei litros. Não foi tanto pelos olhares dos outros estudantes ou por ter sido tratada como uma excluída que me desfiz em lágrimas depois que finalmente fiquei sozinha, foi mais por saber que essa seria a minha vida dali por diante. Ana estava certa; nada nunca iria consertar meu caminhar manco ou minhas cicatrizes. O dia horrível que eu tinha tido se repetiria para sempre.

Depois de algum tempo, meu pai bateu na porta do quarto e, depois que respondi, enfiou a cabeça pelo vão da porta.

— Ella, vamos sair para jantar fora em quinze minutos. Pode se aprontar...

Meus olhos deviam ainda mostrar as evidências do ataque de nervos, porque ele parou de falar e veio se sentar na beirada da cama.

— Você está bem, docinho?

Eu não me senti inclinada a repetir meu dia para ele, então dei de ombros.

— Estou bem. Só não estou com vontade de sair para jantar.

— Claro que não, Ella — disse Jennifer, juntando-se a nós. — Você pode ficar em casa, se preferir.

Meu pai olhou para frente e para trás algumas vezes, entre Jennifer e eu, e as sobrancelhas dele se arquearam ainda mais.

— Não, você não pode — ele me disse. — Ficar aí sozinha esta noite não vai fazer você se sentir melhor. Precisa vir conosco.

Antes que eu pudesse responder, Jennifer colocou a mão no braço dele e disse:

— Talvez seja melhor deixar que ela fique. A escola não foi muito bem. As meninas tiveram um dia difícil e todas elas estão um tanto emotivas agora.

Como se essa fosse a notícia mais chocante do mundo, meu pai me olhou assustado:

— Foi assim tão ruim?

Eu o encarei.

— É claro que foi! Como esperava que tivesse sido?

Enquanto eu pegava um lençinho, Jennifer chegou mais perto de meu pai e falou em voz baixa:

— Pelo que Anastasia e Juliette disseram, pareceu horrível. Rich, talvez nós *devêssemos* deixá-la ficar em casa e fazer a escola on-line.

— Sim, *por favor* — Anastasia implorou, entrando em meu quarto com Juliette, como se eu tivesse convocado algum tipo de reunião familiar.

Juliette balançou a cabeça, concordando.

— Acho que seria melhor para todos nós.

Papai observou a expressão de todas nós e então surpreendeu todos com um acesso de fúria.

— Não!

— Mas... Rich...

— Não, Jennifer. Você sabe por que não podemos fazer isso. É assim que a vida dela será de agora em diante. Ela tem que se acostumar.

Meu estômago vazio subiu até a garganta. Não que eu quisesse ser superprotegida, mas não havia absolutamente nenhuma empatia. Nenhum reconhecimento de como o dia tinha sido difícil para mim. Nenhuma tentativa de me confortar de forma alguma.

— Você ouviu o que o médico dela nos disse. Ela precisa aprender a interagir com as pessoas. Não pode se isolar, ou só vai piorar.

— Mas ela nunca vai fazer amigos — Jennifer retrucou. — Vai ter cicatrizes pelo resto da vida. — Jennifer, percebendo que eu já tinha cicatrizes pelo resto da vida, se encolheu. — Emocionalmente, quero dizer.

A fé que ela tinha em mim era espantosa. Ela pensava que eu era cada pedacinho da monstrela que as filhas pintaram. Que eu estava tão ruim que precisava de cirurgia e que nunca teria amigos. Não posso dizer que não me preocupava com as mesmas coisas, mas, como figura materna, ela deveria pelo menos fingir que era possível. Um pouco de otimismo de qualquer um teria sido legal.

— Talvez possamos encontrar uma escola especial para ela, para outras pessoas como ela — Jennifer sugeriu. — Existem escolas para pessoas com deficiências. Talvez ela seja mais feliz se estiver com pessoas iguais a ela.

Fiquei tão boquiaberta que minha mandíbula quase tocou o chão. *Pessoas iguais a mim?* Como se ter dificuldade de locomoção e cicatrizes, de alguma forma, me tornasse e também tornasse outras pessoas com deficiência seres inferiores. Meu pai advogado deveria ter rejeitado esse comentário ignorante e discriminatório, mas, em vez disso, olhou para ela com interesse.

— Talvez você esteja certa. Vou perguntar à equipe sobre essa possibilidade.

Fiquei destruída. Eu sabia que ele tinha me deixado por essa gente há muito tempo, mas, ainda agora, me sentia traída. Ele era meu pai. Deveria estar me defendendo. Deveria pelo menos estar preocupado com meus sentimentos.

— Alô! — gritei. — Estou bem aqui! Se você vai discutir minha vida como se eu não tivesse importância ou sentimentos próprios, poderia ao menos fazer isso longe de mim?

Jennifer ficou pálida e meu pai cobriu os olhos com a mão e esfregou as têmporas com os dedos como se a cabeça dele doesse.

— Você está certa, Ella. Desculpe-me. Por que não jantamos eu e você esta noite e podemos discutir isso sozinhos?

— O quê? — Juliette gritou. — Papai! Isso não é justo! Temos reservas para esta noite!

— Eu sei, querida, mas Ella teve um dia muito ruim. Acho que nós dois precisamos de um tempo um com o outro.

— *Todas nós* tivemos um dia ruim! E nós? Tudo agora gira em torno dela! O jantar de volta às aulas é uma tradição de família. Você não pode se esquecer da sua verdadeira família só porque a vida dela é uma droga.

Não consegui aguentar nem mais um segundo daquilo.

— Relaxe, Juliette. Eu não quero roubar a sua noite.

Eu estava muito cansada para descarregar minha raiva em meu pai.

— Você não precisa quebrar a tradição por minha causa. Vá para o seu jantar de família, ou o que quer que seja. Eu estou bem.

— Ella. — Papai suspirou. — Você vem também. Faz parte da família.

Eu estava errada sobre estar cansada demais para ficar possessa. A raiva tomou conta de mim e me deu um novo fôlego.

— Não. Eu *fui* parte da sua família. Você me deixou por esta aqui.

— Querida, isso não é...

— Pare, papai — interrompi antes que ele pudesse começar a me dar desculpas. — Nós dois sabemos que, se mamãe não tivesse morrido, eu continuaria a ser pouco mais que uma memória distante para você, então não finja que se importa comigo.

Por um momento, meu pai ficou como se eu o tivesse esbofeteado e então perdeu a paciência.

— Eu não posso mudar o passado, Ella! Estou fazendo o melhor que posso agora e isso vai ter de ser suficiente. É melhor você descobrir um jeito de lidar com a sua raiva porque, goste ou não, nós *somos* a sua família agora. Você está presa a nós, então componha-se e vá para o carro.

Eu queria dizer não. Queria bater o pé e fazê-lo ter que me arrastar, chutando e gritando. Ele me magoou por dez anos. Ele não ia entrar outra vez em minha vida e esperar que eu o perdoasse. Não tinha sequer se desculpado. Mas quanto menos rebuliço eu causasse, mais rápido poderia sair daquela casa.

— Tudo bem. Que seja.

Meu pai respirou fundo outra vez e tentou se acalmar.

— Obrigado. Aprese-se e troque de roupa. Temos que sair em dez minutos.

Olhei para meu jeans e para a camiseta de manga comprida. Eu parecia bem normal.

— Por que preciso me trocar?

— O Providence é apenas um dos restaurantes mais legais de Los Angeles — Anastasia vangloriou-se. — Não vão deixar você entrar se estiver parecendo uma propaganda do Walmart.

Só então percebi que as gêmeas estavam vestidas para matar. Meu pai e Jennifer também estavam bem vestidos. Legal. A presença de meu pai demandava respeito e Jennifer estava grudada no braço dele como uma perfeita mulher troféu. Anastasia e Juliette completavam o quadro e pareciam uma dupla de herdeiras mimadas. Essa família merecia o seu próprio *reality show*.

Depois que papai colocou todo mundo para fora de meu quarto para que eu pudesse me trocar, olhei para meu closet por uma eternidade, sabendo que nunca encontraria nada que pudesse fazer com que eu me parecesse com os Coleman. Enquanto deslizava as roupas penduradas de um lado para outro, deparei-me com o vestido amarelo-canário de minha mãe. Mama e eu não tínhamos oportunidade de nos vestir dessa maneira com frequência. Nunca fomos exatamente pobres, mas sempre tínhamos de prestar atenção ao que gastávamos e tínhamos de economizar se quiséssemos fazer qualquer extravagância. Uma época, quando eu tinha uns 13 anos, ela namorou um dançarino de salsa por alguns meses e ele adorava levá-la para dançar, por isso ela fez uma extravagância e comprou o vestido.

Encostei o vestido no rosto e respirei fundo. Não tinha mais o cheiro dela, mas isso não importava. Das coisas que ela usava, essa era a minha favorita. Ela sempre ficava tão linda nele. Eu tinha chorado de alívio quando comecei a mexer nas caixas que meu pai arrumara e vi que ele o tinha salvo.

— Sinto muito a sua falta, mamãe — murmurei. — Não é justo que eu tenha de fazer isso sozinha. Eu *preciso* de você.

Antes de perceber o que estava fazendo, coloquei o vestido. Ele me caiu tão bem que parecia destino. O vestido tinha alcinhas espaguete e ia até o joelho. A ideia de sair de casa com as cicatrizes à mostra me deixava doente, mas as pessoas iriam ficar olhando não importa o que eu vestisse, então por que não levar um pedaço de minha mãe comigo? Eu iria precisar dela se quisesse sobreviver a esse jantar.

Coloquei o colar de pérolas que ela sempre usava com o vestido e preendi o cabelo da forma como ela sempre fazia, depois fiquei olhando para mim mesma no espelho por um bom tempo. Se ignorasse as cicatrizes, eu quase me sentia como um ser humano outra vez. Eu podia ver minha mãe por trás de mim no espelho, olhando para mim. Eu me parecia com ela, exceto pelos olhos.

— Amo você, mamãe — murmurei enquanto pegava a bengala e ia ao encontro do pelotão de fuzilamento.

Caminhei devagar até a entrada, onde todos estavam esperando por mim. Quando entrei, todos olharam para mim e congelaram.

— Ah, não. Você não vai usar isso! — Anastasia gritou.

Eu não pude deixar de ficar na defensiva. Eu amava esse vestido.

— Qual o problema com ele? Todas vocês estão usando vestidos.

— Mãe! — Anastasia olhou suplicante para Jennifer.

— É um lindo vestido, Ella — Jennifer disse com rapidez. A voz dela era tão condescendente que eu poderia muito bem ter 5 anos de idade. — Mas tem certeza de que quer usá-lo?

— E por que não usaria?

Jennifer ficou paralisada por um momento e então forçou um sorriso triste no rosto.

— Bem, querida, é só que... é um tanto revelador.

Foi mais um tapa na minha cara. Olhei para Anastasia e Juliette e cruzei os braços sobre o peito.

— É mais comprido do que o vestido de qualquer uma de vocês e *meu* decote não está à mostra para o mundo todo ver.

— Não, não, eu não me referia a isso — Jennifer retomou. — Sei que o vestido é apropriado. Não foi isso que eu quis dizer.

Eu era uma idiota. Não pude acreditar que demorei tanto tempo para entender qual era o problema de todos. — Quer dizer que não quer que eu use o vestido porque ele mostra minhas cicatrizes. Você tem tanta vergonha de mim quanto elas.

Jennifer balançou a cabeça loucamente até que os olhos dela se encheram de lágrimas. Ela virou a cabeça para os ombros de meu pai, fungando. Ele passou os braços ao redor dela e olhou fuzilando para mim por sobre a cabeça dela.

— Já chega, Ellamara. Só porque você está passando por momentos difíceis não significa que possa atropelar os sentimentos dessa família. Já provou que tem razão. Agora pare de ser difícil e vá trocar de roupa.

Eu não sabia que meu coração podia se esfaquear ainda mais do que já estava despedaçado. Até mesmo meu pai, minha própria carne e osso, não queria ser visto comigo se minhas cicatrizes estivessem à mostra.

— Não coloquei o vestido para provar nada! Esse vestido era da minha mãe. Eu só queria ter a *minha* família presente nesse jantar de *família*. Não deveria ter que me trocar só porque vocês estão envergonhados demais por serem vistos comigo. Não é culpa minha que eu cause desgosto a vocês.

Meu pai soltou um xingamento abafado quando percebeu o erro. O sangue desapareceu do rosto dele, deixando-o pálido como um fantasma. A voz dele falhava quando ele disse:

— Ellamara, me desculpe. Eu pensei...

— Sei muito bem o que pensou! — As desculpas dele eram muito poucas e muito tardias. — Não para de dizer que vocês são minha família, mas não são. Se minha mãe tivesse me visto neste vestido, ela teria me abraçado e dito que estava orgulhosa de mim por tentar ser corajosa, e não me pediria para mudar de roupa. Isso é nojento. Ela não ficaria com vergonha das minhas cicatrizes. Não ligaria a mínima para elas porque me amava. *Ela* era minha família.

Dei meia-volta e fui para o quarto, desejando mais do que tudo poder correr para lá. Eu não iria a lugar algum com nenhum deles agora. Meu pai teria *realmente* de me colocar nas costas e me carregar se quisesse que eu saísse de casa.



Brian

Eu sabia que nunca deveria ter dado a Scott as chaves de casa. Como eu poderia evitar as pessoas quando não podia fugir da pessoa determinada a não me deixar faltar às reuniões?

— Brian? — Scott chamou enquanto entrava na casa. Ele me encontrou sentado no sofá da sala três segundos depois. — Você já devia estar lá há mais de uma hora. Kaylee ameaçou arrancar minhas partes masculinas se eu não estiver lá com você em vinte minutos.

Olhei para a caixa de entrada do e-mail e suspirei.

Cinder458

Por mais que eu esteja gostando dessa sessão de humilhação, tenho de ir.

EllaTheRealHero

Tá, tá, a noite de sexta o espera, Senhor Popular. Vá se divertir.

Eu sorri. Acho que agora poderia me divertir.

Ella finalmente tinha assistido ao filme *O Longo Caminho para Casa*, como eu havia pedido a ela que fizesse. E tinha ficado tão surpresa que escreveu uma crítica hilária chamada “minhas sinceras desculpas ao

senhor Brian Oliver”. Era uma crítica de filme como as que ela costumava escrever para o blog antes do acidente, exceto pelo fato de que havia sido escrita na forma de uma carta pessoal para mim, desculpando-se por pensar que eu iria estragar Cinder. Era maravilhosa.

Depois que ela me mandou a crítica de *O Longo Caminho para Casa*, escrevi de volta na mesma hora e insisti para que ela recomeçasse a blogar. Eu sabia o quanto Ella amava o blog e fiquei destruído quando ela disse que não iria mais fazê-lo. Devo ter passado semanas implorando, mas hoje finalmente Ella postou a crítica. Explicou rapidamente que havia sofrido um acidente e não pôde manter o blog atualizado, mas, graças a uma discussão com certo fã obsessivo, estava de volta e tinha de começar dando sua opinião sobre o elenco de *O Príncipe Druida*. Ela começou com a carta de desculpas a Brian Oliver.

Quando encontrei o post à tarde, fiz o login para dar a ela as boas-vindas à blogosfera e acabei entrando em uma discussão nos comentários sobre o figurino da princesa Ratana. Vários dos leitores de Ella já tinham visto seu post e estavam mergulhados em um debate também. Fiquei satisfeito ao ver que meu lado estava ganhando, a despeito da festa amorosa de boas-vindas que Ella estava recebendo dos fãs.

Cinder458

Que seja como minha sábia sacerdotisa pedir.
Eu realmente não estava planejando isso para esta noite, mas agora prometo me divertir bastante em homenagem ao seu retorno ao mundo dos blogs.

EllaTheRealHero

Você é um esquisito.

Cinder458

Não sou, não. Você me ama.

EllaTheRealHero

Sim, você é. E sim, eu amo você. Boa noite, Cinder.

Um desejo violento tomou conta de mim enquanto olhava em choque para a resposta de Ella. Eu esperava que ela viesse com algo sobre meu ego inflado e, em vez disso, admitiu que me amava. Ela nunca havia dito algo parecido antes. Eu sabia que não poderia ser da mesma forma como eu gostava dela, porque só eu seria louco o bastante para me apaixonar por uma estranha aleatória na internet, mas pelo menos ela me amava de alguma forma.

Cinder458

Boa noite, Ella.

Eu hesitei e então escrevi uma última mensagem.

Eu também amo você.

Deixei escapar um suspiro ao apertar o enter. Talvez tenha sido por mensagem e talvez eu nunca encontrasse Ella pessoalmente, e provavelmente ela tenha pensado que eu estava brincando, mas eu nunca tinha dito essas palavras para uma mulher antes. Para mim, esse momento foi grandioso.

Um assovio longo me arrancou do meu momento divino. Levantei os olhos e vi Scott parado atrás de mim, lendo por sobre meus ombros com os olhos arregalados.

Ugh! Hora de voltar à realidade.

Depois de um bom alongamento, fechei o laptop. Antes que Scott pudesse perguntar sobre Ella e o que eu acabara de escrever para ela, eu disse:

— Você venceu. Estou indo. Não podemos deixar que perca suas partes íntimas por minha causa.



— Cuidado — Scott avisou enquanto entrávamos no clube. — Kaylee está enfurecida porque você não apareceu na hora marcada hoje.

Eu ri. É claro que estava enfurecida. Essa noite era seu aniversário de 21 anos e, segundo ela, era a noite em que supostamente ficaríamos noivos. Ela fechou o clube mais exclusivo de Los Angeles para a festa e convidou cada vip que conhecia. E, pelo jeito da coisa, cada paparazzi do estado da Califórnia também.

Se Scott achava que Kaylee estava enfurecida agora, deveria esperar até que eu terminasse o relacionamento falso em vez de dar a ela o anel que deveria ter comprado — e não tinha.

— Uma palavra para os sábios, Scotty: fuja enquanto pode.

Scott não foi rápido o suficiente. Kaylee nos avistou assim que entramos pela porta.

— Baby! — disse com a voz de gralha, colando-se a mim. — Por que vocês demoraram tanto?

A voz dela era alegre, mas o sangue nos olhos explicava exatamente o quanto ela estava enfurecida. Vinha trazendo um séquito de amigos e adúlteros atrás dela. Depois de dizer alô educadamente a todos eles, peguei Kaylee pela mão e disse:

— Podemos conversar em particular por um minuto?

O rosto de Kaylee se iluminou completamente.

— Claro!

Ela fez uma cara para os convidados que sugeria que estava pensando que iria ganhar uma surpresa de aniversário e depois me deixou levá-la para uma mesa isolada.

Não perdi tempo. Tão logo tive certeza de que ninguém poderia nos ouvir, disse:

— Não quero fazer isso.

Kaylee revirou os olhos.

— Sim, você deixou isso bem claro desde o momento em que foi sugerido na reunião.

— Deixe-me refazer a frase. — Minha paciência já estava acabando. — *Não vou* fazer isso.

Os olhos de Kaylee se estreitaram em duas fendas finas.

— Uma ova que não vai!

— Kaylee... — Esfreguei as têmporas e tomei fôlego. Eu não ia brigar com ela se pudesse evitar. — Me dá um tempo, tá? As coisas mudaram para mim desde aquela reunião.

Se Kaylee fosse um gato, teria arqueado as costas e mostrado as garras. Da maneira como foi, ela enrijeceu e cruzou os braços no peito.

— Você se refere àquela garota?

Aquela garota? Ella era muito mais do que *aquela* garota.

— Sim, eu me refiro a Ella. Se eu soubesse que estava viva, nunca teria deixado ninguém me colocar nesse plano idiota, em primeiro lugar. Agora que a tenho de volta, não vou arruinar as coisas com ela ficando noivo de mentira com você.

Kaylee começou a tremer levemente com a raiva que crescia dentro dela. Ela iria explodir a qualquer instante.

— Então vai me dispensar por ela? Vai pedir a ela para ser sua noiva de mentira em meu lugar?

Fiquei tão horrorizado com aquela ideia que perdi as estribeiras.

— Eu não vou mais fazer essa porcaria de enganação com você! Temos que terminar neste momento. Estou indo para Boston para encontrar Ella. Vou dizer quem eu sou e não quero que ela pense que tenho uma namorada quando eu fizer isso. Quero namorá-la e me recuso a manter isso em segredo ou a fazê-la me esperar enquanto fico desfilando por Los Angeles com minha noiva falsa em frente às câmeras.

Eu não achava que os olhos da Kaylee pudessem ficar mais arregalados do que já estavam, mas estava enganado. Ficaram tão arregalados que quase pularam para fora. Sua boca também se abriu e ela se inclinou para a frente sobre a mesa que nos separava.

— Espere um minuto. — Ela levantou a mão como se fosse me apontar um dedo. — Ela não sabe quem você é? Nunca se *encontrou* com ela?

Minhas bochechas ficaram vermelhas de vergonha. Eu sabia que parecia maluquice, mas também sabia o que eu sentia.

— Meu relacionamento com Ella é... complicado.

— Defina “complicado”.

Eu não queria falar sobre Ella com Kaylee. Kaylee nunca iria entender. Ella era a melhor parte da minha vida e Kaylee iria apenas querer destruir aquilo. Kaylee era como veneno. Não iria deixar que estragasse o que eu tinha com Ella.

— Não tenho de me explicar a você.

— Você tem, sim! — Kaylee gralhou. — Está rompendo comigo. Eu mereço uma explicação.

Travei a mandíbula e, mais uma vez, tentei me manter equilibrado.

— Nós não estamos terminando de verdade. Na verdade, não estamos juntos.

— Nós bem poderíamos estar. É o que todos pensam. E a publicidade? E nossas carreiras? E sobre provar que você não é apenas um aproveitador arrogante? E o nosso *plano*, Brian?

— Se fizermos isso de forma amigável e dissermos que foi de comum acordo e que ficamos melhor como amigos, não será tão ruim. Você ainda terá muita publicidade quando o filme for lançado e eu vou ficar longe dos problemas. Nós vamos ficar *bem*.

— Claro, nós iríamos ficar bem — Kaylee concordou, cuspiendo a palavra bem como se ela tivesse lhe deixado um gosto ruim na boca. — Mas pense em como poderíamos ficar bem melhor se mantivéssemos o plano. Poderíamos nos tornar os próximos Kanye e Kim, os próximos Brad e Angelina! Com seu pai e o meu, e da forma como todo o país nos ama, poderíamos tomar esta cidade. Fama é apenas um concurso de popularidade, e somos o rei e a rainha da publicidade. Nós *deveríamos* ficar juntos.

A raiva dela desapareceu um pouco e a voz se acalmou.

— Nós poderíamos ser grandes juntos. Se parasse de lutar contra isso e fizesse a coisa de verdade, você veria. Eu poderia fazer você feliz, Brian.

Por nada neste mundo Kaylee poderia me fazer feliz, mas consegui guardar esse pensamento para mim mesmo.

— Eu não posso fazer isso. Estou *apaixonado* por Ella.

A força da minha declaração chocou a nós dois. Prendi a respiração e soltei todo o ar dos meus pulmões

depois dessa confissão, mas me senti tão bem por admitir isso em voz alta que disse de novo.

— Eu a amo, Kay. Não posso estar com você, não consigo mais nem fingir, quando tudo que quero é ela.

Kaylee se recostou na cadeira, ficou em silêncio e surpreendeu-me com a dor que transparecia de seus olhos. Eu esperava que ela ficasse furiosa porque não ia conseguir o que queria, mas nunca sonhei que ficaria ferida com a rejeição.

Eu me aproximei da mesa e coloquei a mão sobre a dela.

— Sinto muito.

Depois de algum tempo, Kaylee levantou os olhos como se estivesse contemplando uma nova abordagem. Pegou um objeto pequeno da bolsa — um anel de noivado — e segurou para que eu visse. Ela o colocou no dedo, como se só quisesse ver como era, e suspirou melancolicamente.

— É bonito, não é?

Ah, droga. Era eu quem deveria providenciar o anel. Que diabos ela estava fazendo com ele?

— Por que você tem isso?

Kaylee tirou os olhos do diamante. O olhar que ela me dirigiu me causou uma sensação ruim no estômago.

— Não sou nenhuma idiota, Brian. Eu sabia que você iria tentar escapar disso esta noite.

Em um segundo, todo o semblante dela se transformou e ela se tornou a mulher má que eu acabara de ver devorando meu assistente.

— Não estou nem aí para quem você ama. Não vou deixar que estrague isso. Mas vou arruinar sua vida se não entrar no jogo agora mesmo. E vou arruinar seu pai também. Ainda vai haver mais quatro filmes das *Crônicas de Cinder* e os diretores podem facilmente ser substituídos. Meu pai tem vocês dois *nas mãos* e papai me dá tudo que eu quiser. Vou fazer de tudo para que nenhum de vocês nunca mais consiga trabalho nesta cidade outra vez. E depois, quando você estiver acabado para Hollywood e correr chorando para sua preciosa Ella, vou destruí-la mais do que a todos.

Meu coração parou de bater diante da ameaça e todo o meu sangue congelou. Kaylee podia certamente causar prejuízos importantes à carreira de meu pai e à minha, embora eu duvidasse que pudesse destruí--las completamente. Mas ela poderia destruir Ella. E não importava que ela não soubesse quem era Ella. No instante em que eu encontrasse Ella, o mundo iria saber — o mundo sempre soube de tudo que fiz. Uma vez que eu ultrapassasse o *status* de amigo anônimo da internet, não conseguiria mais mantê-la em segredo.

Kaylee era cruel, e Ella já tinha sofrido muito. Se Kaylee quisesse, poderia encontrar cada rachadura na armadura de Ella e usar sua tragédia para parti-la em pedaços sem sequer conhecê-la. Não havia dúvida em minha mente de que, se eu espezinhasse Kaylee agora, ela faria exatamente isso.

— Ah — Kaylee disse com satisfação —, vejo que finalmente nos entendemos, não é?

— Se você sequer imaginar em arrastar Ella para isso...

— Ah, não, *você* já a arrastou para isso e, se quer que eu fique longe dela, entre totalmente no jogo. Chega de aparições meia-boca e de atitudes ruins. Pegue todo esse amor adolescente meloso e patético de seu coração e faça o mundo acreditar que é todo para mim. Faça com que *eu* acredite, Brian.

Kaylee se levantou sem aviso, gritando alto e pulando com uma emoção fria e louca.

— Sim! — ela gritou. — Sim, sim, com todo o meu coração, sim! É claro, eu me caso com você!

Kaylee saltou ao redor da pequena mesa e pulou em cima de mim antes que eu percebesse o que estava acontecendo. Ela me deu um beijo na boca enquanto todos no salão se juntavam ao redor, batendo palmas e gritando.

Tão logo pude me livrar do beijo, respirei algumas vezes e puxei Kaylee para perto de mim, de modo que pudesse sussurrar no ouvido dela.

— Você não tem coração, sua megera.

— Claro que tenho, baby, e ele só bate por você. — Ela esticou a mão que ostentava a joia na direção das pessoas para que todos pudessem vê-la e gritou: — Nós vamos nos casar! O melhor presente de aniversário

do mundo!

Kaylee me deu outro sorriso malvado e bateu os cílios, dizendo:

— Eu te amo muito.

Ela esperou que eu dissesse o mesmo, mas não o fiz. Eu nunca diria essas palavras para ela, mesmo que não fosse de verdade.

— Que bom — foi o que respondi, conseguindo uma gargalhada calorosa da multidão.

A raiva piscou nos olhos de Kaylee, mas ela não pôde dizer nada com todos observando. Forçou um sorriso um pouco mais brilhante e me beijou mais uma vez. Eu odiei, mas não tinha opção alguma a não ser beijá-la de volta. Não podia deixar que ela magoasse Ella. Não iria sequer deixar que descobrisse como conheci Ella. Eu teria de esperar até que Kaylee terminasse comigo para contar a verdade a Ella. E só podia rezar para que os planos de Kaylee não incluíssem uma viagem a Las Vegas e uma certidão legítima de casamento.



As semanas passavam. cada dia se misturava ao outro, e nada mudava. Eu odiava aquilo, mas aprendi a lidar com a situação. Na maior parte do tempo, eu deixava as pessoas em paz e elas também me deixavam em paz. Quando as pessoas me provocavam na escola, nunca eram agressivas demais. Zombavam de mim a distância. Eu ignorava aquilo da melhor forma que podia. Mantinha a cabeça baixa, fazia meu trabalho e nunca chorava. Pelo menos não na escola.

Eu sempre dava um jeito de guardar as lágrimas até que estivesse trancada em meu quarto. Depois retirava as lágrimas do corpo e então escrevia para Cinder. Ele me contava alguma história ridícula ou dizia algo completamente imbecil sobre um livro ou sobre um filme e eu me sentia obrigada a argumentar. De qualquer forma, ele sempre fazia com que tudo ficasse bem.

De vez em quando, Cinder me perguntava sobre o acidente, sobre minha mãe e sobre a vida com minha nova família. Eu sabia que ele estava preocupado comigo, mas eu simplesmente não conseguia falar sobre isso com ele. Ele era meu raio de sol. Era a única coisa que me mantinha sã. Eu não podia fazer nada para mudar isso. Quando ele perguntava, eu dizia que estava tudo bem, e era só. Ele nunca forçava a barra. Quando eu dizia que não queria falar sobre coisas tristes, ele dizia tudo bem e depois me distraía com coisas que sabia que iriam me fazer rir.

Ele também me falou sobre blogar outra vez. Eu tinha assistido àquele filme de Brian Oliver do qual ele tinha falado e fiquei agradavelmente surpresa. Cinder estava certo. Havia mais em Brian Oliver do que um rostinho bonito. Ele tinha alguma profundidade, e havia uma possibilidade — uma pequena possibilidade — de que Brian fosse capaz de salvar *O Príncipe Druida* de ser uma completa porcaria de Hollywood. Quando enviei a Cinder minha crítica, ele gostou tanto que insistiu que eu a postasse. Demorou um pouquinho, mas finalmente postei. Depois disso, escrever outras críticas foi fácil. Meus seguidores me deram as boas-vindas de braços abertos e outro pedacinho quebrado do meu coração se colocou.

Na primeira vez em que uma caixa de livros de uma editora chegou em minha casa, fui forçada a me explicar a meu pai. Ele ficou aliviado por eu ter um hobby que não fosse o de me esconder no quarto. Ele saiu na mesma hora e me comprou um conjunto de estantes cheias de livros e um novo *e-reader*. E até me colocou em uma lista de imprensa para que eu pudesse ir de graça a apresentações de filmes para a mídia. Eu ainda não gostava do cara, mas até poderia admitir que foi legal da parte dele.

Entre meu blog e Cinder, a vida se tornou de alguma forma suportável. O tempo passou dessa maneira até o

Halloween, e então meu mundo deu outra reviravolta. Eu estava na segunda aula do dia e a professora, a senhora Teague, nos deu os últimos dez minutos da aula como tempo livre. Um minuto depois de ter pego um livro, senti alguém crescendo sobre meus ombros.

Jason Malone, um dos fantoches incertos de Anastasia, estava sorrindo para mim.

— O que me conta, Ella? — ele perguntou quando finalmente cedi e olhei para ele.

— Nada — eu sabia que isso não era um gesto amigável. Jason vinha sendo um dos meus torturadores mais repulsivos daquele ano. — O que você quer?

Ele riu e veio para o lado da minha mesa.

— Eu só estava imaginando o que você vai fazer no Halloween esta noite. Pensa em ir para a balada?

— Não.

Voltei a atenção para o livro, esperando que ele fosse embora. Ele, é claro, não foi.

— Que chato — ele disse. — Eles vão fazer um concurso para ver quem aparece como o monstro mais horripilante. Sua irmã acha que você pode vencer.

Eu sabia aonde isso iria chegar, então não entrei no jogo. Eu disse simplesmente:

— Ela não é minha irmã.

— Disse que você nem precisaria de fantasia. Disse que poderia ir de shorts e de regata e eles iriam lhe passar a coroa no ato. Ela disse que as pessoas iriam sair correndo e gritando quando vissem você.

— Sim, isso se parece com ela.

Olhei pela sala para checar o horário e vi Juliette sentada a algumas cadeiras de distância, observando James e eu com uma carranca. Olhei nos olhos dela e ela logo olhou para longe, fazendo o melhor para fingir que eu não existia.

Não fiquei surpresa por ela não ter feito Jason parar, mesmo sendo a única garota na classe que poderia ter feito isso. Eu e ela tínhamos duas aulas juntas, e ela tinha presenciado eu sofrer esse tipo de assédio o ano todo sem nunca dizer nada. Pelo menos ela não estava por detrás dos ombros de Jason, rindo e incitando-o do jeito que Anastasia faria se estivesse ali.

Felizmente, a aula agora estava quase acabando, então peguei a mochila. Acho que Jason não gostou do fato de não ter me deixado magoada, porque tirou o livro da minha mão antes que eu pudesse guardá-lo na mochila.

— Estou curioso, Ella. Você é mesmo tão terrível quanto ela diz que é?

— Devolva meu livro.

— Você o quer? Mostre-me as cicatrizes.

Eu tinha me tornado uma especialista em não reagir às coisas que as pessoas diziam, mas aquilo foi tão chocante que tive um sobressalto.

— Como?

Jason riu, animado porque finalmente tinha conseguido me irritar.

— Você sempre usa essas camisetas de manga comprida e *leggings*. A escola toda sabe o que está tentando esconder. Deixe-me ver. Prometo não sair correndo e gritando. — Ele riu. — A menos que seja verdade.

Escolhi ficar com raiva, porque quando ficava com raiva era muito mais fácil controlar as lágrimas, e eu *não iria chorar* na frente desse idiota.

— Vá para o inferno. — Minha voz tremia, mas eu não desabei.

— Foi para lá que você foi para conseguir essas queimaduras? Por que mandaram você de volta? Será que é tão monstruosa que nem o inferno te quis?

Todo o meu corpo começou a tremer. Tive que colocar a mão machucada esticada na mesa para evitar fechá-la em uma bola e me machucar. Jason observou e então disse:

— Vamos lá, Ella. Vamos ver.

Ele se aproximou, rápido como um raio, e segurou meu braço, querendo levantar minha manga. Ele não puxou com muita força. Não teria doído em uma pessoa normal, mas eu nunca tinha recobrado todo o movimento no braço direito. Não conseguia esticá-lo totalmente. Quando Jason o puxou, senti a pele rasgar perto do ombro.

Eu gritava enquanto o fogo tomava conta do meu braço e de todo o meu corpo. Jason me largou como se eu o tivesse incendiado. Coloquei a mão boa sobre o braço, mas a dor não passava. Pela primeira vez desde que comecei a frequentar a escola, chorei na frente de meus colegas de classe.

Juliette veio ao encontro de Jason e de mim ao mesmo tempo que a senhora Teague. Eu via a raiva nos olhos de Juliette, mas estava sentindo muita dor para ficar chocada quando ela puxou Jason para longe de mim e gritou com ele.

— Seu bosta cretino!

— O que está acontecendo aqui? — a senhora Teague perguntou bruscamente.

Juliette tirou Jason e a senhora Teague do caminho e se ajoelhou ao lado da minha carteira.

— Você está bem?

— Não. — Levantei a mão do braço e mostrei a ela as manchas vermelhas brilhantes que se infiltravam na camiseta branca. — Ele rasgou o enxerto de pele.

Juliette praguejou.

Jason parecia que ia desmaiar e o resto da classe estava em pânico. Até a senhora Teague estava embasbacada olhando para mim com os olhos arregalados e em pânico. Apenas Juliette não perdeu a calma.

— Precisamos chamar seu enfermeiro. Onde está seu telefone?

— Mochila — murmurei. — A enfermeira da escola deve ter medicamentos para a dor. Dói demais.

Juliette concordou com a cabeça. — Vamos lá.

Ela me ajudou a levantar da cadeira. Em vez de me dar a bengala, colocou meu braço bom sobre seus ombros.

A senhora Teague pegou nossas mochilas e minha bengala.

— Eu levo isso para a enfermaria — ela disse, e então estalou os dedos para Jason. — Você vem comigo. Agora!



Meu pai estava possesso. O homem era um advogado criminal, afinal de contas. Vivia de fazer ameaças. Ele estava na sala do diretor de portas fechadas e eu estava mais adiante no corredor, na enfermaria, mas ainda podia ouvir os gritos raivosos abafados. Até ali, ele tinha ameaçado colocar Jason na prisão, processar a família dele, a escola e demitir a senhora Teague.

Depois de outro urro, eu me encolhi.

— Se eu tiver de passar por outra cirurgia, ele vai levar essa instituição à falência.

Meu enfermeiro, Cody, me deu um sorriso triste enquanto terminava de fazer o curativo em meu braço.

— Eu não ficaria surpreso se você realmente precisar de uma. Seu braço não deveria rasgar com tanta facilidade. A cicatriz está muito grossa dentro do seu ombro. Quero que marque uma consulta com o cirurgião quando chegar em casa hoje, e você precisa ir devagar na fisioterapia por algum tempo.

Quando Juliette ligou para meu pai e explicou o que tinha acontecido, ele chamou o enfermeiro e a psiquiatra e pediu a eles que viessem à escola. Eu não sabia se era uma atitude paranoica ou se ele só queria fazer mais show para a pobre equipe que estava aterrorizando.

Eu me sentia uma idiota por ser ferida com tanta facilidade, em primeiro lugar. Depois, havia o espetáculo que meu pai estava promovendo. Acrescente médicos especializados vindo à escola só por minha causa, e eu estava ainda mais monstruosa que nunca. Pelo menos Cody foi legal. Era bom ter um rosto amigo em meio àquele caos.

— Você mesmo precisa avisar o Daniel para ir com calma na fisioterapia — eu disse a Cody. — Ele nunca acredita em mim. Adora me torturar.

— Sei disso — Cody brincou. — Já vi algumas das suas sessões. O cara é um maníaco mensageiro da dor.

Cody e eu estávamos rindo quando meu pai entrou na sala com a doutora Parish.

— Ela está *rindo*? — meu pai perguntou surpreso. Um sorriso apareceu no rosto dele. — Você é um enfermeiro milagroso, Cody.

— Nah, apenas dei a ela uma dose cavalgar de bons analgésicos.

— Então esse é o seu segredo? — a doutora Parish perguntou. — Nunca consigo arrancar um sorriso dela.

— É porque você tira a graça de tudo — murmurei. A doutora Parish era uma mulher bacana, mas eu odiava nossas sessões. — Você é sempre muito séria.

— Seu bem-estar mental *é* sério, Ella. Eu adoraria que você levasse nossas sessões *mais* a sério.

— Ela está bem? — meu pai perguntou a Cody. Depois olhou para mim. — Você está bem?

— Estou bem.

— Vou precisar vir todos os dias para dar uma olhada nela até que a ferida esteja fechada, mas ela deve estar melhor dentro de uma semana. Ela precisa que o cirurgião examine isso, por questão de segurança.

— Vou marcar uma consulta hoje à tarde. Ela está bem para conversar agora? O diretor e a polícia gostariam de falar com ela.

— Ela está sob a ação de medicamentos fortes, mas o julgamento não deve estar muito prejudicado.

— Eu gostaria que estivesse — resmunguei enquanto seguia meu pai pelo corredor.

— Aqui dentro. — Papai segurou aberta uma porta para uma pequena sala de reuniões. — Juliette, você também.

Olhei para trás enquanto Juliette se remexia em uma cadeira em frente à mesa da recepção. Eu ainda não conseguia acreditar que ela tinha me ajudado. Encontrei seu olhar enquanto ela passava por mim para entrar na sala, mas ela logo olhou para o outro lado. Obviamente, ajudar-me em uma emergência não nos tornava amigas.

Antes que eu entrasse na sala de reuniões, a porta do diretor se abriu. Dois policiais acompanhavam um Jason abatido e algemado. Um casal de pais enfurecidos vinha atrás deles. Tentei andar mais rápido para entrar na sala de reuniões, mas a mãe de Jason me viu e me parou.

— Senhorita Coleman?

Reprimi um suspiro e me virei.

— Meu sobrenome é Rodriguez, não Coleman.

A mãe de Jason franziu as sobrancelhas, mas não perguntou nada.

— Meu filho queria lhe dizer uma coisa.

Ela ficou olhando com raiva para Jason até que ele murmurou um pedido de desculpas. O “sinto muito” dele foi quase tão sincero quanto o meu “tudo bem”.

Ele não conseguia tirar os olhos do meu braço enfaixado. Cody precisou cortar a manga da camiseta acima do cotovelo para poder examinar a ferida, então as cicatrizes estavam agora todas à mostra. O fato de Jason as estar vendo fez com que eu me sentisse violada.

— Parece que você finalmente conseguiu o que queria. E então, é verdade? Sou mesmo aterrorizante o suficiente para merecer a coroa?

Eu estava com tanta raiva que me esqueci das outras cicatrizes no punho, até que Jason sobressaltou-se. Segui os olhos arregalados dele até as marcas deixadas pela tentativa de suicídio, e os pais dele fizeram o mesmo. Todos nós nos sobressaltamos.

Queria desaparecer. Queria correr, me esconder e chorar até murchar e deixar de existir, mas eu não podia. Não podia demonstrar ainda mais fraqueza agora que ele sabia desse meu segredo. Em vez de me encolher horrorizada, levantei a manga do outro braço e deixei Jason ver toda a extensão da minha vergonha.

— Olhe bem para que você tenha muitos detalhes para contar aos seus amigos amanhã. Mal posso esperar para ouvir todas as gracinhas que vão fazer por causa disso.

Coloquei os punhos um pouco mais perto dele, e ele se afastou de mim.

— Droga, Ella. Eu sinto muito, está bem?

Esse pedido de desculpas me pareceu um pouco mais sincero, mas não fez com que eu me sentisse melhor.

— Quer saber por que nunca conseguiu me fazer chorar? — perguntei. — Porque você estava tentando destruir alguém que já estava destruída. Não pode fazer com que eu me sinta pior sobre mim mesma do que já me sinto. Você é patético, Jason. Você e todos os outros idiotas nesta escola que não têm nada melhor para

fazer com suas vidas do que gozar de uma aleijada.

Percebi que tinha ido longe demais quando a mãe de Jason se sobressaltou outra vez e começou a chorar. Fiquei surpresa que meu pai não tenha tentado me parar, mas, quando olhei para ele, ele estava encarando Jason com tanta raiva que achei que não tinha se importado com o quanto eu tinha sido rude. Nossos olhos se encontraram e ele colocou a mão com gentileza no meu ombro.

— Ellamara, venha, querida.

Meu pai me ajudou a entrar na sala de reunião enquanto os policiais empurravam Jason para a saída. Havia outro grupo de policiais sentado na mesa de conferência com o diretor Johnson e a senhora Teague. A doutora Parish e Cody também estavam lá, com Jennifer e Juliette.

Assim que me sentei, as perguntas começaram. Essas pessoas deveriam todas estar do meu lado — meu “sistema de apoio”, como a doutora Parish gostava de chamá-los —, mas aquilo mais parecia a Inquisição espanhola. Com o tempo, arrancaram cada detalhe de meu encontro com Jason. Deixei o nome de Anastasia fora da conversa, mas quando meu pai ouviu a parte sobre o concurso de fantasias, ele se levantou e começou a cuspir mais ameaças.

— Achei que houvesse uma política de tolerância zero nesta escola com relação ao *bullying*! Achei que os estudantes tivessem de assinar um código de conduta pessoal para estarem aqui! Eu deveria colocar toda essa instituição sob investigação!

Meu pai se virou e se debruçou sobre a minha cadeira, invadindo meu espaço pessoal como se eu fosse um dos criminosos dele.

— Quero os nomes de todos que vêm molestando você.

Eu ri acidentalmente, e os olhos de meu pai cintilaram.

— Isso não é uma piada! — Ele colocou um papel e uma caneta na minha frente. — Quero os nomes, Ella! Todos eles!

— Não posso fazer uma lista de todos que foram malvados comigo desde que cheguei aqui. Isso seria metade da escola. Nem ao menos conheço a maioria deles.

— *Metade da escola?* — O rosto dele adquiriu um tom apavorante de vermelho. — Então me dê apenas os nomes dos líderes. Quero ver todos expulsos.

Eu suspirei.

— Se fizer isso, você só vai tornar as coisas piores para mim.

— Ela está certa — disse Juliette, falando pela primeira vez. — Se você criar problemas para as pessoas por provocar Ella, elas vão odiá-la por ser dedo-duro.

— Esses meninos precisam ser responsabilizados, ou nunca irão parar! — papai rugiu.

— Tudo bem, você quer um nome? — Juliette soltou. — Anastasia Coleman.

A sala inteira ficou paralisada. Vagarosamente, papai ficou ereto e virou-se para olhar para Juliette.

— O quê?

Ela deu de ombros de forma desafiadora.

— Você perguntou quem eram os líderes. Anastasia ganha de qualquer um nesta escola, com facilidade.

A voz de meu pai era assustadoramente calma quando ele perguntou:

— É verdade, Ella?

Eu olhei para meu colo e não disse nada.

— Você quer saber por que Jason fez o que fez hoje? — Juliette perguntou.

— Juliette, não. Ela vai tornar minha vida um inferno em casa também.

Juliette se recostou na cadeira e fechou a boca, mas era tarde demais. Papai alternava o olhar entre nós duas, deixando bem claro que iríamos dizer tudo que ele queria saber e que iríamos contar agora.

— O que sua irmã tem a ver com o que aconteceu hoje?

Juliette falou primeiro.

— Você viu como ela dispensou Jason na semana passada? Bem, ele perguntou a ela se eles podiam voltar a ficar juntos e ir ao baile de Halloween como um casal, e ela disse que só faria isso se ele fizesse com que Ella mostrasse as cicatrizes para todo mundo.

Perdi a respiração. Eu não sabia disso.

Papai parecia estar contando até dez em sua cabeça para não explodir. Depois de um tempo, ele perguntou:

— Desde quando esse tipo de coisa vem acontecendo?

Outra vez a pergunta foi dirigida a mim, mas foi Juliette quem respondeu: — Desde que ela chegou, mas está ficando pior nas últimas semanas.

Todos na sala ficaram em silêncio. Parecia que estávamos todos esperando o machado descer, eu só não tinha ideia de quem teria a cabeça arrancada. Um dos policiais finalmente quebrou o silêncio:

— Bem — ele limpou a garganta e ficou em pé —, acredito que temos todas as informações de que precisamos no momento.

O parceiro dele seguiu a dica e acrescentou:

— Nós nos falamos, senhor Coleman.

— Eu não quero prestar queixa contra Jason — soltei antes que os policiais saíssem da sala.

Eles se viraram e esperaram que eu dissesse mais.

— O que você quer dizer com não quero prestar queixa? — papai perguntou. — O garoto *atacou* você. — Ele olhou para os policiais e disse: — Nós não vamos retirar a queixa.

— Senhor, sua filha tem mais de dezoito anos. Se ela escolher não...

— Eu tenho a custódia de Ellamara — meu pai interrompeu. — Tenho todo o direito de tomar essa decisão e quero, *sim*, prestar queixa.

Os policiais lançaram olhares assustados em minha direção, e a sala mergulhou em um silêncio ainda mais estranho. O policial mais legal tentou me dar um sorriso de empatia enquanto dizia:

— Se ele tem a custódia legal, então tenho que seguir a decisão dele, sinto muito.

Eles começaram a sair e eu entrei em pânico. Perdi a calma e gritei para meu pai:

— Droga, papai! Pare de se preocupar com o seu orgulho próprio por dois segundos e, por favor, acredite em mim por uma vez! *Por favor!*

A raiva de meu pai desapareceu e ele olhou para mim surpreso.

— Jason agarrou meu braço, foi só isso — continuei desesperada. — Sei que foi uma babaquice dele e sei que você está enfurecido por isso, mas ele não sabia o que poderia acontecer comigo. Não tinha a *intenção* de me machucar. Tenho certeza de que ele tomou uma suspensão ou coisa assim. Isso já é punição suficiente. Se você mandá-lo para a prisão ou processar a família dele, vai apenas tornar as coisas piores para mim. *Por favor*, não me crie mais problemas.

Meu pai se recuperou do choque e franziu a cara. Ele lançou um olhar fulminante para Juliette e ela concordou vigorosamente com a cabeça.

— Ela está certa. Isso iria piorar as coisas.

Fiquei um pouco incomodada que papai precisasse da confirmação de Juliette e não tivesse simplesmente aceitado minha palavra, mas fiquei feliz por Juliette ter ficado do meu lado.

Meu pai travou a mandíbula e deu uma respirada funda pelo nariz.

— Muito bem — grunhiu —, vamos retirar a queixa. Mas é melhor você me contar se ele causar mais algum problema, Ellamara. — Depois olhou para Juliette e disse: — E isso serve para você também.

Nós duas dissemos que sim com a cabeça.

— Vamos precisar assinar alguns papéis — disse um dos policiais.

— Passaremos na delegacia quando terminarmos aqui.

Meu pai apertou a mão dos policiais. Depois que eles saíram, o diretor Johnson olhou para mim.

— E agora a questão que nos resta é: o que faremos *com você*, Ellamara?

— O que você quer dizer com isso?

— Não tenho certeza de que esta escola seja o melhor lugar para você — o diretor Johnson disse devagar.

Minhas defesas se armaram. Eu odiava aquela escola com todas as forças, mas fiquei enfurecida por eles quererem me colocar para fora.

— Você quer me colocar para fora? Mas eu não fiz nada. Não fico atormentando as pessoas. Nem sequer revido.

— Sabemos disso, Ella — a doutora Parish disse com rapidez. — Não está em apuros. Acho que o diretor Johnson só está preocupado com você. Obviamente, alguma coisa não está funcionando bem aqui, e precisamos descobrir o que é melhor para você.

O diretor Johnson balançou a cabeça concordando.

— Seus pais e eu acreditamos que uma escola para deficientes físicos pode ser mais adequada para você.

— Uma escola *especial*? — Juliette gritou, tão horrorizada pela ideia quanto eu.

Jennifer tinha sugerido isso a meu pai uma vez. Aparentemente, eles tinham discutido o assunto mais seriamente do que eu imaginava. Odiei a ideia na época, e a odiava agora.

— De que forma trancar-me em uma escola desse tipo poderia me ajudar?

— Não acredito que ajudaria — disse a doutora Parish. — Não concordo com seus pais e com o diretor nesse assunto.

— Só queremos que esteja mais confortável — Jennifer insistiu. — Você não sofreria provocações em uma escola como esta. Não seria a única com deficiências. Teria algum tempo para se adaptar ao seu corpo e talvez até fazer alguns amigos.

A doutora Parish chacoalhou a cabeça.

— Isso não vai ajudá-la. — Ela olhou para mim e disse: — Você se ajeita muito bem fisicamente e, do ponto de vista mental, não há nada errado. Enviá-la a uma escola especializada iria apenas reforçar sua ansiedade social e baixa autoestima. Pode ter um ano de alívio temporário, mas isso não faria nada para ajudá-la a longo prazo. Se muito, você vai ter mais dificuldade para se ajustar depois de se formar.

— Mas ela não pode continuar do jeito que está — meu pai argumentou. — Você disse que ir para a escola a ajudaria a melhorar, mas ela não está nada melhor.

— Concordo com o senhor Coleman — disse o diretor Johnson. — Ella não está se adaptando aqui. Ela não faz esforço para assimilar. Não fala com os companheiros. Não participa dos clubes escolares ou das atividades extracurriculares. Nos dois meses em que tem estado aqui, só se tornou mais reservada.

A doutora Parish suspirou.

— Vocês, por favor, poderiam se dirigir diretamente a Ella e parar de atacá-la verbalmente? Entendo que estejam frustrados, mas o que aconteceu hoje não foi, de forma alguma, culpa dela. Lembrem-se de que ela é a vítima aqui. Precisa do apoio de vocês, não da raiva.

Meus olhos se arregalaram. Vão, doutora! Eu nunca tinha visto ninguém falar com meu pai daquela maneira. Ri da cara de embaraço dos dois homens enquanto sentiam a indignação da doutora Parish pela primeira vez. A mulher era formidável. Talvez meu pai fosse entender um pouco mais agora por que eu odiava tanto as sessões.

Ela era dura, mas eficaz. Tanto meu pai quanto o diretor Johnson pediram desculpas a mim e o diretor Johnson me olhou como quem implorava. — Sei que tem sido molestada por alguns, mas não pode receber o mesmo tratamento de cada estudante daqui. Você já tentou falar com alguém? Já tentou se aproximar de qualquer um que fosse?

Eu não tinha, e todos sabiam disso. Travei os dentes e detestei que ele tivesse razão.

— Muito bem. Não venho fazendo muito esforço, mas isso não é motivo para me colocar para fora da

escola.

— Ella, você me prometeu que iria tentar construir um sistema de apoio e não está fazendo isso — disse a doutora Parish. — Não está se recuperando socialmente.

— Você também não estaria se tivesse de lidar com todo o lixo com que lido aqui.

Como sempre, a doutora Parish não se perturbou com meu comentário ácido.

— Se está tão infeliz aqui, então talvez devêssemos transferir você para outro lugar. Acho que estava certa sobre a escola pública ser um ambiente mais adequado.

Que pena que a doutora Parish não estava ali na matrícula.

— É tarde demais para isso agora. Não quero ser transferida outra vez. Odeio isso aqui, mas pelo menos agora eu a conheço. E se eu trocar de escola e o currículo for diferente? Já estou um ano atrasada.

— Então, como podemos ajudar você? Sua depressão está pior. Você disse isso nas sessões várias vezes.

Todos na sala franziram as sobrancelhas. Eles pareciam desapontados comigo, como se eu os estivesse decepcionando de propósito. Isso me deixou com raiva.

— É claro que estou deprimida! — gritei. — Também estariam se tivessem de viver minha vida de merda! Já é bastante difícil sair da cama todo dia de manhã!

Era a coisa errada a dizer. Os adultos na sala trocaram tantos olhares conhecidos que era como se tivessem uma conversa inteira na cabeça.

— Richard — Jennifer implorou com tranquilidade —, está na hora.

— Hora de quê? — o diretor Johnson perguntou.

Fiquei feliz por ele ter feito isso, porque eu queria saber sobre o que ela estava falando, mas estava muito assustada para perguntar.

Meu pai olhou para mim com uma expressão abatida.

— Ella, querida, estamos preocupados com você já há algum tempo. Não está melhorando, não está se ajustando e eu não sei o que mais posso fazer por você. Acho que talvez seja melhor mandarmos você para um lugar onde possa ter a ajuda de que precisa.

Eu o encarei, aturdida. Não achava que fosse possível que esse homem pudesse me ferir mais do que já havia feito, mas as palavras dele perfuraram meu coração com uma dor tão aguda que demorei algum tempo para senti-la.

— Quer me mandar embora?

— Só quero ajudar você.

Olhei para meu pai e para Jennifer. Foi ela quem sugeriu aquilo. A voz dela parecia desesperada. Eu chacoalhava a cabeça.

— Querem se livrar de mim. Vocês dois querem. Nunca me quiseram.

Meu pai engoliu em seco.

— Você está doente, docinho. Precisa de ajuda antes que faça algo para se machucar outra vez.

Eu suspirei. Sempre voltando a isso. Ninguém nunca me deixaria colocar isso para trás.

— Eu não vou me machucar. E não quero ir para um hospital. Eu não vou. Vocês não podem me obrigar.

O rosto de meu pai se encheu de pena.

— Eu posso obrigar você, Ella, e o farei se for o melhor.

— Mas eu não sou uma suicida! Juro! — Olhei de modo acusador para a doutora Parish. — Você sabe que não sou! Diga a ele que não vou me matar!

— Eu sei que não é — disse a doutora Parish, e depois repetiu para meu pai. — Não acredito que Ella esteja em perigo de se machucar. — Soltei um suspiro de alívio, agradecida por ela ter me apoiado, mas então ela me cravou um olhar muito sério. — Sei que não é suicida, mas concordo que algum tempo em um hospital pode ser bom para você.

— *O quê?*

— Ella, não é uma coisa ruim. Você ficaria surpresa com o que um curto tempo em um ambiente controlado poderia fazer por você. Você não gostaria da ajuda? Não *quer* se sentir melhor?

Para meu horror, comecei a chorar.

— Não quero ir para um hospital psiquiátrico e dar mais um motivo para que as pessoas zombem de mim. Não quero ser retirada do mundo outra vez. Não quero ficar ainda mais atrasada na escola. Por favor, não me obriguem.

A sala ficou quieta, exceto pelo som das minhas fungadas. O diretor Johnson me passou uma caixa de lenços. Eu não esperava que ninguém me desse uma chance. Minhas esperanças já tinham sido sufocadas. Mas meu pai falou:

— Tudo bem, docinho, se não acha que é uma boa ideia, então acredito em você.

Eu tirei o Kleenex dos olhos e pestanejei para meu pai.

— Vo-vo-você acredita? — Ele era a última pessoa que eu teria esperado que viesse em minha defesa.

Meu pai olhou para mim com um pedido de desculpas silencioso nos olhos.

— Sim, acredito. — Ele voltou a atenção para a doutora Parish e o diretor Johnson. — Boa parte disso é minha culpa. Eu preciso confiar mais no julgamento dela. Se a tivesse ouvido logo de início sobre ir para a escola pública, nós provavelmente não estaríamos passando por esse problema. — Papai dirigiu-se aos outros. — Existe alguma coisa que possamos fazer para mantê-la na escola e fora do hospital?

Respirei fundo, mas meu pulmão se recusava a soltar o ar enquanto eu esperava que minha sorte fosse decidida.

— Eu me sentiria melhor se Ella concordasse em se encontrar comigo dia sim, dia não, por enquanto, em vez de uma vez por semana — disse a doutora Parish. Ela me olhou firme e acrescentou: — E nós não queremos que sua depressão piore, por isso, por enquanto, não deve ficar sozinha. Seu quarto deve ser proibido, a não ser para dormir, e mesmo assim deve manter a porta aberta, sempre. Também tem que fazer uma tentativa de se integrar mais com sua família e com os colegas aqui na escola. Nada de guardar as coisas para si mesma. Encontre alguém para tomar lanche. Faça amigos.

— Você poderia aderir a um clube — o diretor Johnson acrescentou esperançoso. — Os outros estudantes precisam ver você se esforçando para ser social. Pode se surpreender com quantos deles estão simplesmente intimidados pela situação. Tenho certeza de que há alguns que seriam amigáveis se você quebrar o gelo primeiro.

— Talvez se Ana deixasse... — Juliette murmurou entre os dentes.

Eu duvidava, mas se entrar para um clube fosse me manter fora de uma clínica de depressão, então eu iria pensar em algo. Talvez eles tivessem um clube do livro ou algo assim, ou eu poderia escrever para o jornal da escola. Isso não seria tão ruim. O lance de não ficar no quarto iria ser uma droga, contudo. Depois de algumas semanas assim eu poderia estar implorando para que me internassem.

— Temos um acordo, Ella? — doutora Parish perguntou.

— E se eu não conseguir? O que acontece se nada mudar?

Saltei quando uma mão tocou na minha. Olhei e vi meu pai sorrindo para mim.

— Vai dar tudo certo — ele prometeu. — Nós vamos atravessar isso juntos, certo?

Ele pareceu tão carinhoso e cheio de confiança que eu não soube como responder. Fiquei olhando para ele como uma idiota.

— Sei que não acredita em mim, Ellamara — ele disse com voz suave —, mas eu *amo* você. Quero que seja feliz. Quero que se sinta confortável em minha casa e com minha família. Sinto muito que minha filha esteja tornando as coisas difíceis para você. Nós vamos nos certificar de que isso não aconteça mais e talvez, por enquanto, você pudesse começar a passar algum tempo só comigo, antes de se preocupar com Jennifer e com as meninas. Você é minha filha, docinho. Eu gostaria de ter uma chance de conhecê-la um pouco.

Ele sorriu para mim outra vez e foi a primeira vez, desde que nos juntamos, que olhou para mim como um

pai. Eu podia ver preocupação, mas também orgulho. Ele estava olhando para mim como se me conhecesse, como se eu não fosse uma estranha ou alguém que ele temesse, mas alguém com quem realmente se importava.

Retirei a mão da dele e peguei outro lençinho.

Sempre quis que meu pai olhasse para mim daquele jeito, mas agora que ele fazia isso eu estava assustada. É claro que parte de mim queria construir um relacionamento com meu pai, mas a metade partida do coração não tinha certeza de que eu estava pronta para confiar nele. Eu não tinha certeza se podia perdoá-lo por ter me abandonado.

— Não estive presente quando deveria ter estado — meu pai disse —, mas quero estar presente agora. Se me deixar.

— Tudo bem — resmunguei. Senti as bochechas esquentarem, então rapidamente olhei para o diretor Johnson e para a doutora Parish. — Eu vou tentar, ok?



Não precisei voltar para a aula naquele dia, mas Juliette e Anastasia ainda chegaram em casa antes de mim. Fui à delegacia de polícia retirar a queixa contra Jason e depois meu pai me levou ao centro de queimados para encontrar com o cirurgião. Quando chegamos em casa, já passava das quatro.

Eu tivera um dia horrível e estava exausta. Fui direto para o quarto quando passei pela porta, mas, aparentemente, meu pai pretendia seguir as ordens da doutora Parish e manter os olhos em mim o tempo todo.

— Querida, lembre-se do que a doutora Parish disse hoje. — A voz dele estava manchada de constrangimento.

— Eu só ia me trocar e pegar o computador.

Deixando a mentira escapar, ele olhou para a sala íntima, de onde os sons de tv vinham subindo pelas escadas.

— Você quer que eu peça a Jennifer e às meninas para virem ficar aqui em cima?

Eu balancei a cabeça.

— Eu posso descer as escadas.

Troquei com calma o uniforme por um par de calças de ioga e uma camiseta larga de manga comprida, mas meu pai ainda estava esperando por mim quando saí do quarto. Se ele fosse ficar rondando daquele jeito o tempo todo, eu não iria sobreviver uma semana antes de me descobrir em um centro para adolescentes suicidas. Pelo menos ele se fez útil e carregou o laptop e a mochila nas escadas para mim.

As gêmeas estavam recostadas na espreguiçadeira fazendo a lição de casa enquanto assistiam *Access Hollywood* e Jennifer estava no canto da sala se matando em um aparelho elíptico. Com o rosto vermelho e pingando de suor, com um top e de shorts, ela parecia uma propaganda de revista para um equipamento de ginástica. O rosto dela se iluminou quando papai entrou na sala.

— E então? — ela perguntou esperançosa. — Boas notícias?

A voz dela despertou a atenção das gêmeas. Juliette olhou de relance e voltou para o livro de matemática, mas o olhar que recebi de Anastasia me dizia que ela já tinha levado um sermão. A julgar pela severidade do olhar, alguma punição pesada tinha sido passada.

— A boa notícia é que o rompimento do tecido não foi tão ruim — papai disse. — A má notícia é que ela ainda terá de passar por uma cirurgia no lado de dentro do cotovelo. Eles disseram que podíamos esperar até depois das festas.

Jennifer olhou para mim com simpatia, que ignorei enquanto ia me sentar em uma pequena mesa no canto mais afastado da sala.

— Tem espaço no sofá, Ella — meu pai disse, colocando o laptop lá para mim.

— Estou bem aqui.

Quando Jennifer limpou a garganta, olhei para cima, mas o olhar dela estava dirigido a Anastasia. Ana revirou os olhos e soltou um suspiro dramático enquanto olhava por cima do ombro para mim.

— Sinto muito.

Ah, claro que sentia.

Não fui a única a não ficar convencida.

— Ana — Jennifer admoestou.

Outro rolar de olhos. Outro suspiro.

— Eu sinto muito, Ella.

Tá, ainda nada convincente, mas Jennifer não insistiu. Em vez disso, ela mudou de assunto.

— Ella, você gostaria de ir ao baile de Halloween esta noite? Pode ficar com o ingresso de Ana, já que ela não vai poder ir.

Não que eu não tenha apreciado o fato de Ana ter sido punida, mas ir ao baile me parecia tão divertido quanto passar outros seis meses na reabilitação.

— Não, está tudo bem. Eu não estava planejando ir, de qualquer forma. Nunca fui muito fã de dançar. — Não era exatamente verdade, eu costumava adorar ir a bailes, mas, considerando que não podia mais dançar, a atração agora tinha morrido para mim.

— Isso não é problema — Jennifer insistiu. — Ainda temos algumas horas para encontrar uma fantasia e tenho certeza de que Juliette não iria se importar em levar você.

Bem, se ela não tinha entendido a dica...

— Olhe, aprecio o gesto, Jennifer, mas o que eu poderia fazer lá? Eu não poderia dançar com ninguém. Não conseguiria ficar em pé por muito tempo. Não tenho namorado ou amigos para me fazer companhia e não iria querer estragar a noite de Juliette fazendo-a ficar sentada comigo. Temo que as baladas não façam mais parte do meu futuro. Mas está tudo bem. Fui a vários bailes de formatura e de ex-alunos antes do acidente. Fui até princesa, então não estou perdendo nada.

— Você foi princesa dos ex-alunos? — meu pai perguntou. Eu teria ficado ofendida com sua surpresa se não houvesse um sinal de orgulho em sua voz.

Ana, Juliette e Jennifer pareciam aturdidas da mesma maneira. Babacas.

— É chocante, eu sei, mas costumava ser normal, na verdade. Tinha amigos, saía em encontros, tinha uma vida... Na verdade, algumas pessoas até gostavam de mim.

Matei oficialmente a conversa e todos caímos em um silêncio incômodo. O único som que se ouvia na sala era Billy Bush falando monotonamente sobre Brian Oliver e Kaylee Summers ficarem noivos na festa de aniversário dela no último fim de semana. É claro que ficaram.

Eu tinha um dia todo de trabalho escolar perdido, além da lição de casa, mas notei que Cinder estava logado no Messenger e não resisti a enviar uma curta mensagem.

EllaTheRealHero

E a ficção se torna realidade...

Cinder458

Devo me atrever a perguntar?

EllaTheRealHero

Brian Oliver e Kaylee Summers ficaram noivos. Mais uma vez o príncipe se apaixona pela princesa guerreira, só que dessa vez é pior. Pelo menos a princesa Ratana conseguia lutar. E Kaylee Summers é boa em quê?

Cinder458

Sexo?

Eu ri, mas logo endureci o sorriso quando chamei a atenção de todos na sala.

— Algo engraçado? — meu pai perguntou curioso.

Olhei para o Messenger e revirei os olhos.

— Mais para trágico e típico.

EllaTheRealHero

Provavelmente é só por isso que Brian a namora. Retiro o que disse sobre ele ter profundidade. É tão débil mental quanto qualquer outro cara no planeta.

Cinder458

Não estou incluído, certo?

EllaTheRealHero

Está brincando? Você é o pior de todos.

Cinder458

Puxa. Alguém está de mau humor hoje.

Suspirei. Ele estava certo. Eu não deveria descontar minha raiva nele. Não era culpa dele que se rendesse ao corpo perfeito de modelo de biquíni de Kaylee Summers tanto quanto Brian Oliver. Quero dizer, se eu tivesse a chance de dar uns amassos em alguém tão atraente quanto Brian Oliver, duvido que fosse deixar passar.

EllaTheRealHero

Desculpe. Você está certo. Tive o pior dia da minha vida e agora estou rabugenta. Fui proibida de ficar no meu quarto e estou sendo forçada a viver entre as pessoas adotivas.

Cinder458

Você não quis dizer que foi proibida de sair do quarto?

EllaTheRealHero

Não. De ficar. No momento, não tenho permissão de ficar sozinha, o que quer dizer que não posso me esconder das irmãs-bruxas em meu quarto. As "autoridades" conspiraram contra mim e estão me forçando a me "integrar" à minha família, OU ENTÃO...

Cinder458

O que isso significa exatamente?

Fiquei lá, olhando para o cursor do computador. Pela primeira vez na vida, senti vontade de contar a Cinder o que estava acontecendo comigo. Eu não sabia por quê. Nunca fui do tipo que precisava chorar por atenção, mas meus dedos estavam planando sobre as teclas, coçando para descarregar os problemas. O problema é que eu estava muito chateada e sabia que Cinder iria me ouvir.

De repente, comecei a escrever.

EllaTheRealHero

Se eu não conseguir me dar bem com a família de meu pai e não fizer amigos na escola, eles vão me enfiar em uma instituição psiquiátrica.

Era o equivalente no teclado a dizer alguma coisa sem pensar.

Cinder458

O quê? Isso é ridículo! E por que fariam isso?

EllaTheRealHero

É uma longa história.

Cinder458

Estou esperando.

Sufoquei um gemido, já arrependida do momento de fraqueza. Cinder, de forma sutil, estava sempre tentando me fazer falar. É claro que iria pular sobre essa pequena pepita de informação que eu acabara de dar a ele. Foi o suficiente para que tivesse uma desculpa para me levar para onde ele queria.

EllaTheRealHero

Tinha um cara me molestando na escola hoje e as coisas saíram um pouco do controle.

Cinder458

O que aconteceu? EU VOU MATÁ-LO!!!

EllaTheRealHero

Nada. Foi um acidente. Mas meu pai e o diretor descobriram que eu estava sendo assediada e chamaram minha psicóloga. Agora eles estão preocupados que eu vá tentar me matar outra vez, mas, na real, não foi nada que eu já não estivesse enfrentando desde que as aulas começaram. A única diferença é que agora eles sabem das coisas.

Cinder458

O que você quer dizer com tentar se matar *outra vez*???

Soltei um palavrão e bati com a mão no rosto. Como deixei escapar?

Eu não podia acreditar que tinha admitido tudo isso para ele. Acabara de dizer para o cara mais confiante do mundo — que era lindo e popular e tinha uma vida perfeita — que eu era uma suicida perdedora que era molestada na escola. Ele nunca mais iria falar comigo.

Fiz uma tentativa idiota de controlar o prejuízo, mas provavelmente era tarde demais.

EllaTheRealHero

Depois do acidente, as coisas ficaram muito ruins por um tempo. Mas aprendi a lição. Está tudo bem, verdade. Estou muito melhor agora. Estão todos paranoicos e estão fazendo um dramalhão.

Cinder458

Estão mesmo? Você não está mesmo tendo esse tipo de pensamentos, está?

EllaTheRealHero

Não!!!

Cinder458

Estou falando sério. Sei que nunca quer falar sobre as coisas de família, mas prometa que não vai pensar nisso. Jure!

EllaTheRealHero

Eu prometo, Cinder. Juro para você que não está mais tão ruim. Minha vida não é nenhum piquenique, mas como eu poderia pensar em terminar com ela quando tenho você para conversar todos os dias?

Cinder458

Isso não é uma piada, Ella.

EllaTheRealHero

Não estou fazendo piada. Você é a melhor parte do meu dia, todos os dias. Fico muito feliz por ter você para conversar.

Cinder458

Então, que tal se *conversássemos* de verdade uma vez? Você pode me ligar? (310)555-4992.

Resfoleguei. *Me ligar*: Essas duas palavrinhas praticamente fizeram meu coração parar. Eu li os dez dígitos várias e várias vezes. A visão me aterrorizava e me deixava eufórica ao mesmo tempo. Antes do acidente, eu sempre fantasiava em falar com ele no telefone noite adentro, mas nunca tive coragem de pedir o número e ele nunca pediu o meu. Agora, aqui estava eu, olhando para o teclado para finalmente ouvir a voz dele.

Será que eu conseguiria? Será que poderia falar com Cinder no telefone?

Cinder458

Ella?

EllaTheRealHero

Eu não sei...

Cinder458

Nós nos conhecemos há quase três anos. Acho que é seguro passar para o estágio das ligações telefônicas em nosso relacionamento.

Uma simples ligação telefônica não parecia muito, mas na verdade era um desafio enorme. Havia um nível de intimidade que vinha de falar com alguém no telefone, de ouvir a voz da pessoa. Isso faria de Cinder muito mais do que apenas um amigo sem rosto da internet.

EllaTheRealHero

É que parece diferente, de alguma forma. Mais íntimo, ou sei lá.

Eu sabia que ele não podia me ver, mas corei enquanto digitava essa última sentença.

Cinder458

É, sim. E é por isso que você tem de me ligar. Eu preciso saber que você está mesmo bem, ou vou enlouquecer. Preciso ouvir a sua voz. Ligue para mim nesse instante, mulher. Por favor???

Parecia desesperado. Ele *precisava* ouvir minha voz? Será que ele realmente queria dizer isso?

— Ella? — Jennifer me surpreendeu tanto que soltei um gritinho e pulei na cadeira. — Você está bem? Parece que viu um fantasma.

Eu estava tão entretida na conversa que esqueci que estava na mesma sala que todos. Agora todos estavam olhando para mim. As gêmeas claramente pensavam que eu era uma esquisita, e papai e Jennifer me observavam como se estivessem com medo de que eu fosse sair correndo para a cozinha e pegar as facas a qualquer momento.

— Não é nada — murmurei, corando com a observação.

**Ella, meu telefone não está tocando.
Por que meu telefone não toca?**

Olhei mais uma vez para meu pai, que estava me observando atentamente. Ele tinha a mesma sinceridade que tinha na escola naquela manhã, como se estivesse realmente preocupado comigo. Eu tinha prometido a ele que iria tentar com mais vontade. Tinha prometido que me esforçaria para ser social. Eu tinha quase certeza de que ligar para Cinder iria contar.

Decidida a ser forte, esperei até que minha família parasse de prestar atenção em mim e então peguei o celular e disquei o número dele com as mãos trêmulas. Ele atendeu no primeiro toque.

— Alô?

A voz dele era mais grave do que eu esperava. Só aquela palavra já me deu arrepios. Mas ele parecia... confuso. Por que parecia confuso? Ele estava literalmente esperando minha ligação.

— Cinder? — Eu queria me chutar por minha voz parecer tão pequena.

— Ellamara! É você! Minha linda e sábia sacerdotisa mística do Reino, finalmente nos falamos.

— Puxa vida, sua voz é sensual!

Dei um tapa na boca. Eu não queria que aquilo saísse dela. Mas ele parecia ter o poder de derreter manteiga — ou corações de mulheres — só com a voz. A voz dele era grave, redonda, hipnótica. O cara não falava, ele *ronronava*.

— Assim me disseram — ele provocou, rindo. Um som grave, rico, dez vezes mais perigoso que a fala.

Para minha humilhação absoluta, eu, mais uma vez, ganhei a atenção de todos na sala. Estavam todos de boca aberta olhando para mim, e quem poderia culpá-los depois do que eu tinha acabado de soltar? Cada uma das expressões assustadas era um pouco diferente. Meu pai olhava horrorizado, enquanto Jennifer tinha algo parecido com um brilho animado nos olhos. Juliette estava sorrindo e Anastasia olhava para mim do jeito como sempre fazia — mal disfarçando o ódio e o desprezo.

Corei e fechei o laptop enquanto dizia:

— Humm, ei, Cinder, você pode esperar um segundo? — E olhei suplicante para meu pai. — Posso atender no meu quarto?

Antes que meu pai pudesse responder, Juliette franziu as sobrancelhas para mim.

— Que tipo de nome é *Cinder*?

— Ah, meu Deus, é aquele cara que sempre comenta no blog dela! — Anastasia gritou de repente. — Ella tem um namorado da internet! Que grotesco!

Ela falou tão alto que tenho certeza de que Cinder ouviu.

— Ana! — papai rosou.

— O quê? Namoro on-line é tosco demais! — Ela virou para mim e acrescentou: — Espero que saiba que pessoas esquisitas da internet não contam como namorados de verdade, mesmo que você converse com eles no telefone.

— Anastasia, *já chega*! — meu pai rosou. — Você acaba de ganhar mais uma semana de castigo! Vá para o seu quarto! Agora!

— Com prazer! — ela gritou de volta. — Eu só estava aqui porque vocês me forçaram a ficar tomando conta da monstrenga suicida, de qualquer maneira!

Eu queria morrer enquanto via Anastasia subir as escadas pisando duro.

Cinder, sem dúvida, ouviu aquilo tudo. Ele não podia ver, mas meu rosto estava tão vermelho que doía. Como eu poderia falar com ele agora? Eu estava tão nervosa que estava prestes a vomitar.

— Ella? — Cinder chamou quando as coisas se acalmaram. — Você está aí? — Ele parecia hesitante.

— Bem-vindo à minha vida — eu disse com um suspiro de derrota. — Desculpe-me por isso.

— Está tudo bem.

Definitivamente, não estava tudo bem. Eu estava humilhada demais. Era um milagre que não estivesse chorando. E acho que não estava chorando pelo simples motivo de estar ainda em choque.

— Olhe, obrigada por ter me dado o seu número, mas talvez este não seja um bom momento.

Meu pai ficou em pé, balançando as mãos para mim.

— Não, você não precisa desligar. Nós vamos lhe dar um pouco de privacidade. — Ele olhou para Jennifer e para Juliette. — Não vamos, senhoras?

O desespero gritante dele para que eu falasse com alguém — até mesmo com um estranho da internet — era tão embaraçoso quanto a explosão de Anastasia. E Jennifer fez quase pior.

— Claro! Vá em frente e converse com seu namorado, Ella — ela falou com a voz estridente. — Nós podemos olhar você da cozinha. De qualquer forma, tenho que começar o jantar.

Enquanto eu estava ocupada morrendo com o uso que ela fez da palavra *namorado*, ela saiu do elíptico. Correu ao encontro de meu pai, parecendo mais do que feliz por terminar a malhação mais cedo. Enquanto subiam os degraus, os dois se viraram para Juliette, que tinha se espalhado no sofá em vez de se levantar.

— Eu estava aqui primeiro — disse Juliette em resposta aos olhares. — Não vou chegar nem perto das escadas com Ana no humor que está, e não estou nem aí para a vida amorosa de Ella. Além disso, ela não deve ficar sozinha. E se ela tentar se jogar da varanda ou algo parecido?

Será que existia uma criatura no mundo que não sentisse a necessidade de me humilhar? Eu olhei para Juliette e ela apenas chacoalhou um par de fones de ouvido para mim e os enfiou nos ouvidos.

— Vou aumentar o volume.

Meu pai e Jennifer me lançaram olhares tão esperançosos que não pude mais discutir. Revirei os olhos e fui para a poltrona onde meu pai estava sentado.

Depois que Jennifer e papai se foram, olhei para o sofá. Juliette já estava fazendo o que ela fazia melhor — me ignorar. Ela estava mexendo a cabeça no ritmo da música enquanto lia um livro didático. Duvidei que ela pudesse me ouvir, mas falei baixo, por via das dúvidas.

— Cinder? Você ainda está aí?

— Não pensei que passar nosso relacionamento para o telefone me daria o título de namorado. Será que isso significa que, se um dia nos encontrarmos pessoalmente, teremos de nos casar?

Surpresa, eu caí na gargalhada. Juliette olhou para mim com uma sobrancelha levantada, mas voltou ao livro sem dizer nada.

— Desculpe, não trabalho com poligamia e tenho quase certeza de que você já é casado com seu carro.

— Engraçadinha.

O tom achatado da voz dele me fez rir novamente, e depois eu suspirei.

— Cara, como é bom rir. Eu realmente tive o pior dia da minha vida. Obrigada por me fazer ligar para você. Nem acredito que finalmente estamos conversando. Sempre imaginei como seria a sua voz.

— Eu também. Uma vez até procurei vídeos no google de pessoas com sotaque de Boston.

Eu ri outra vez.

— Ah, para. Você não fez isso.

— Fiz, sim, e você não desaponta. Diga *carro* para mim outra vez.

— Você é um babaca — respondi, mas depois concordei e disse “carro”.

Saiu mais ou menos como “caro”, e Cinder riu.

— Adorei — ele disse.

— Por falar em Boston... você não está ligando de Boston.

Eu consegui não arfar, mas meu estômago revirou. Tinha me esquecido completamente do identificador de chamadas. Como iria explicar que tínhamos o mesmo código de área?

— Hum, sim... não. Eu sei. É porque meu pai mora em Los Angeles. Estou aqui desde que saí do hospital.

Esperei que ele surtasse e exigisse que nós nos encontrássemos, mas ele ficou em silêncio por algum tempo e depois perguntou calmamente:

— Por que você nunca me disse nada?

Fiquei surpresa com a maneira como ele foi cauteloso. Talvez eu tivesse ferido seus sentimentos por não ter contado que tinha me mudado. Quem sabe conseguisse explicar sem ter de contar a ele o que o acidente tinha feito comigo.

— Não sei. Demorou um tempo até que eu tivesse coragem de escrever aquele e-mail para você. Depois, tudo voltou ao normal entre nós tão rápido que nunca pensei sobre isso. Você sempre foi apenas um amigo da internet, sabe? Acho que devo ter ficado com medo de estragar isso.

Ele deu uma respirada que parecia de alívio. Talvez estivesse apenas com tanto medo de me encontrar pessoalmente quanto eu estava. A ideia era tão desconcertante quanto era tranquilizadora.

— Sim, entendo o que você quer dizer. O fato de nunca termos nos encontrado sempre foi o que mais gosto em nosso relacionamento.

— Por quê?

— Acho que pessoalmente é difícil as pessoas verem além do exterior, a aparência, o dinheiro, o carro, as conexões. Mas quando você não pode ver essas coisas, só vê o meu eu verdadeiro. É legal.

— Uau, Cinder — eu ri. Eu sabia que ele estava falando sério, mas isso era o que tornava tudo tão engraçado. — Isso foi muito profundo da sua parte. Estou impressionada.

— Você vê? — Cinder riu. — Você me colocou em uma situação difícil agora. Ninguém que me conhece pessoalmente faria isso. A maioria das pessoas é muito falsa comigo. Elas dizem o que quer que achem que eu quero ouvir e fazem o que eu quero que elas façam.

— Bem, não surpreende que você seja tão egoísta. Talvez esteja certo sobre o anonimato. Não sei se seria capaz de dizer na sua cara como é teimoso, contestador e superficial. Ou que tem um gosto horrível para filmes. Principalmente se for tão digno de um desmaio quanto diz que é. E aí, quem sobraria para evitar que você se transformasse em um verdadeiro bobão autocentrado?

Cinder riu outra vez — uma gargalhada enorme, verdadeira e retumbante. Eu podia imaginá-lo inclinando a cabeça para trás e com todas as vísceras em convulsão. Não que eu imaginasse que ele tivesse vísceras, é claro. Qualquer coisa menos que um abdômen musculoso não parecia ser o estilo dele.

Cinder suspirou e conseguiu controlar a gargalhada.

— Ah, Ellamara. Você é a única garota no mundo que me diz esse tipo de coisa. É por isso, por mais irritante, hipócrita, teimosa e desagradável que você seja, que é minha pessoa favorita no mundo.

Meus pulmões paralisaram, e tornou-se impossível respirar. Mas, de alguma maneira, a sensação de queimação no peito era a melhor sensação do mundo — como virar o rosto para o sol ou tomar chocolate quente depois de ter estado na neve.

Rezei para que Cinder não percebesse que eu estava chorando, mas a sorte parecia ter me deixado para sempre quando minha mãe morreu.

— Ella? — A voz dele passou de calma e relaxada para alerta vermelho. — Qual o problema? Por que está chorando?

— Eu estou bem. — Não tenho certeza de que ele acreditou em mim, fungando como eu estava. — É só que é bom ter alguém que se importe. Você é minha pessoa favorita também. É meu melhor amigo.

Cinder ficou calado por um momento. Quando falou de novo, ele deixou de lado todos os traços do cara confiante, sensual e divertido que eu conhecia bem.

— Tem certeza de que realmente está bem? Quero dizer, você me diria se não estivesse, não diria? — Havia

uma vulnerabilidade verdadeira na voz dele. — Uma vez um amigo meu cometeu suicídio. Ella, a ideia de perder você desse jeito...

Ele parou de falar tão abruptamente que, não fosse tê-lo ouvido limpando a garganta como se estivesse tentando controlar a voz de novo, eu teria pensado que a ligação tinha caído.

— Você tem, sim, alguém que se importa — ele disse com carinho. — Não importa o quanto as coisas estejam ruins em casa, na escola ou em qualquer lugar, você tem a mim. Também é minha melhor amiga. Agora você tem meu número. Salve no celular e me ligue a qualquer hora. Dia, noite, madrugada, não importa. Combinado?

Levei um momento — e uma série de respirações — antes que pudesse responder:

— Combinado.

— Promete?

— Eu prometo. Contanto que eu tenha você, estarei bem. — Eu me dei um soco imaginário e ri. — Uau, isso foi bem brega. Está vendo? É por isso que não quero ligar para você. Posso filtrar minha boca estúpida bem melhor quando tenho que digitar meus pensamentos.

Cinder riu outra vez.

— Ah, mas aí você iria perder todas as bobagens que planejo sussurrar no seu ouvido agora que sei o quanto gosta da minha voz ultrassensual.

Corei, mas recusei-me a deixar que ele soubesse que o flerte dele tinha me abalado.

— Eu nunca disse ultra, seu egomaniaco. Mas você devia considerar gravar audiolivros para viver.

— Hum. Não é má ideia. — A voz de Cinder voltou ao ronronado lento e sedutor e ele perguntou: — Você gostaria que eu lesse para você, Ellamara?

Eu me arrepiei com a ideia e quase não consegui mascarar minha excitação.

— Sério?

— E por que não? Antes de você ligar, eu estava me preparando para fazer uma maratona de *Top Gear* com minha solidão.

— Você é bem mentiroso. É noite de sexta-feira e é Halloween. Duvido que não tenha planos.

— Não tenho nenhum importante. É só uma festa estúpida à qual minha meio que namorada quer que eu vá.

— Meio que namorada?

— Sim — Cinder esticou a palavra em uma longa respiração. — É uma longa história, mas não gosto dela. Eu preferiria ficar em casa e ler para você. Além disso, não posso desligar quando você teve *o pior dia da sua vida*. Que tipo de melhor amigo isso me faria?

Quase chorei outra vez. A oferta era tão maravilhosa. E atenciosa. Ler era uma paixão que Cinder e eu compartilhávamos. Nós líamos e discutíamos livros o tempo todo. Até decidimos ler o mesmo livro ao mesmo tempo uma vez, mas nunca lemos um juntos. Cinder tinha de saber o quanto aquilo significava para mim.

— Tem que ser *O Príncipe Druida* — eu disse.

Cinder riu.

— Já está nas minhas mãos.

EllaTheRealHero

Não. De ficar. No momento, não tenho permissão de ficar sozinha, o que quer dizer que não posso me esconder das irmãs-bruxas em meu quarto. As "autoridades" conspiraram contra mim e estão me forçando a me "integrar" à minha família, OU ENTÃO...

Cinder458

O que isso significa exatamente?

Fiquei lá, olhando para o cursor do computador. Pela primeira vez na vida, senti vontade de contar a Cinder o que estava acontecendo comigo. Eu não sabia por quê. Nunca fui do tipo que precisava chorar por atenção, mas meus dedos estavam planando sobre as teclas, coçando para descarregar os problemas. O problema é que eu estava muito chateada e sabia que Cinder iria me ouvir.

De repente, comecei a escrever.

EllaTheRealHero

Se eu não conseguir me dar bem com a família de meu pai e não fizer amigos na escola, eles vão me enfiar em uma instituição psiquiátrica.

Era o equivalente no teclado a dizer alguma coisa sem pensar.

Cinder458

O quê? Isso é ridículo! E por que fariam isso?

EllaTheRealHero

É uma longa história.

Cinder458

Estou esperando.

Sufoquei um gemido, já arrependida do momento de fraqueza. Cinder, de forma sutil, estava sempre tentando me fazer falar. É claro que iria pular sobre essa pequena pepita de informação que eu acabara de dar a ele. Foi o suficiente para que tivesse uma desculpa para me



Quando voltei para a escola na segunda-feira, os murmúrios e olhares estavam tão ruins quanto tinham sido no primeiro dia. Não havia nenhuma novidade. Mantive a cabeça baixa como sempre fazia e rezei para que as coisas não ficassem piores porque as pessoas me culpavam por Jason ter sido suspenso.

Até ali, nada traumático tinha acontecido, mas quando sentei no lugar de costume na hora do lanche, em uma pequena mesa no canto da cafeteria, um silêncio baixou sobre todo o salão. Eu tinha acabado de notar o silêncio sobrenatural quando senti que alguém estava atrás de mim.

Preparando-me para qualquer tortura que estivesse prestes a acontecer, virei-me lentamente para ver quem estava atrás de mim. Fiquei chocada ao ver Juliette parada ali. Ao lado dela estava uma garota que eu já tinha visto pela escola, mas que não estava em nenhuma das minhas aulas. Ela tinha olhos violeta — obviamente lentes coloridas — e cabelos vermelhos brilhantes com mechas loiras platinadas. Era uma combinação que eu nunca tinha visto antes, mas que, na verdade, caía muito bem para ela.

O cabelo dela era preso na cabeça com presilhas feitas de penas multicoloridas. Os sapatos, a mochila e as unhas eram todos trabalhos de arte, da mesma forma que o cabelo. Imaginei que ela seria algo para se contemplar se não estivesse restrita às limitações do uniforme escolar.

Ela era bonita, mas não do mesmo tipo de beleza fatal de Juliette. Ela era selvagem de uma forma que demandava respeito. Era o tipo de garota que você não podia evitar de seguir com os olhos pelo corredor. A garota que os caras temiam, mas que, ao mesmo tempo, secretamente queriam.

E ela estava sorrindo para mim.

— Ella, essa é Vivian Euling — Juliette disse com uma voz entediada. — Vivian, minha meia-irmã, Ella.

Eu ainda não fazia ideia do que estava acontecendo, mas tinha quase certeza de que Juliette não estava bolando um plano maligno, e Vivian estava estendendo a mão para mim, então eu a segurei. Quando dissemos oi uma para a outra, Juliette reaplicou o brilho labial e disse:

— Meu trabalho está feito. — E foi embora sem olhar para trás.

Voltei os olhos para Vivian e ela me deu outro sorriso caloroso enquanto se sentava ao meu lado e pegava o lanche na mochila.

— Espero que não se importe. — Chacoalhei a cabeça e Vivian sorriu outra vez. — Acho que Juliette está

brincando de casamenteira conosco.

— Ela o quê?

Virei e vi Juliette sentada à mesa de costume com todas as pessoas mais populares da escola. Ela estava rindo e fazendo piadas com eles sem prestar a menor atenção em mim, como sempre. Você nunca imaginaria que algo extraordinário estava acontecendo se não fosse pelo jeito como Anastasia ainda estava olhando para ela, em choque.

— Eu faço dança com Juliette — disse Vivian. — Não somos amigas nem nada, então fiquei surpresa quando ela veio até mim essa manhã e perguntou se podia nos apresentar.

— Ela fez isso?

Eu sabia que parecia estar incrédula. Podia sentir meu rosto se contorcendo de confusão, então não fiquei surpresa quando Vivian riu.

— Ela disse que achava que teríamos muito em comum — explicou enquanto revirava os olhos. — Considerando que ela não sabe nada sobre mim, e duvido que tenha feito algum esforço para conhecer você, também, embora vocês sejam meias-irmãs, só posso deduzir que ela estava juntando uma exilada à outra.

Aquilo me surpreendeu. Não a ideia de Juliette de que ser excluído iria tornar duas pessoas amigas automaticamente, mas eu não podia imaginar por que uma garota como Vivian não teria amigos.

— Você não me parece do tipo solitário. Você me parece tão confiante e legal, e é muito bonita.

— Fui criada por dois pais.

Eu ainda estava confusa.

— E o que isso importa?

Vivian reagiu com surpresa.

Percebendo que ela era do tipo que poderia receber uma piada, soltei uma risada.

— Massachusetts foi o primeiro estado a permitir o casamento entre pessoas do mesmo sexo, então, sem ofensa, mas isso faz com que você não seja novidade nenhuma para mim. Tomara que não estivesse esperando um tratamento especial ou coisa parecida.

Vivian ficou surpresa, os olhos dela brilharam e um sorriso largo se espalhou por seu rosto.

— Eu gosto de você.

Eu ri, mas o sorriso morreu rapidamente quando olhei ao redor da cafeteria.

— O *bullying* comigo eu até entendo, considerando que essa é uma cidade onde a imagem é tudo, mas pensei que as pessoas tivessem uma mente mais aberta sobre a sua situação.

— Você pensa — Vivian concordou. — Tenho certeza de que na Universidade de Hollywood eu me encaixaria bem, mas em uma escola particular pretensiosa como esta sou alvo fácil. Também não ajuda que eu esteja aqui com bolsa de estudo. Meus pais são estilistas humildes. Eles ganham o suficiente para pagar por nosso apartamento de dois dormitórios no oeste de Hollywood e não muito mais que isso.

Agora *aquilo* fazia todo sentido.

— E o quadro se torna mais claro. Eu fui criada por uma mãe sozinha.

Vivian revirou os olhos outra vez.

— Então está dizendo que não só somos as duas excluídas, como também somos as duas pobres.

— Exatamente. — Eu me juntei a ela no revirar de olhos, mas depois suspirei e olhei para Juliette. — Pode ter sido uma percepção superficial e preconceituosa, mas ainda assim foi atencioso da parte dela tentar ajudar.

— Verdade. — Vivian seguiu meu olhar até a mesa das minhas irmãs. Juliette estava rindo com uma amiga, enquanto Anastasia estava sentada no colo de algum garoto, um garoto que decididamente não era Jason. — Mas Juliette sempre foi a menos ruim das duas malvadas.

Balancei a cabeça concordando.

— Às vezes penso que ela não seria tão ruim se não tivesse a irmã envenenando a cabeça e uma mãe

completamente sem noção ensinando a ela o que é realmente importante na vida.

Diante do olhar questionador de Vivian, eu disse:

— Roupas de grife e uma dieta de 800 calorias por dia.

Vivian riu mais uma vez.

— Acho que Juliette sabia de alguma coisa. Vocês podem ser espíritos da mesma natureza.



A volta para casa foi tensa, graças à raiva que borbulhava logo abaixo da superfície da pele de Anastasia, que cheirava a Daisy, de Marc Jacobs. Quando chegamos em casa, ela entrou feito louca e bateu a porta na cara de Juliette. Quando finalmente consegui sair do carro e entrar na casa, as duas estavam se atracando.

— ... nos humilhando desse jeito! — Anastasia gritava.

— Tudo o que eu estava fazendo era limpar a merda que você fez. Foi você que nos envergonhou.

— Já é ruim o bastante que tenhamos de estar associadas a ela. Agora ela é a melhor amiga da *Caridade*?

— E daí? Deixe elas serem esquisitas juntas. Não estão fazendo mal a ninguém.

— Não estão fazendo mal a ninguém? E se começarem a se pegar na cafeteria e coisas do tipo? Seremos irmãs da monstrega lésbica manca!

— Hum, o nome dela é Vivian, e não Caridade — eu disse, colocando a mochila sobre a bancada enquanto passava pelas duas na cozinha.

Juliette revirou os olhos.

— As pessoas a chamam assim porque ela é o caso de caridade da escola.

— Legal — zombei. — Sabe, Anastasia, só porque os pais dela são gays não significa que ela seja. E mesmo que fosse, por que você teria de se preocupar? Não é da sua conta.

Anastasia olhou para mim com tanta raiva que os olhos dela ficaram cheios de sangue.

— Fique longe de mim — sibilou e saiu em disparada para o quarto.

Depois que ouvimos a porta bater, Juliette balançou a cabeça como se estivesse decepcionada com a irmã.

— Ela vai se acalmar em algumas semanas.

Fiquei olhando para ela enquanto ela ia para a sala íntima para começar a lição de casa. Tinha sido um dia muito estranho. Eu não entendia Juliette. Nos poucos meses em que eu estava morando ali, ela tinha passado de ser rude para simplesmente ignorar o fato de que eu existia, até chegar ao ponto de vir em meu auxílio na sexta-feira. E então, naquela manhã, ela se arriscou a sofrer a ira da irmã para me ajudar a encontrar uma amiga. Foi uma coisa muito legal. Eu não conseguia entender por que ela tinha feito aquilo — principalmente porque, embora não fosse totalmente hostil com relação a mim, ela, com certeza, não gostava de mim.

Depois de fazer uma busca na geladeira e não encontrar nada apetitoso, peguei dois sucos de fruta V8 e fui para a sala íntima. Em vez de ir para a mesa do canto, sentei-me no sofá e ofereci um dos sucos a Juliette.

— Quer um?

Ela franziu a sobrancelha, mas aceitou o suco com cautela.

— Obrigada.

Fizemos nossos deveres em silêncio, com a tv mais uma vez sem som em algum programa de notícias sobre entretenimento. De repente, Juliette suspirou.

— Algumas garotas são muito sortudas. Você pode imaginar estar *noiva* dessa perfeição?

Eu me distraí do trabalho e olhei para a tv bem a tempo de ver Brian Oliver na tela entrando em algum clube com Kaylee Summers, seminua, pendurada nele.

Houve outro suspiro sonhador de Juliette.

— Ele deve ser o cara mais gostoso que já pisou na face da Terra.

Eu não podia discordar. Ele tinha 1,85 m, cabelos escuros, olhos cor de chocolate e um corpo tão perfeito que doía olhar. Era um daqueles atores que podiam encenar tanto o garoto bonitão quanto o malvado sensual — dependendo de como estivesse vestido. Naquele momento, ele estava usando uma jaqueta de couro e uma barba por fazer que fazia com que você quisesse desafiar seus pais, pular na garupa da moto dele e deixar que ele levasse você para o pôr do sol depois de ter o nome dele tatuado em algum lugar do seu corpo.

Ele sempre sorria como se o mundo fosse dele, e tinha também uma luz própria. Inúmeras garotas tinham sido vítimas daquele olhar. Mas o que eu mais gostava nele era que parecia ser inteligente. Em todas as entrevistas dele que assisti, ele era brincalhão e pretensioso, mas espirituoso. Brincava com os âncoras dos programas de entrevistas como se eles é que estivessem na poltrona dos entrevistados. O cara tinha muita inteligência escondida por trás daquele rostinho bonito.

Embarquei na melancolia de Juliette e disse:

— Eu definitivamente seria a mãe dos filhos dele se ele me desse uma chance. — Com certeza eu tinha passado muito tempo falando com Cinder ultimamente.

Juliette riu, mas parou de repente quando percebeu que era comigo que ela estava se divertindo. As coisas rapidamente ficaram esquisitas de novo. Nós duas voltamos a fazer nossos trabalhos, mas dessa vez não consegui ficar quieta.

— Obrigada por ter me ajudado na classe e ter falado com Vivian.

Juliette deu de ombros como se pensasse que não valia a pena falar sobre aquilo, mas eu não podia deixar o assunto morrer.

— Por que você fez aquilo?

Juliette pensou em não responder, mas depois disse:

— Principalmente porque Ana tem sido uma babaca. Eu também estava brava por ter você aqui no início, mas não é tão ruim assim. Você não nos atrapalha e fica no seu canto na escola. É ela que fica tornando as coisas piores por tentar, a todo instante, colocar a escola toda contra você, ou pelo menos deixá-los com medo de serem legais com você. Estou farta desse drama. A vida de todas nós seria muito mais fácil se você não fosse assim solitária, e você teria muito mais amigos se Ana saísse de cena.

Mais uma vez, ela se virou para os estudos. Eu também voltei aos meus, mas, depois de uns dez minutos, eu tinha outra questão para a qual precisava de uma resposta.

— O que foi exatamente que eu fiz? Por que você duas me odeiam tanto?

Eu sabia que Juliette não iria negar a implicação de que ela me odiava. Era uma pessoa muito direta. Na maior parte do tempo, as coisas que ela dizia eram levianas, críticas ou simplesmente ignorantes, mas pelo menos ela sempre dizia o que realmente pensava. Não tinha medo de dizer o que estava se passando pela cabeça dela, e eu tinha de admirar isso nela.

— Motivos diferentes — ela disse. — Ana se sente ameaçada por você.

— O quê? — Eu ri com incredulidade. — Isso é ridículo.

— Não é, não. Para começar, você é a filha *verdadeira* do papai. Ela tem medo de que você se torne a favorita. — Depois de uma pequena pausa, ela disse: — Eu estaria mentindo se dissesse que não tenho ciúme disso, também.

Eu estava chocada. Juliette e Anastasia tinham ciúme por Rich ser meu pai? Como se isso fizesse algum tipo de diferença? Isso nunca fez com que ele me amasse mais do que a elas antes.

— Em segundo lugar, você tem cicatrizes e é manca, mas, fora isso, é bem bonita. Alguns dos nossos amigos já disseram isso. Além disso, todos acham que você é muito divertida.

— O quê? Como as pessoas podem pensar isso? Ninguém sabe nada sobre mim.

— Quando ficamos sabendo do seu blog, Ana contou a todo mundo na escola, querendo mostrar a eles que você era uma *nerd*. — Juliette riu. — O plano dela saiu pela culatra, porque todos adoraram. Agora metade dos nossos amigos segue você.

As pessoas na escola seguiam meu blog? Eu não sabia o que dizer sobre aquilo. Parecia impossível. Juliette

viu meu olhar espantado e balançou a cabeça.

— Você não é nem um pouco odiada como pensa. Sim, tem algumas pessoas que foram bem malvadas com você, mas todos os outros a respeitam.

— Eles me *respeitam*? — Ela não ia me fazer acreditar naquilo de jeito nenhum.

— Você é torturada na escola, mas nunca deixa que isso a atinja. Nunca reclama e nunca coloca ninguém em encrenca. As pessoas hoje não fizeram outra coisa senão falar como foi legal da sua parte retirar a queixa contra Jason.

— Além disso, é tão reservada que você é, tipo, misteriosa. As pessoas ficam intrigadas. Elas estão começando a gostar de você. Rob Loxley até tem uma queda por você. E foi por isso que Ana ficou tão enraivecida e fez Jason fazer o que fez. Ana achou que Rob iria convidá-la para ir à balada e, em vez disso, ele perguntou se ela achava que você iria à balada com ele.

Eu estava chocada. Não via como aquilo que ela estava dizendo pudesse ser possível, mas ela não iria criar uma história dessas só para ser cruel. Anastasia poderia, mas não Juliette. Juliette podia ser muitas coisas, mas não era mentirosa.

Juliette voltou aos estudos e me deu a chance de processar tudo que tinha acabado de dizer. Depois de um tempo, sem tirar os olhos da lição, ela disse:

— Se quiser o número de Rob, eu dou. É um cara bem decente. Meio quietão para o meu gosto, mas vocês podem se dar bem.

Não respondi na hora e Juliette parecia não se importar se eu iria responder ou não. Eu não sabia como me sentir sobre alguém estar interessado por mim. Não estava pronta para entrar em um relacionamento. Eu não conseguia sair com camisetas de mangas curtas, muito menos suportaria que algum cara quisesse me ver ou me tocar. Um namorado não poderia nem ao menos segurar minha mão enquanto eu andava, porque eu tinha de usar a bengala na mão boa e não achava que pudesse permitir que alguém pegasse minha mão com cicatrizes.

— Não sei — respondi por fim. — Vou pensar nisso.

— É você quem sabe.

Esse foi o fim da nossa conversa até que Jennifer nos chamou para jantar. Juliette desligou a tv e começou a guardar as coisas. Não queria me arriscar a aborrecê-la, mas, já que de alguma forma ela estava falando comigo, eu precisava de mais uma resposta.

— Juliette? Sei que nunca seremos como irmãs de verdade ou coisa parecida, mas não quero ser sua inimiga para sempre. Você me disse por que Anastasia me odeia, mas qual é o *seu* problema comigo?

Juliette parou de colocar os livros na mochila e olhou para mim. Toda a indiferença usual dela havia desaparecido e eu podia ver raiva em seus olhos.

— Eu não teria nenhum problema com você se não fosse tão malvada com papai e mamãe. Eles são bons pais. Deixaram de cuidar das coisas deles para fazer tudo que pudessem por você. Papai quase perdeu o emprego porque passou muito tempo em Boston enquanto você esteve no hospital. Eles reformaram o seu quarto. Dão a você tudo de que precisa. Estão sempre fazendo coisas legais para você, esperando que aquilo a deixe feliz. Eles tentam tanto ajudá-la, e você joga de volta na cara deles o tempo todo.

As palavras dela me paralisaram como um balde de água fria no rosto. De todas as coisas que eu podia ter imaginado, nunca teria pensado que ela estivesse apenas protegendo meu pai e Jennifer. E o principal, depois que ela disse aquilo tudo, percebi que não era apenas raiva o que havia nos olhos dela, mas mágoa.

— Você trata nossos pais tão mal quanto Ana trata você — ela disse. — Principalmente papai, e ele não merece isso. Ele é um bom homem. Pode não ser meu pai biológico, mas é meu pai. Ele me criou desde que eu tinha sete anos e nunca me tratou como se não fosse filha legítima dele. Me amou como se fosse filha dele.

Todas as emoções conflitantes dentro de mim eram muito confusas. Por um lado, eu estava chocada. Nunca tinha percebido que estava me comportando de uma forma tão horrível. Eu nem sabia dizer se estava mesmo ou se Juliette estava apenas sendo defensiva e exagerando. Mas se estivesse... eu não era aquela pessoa. Não tratava as pessoas assim. Sempre me considerei uma pessoa gentil. E não gostei de ser

comparada a alguém como Anastasia.

Ao mesmo tempo, eu estava furiosa. Parte de mim pensava que Juliette não tinha o direito de pensar nada sobre meu relacionamento com meu pai. Não era da conta dela. Mas, acima de tudo, eu estava magoada porque ela tinha com ele o relacionamento que eu deveria ter tido e agia como se não houvesse nada errado com aquilo.

— Isso não é verdade — murmurei. — Ele ama vocês muito mais do que se fossem filhas dele, porque eu *sou* filha dele e ele não me ama, em absoluto. Você sabia que ele nem me disse adeus quando foi embora? Eu tinha oito anos de idade. Cheguei da escola um dia e ele simplesmente tinha ido embora. Não houve bilhete, telefonema, nada. Simplesmente não o vi nunca mais. Cresci sem pai porque *meu* pai estava aqui abraçando *vocês*, e colocando *vocês* na cama à noite, e amando *vocês* como filhas legítimas, em vez de mim. Pense em como deve ser ter uma coisa atirada na sua cara o tempo todo. Como acha que me sinto por ter de morar aqui e ver como vocês são felizes juntos? Tem alguma ideia do quanto me machuca toda vez que ouço você e Anastasia chamando-o de papai? Saber que ele ama vocês *de verdade*? Eu sou *filha* dele e ele só me trouxe para cá porque foi obrigado a fazer isso.

Respirei e coloquei os livros dentro da mochila. Eu não podia levar essa conversa adiante.

— Não estou dizendo que não tenha motivos para ficar com raiva — disse Juliette —, mas você perguntou qual era o meu problema com você e eu disse. Éramos felizes antes de você chegar aqui. Agora meus pais brigam muito mais e Ana e eu quase não nos falamos, a não ser para gritar uma com a outra. Sei que tem problemas e entendo que isso tudo seja uma droga para você, mas isso não muda o fato de que você está deixando todos nessa casa extremamente infelizes. Você está arruinando a minha família.

Eu me desculpei enquanto colocava a mochila no ombro e me levantava.

— Eu sinto muito. — Tentei não parecer amarga, porque eu realmente sentia muito. — Se tivesse alguma ideia de como mudar isso, eu faria.

Virei para sair e vi Jennifer parada no alto da escada, olhando para Juliette e para mim com uma expressão arrasada. Pelo inchaço dos olhos dela, tive certeza de que ela tinha ouvido toda a nossa conversa.

— Sinto muito — murmurei outra vez ao passar por ela.



Quando os patriots fizeram outro touchdown, decidi que precisava de outra bebida. Enquanto vagava em direção à cozinha e abria mais uma cerveja, pensava em Ella. Ella era de New England. Gostava mais de beisebol — aparentemente, ser de Boston significa que você nasce com orgulho pelos Red Sox no sangue. — Mas, se gostasse de futebol, era provável que estivesse rindo naquela hora. Tomei um gole longo e refrescante de uma Corona bem gelada e mandei um torpedo para ela.

Se é fã dos Patriots, vou precisar renegar você.

A resposta dela foi quase instantânea.

Hahaha! Você está a salvo. Não sou uma grande fã de futebol. Mas se um dia descobrir que você torce para os Dodgers, não poderemos mais ser amigos.

Uma segunda mensagem veio a seguir, dizendo:

Por quê? De quem eles estão ganhando agora?

Sorri diante da pergunta. Ella não ligava para futebol, mas, ainda assim, estava querendo conversar comigo sobre isso. Comecei a digitar uma resposta, mas, então, percebi que depois de três anos eu finalmente tinha o número dela e poderíamos conversar.

— Os Packers estão perdendo por três *touchdowns* e um gol — disse quando ela atendeu à ligação. — É muito desmoralizante.

— Green Bay? Você é mesmo cabeça de queijo?

Ela riu e eu sorri outra vez. A risada dela era meu novo som favorito no mundo.

— Nunca senti, e nunca vou sentir, a necessidade de usar um chapéu de queijo de espuma, mas, sim, sou fã do Green Bay.

— Por quê? — Ella perguntou. — Você é de Wisconsin? Ah, meu Deus, por favor, diga que sim. Isso seria muito engraçado. Por favor, me diga que o papel de playboy da Califórnia é apenas uma armação e você, na verdade, é filho de um fazendeiro.

Eu ri.

— Sinto desapontá-la, mas realmente nasci e fui criado em Los Angeles. Mas minha mãe mora em Green Bay. Ela se casou com um torcedor roxo dos Packers, então, com o tempo, já que Los Angeles não tem um time de futebol, adotei o Green Bay como meu time.

— Isso é um tanto decepcionante. Mas sinto muito que seu time esteja perdendo. Vou enviar algumas vibrações positivas.

— Agradecido.

Sorri outra vez e tomei outro gole de cerveja. Uma grande comemoração explodiu na sala, onde uma turma de amigos estava assistindo ao jogo. Era provável que isso significasse que o Green Bay finalmente tinha marcado, mas agora eu já não estava tão interessado em voltar para descobrir.

Saí para o pátio de trás da casa e fechei a porta. Ella estava quieta do outro lado da linha e de repente eu não tinha a mínima ideia do que lhe dizer.

Nunca tinha estado na *friend zone* de uma garota antes — a ideia de uma garota não me querer daquele jeito era absurda —, e eu temia que fosse ali que eu aparecesse no radar de Ella. Ela não tinha dificuldade em dizer que se importava comigo e me provocava o tempo todo, mas nunca flertava comigo, mesmo quando eu flertava.

Fiquei chocado quando soube que ela tinha se mudado para Los Angeles e não tinha me contado, e ela havia hesitado muito em ligar quando dei meu número. Era quase como se não quisesse ser nada mais que uma amiga da internet. Três anos, e ela nunca sequer perguntou qual era meu nome verdadeiro. É verdade, nunca perguntei o dela também, mas isso foi apenas porque eu não tinha ideia de como iria lidar com o papo do “eu sou o Brian Oliver” quando a conversa finalmente acontecesse.

Falar ao telefone tinha mudado um pouco nosso relacionamento, e agora eu não tinha muita certeza de como conduzir as coisas. Eu ficava nervoso e me sentia um pouco idiota. Os sentimentos eram tão desconhecidos para mim que eu quase não os reconhecia como autoconsciência. Eu nunca tinha sido consciente com uma garota antes.

— Então... — Tive de limpar a garganta quando minha voz não conseguiu emitir os sons corretamente. — O que está fazendo? Tudo bem eu ter ligado? Não é esquisito ou coisa parecida?

— Não, não é esquisito. Eu gosto. Você pode me ligar sempre que quiser. Mesmo se for só para reclamar que os Packers estão perdendo no futebol de segunda à noite.

A provocação na voz dela derreteu meu nervosismo. Eu não iria sentir falta dele.

— Como estão as coisas? Melhores que na sexta? Está conseguindo sobreviver à família postiça?

— Acho que sim. As coisas estão um tanto estranhas, mas não de forma negativa. Uma das minhas irmãs ainda é um Freddy Krueger, mas tive uma conversa com a outra e ela não é tão horrível quanto eu pensava. Finalmente chegamos a um entendimento. Eu acho. De qualquer forma, assuntos mais felizes. Faça-me rir. Você é o único que sempre consegue.

Fiquei ligeiramente deprimido com o pedido. Por que Ella se recusava a me deixar entrar? Aquela conversa toda sobre instituições mentais e suicídio no outro dia tinha me deixado surtado. Eu sabia que ela estava tendo um período difícil ajustando-se à nova vida com o pai, mas não fazia ideia de que a depressão dela era tão séria. Eu não conseguia parar de me preocupar com ela.

Queria que houvesse alguma outra coisa que eu pudesse fazer para ajudar, além de fazê-la rir, mas, se era daquilo que ela dizia precisar, então eu não podia decepcioná-la. Vásculhei o cérebro para encontrar algo que

ela pudesse achar divertido, mas não era fácil porque eu não estava mais com um humor para piadas. Não quando ela estava lá fora precisando de alguém para amá-la e a única pessoa que eu podia ser nesse momento era uma maldita desova de satã.

De repente, fiquei inspirado.

— Você já leu *A Megera Domada*?

— Não li a peça, mas vi o filme antigo com a Elizabeth Taylor.

— Minha namorada é a Megera. A única diferença é que ela não foi domesticada.

Ella riu. Fiquei feliz por ter conseguido alegrá-la, mas eu gostaria de estar brincando.

— Estou falando sério. Acho que, na verdade, ela deve ser o diabo reencarnado.

— Ela deve ser bem parecida com minha meia-irmã.

— Pior. Juro. Muito, muito pior.

— Então por que a está namorando?

— Porque ela é bem gostosa e o sexo é bom?

Eu sabia que aquilo iria funcionar. O grunhido de desgosto de Ella fez o meu sorriso voltar.

— Que legal, Cinder. Que superficial de sua parte.

Ela estava me provocando, mas também acreditava em mim. Ella realmente pensava que eu não passava de um playboy superficial e egoísta. Sim, eu até era, mas só porque as garotas que eu conhecia eram todas como Kaylee e não mereciam meu coração.

Eu odiava que a minha reputação pudesse desapontá-la. Ella não se interessava por playboys como eu. E me orgulhava dela por isso ao mesmo tempo que me irritava, porque esse era o provável motivo de eu ser apenas um amigo para ela. Eu não podia lhe contar tudo, mas, de repente, estava desesperado para fazê-la entender que eu era mais do que o cara que ela acreditava.

— Honestamente, não é a aparência dela. É mais complicado que isso. Ela é do tipo de garota que atrai a atenção.

— Celebridade ou supermodelo?

Eu ri.

— Herdeira?

Se ela soubesse como estava certa. Kaylee era todas essas três coisas, mas eu não podia dizer isso a Ella. Kaylee e eu estávamos bastante na mídia agora e eu não queria que Ella descobrisse sozinha quem eu era. Isso não iria ser fácil de engolir para ela. Queria estar cara a cara quando explicasse.

— Sem comentários — eu disse, e ela caiu na gargalhada.

— Rá! — ela gritou. — Eu sabia! O senhor vip e sua mulher extravagante. Você deveria tentar namorar uma bibliotecária legal e tranquila ou coisa parecida. Daí, quem sabe, não precisasse chamar sua namorada de megera.

— Na verdade, isso pode ser excitante... O cabelo preso em um coque gritando para ser solto, óculos grossos e legais, uma saia justa e uma blusa de seda com um monte de botões para desabotoar? Eu iria fazer amor com ela encostado às pilhas de livros da seção de literatura clássica.

Ouvi um som de engasgo, e então ela disse:

— Hum, certo, essa foi uma explicação detalhada demais.

Eu ri quando ela ficou desnorteada e baixei o tom de voz para aquele tom grave e macio do qual eu sabia que ela gostava.

— Você está corada nesse momento, Ellamara?

— Tenho quase certeza de que até minha avó está corada na sepultura depois desta visão, Cinder.

Desta visão? Meu sorriso se alargou ainda mais. Será que ela tinha se imaginado como a bibliotecária da minha fantasia? *Zona de amizade uma ova. Brian Oliver não é amigo de nenhuma mulher.* Eu tinha de tirar

vantagem dessa oportunidade.

— Já pensou em ser bibliotecária, Ella? É provável que você desse uma boa bibliotecária, com o seu amor pela leitura e toda a sua indignação arrogante. Ou eu poderia imaginar você lecionando em uma escola, distribuindo suspensões e espancando todos os garotos malcriados com uma régua.

— Espancando garotos malcriados com uma régua? — A voz dela era tão plana que caí na gargalhada. — Você é um perdido, Cinder. Que tal deixarmos de lado o diálogo pornô brega e voltarmos à megera complicada “sem comentários” que mencionou? Diga por que a está namorando, se não é apenas pelo sexo.

— Você não é engraçada. — Fiz beicinho, mas depois suspirei de verdade. Kaylee era uma destruidora de bom humor. — Está bem, legal. Ela é basicamente a filha do chefe, entendeu? E, é claro, está completamente caída por mim.

— Ah, é claro.

— Sim, é claro. Pare de me interromper, mulher.

— Então pare de me fazer interromper.

Droga de garota! Tive a necessidade repentina de chacoalhar meu telefone.

— De qualquer forma... ela tem muita influência, por isso meu pai e várias outras pessoas estão colocando muita pressão para que eu a mantenha feliz.

— Isso é horrível! — A voz de Ella parecia igualmente fascinada e amedrontada. — Como permite que eles digam quem você deve namorar?

— É complicado.

Eu ri e tomei o resto da cerveja. Sei que parecia ridículo, mas como poderia fazê-la entender?

— *Minha vida* é complicada. Tem um monte de pessoas que pensam que são donas dela. Principalmente meu pai. Eu realmente não tenho muito controle sobre nada.

— Alguma vez você já bateu o pé?

— Quando posso.

— E não acha que a escolha de quem você namora é uma dessas ocasiões?

— Não desta vez. Essa menina é realmente importante. Se eu terminasse e ela tivesse um surto, o que certamente teria, ela poderia arruinar muitas coisas para um número de pessoas. Para mim, mais do que para qualquer outra pessoa. Por enquanto, estou entalado. Tenho esperança de que, se eu puder ser idiota o bastante, ela vai se cansar de mim e me dispensar.

— Isso é muito louco, Cinder. Você sabe disso, certo?

— Eu sei. — Afastando todos os pensamentos depressivos, voltei para dentro da casa e joguei a lata de cerveja vazia no lixo. — Mas não é a coisa mais horrível do mundo. — Era apenas temporário, afinal, e eu tinha Ella para me manter são até que estivesse tudo acabado.

— Porque pelo menos ela é muito gostosa e o sexo é bom?

Eu ri do sarcasmo de Ella.

— Correto. Embora talvez não seja tão bom quanto eu pensava. Você realmente me deixou entalado nessa ideia da bibliotecária. Aposto que eu poderia...

— Tá, é aqui que eu pulo fora — Ella interrompeu.

Eu gargalhei outra vez e abri a geladeira. Toda aquela conversa sobre bibliotecárias gostosas — *Ella* sendo a bibliotecária gostosa — me deu fome.

— Por quê? — perguntei enquanto procurava morangos frescos. Meu cérebro foi imediatamente alimentar Ella com eles e então pensei em outras coisas que queria fazer com Ella. — Você não quer realizar nenhuma fantasia obscena comigo? É culpa sua que eu as esteja tendo. O que está vestindo agora, por falar nisso?

— HÁ! — Ella riu. — Não! Nós não vamos por esse caminho. Nunca, Cinder.

— E por que não?

— Porque não, seu pervertido!

Ella estava tentando esconder, mas eu a tinha deixado completamente agitada, e adorei. Pedir a ela que me ligasse foi a melhor decisão que tomei na vida.

— Azar seu — provoquei. — Eu poderia ter arrasado o seu mundo, baby.

— *Que diabos você está fazendo?* — Kaylee gralhou de repente, e me assustou tanto que derrubei os morangos no chão.

Bati a porta da geladeira, olhei ao redor e me deparei com Kaylee com o rosto tão vermelho que tive certeza de que ela tinha ouvido muito mais daquela conversa do que apenas a última frase. Por algum motivo, aquilo me deu vontade de rir. Tive de morder o lado de dentro da bochecha para conseguir não fazê-lo.

— Tenho que ir — eu disse ao telefone. — Acabo de ser atacado pela megera.

— *A o quê?* — Kaylee exclamou.

Do outro lado da linha, Ella riu.

— Parabéns. Vou cruzar os dedos para que você seja dispensado.

Ao ouvir aquilo, não consegui mais segurar o riso.

— Você é a melhor. Eu ligo mais tarde.

Desliguei o telefone e olhei para Kaylee com olhos arregalados e inocentes.

— Algum problema? — Eu não esperei a resposta para abaixar e limpar a bagunça das frutas espalhadas.

Os saltos de Kaylee faziam barulho no piso enquanto ela atravessava a cozinha. Eles vieram parar em frente ao meu rosto, e o pé direito começou a bater de uma maneira irritante.

— O que você acha? — ela começou.

— Eu acho que não estamos em público, Kay, por isso posso fazer o que quiser.

— Há uma sala cheia de gente ali. Qualquer um deles poderia ter ouvido.

— Mas não ouviram.

— Eu ouvi.

Peguei o último morango avol debaixo da geladeira e fiquei em pé. Depois de jogar o recipiente no lixo, notei que Kaylee ainda estava parada lá, esperando uma resposta. A única resposta em que pude pensar foi:

— Que bom. — Ela odiou tanto quando respondi isso no clube, na frente de todos os amigos dela, que depois a adotei como minha resposta número um.

— Por que você insiste em ser difícil?

Rindo com desdém, cravei nela um olhar obstinado.

— Talvez porque esteja sendo chantageado a ter um noivado falso com a bruxa malvada de Hollywood?

Kaylee me encarou outra vez e depois bateu o pé enquanto bufava de contrariedade.

— Seu pai está aí e trouxe Zachary Goldberg com ele — ela disse e saiu da cozinha feito um furacão.

Não podia ser. Fui atrás dela para a sala e era verdade, lá estavam meu pai e um dos diretores de filme mais prestigiados de Los Angeles parados atrás do sofá com cerveja nas mãos, brindando ao Green Bay Packers.

— Oi, pai. O que faz por aqui?

Ainda mais chocante que a presença de meu pai foi o sorriso enorme e feliz com que ele me saudou.

— Aí está o homem do momento! — Tentei esconder meu choque enquanto ele, jovialmente, colocava o braço em torno dos meus ombros.

— Filho, você conhece Zachary Goldberg, não?

Ainda passado, apertei as mãos de meu ídolo.

— Nunca nos encontramos, mas é uma honra. Sigo seu trabalho desde garoto.

Uma mão deslizou pela minha cintura e forçou meu sorriso a se manter enquanto eu apresentava Kaylee.

— Ah, sim — Zachary disse, inclinando-se para dar um beijo no rosto de Kaylee, o cumprimento costumeiro de Los Angeles para alguém do sexo oposto. — Meus parabéns ao casal feliz. Entre o noivado-surpresa e o filme de vocês que está estourando por aí, vocês dois são o assunto da cidade nesse momento.

Kaylee sutilmente apertou o braço que tinha ao meu redor, como dizendo “eu não falei?”.

— Falam bem, espero — ela disse, como se fosse a primeira pessoa a sair com aquela resposta tão inteligente.

Tentei não revirar os olhos diante do clichê. Se Kaylee pudesse ter em inteligência metade do que tinha em maldade, ela seria um gênio.

Zachary foi educado o suficiente para rir com ela.

— É tudo muito bom — ele afirmou, mudando o olhar para mim —, principalmente com relação a você, Brian. Ouvi todo tipo de comentário sobre seu desempenho em *O Príncipe Druida*. Seu pai estava me mostrando algumas tomadas hoje à tarde. Muito impressionante.

Tentei conter a surpresa, mas minha cabeça estava girando. Zachary Goldberg era um dos meus diretores favoritos. Ele tinha um talento natural para o drama e fora indicado a mais Oscars que Steven Spielberg. Um elogio dele era difícil de conquistar.

— Muito obrigado, senhor.

— Pode me chamar de Zachary, Brian. Por favor.

— Está certo, Zachary. Bem, seja bem-vindo. Sinta-se em casa. Espero que goste dos Packers, porque qualquer torcedor dos Patriots tem que assistir ao jogo lá de fora e só recebe cerveja barata.

Zachary riu com vontade enquanto balançava a cabeça.

— Eu gostaria de poder ficar, mas minha mulher está em casa me esperando. Você sabe como é. — Zachary olhou para Kaylee e depois para mim, rindo. — Bem, talvez ainda não, mas vai saber logo, logo.

Forçando uma risada, usei minha habilidade cênica ao máximo.

— Mal posso esperar por isso.

Zachary acreditou na mentira.

— Eu só queria dar uma passada e conhecê-lo pessoalmente. Adoraria marcar um encontro com você em breve. Tenho nas mãos uma adaptação fantástica de *Pimpinela Escarlata* e acho que, se tivesse você no elenco, eu conseguiria o sinal verde.

Minha mandíbula quase caiu no chão, mas dessa vez não me incomodei em tentar esconder a empolgação.

— Você está fazendo *A Pimpinela Escarlata*?

As sobrancelhas de Zachary foram parar no alto da testa.

— Você conhece a história?

Se eu *conhecia* a história?

— Eu *amo* a história. Li todos os livros. Eu mataria para interpretar Sir Percy.

Zachary riu.

— Eu sabia que você era o cara que eu queria. Está disponível para nos encontrarmos algum dia nesta semana?

— Eu... espere um segundo. — Eu me virei para onde meus amigos estavam, todos ainda absortos no jogo. — Ei, Scotty!

Eu tinha convidado meu assistente e o pobrezinho era tão direitinho e ingênuo que os poucos colegas ali presentes não paravam de maltratá-lo. Ele não tinha parado de corar desde que chegara e pareceu bastante aliviado por ser necessário naquele momento.

— O que foi, Brian?

— Será que temos um horário para encontrar o senhor Goldberg esta semana?

— Vamos arrumar.

— Eu também vou — Kaylee se intrometeu. — Posso levar meu pai — disse a Zachary. — Ele é um grande fã de Brian, você sabe. Aposto que nós três poderemos convencê-lo a assinar.

Zachary lambeu os lábios e abriu um sorriso enorme para Kaylee.

— Isso seria fantástico, Kaylee.

Pela forma como os olhos de Zachary se iluminaram, fiquei imaginando se aquilo não tinha sido parte de sua intenção desde o início. Tudo em Hollywood era sempre um jogo de poderes. Conseguir milhões e milhões de dólares para financiar um filme importante nunca era fácil, não importava quem você fosse, e conseguir o sinal verde para uma peça do período clássico como *A Pimpinela Escarlata* era quase impossível.

— Eu não conheço a história — disse Kaylee —, mas me parece bastante empolgante.

— Ah, é, sim. E você ficaria deslumbrante em um traje do século dezoito. Tenho certeza de que poderemos encontrar um lugar para você no filme, se estiver interessada.

— Que oferta generosa, Zachary. Obrigada.

Observei os dois se paparicando com um sentimento de perplexidade. Eu podia odiar Kaylee, mas tinha de admitir o poder que eu, como o ator mais sensual de Hollywood no momento, e Kaylee, a herdeira do maior estúdio cinematográfico da cidade, tínhamos juntos.

Kaylee estava certa. Nós poderíamos dominar aquela cidade juntos se quiséssemos. O problema era: eu não queria. Não se Kaylee e eu tivéssemos de ser um casal para consegui-lo. Por mais lisonjeado e animado que eu estivesse com a possibilidade de trabalhar com meu diretor favorito encenando outro de meus personagens favoritos, eu estava preocupado que Kaylee fosse gostar um pouco demais do poder que tínhamos e não quisesse me largar depois que a temporada do Oscar tivesse terminado. De alguma forma, eu estava sendo tragado cada vez mais.



A conversa franca com Juliette não mudou nada entre nós, mas eu estava eternamente grata por ela ter me apresentado a Vivian. Vivian e eu não tínhamos muito em comum — ela era a primeira bailarina e obcecada por coisas ligadas à moda, enquanto eu me contentava em ler livros e não tinha ido a um shopping em mais de um ano — mas ainda assim nos dávamos bem, como irmãs que tinham sido reunidas de repente depois de terem sido separadas no nascimento.

Ela tomou lanche comigo de novo no dia seguinte e insistiu para que eu fosse para casa com ela depois da escola e fizesse a lição na casa dela. Sabendo o que me esperava em casa, fiquei grata pela oferta.

Ela morava em um pequeno apartamento a oeste de Hollywood. Era velho, meio escuro e um tanto desorganizado — na verdade, parecia que a Jo-Ann Tecidos tinha explodido lá dentro —, mas, depois de três segundos ali, a casa já se parecia mais com um lar para mim do que a casa de meu pai jamais seria.

— Ignore a bagunça — Vivian disse enquanto pegava uma pilha de tecidos que estava no caminho e pendurava nas costas de uma cadeira. — Tentei explicar para meus pais que homens gays deveriam ser doidos por limpeza, mas eles se recusam a me ouvir.

Os pais dela estavam na sala de jantar, perdidos em um mar de tecidos coloridos, lantejoulas, laços e plumas. Um estava sentado atrás de uma máquina de costura enquanto o outro estava de pé, prendendo uma manga em um vestido maravilhoso que estava em um manequim. Os dois olharam e sorriram quando nós entramos, e os sorrisos deles eram tão brilhantes quanto o vestido em que estavam trabalhando.

O que estava em pé tirou um alfinete da boca e disse:

— Querida, se quiséssemos ser estereótipos, teríamos nos tornado cabeleireiros — disse o homem usando um boá azul-petróleo.

Vivian riu, acenou para o homem e disse:

— Stefan Euling, também conhecido como papai. Papai, essa é Ella. — A seguir, ela gesticulou para o homem na máquina de costura. — E esse é Glen Euling. Ele também responde por papai.

Depois de cumprimentá-los, observei Stefan trabalhar por um momento. O cordão de plumas que estava ao redor de seu pescoço combinava com as lantejoulas do vestido.

— É para a bainha do vestido, não é? — perguntei. — Você está fazendo um vestido de baile?

O homem sorriu para mim como se nunca tivesse estado mais orgulhoso de alguém na vida.

— Que olho bom!

— Minha mãe namorou um dançarino profissional de salsa uma vez. Nunca fui apaixonada pelo esporte, mas *amava* os vestidos.

— Eles são os figurinistas principais do *reality show Celebrity Dance Off* — Vivian explicou. — Como pode ver, eles gostam de trazer o trabalho para casa.

— Não acredito! — gritei. — Eu *amo* vocês! Os vestidos são a única razão pela qual assisto àquele programa! Esse vestido é para uma das dançarinas? É para Aria? Tem cara da Aria.

Vivian revirou os olhos para mim.

— Você acaba de fazer dois novos amigos para a vida toda.

— É para a Aria, sim — Stefan disse. — Você é mesmo fã, não é? — Os olhos dele me mediram dos pés à cabeça e então ele disse: — Vestido tamanho 1-2, certo?

Olhei para o meu uniforme de escola um tanto surpresa por ele ter acertado. A roupa não era muito justa, para começo de conversa, e eu tinha colocado a camiseta para fora da calça no minuto em que entrei no carro de Vivian.

— Para a tristeza do meu nutricionista — respondi, concordando. — Ele está sempre tentando me fazer ganhar peso. Como você sabia?

Glen riu.

— Ele sempre sabe. O homem tem o dom de medir as pessoas. Se a maior parte de nossa clientela não fosse de mulheres, eu ficaria louco de ciúmes.

— Um pouco de ciúme é saudável para um homem — Stefan provocou. — Mantém você na linha. — Antes que Glen tivesse a chance de responder, Stefan sorriu para mim e disse: — Gostaria de experimentar esse vestido? Preciso fazer alguns ajustes e você é quase do tamanho de Aria. Seria o manequim perfeito.

Uma onda de empolgação percorreu meu corpo com a ideia de colocar o vestido, mas logo foi substituída pelo horror quando me imaginei no vestido sem mangas e sem costas.

— Prometo não alfinetar você — Stefan disse às pressas.

— Ah, não é isso. — Eu engoli em seco e parecia que tinha engolido um dos alfinetes que ele prometeu não enfiar em mim. — É que, hum, sofri um acidente de automóvel e eu... hum...

— Ella, ninguém aqui vai ligar para as suas cicatrizes, eu prometo — Vivian interrompeu. Ela foi firme, mas gentil, e seus olhos diziam que ela não iria me deixar dizer não.

— Mas é um vestido tão lindo. Eu iria estragar o efeito.

— Que bobagem! — Glen levantou os olhos da máquina de costura com um olhar de desaprovação. — Você tem um rosto de anjo. Esses olhos são deslumbrantes. Se muito, o vestido não merece vestir você.

Corei com o sorriso que ele me deu.

— Ella — Vivian disse calmamente —, a verdadeira beleza está dentro da pessoa. Se você se sente bonita, então vai parecer bonita para os outros, não importa o que esteja na superfície. — Ela apontou para o vestido pendurado no manequim. — Esse vestido faria qualquer uma se sentir bonita. Experimente, por favor? Por mim? Porque, se você não fizer isso por eles, eles vão me fazer experimentar, e eu tenho uma tarefa muito mais importante para executar agora.

— Que tarefa? — perguntei distraída de meu ataque de pânico.

Ela ergueu um punhado de retalhos de tecido e algo que parecia uma pistola de cola, com um brilho malvado nos olhos.

— Vou fazer uma cirurgia plástica na sua bengala.

Dez minutos depois, saí de detrás do biombo em um vestido feito para uma rainha. A saia ia até o chão e cobria minhas pernas, mas as minhas costas, os ombros e o braço direito estavam expostos. Limpei a garganta para chamar a atenção de todos, depois preendi a respiração e tentei não tremer demais enquanto eles

me elogiavam.

Todos olharam para as minhas cicatrizes. Eu não podia culpá-los, seria impossível para qualquer um não olhar. Mas nenhum deles ficou encarando muito antes de mover os olhos para o resto de mim.

Glen levantou da cadeira da mesa de jantar e de costurar e ficou na minha frente com os braços cruzados em frente ao peito. Stefan juntou-se a ele e os dois começaram a circular ao meu redor como uma dupla de leões observando uma gazela.

— Ah, nós somos *bons* — Glen disse por fim, abrindo um sorriso enorme.

Glen rodou os dedos como se quisesse que eu me virasse. Eu me virei e fiquei frente a frente com um espelho enorme. Tive um sobressalto com o que vi no reflexo. Glen prendeu meu cabelo para cima e o enrolou na minha cabeça, puxando alguns dos cachos negros ao redor de meu rosto.

— O que foi que eu disse? — ele perguntou. — Um anjo.

Ele estava certo. Eu estava deslumbrante e nem estava usando maquiagem. O vestido, e também a forma como Glen e Stefan ficaram atrás de mim, sorrindo quase com reverência para a garota no espelho, fizeram com que eu me sentisse bonita pela primeira vez desde o acidente.

Meus olhos brilharam e eu me virei, sorrindo para Vivian com toda a força do meu ser.

— Eu *amo* os seus pais.

— Você não vai dizer isso daqui a algumas horas, quando seus pés estiverem doendo e você quiser fazer xixi e não puder porque está coberta de alfinetes — ela provocou, mas o sorriso em seu rosto denunciava o quanto ela amava e tinha orgulho dos pais.

— *Horas?* — perguntei quando Stefan me ajudou a subir em um banquinho.

Stefan gesticulou com as mãos como se estivessemos sendo ridículas.

— Um pequeno preço a se pagar por um trabalho artístico como esse — disse ele, enfiando um punhado de alfinetes na boca.

Ele e Glen se ajoelharam aos meus pés. Enquanto Glen levantava a barra do vestido e juntava o material, Stefan desenrolou o boá de plumas azul-turquesa do pescoço e procurou um alfinete. Ele se preocupou em encontrar a forma certa de colocá-lo antes de prender cuidadosamente as plumas à bainha do vestido. Eles eram como uma dupla de cirurgiões operando um paciente. Eu realmente poderia ficar ali por horas.

— Vocês não têm relações com o meu fisioterapeuta, têm? — perguntei. — Ele também adora encontrar maneiras singulares de me torturar.

Aquilo fez os três gargalharem. Glen olhou para mim com olhos cintilantes e apontou para Stefan.

— Eu não o faria rir desse jeito, se fosse você. Ele estava mentindo sobre a capacidade de não te espetar.

Todos nós rimos outra vez, mas, apesar do aviso de Glen, não senti nenhuma pinicada. Depois disso, Stefan e Glen foram trabalhar no vestido enquanto Vivian começou a colar pedaços de tecido no cano da bengala. Ou iria ficar parecido com um lindo trabalho de patchwork ou com algo saído de um filme de Tim Burton. Depois de algum tempo de um silêncio confortável, Vivian disse:

— Então, eu sento perto de Rob Loxley no sétimo período.

Corei ao reconhecer o nome do cara que Juliette dizia ter um *crush* por mim. Vivian não notou. A concentração dela estava focada apenas no projeto em frente a ela.

— É um cara bem legal — ela disse. — Bonito, também. Mas é calado. Ele não falou muito comigo o ano inteiro e então, de repente, do nada, ontem e hoje ele se transformou no senhor conversador.

Meu rosto estava ficando bem quente agora.

— Hum, que estranho.

Vivian olhou para mim por um segundo, e então voltou ao trabalho de cortar e colar.

— Tentei pensar no que poderia ter acontecido nos últimos dois dias para que ele de repente começasse a se interessar por mim, mas nada havia mudado. Nada, exceto que me tornei *sua* amiga.

Ela finalmente parou o que estava fazendo e me deu uma olhada que dizia que ambas sabíamos o que ela

queria dizer. Não havia motivo para negar.

— Juliette disse que ele gosta de mim. Ela se ofereceu para dar meu número para ele. Eu disse que ia pensar.

— Você vai *pensar*? Por quê?

— Não sei.

— Ele é um cara decente, Ella. Não iria ligar para as cicatrizes ou para a bengala. Principalmente depois que eu deixá-la tão bonita.

— Talvez, mas esse não é o único problema. Eu não estou no melhor do meu emocional no momento. Não sei se um relacionamento iria ser uma boa ideia.

Vivian franziu a testa.

— Isso parece uma desculpa. Você tem certeza de que não está apenas assustada?

— Estou aterrorizada — admiti.

Vivian pensou naquilo e então balançou a cabeça.

— Bem, quem disse que teria que entrar em um relacionamento? Talvez vocês pudessem ser apenas amigos. Foi você quem me disse que uma das ordens dos médicos era fazer mais amigos.

— Sim. Acho que sim. Talvez.

— Você poderia convidá-lo para vir assistir a um filme aqui na sexta, junto com algumas colegas da dança — Glen sugeriu. Meu rosto ficou ainda mais vermelho quando percebi que ele estava tentando ajudá-la a brincar de cupido. — Iria forçar a mim e a seu pai a finalmente limpar isto aqui.

Vivian deu um salto como se pudesse agarrar a ideia no ar e fazê-la acontecer.

— Ahhh, gostei! — Eu não tinha certeza se ela estava mais excitada com a ideia de me apresentar ao Rob ou com a ideia de os pais limparem a casa. — O que você acha? — ela me perguntou.

Fui poupada de ter de dar uma resposta imediata — embora soubesse que no momento oportuno ela iria me cobrar — porque meu telefone tocou.

— Eu pego! — Vivian cantarolou, procurando alegremente minha mochila.

— Está tudo bem; deve ser Cinder. Ele pode deixar uma mensagem.

— Cinder? Aquele cara que *não* é seu namorado, mas escreve para você como uma garota de doze anos que está se apaixonando pela primeira vez?

Eu ri. Era uma comparação justa.

— Já recomendei que ele procurasse ajuda para o vício em telefone várias vezes, mas ele nunca me ouviu em nada.

— Bem, não podemos deixar cair na caixa-postal, então, porque ele vai ficar ligando até você atender.

— Vivian! — censurei, mas ela já tinha agarrado o telefone.

— Relaxa. Vou colocar no alto falante. Você pode me cortar quando quiser.

Ela atendeu ao telefone, fazendo sua melhor imitação de uma secretária animada.

— Obrigada por ligar para o número de Ellamara. Temo que a sacerdotisa esteja ocupada no momento emprestando seu corpo a uma dupla de homens muito lindos e não possa atender a chamada. Você se importaria em deixar uma mensagem com a melhor amiga dela e assistente sempre tão útil?

Engoli uma risada, mas Cinder não perdeu a deixa.

— Grande inflexão de voz e exposição, mas há duas coisas muito erradas com essa pequena fala. Em primeiro lugar, *eu* sou o melhor amigo de Ellamara. *Eu*. Não você, quem quer que você seja. Eu, eu, eu.

Vivian olhou para mim com um olhar interrogativo, divertindo-se com a insinuação de birra na voz de Cinder. Revirei os olhos, mas estava rindo feito uma idiota.

— E na posição de Cinder, o príncipe valente do Reino — Cinder continuou como um tonto —, é meu

direito disciplinar qualquer um que tente roubá-la de mim. Eu a advirto, a punição para um crime tão hediondo é a morte por vermes comedores de carne.

Eu caí na gargalhada, mas Cinder não me ouviu porque Vivian soltou uma gargalhada ainda mais alta.

— *Vermes comedores de carne?*

Cinder permaneceu totalmente sério.

— Sim, claro, vermes comedores de carne. É uma forma lenta, dolorosa e grotesca de morrer. Muito indigna. Eu não recomendaria. Se fosse você, ficaria apenas com o título de assistente e, talvez, se você se provar digna, poderá ser a segunda melhor amiga de Ellamara. — Ele fez uma pausa e acrescentou: — Um segundo lugar *bem distante*.

Vivian riu outra vez.

— Jesus, obrigada. Você já terminou?

— Não estou nem perto de terminar. Ainda há a questão dos dois homens prestes a morrer que você mencionou, colocando as mãos peludas em minha mulher.

As sobrancelhas de Vivian se arquearam e o sorriso dela se transformou em um sorriso malvado.

— Qual o problema, príncipe Cinder? Você está com ciúme?

— É claro que estou. Príncipes não dividem. Além disso, quem quer que sejam eles, não serão bons o bastante para Ella.

— E como você sabe? — perguntei, sem poder me segurar nem mais um instante.

— Ah, *ai está* minha garota.

A voz de Cinder se aqueceu de uma forma que fez Vivian se virar para mim com olhos arregalados. Fiz meu melhor para não corar, mas sabia que teria uma longa conversa com ela assim que aquela ligação terminasse.

— Como sabe que eles não são bons o bastante para mim? — perguntei outra vez, só para retirar a atenção de Vivian de mim.

— Porque nenhum cara é digno de você, Ella. Todos os homens são cachorros. Você não vai compartilhar seu corpo com nenhum deles. Nunca. Eu a proíbo. Bem, exceto por Brian Oliver. Tem minha permissão para deixar que ele a arrebate das maneiras mais inimagináveis.

Vivian me olhou de um jeito estranho e até Glen e Stefan estavam olhando para mim boquiabertos depois daquele comentário brilhante. Tudo que pude fazer foi rir e balançar a cabeça envergonhada.

— A sua paixão pelo Garoto Maravilha de Hollywood é perturbadora, Cinder. Sério.

— Você sabe que iria gostar. Admita.

— Eu sei que você gostaria.

— *Eu*, com certeza, iria adorar — Vivian afirmou.

— Eu também! — Glen gritou, piscando para Stefan.

— Tenho fantasias constantes sobre isso — Stefan acrescentou, e todos nós caímos na gargalhada.

De uma forma estranha, Cinder pareceu não apreciar a festa para Brian Oliver.

— Espere um minuto. Quem disse isso? — perguntou. — Então é verdade que tem homens *maltratando* você agora?

— É claro que não. — Ri, e depois, porque simplesmente não pude resistir, disse: — Eles estão sendo muito gentis. Stefan nem me cutucou ainda.

— Ellamara!

O horror dele era tão genuíno que me dobrei de rir até que tanto Stefan quanto Glen gritaram comigo para que eu ficasse parada.

— Desculpe! — gritei, ainda perdida em gargalhadas. — Vou parar de brincar. Você sabe que é o único homem da minha vida.

— Como deveria ser.

— Na verdade, isso não é inteiramente correto — disse Vivian. A ponderação repentina na voz dela me deixou nervosa. — Você diz que é o melhor amigo dela, certo?

— Eu *sou* — Cinder afirmou com veemência.

— Então talvez possa me ajudar a convencê-la a ir a um encontro com um cara da nossa escola. Ele é muito legal e está bastante interessado nela, mas ela está assustada demais para dar uma chance a ele.

Senti o sangue fugir do rosto. Não queria ouvir a resposta dele. Eu iria morrer quando ele declarasse que ficava feliz por mim e me encorajasse a ir ao encontro. O que eu tinha certeza de que iria fazer. E, é claro, ele fez. Mais ou menos, eu acho.

— Ella... — a voz dele se enteneceu da forma como ele fazia às vezes, como se fosse me abraçar forte se estivesse ao seu alcance. — Por que estaria com medo? Qualquer sujeito teria que estar louco para não se apaixonar por você.

Stefan suspirou e Glen colocou a mão no coração. Vivian praticamente se derreteu na cadeira. Eu? Eu fiz a coisa mais embaraçosa do mundo: chorei. Não eram soluços que se notassem ou coisa parecida, mas meus olhos marejaram o suficiente para que Vivian me trouxesse um lençinho.

— Você sabe, ela não precisa sair necessariamente com o *Rob* — Vivian disse ao telefone. Quase explodi de estresse quando percebi o que ela estava prestes a fazer, mas, antes que eu pudesse impedi-la, ela disse: — Ella e eu iremos assistir a um filme em minha casa na sexta. Você poderia vir no lugar de Rob.

Meu coração parou. Como não percebi que aquilo iria acontecer no instante em que Vivian atendeu ao telefone? Como deixei acontecer?

Cinder nunca me pediu para encontrá-lo pessoalmente. Nenhuma vez. Nunca sequer deu uma dica de que gostaria. A única vez em que o assunto surgiu foi quando ele descobriu que eu havia me mudado para Los Angeles, e na ocasião ele disse o quanto gostava do fato de nunca termos nos encontrado.

Sei que disse que não queria encontrá-lo também, mas é claro que eu queria. Eu o amava tanto. Desejei todos os dias que nos encontrássemos pessoalmente em algum momento e que nos apaixonássemos perdidamente. Eu só tinha medo de que ele não fosse me querer porque meu corpo estava retalhado e cheio de cicatrizes. Disso, ou que ele comesse a me tratar da mesma forma que meu pai e Jennifer: como se pensasse que *eu* estava em retalhos, e não apenas meu corpo.

Se Cinder algum dia comesse a me tratar como se eu fosse feita de vidro, isso me mataria. Mas Vivian não tinha pisado em ovos ao meu lado, e se esse tal de Rob podia gostar de mim do jeito que eu era, talvez Cinder pudesse também. É claro, eu não era uma das supermodelos de Cinder, mas ele se importava comigo. Isso deveria contar alguma coisa. Talvez fosse uma coisa boa. Talvez Vivian estivesse nos dando o impulso de que ambos precisávamos.

Prendi a respiração enquanto esperava pela resposta de Cinder. Ele não disse nada por tanto tempo que Vivian verificou o telefone para ter certeza de que a ligação não tinha caído.

— Alô?

— Eu não posso.

Fechei os olhos para evitar que as lágrimas rolassem pelo meu rosto. Ele não queria se encontrar comigo. No fundo, eu sabia disso. Nós tínhamos tocado no assunto antes, mas nenhum de nós tinha dito claramente. Eu disse a mim mesma que ele estava apenas nervoso como eu e que nós chegaríamos lá em algum momento, mas esse “eu não posso” me pareceu muito definitivo. Tenho certeza de que ele ouviu minha voz tremer quando eu finalmente respondi:

— Está tudo bem.

— Tenho que sair com a megera na sexta — ele explicou, quase como um remendo. — Vamos jantar com o pai dela e outras pessoas. Não posso deixar de ir.

Vivian, tentando ser útil, mas sem entender o que realmente estava acontecendo, disse:

— Então faremos no sábado, em vez disso. Você estará ocupado no sábado?

— Eu... — A voz de Cinder se desmanchou e ele soltou um suspiro de frustração. — Droga! Ella... eu... eu *não posso*.

Ele parecia estar sendo torturado e eu de repente fiquei aterrorizada.

— Está tudo bem — respondi rápido. Eu não queria que isso deixasse as coisas estranhas entre nós para sempre. — Não se preocupe com isso. Eu entendo totalmente.

— Sinto muito.

— Está tudo bem.

Um silêncio pesado se abateu sobre a sala. Vivian e os pais não se atreviam a se mover. Eles não tinham ideia do que estava acontecendo, mas sabiam o suficiente para esperar em silêncio. Cinder foi o primeiro a falar. Ele limpou a garganta e perguntou:

— Tudo bem se lermos hoje à noite?

Ele parecia estranho. Hesitante. Estava muito distante da autoconfiança usual.

Embora soubesse a resposta, levei um minuto para dizer sim. Eu estava muito mais chateada do que queria que ele soubesse. Meu coração estava dilacerado, mas eu sabia que nunca conseguiria deixá-lo, mesmo que fosse ficar ferida cada vez que falasse com ele de agora em diante.

— Claro.

Ele deu um suspiro de alívio.

— Encontrei um livro novo que acho que você vai gostar. Foi por isso que liguei. Achei que podíamos tentar juntos.

— Parece divertido.

— Que bom. Você liga mais tarde? — Ele ainda parecia inseguro.

— Eu não perderia isso por nada.

Fiz sinal para Vivian desligar antes que minha voz rachasse. Assim que desligou o telefone, Vivian olhou para mim em pânico.

— Eu estraguei tudo. Não sei como, mas sei que foi ruim.

— É uma longa história.

Meu corpo envergonhou tanto que Stefan teve de levantar e me endireitar. Ele me ajudou a descer do banco e declarou que o serviço estava terminado naquele dia. Vivian se ofereceu para me levar para casa depois daquilo. Todos puderam ver que minha conversa com Cinder — e a rejeição oficial dele — tinha me deixado esgotada.



Quando cheguei da casa de Vivian eram apenas quatro horas da tarde, por isso fiquei surpresa ao ouvir a voz jovial de meu pai vindo da cozinha.

— Isso não é engraçado! — ele declarava, mas ria enquanto falava.

Em resposta, ouvi Anastasia e Juliette caindo na gargalhada. O clima era leve e alegre. A princípio, isso me fez sorrir — como qualquer um faria, porque climas bons são, em geral, contagiantes —, mas o sorriso logo se apagou quando me dei conta de que não tinha visto nenhum deles agir de forma tão natural desde que eu tinha chegado. Eles estavam se divertindo como uma família feliz faria. Também era obviamente um tom familiar para eles — provocarem-se na brincadeira e gostar da presença um do outro. Era desse jeito agora porque eu não estava lá. Juliette estava certa. Eu estava arruinando a família deles.

Fiquei paralisada na entrada, sem conseguir entrar na cozinha e tornar minha presença notada. Eu não queria ser o espinho no pé de todo mundo, não queria ser a destruidora do clima. Não queria arruinar essa família. Exceto por Anastasia, eles não eram pessoas ruins. Mereciam ser felizes. No instante em que percebessem que eu estava em casa, toda a brincadeira ia acabar. Aquele manto espesso e pesado de constrangimento iria retornar e baixar sobre todos nós outra vez como o destino inevitável e inexorável que era.

Decidi não entrar. Eu não tinha para onde ir, mas pensei que pudesse pelo menos fazer meu dever de casa na varanda ou algo assim por um tempo e dar a eles um pouquinho de descanso de mim. Eles obviamente estavam precisando.

Antes que eu pudesse escapar, Jennifer veio do canto e me viu. Os olhos dela flamejaram e custou a ela um segundo a mais para colocar um sorriso no rosto.

— Já voltou da casa de sua amiga?

— Houve um imprevisto.

— Está tudo bem?

— Sim, tudo bem.

Ela hesitou, mas não perguntou mais nada.

— Posso sair de novo se você quiser.

Jennifer estremeceu quando registrou minhas palavras.

— O quê?

Apontei com o polegar sobre os ombros para a porta da frente.

— Se quiser que eu fique longe por um tempo, para dar um tempo a vocês, posso fazer o dever na varanda ou algo assim.

Ela pareceu entrar em conflito por um momento antes de balançar a cabeça.

— Por que você diria algo tão ridículo?

Ela suspirou quando levantei uma das sobrancelhas, desafiando-a.

— Sinto muito, Ella. Não é você. É que eu detesto ver Anastasia passando por momentos tão difíceis. Ela está diferente desde que você chegou aqui.

Jennifer parecia estar pedindo minha empatia, mas Ana estava sendo um bebê. Todos na casa estavam lutando com esse arranjo. Ana precisava parar de reclamar, como o resto de nós estava fazendo.

— Eu não tento enfrentá-la.

Jennifer deu um suspiro e sentou-se no banco ao lado da porta da frente. Ela me surpreendeu quando bateu no espaço ao lado dela. Com cuidado, sentei-me ao seu lado e esperei que ela falasse.

— Meu ex não era um homem bom. Ele era violento com as crianças e comigo. Conheci Rich quando ele fazia um trabalho voluntário em Boston para um abrigo de mulheres maltratadas, onde eu estava vivendo com as meninas, nos escondendo, na verdade, do pai delas.

Essa novidade era surpreendente. Durante todos esses anos, eu não fazia a mínima ideia de como meu pai tinha conhecido Jennifer. Da forma como minha mãe falava dela, sempre imaginei que fosse a garçonete dele na Hooters ou coisa que o valha.

Mas a história tinha tudo a ver com meu pai. Ele estava sempre tentando ser o herói, sempre salvando alguém. Era um cara muito inteligente e teve as melhores notas em uma das principais escolas de Direito do país. Poderia ter sido um advogado empresarial excelente e muito bem pago, mas sempre quis ajudar as pessoas. Ele foi defensor público antes de conseguir o emprego como promotor. Ao ouvir a história de Jennifer, eu finalmente conseguia ver por que eles estavam juntos. Ele era o cavaleiro heroico em uma armadura brilhante e ela era a bela donzela em perigo.

Papai era um Hércules dos dias modernos, e isso fez apenas com que o abandono dele machucasse muito mais. Sempre imaginei como um herói como esse, que passa tanto tempo ajudando os outros, podia ter se tornado o vilão da minha história. Como um homem como aquele pôde simplesmente ir embora, deixando mamãe e eu sozinhas?

— Rich entrou em nossas vidas como um anjo da guarda — disse Jennifer, tirando-me de meus pensamentos. — Ele nos salvou e todas nós nos apaixonamos por ele. Ana, principalmente, se aproximou muito dele. Ela sempre foi a garotinha do papai. Acho que tem medo de que você a afaste do pai dela.

— Não acho que ela precise se preocupar com isso — resmunguei e me levantei. Eu não queria ouvir mais nada daquilo. Era como sal em minhas feridas. Ele tinha escolhido bancar o herói e ser o melhor pai do mundo. Só que tinha escolhido fazer isso para a família de outra pessoa. Eu tive de engolir uma náusea.

Jennifer levantou-se comigo e colocou uma mão no meu braço.

— Não, ela não precisa — ela concordou. — Rich tem espaço no coração para vocês duas, mas Ana não sabe disso ainda.

Eu também duvidei daquilo.

— Sinto muito que ela esteja sendo malvada com você, Ella, e estamos colocando um basta nisso, mas será que poderia ao menos tentar ser legal com ela, ou falar com ela às vezes?

Aquilo me deixou com raiva e eu me soltei da mão dela.

— Eu preciso me defender quando ela me força a isso, mas nunca fui malvada com ela.

— Você nunca é amigável também. — Eu congelei, chocada com a franqueza. O rosto de Jennifer

abrandou em algo desesperado. — Sei que ela não merece, mas uma de vocês vai ter de ser mais forte e ser gentil primeiro. E odeio admitir isso, mas, pelo que vejo, você é a mais forte nesse aspecto. — Ela me deu um sorriso aguçado que era igualmente triste e orgulhoso e, possivelmente, até um pouco enciumado. — Você é como o seu pai nesse aspecto.

Eu não tinha ideia do que dizer diante daquilo. Nem ao menos sabia como me sentia sobre isso. Será que eu gostava de ser comparada com meu pai, ou elogiada por Jennifer, mesmo se os elogios fossem dados com um grão de sal?

Sentei-me novamente. Toda essa conversa me pegou de surpresa e eu precisava de um tempo para me recuperar. Acho que Jennifer podia ver isso, porque deu um tapinha no meu ombro e foi se juntar à família depois de dizer:

— Quando estiver pronta, estão todos na cozinha tentando decidir o jantar. Noite especial hoje, por isso estamos comemorando. É melhor você não esperar demais se quiser dar alguma opinião sobre o assunto.

Fiquei deprimida. Depois daquela conversa e do que tinha acontecido com Cinder antes, eu não achava que teria forças para atravessar outro fiasco de jantar de família como o último. Estava tentando descobrir se a desculpa das cólicas funcionaria naquela casa quando cheguei à cozinha.

Como esperado, o rosto das meninas se fechou e as risadas cessaram imediatamente. Meu pai olhou surpreso, mas me ver não mudou o humor dele. Sua voz continuou animada e os olhos continuaram brilhando.

— Você chegou cedo.

— Você também.

— Recesso na Corte. Decidi tirar o resto do dia para comemorar.

— Presumo que o seu caso terminou bem?

Meu pai estufou o peito e o sorriso dele se abriu em um sorriso largo.

— Prendemos o canalha.

Sorri para ele. Foi um sorriso tímido, mas ao menos foi sincero.

— Fico feliz.

Papai vinha trabalhando naquele caso desde antes do meu acidente e a equipe dele tinha se esforçado muito, graças a meu pai ter que passar tanto tempo em Boston comigo. Fiquei muito aliviada por ele ter vencido aquele caso — e não só porque ele estava processando um homem acusado de sequestrar e matar três garotas.

— Então, querida, nós vamos jantar para comemorar, e estamos com problemas para entrar em acordo.

— Providence! — Juliette insistiu.

— Não — Anastasia resmungou. Acho que foi a primeira vez em que concordei com ela em alguma coisa.

— Nós comemos sushi da última vez.

— Que tal comida italiana? — papai sugeriu.

— Não! — Jennifer gritou horrorizada. — Em nenhum lugar com farinha e molho branco um dia antes de uma sessão de fotos! Você vai me *matar*!

O sorriso entre os dentes de meu pai me fez pensar que ele só tinha sugerido a maior fraqueza alimentar de Jennifer para irritá-la.

— Quero comida mexicana — disse Anastasia. — Nós nunca vamos comer comida mexicana.

— É porque não existem restaurantes mexicanos decentes por aqui — Juliette argumentou.

— No Glória — Anastasia respondeu, como se tudo estivesse resolvido.

— Eu disse *por aqui*. O Glória fica em Culver City. Nós levaríamos duas horas para chegar lá a essa hora do dia.

— Comida mexicana soa bem — papai concordou, esfregando a barriga. Ele sorriu para mim de uma forma conspiratória. — Embora nenhum restaurante nunca vá chegar aos pés da comida de sua mãe.

O sangue congelou em minhas veias quando ele mencionou mamãe. Papai não parecia notar que tinha me causado um ataque no coração. Ele estava sorrindo para Anastasia e Juliette.

— A mãe de Ella era a cozinheira mais fascinante do mundo. Se tem uma coisa de que senti falta, depois da separação, foi das enchiladas de pimentão verde de Lucinda.

Ele poderia ter enfiado uma faca de açougueiro no meu coração. Na verdade, isso poderia ter doído menos e se curado com mais rapidez. Respirei fundo sentindo dor, quase ao mesmo tempo que Anastasia riu e disse:

— Humilhou!

— Pai! — Juliette ralhou.

Ele demorou um minuto para entender. Eu o observei reprisar a conversa na cabeça, e então todo o sangue desapareceu do rosto dele.

— Ah, não! Querida, não! Eu não me expliquei direito. É claro que senti sua falta, também.

Aquilo tinha de ser mentira. Ele não poderia ter pensado em mim todos esses anos porque até mesmo agora, estando bem aqui, eu não era nada a não ser um pensamento tardio. Juliette tinha precisado desenhar para ele.

Eu estava prestes a sair correndo para o quarto — para o inferno com as regras da doutora Parish —, mas, quando me virei, meus olhos se encontraram com os de Juliette e eu não consegui sair dali. Juliette não estava fazendo nenhum tipo de cara malvada — se muito, ela se sentia mal por mim —, mas só o fato de vê-la me fez lembrar do que ela havia dito. Eu não podia sair correndo.

Depois de respirar fundo, eu me virei novamente e me forcei a falar. Eu não poderia dizer que não tinha importância ou que eu estava bem, porque qualquer um teria visto a mentira em minha voz, então decidi mudar o assunto completamente.

— Vocês gostariam que eu fizesse enchiladas para vocês?

O coelhinho da Páscoa poderia ter descido pela chaminé armado de pistolas e começado a disparar pela casa e todos teriam ficado menos surpresos. Papai colocou a mão na orelha como se ela estivesse lhe pregando uma peça.

— O quê?

— Eu costumava gostar de cozinhar — expliquei de uma forma esquisita. — Mamãe me ensinou a fazer enchiladas suíças quando eu tinha doze anos. Se vocês quiserem para o jantar, eu posso fazer.

A família toda ainda estava tão chocada que me senti estúpida por fazer a oferta. Meu rosto estava quente de vergonha e eu tentei rapidamente refazer os passos.

— Quero dizer, se vocês quiserem sair para jantar, tudo bem. Façam como quiserem. Provavelmente não temos tudo que é necessário para fazê-las, de qualquer forma. Vou me trocar.

Meu recuo colocou meu pai e Jennifer em ação outra vez.

— Eu posso ir ao mercado e comprar o que você precisar — Jennifer falou sem pensar no momento em que eu começava a sair. Todo o corpo dela estava tremendo, como se estivesse tendo dificuldades para conter a empolgação. — O empório do Joe fica logo ali no pé da colina.

Olhei para meu pai, esperando que ele tomasse a decisão. Ele mordeu os lábios e hesitou por um segundo, mas então perguntou calmamente:

— Você faria mesmo as enchiladas de sua mãe para nós?

Eu concordei com a cabeça, mas depois olhei para minha mão direita e encolhi os ombros.

— Quer dizer, um de vocês teria que fazer a maior parte. Não vou conseguir picar muita coisa, mas posso dar as instruções.

Meu pai começou a sorrir, então guardou as emoções em uma máscara neutra. Talvez ele estivesse com medo de fazer um estardalhaço em torno disso que me fizesse mudar de ideia.

— Eu gostaria — ele disse, engolindo duro. — Eu gosto muito disso, de verdade.

Vinte minutos depois, eu e meu pai estávamos na cozinha vestindo aventais rosa e branco de bolinhas, combinando. Papai retirou todos os ingredientes das sacolas de compra e os espalhou pela bancada como se

estivéssemos estrelando nosso próprio programa para a Rede Comida. Ele estava pegando uma colher de sopa e uma colher de sobremesa da gaveta de utensílios com um enrugado gigante na testa quando Jennifer pegou o celular e disse:

— Sorriam!

Papai veio para perto de mim, estufou o peito coberto pelo avental e sorriu orgulhoso. Eu também sorri, mas provavelmente parecia muito nervosa, porque essa era a primeira foto que tirávamos juntos em mais de nove anos. Fiquei surpresa, depois que Jennifer tirou a foto, com o quanto eu queria uma cópia dela. Fiquei envergonhada demais para pedir que Jennifer a enviasse para mim e torci para que ela fizesse isso sem que eu precisasse dizer nada.

Quando acabamos de posar para a foto, meu pai voltou a olhar para as colheres.

— Como saber se uma das duas é uma colher de chá?

Eu dei uma olhada para Jennifer e ela riu.

— Não, eu temo que ele não esteja brincando.

— O segredo das enchiladas suíças — eu disse, tirando as colheres da mão de meu pai e colocando uma cebola e uma faca nas mãos dele — é um bom molho. É um equilíbrio delicado de creme e pimenta, motivo pelo qual *eu* vou medir os ingredientes e você pica as coisas. Se me lembro bem, a única coisa que você já cozinhou foi Froot Loops.

Papai se resignou ao seu lugar na tábua de picar e suspirou.

— Sim, mas você tem que admitir que eu era um mestre naquele prato.

— Ele ainda é. — Juliette sentou em um banco e ficou olhando a cena na cozinha com uma boa dose de curiosidade. Ela sorriu para meu pai com um jeito afetado. — Ele só precisa esconder as evidências da mamãe. Ela não “permite” cereais com açúcar aqui em casa, então ele esconde os Froot Loops e os Lucky Charms dele no armário em cima da secadora na lavanderia e só come quando ela não está.

— O quê? — papai arfou. — Eu não! Como você sabia disso?

Juliette e eu nos olhamos e caímos na gargalhada. Jennifer beijou a bochecha de meu pai.

— *Todas nós* sabemos disso, querido — ela caçoou, juntando-se a Juliette e a mim na gargalhada.

Logo, meu pai começou a rir também. Ele ria tanto que as lágrimas que escorriam pelo rosto dele deviam ser mesmo de choro e não apenas pela cebola que estava cortando.

O clima continuou leve enquanto cozinávamos e, depois de algum tempo, Juliette perguntou o que poderia fazer para ajudar. Ela surtou com a ideia de cozinhar o frango ou de fritar as tortillas — aparentemente tão cautelosa com o fogão quanto meu pai —, então a coloquei para ralar o queijo.

Jennifer ficou sentada à bancada o tempo todo, mas recusou-se a levantar um dedo — falou alguma coisa sobre ter muitos cozinheiros na cozinha. Ela estava claramente gostando de ter outra pessoa cozinhando no lugar dela, embora olhasse para a manteiga, o creme de leite e o queijo com um estremecimento que me fazia rir.

O jantar foi um sucesso. A comida estava excelente e a atmosfera era a mais calma que já tinha havido desde que eu viera para a casa dos Coleman. Até Anastasia comeu seu jantar sem lançar um único insulto em minha direção.

Meu pai raspou o último bocado do prato, depois se recostou na cadeira e disse:

— Ellamara, você é demais. Acho que estavam até melhores do que as da sua mãe.

Algo dentro de mim se aqueceu diante do primeiro elogio verdadeiro que eu recebia de meu pai. Mesmo assim, tive de balançar a cabeça.

— Não chegam nem aos pés. Mas Abuela me ensinou o segredo das sopaipillas dela antes de morrer, e essas eu acho que faço melhor que mamãe. Talvez nesse Natal nós pudéssemos... — Minha voz desapareceu enquanto eu era atingida por uma pontada de pesar incapacitante. Eu levei o guardanapo aos olhos e resmunguei um pedido de desculpas esquisito.

— O que deu nela? — Anastasia resmungou.

Juliette tentou desviar a pergunta de Anastasia e questionou:

— O que é uma sopaipilla?

Papai atirou-se no bote salva-vidas que Juliette jogou para ele.

— Como a mãe dela costumava fazer, eram como rosquinhas de abóbora fritas cobertas com xarope de bordo. Eram deliciosas. Costumávamos tê-las no café da manhã, nas manhãs de Natal, com chocolate quente. Ella ficava mais animada com as sopaipillas, que com os presentes.

— Era uma tradição — suspirei, caindo em uma vida inteira de lembranças. — O ano passado foi o único Natal na minha vida em que não as comi.

— Bem, você terá que comer o dobro nesse Natal para compensar — papai disse.

Meu coração saltou e me senti ridícula quando meus olhos se encheram de água.

— Verdade? Podemos prepará-las no Natal? Não teria problema?

— É claro.

— É, essa me parece uma tradição que eu com certeza poderia seguir — disse Juliette. — Normalmente, tudo que comemos no café da manhã no Natal são os chocolates que encontramos nas meias.

O clima estava salvo, mas ainda parecia frágil de alguma forma. Provavelmente, tinha a ver com a maneira como Anastasia olhava zangada para o colo. Todos nós notamos e estávamos fazendo o nosso melhor para ignorá-la, esperando que ela não explodisse.

Papai tentou levar a conversa adiante.

— Abuela contou mesmo o segredo a você?

Eu sorri.

— Você tem que usar *chancaca* no lugar do açúcar mascavo comum. É difícil encontrar, mas faz toda a diferença do mundo. Nunca contei à mamãe o que era. Abuela me fez jurar. Era o nosso segredo. Levou mamãe à loucura.

Papai riu e eu sorri também. Era muito surreal estar sentada ali com ele relembando velhas histórias de minha mãe. Quando ela morreu, eu sentia como se não pudesse falar dela porque não tinha ninguém para falar sobre ela. Não havia mais ninguém em minha vida que a tivesse conhecido. Mas papai tinha sido casado com ela por mais de oito anos. Fazia tanto tempo que eu quase não fazia a conexão mental de que ele era o homem das minhas memórias de infância.

— Abuela... — disse Juliette, retirando-me do devaneio. — Isso quer dizer *avó*, certo? Ela é a mãe da sua mãe?

Eu fiz que sim com a cabeça.

— Ela mora em Boston?

Eu suspirei.

— Ela morreu quando eu tinha quatorze anos. Meu avô morreu quando eu tinha onze e mamãe era filha única, então ficamos só nós duas depois que Abuela morreu. Eu não tinha mais ninguém.

— Sim, você tinha — Anastasia metralhou. — Você tinha um pai.

Meu pai estava tentando pegar o copo e errou a mira, espalhando vinho por toda a toalha de mesa. Anastasia estava ocupada demais olhando com raiva para mim para perceber.

— Você não é órfã, Ella.

— Eu nunca disse que era — murmurei.

O clima leve estava oficialmente morto. Não ia haver meios de salvá-lo. A única pergunta era o quanto o descarrilamento do trem iria ser ruim. Com Anastasia, era imprevisível.

— Por que você nunca nos falou dela? — Anastasia perguntou a meu pai de repente. — Nós nem sequer sabíamos que ela existia até a polícia ligar depois do acidente.

Eu não sabia disso. Olhei ao redor procurando algum tipo de confirmação disso. Meu pai não olhou para

mim, então olhei para Juliette. A expressão de desgosto dela disse tudo o que eu precisava saber. Anastasia estava dizendo a verdade. Ele nunca disse a elas que tinha uma filha. Eu realmente não era nada para ele.

Não percebi que estava chorando até que funguei e, de repente, todos estavam olhando para mim.

— Eu sabia de você — Jennifer sussurrou tranquila. — Ele costumava me contar histórias sobre você quando começamos a namorar.

— Ele disse que ainda era casado quando vocês começaram a namorar? — Fiz a pergunta com sinceridade. Não porque queria machucar o sentimento de ninguém, e não porque quisesse jogar os erros deles em suas caras, mas porque eu precisava saber.

Jennifer deve ter visto o desespero em meu rosto, porque ela fechou os olhos e concordou:

— Sim.

— E por que você nunca nos falou sobre ela? — Anastasia perguntou mais uma vez. — Se a amava tanto e tem todas essas recordações divertidas com ela, era de se esperar que falasse sobre ela de vez em quando, ou que tivesse uma foto dela aqui em algum lugar.

Meu pai não conseguia dar uma resposta, então Anastasia voltou sua ira contra mim.

— Por que você nunca ligou ou mandou fotos da escola e outras coisas para ele?

— Ana... — papai implorou.

O apelo dele não importava. Não para Anastasia, e não para mim. Eu não precisava que ele lutasse minhas batalhas por mim. Eu já estava cansada e irada de ter Anastasia cravando uma faca em uma ferida que já era dolorida demais sem a ajuda dela. Eu me endireitei na cadeira, fiquei o mais reta possível, enquadrei os ombros e olhei nos olhos dela.

— Eu mandei fotos, desenhos, cartões e cartas dizendo a ele o quanto o amava e o quanto sentia a falta dele e *implorei* a ele que viesse me visitar *por anos*. Ele nunca respondeu ou telefonou. Nos primeiros anos, tudo que recebi foram cartões de aniversário ou de Natal aleatórios, mas até mesmo esses pararam de vir depois de um tempo, então eu desisti. Existe um limite para a rejeição que uma garota pode aguentar antes que o orgulho dela assuma.

Anastasia me olhava com raiva, mas não houve nenhuma resposta irritante. Foi meu pai quem quebrou o silêncio.

— Eu sinto muito, querida.

A voz dele mal podia ser ouvida. Fingi não escutar e olhei para Jennifer.

— Por favor, você me daria licença?

As lágrimas corriam dos olhos de Jennifer e desciam pelo rosto pálido quando ela sinalizou que sim.

A última coisa que ouvi antes de escapar para o meu quarto foi Juliette berrando:

— Está feliz agora, Ana? Você arruinou tudo! — Depois ela saiu correndo escada acima.



Quebrei as regras da doutora Parish e recolhi-me ao meu quarto para me esconder. Houve muitas batidas na porta naquela noite, mas, quando não respondi, as pessoas entenderam e me deixaram em paz. Cinder parecia estar mais denso que minha família postiça. Ele ligou e, quando não respondi, ligou outra vez. E outra. Depois ficou on-line e fez o computador começar a bipar com mensagens enquanto o telefone continuava a tocar.

EllaTheRealHero

Desculpe, Cinder. Não estou com ânimo para ler esta noite.

Cinder458

Nós não precisamos ler. Podemos apenas conversar. Você pode me ligar?

EllaTheRealHero

Não posso. Hoje, não.

Cinder458

É por causa do que aconteceu mais cedo?

Eu olhava para a tela com os dedos posicionados sobre as teclas para escrever uma resposta, mas não tinha ideia do que dizer. Não estava em condições de lidar com Cinder naquele momento. Aquele dia tinha me devastado completamente. Eu tinha dado um grande passo para tentar ser parte da família de meu pai naquela noite. Tinha oferecido um pedaço de mim a eles e, em troca, isso tinha aberto a tampa de todas as memórias que eu vinha suprimindo há anos.

Por um tempo, tinha funcionado. Por alguns minutos, tive meu pai de volta — o pai que eu recordava do meu passado. A pergunta de Anastasia o levou embora outra vez. Ela tinha aberto as feridas antigas enquanto eu estava no meio do alívio das memórias felizes, por isso aquilo doeu como um novo corte. Normalmente, eu deixaria que Cinder me animasse, mas eu nem o tinha essa noite. Ele também me rejeitara à tarde, assim como meu pai fizera há tantos anos.

Cinder458

Ella?

Eu sinto muito.

Ella, por favor, fale comigo. Deixe-me explicar.

EllaTheRealHero

Você não precisa se explicar. Sou eu quem deve pedir desculpas. Sinto muito que Vivian tenha colocado você naquela posição. Eu a conheci há apenas alguns dias. Nós não tínhamos conversado sobre o "Cinder" ainda. Ela não sabia o que estava fazendo quando pediu que você viesse na sexta. Se eu soubesse que ela faria isso, teria impedido. Sinto muito.

Cinder458

Você não tem que se desculpar por nada. Sou eu, Ella, não você. Eu sei o que parece, mas é verdade. Sabe o quanto me importo com você, certo? Você não tem ideia do quanto eu queria aceitar o convite de sua amiga, mas...

O telefone tocou outra vez, mas não atendi. Eu não queria que ele me ouvisse chorar.

Cinder458

Será que poderíamos não fazer isso pela internet?

EllaTheRealHero

Fazer o quê?

Cinder458

Ter esta conversa.

EllaTheRealHero

Nós não temos que conversar sobre nada.
Eu entendo. Está tudo bem.

Ele me ligou de novo, e eu ignorei outra vez.

Cinder458

Não, você não entende. Não é que eu não queira me encontrar com você. É que eu não posso. Minha vida é muito complicada. Eu não quero que você se machuque por causa dela.

EllaTheRealHero

Você está dizendo isso porque você tem uma “espécie” de namorada que você odeia, mas não pode dispensar?

Cinder458

Em grande parte, sim.

EllaTheRealHero

Mas Cinder, eu não me importo com isso. Bem, quero dizer, é claro que me importo, e quero que termine com ela porque ela deixa você destruído e você merece coisa melhor, e quero que seja feliz. Mas eu não me importo que tenha uma namorada. Isso não me machuca. Eu não estou pedindo para namorar você. Só acho que pode ser legal finalmente encontrar meu melhor amigo.

Cinder458

Mas é exatamente isso. Você também é minha melhor amiga e, se nos encontrássemos, tudo iria mudar. Isso poderia arruinar nosso relacionamento. Não estou preparado para arriscar. Minha vida é louca demais nesse momento e eu preciso demais de você. Preciso da sua amizade. Você é a coisa mais importante para mim nesse momento. A única coisa que me mantém são. Não posso perder você.

EllaTheRealHero

Você não vai me perder. As coisas iriam mudar um pouco entre nós, tenho certeza, mas isso apenas nos tornaria mais amigos. De maneira alguma isso iria arruinar nossa amizade. Nada poderia fazer isso.

Cinder458

Eu sei que *pensa* assim, mas você não entende. Você é muito doce, Ella. Ainda é muito jovem e ingênua e meu estilo de vida é muito diferente do seu. Você não conseguiria lidar.

Aquele era um momento realmente ruim para ter esse tipo de conversa. Eu já estava com as emoções abaladas graças a Anastasia, e Cinder podia ser bastante irritante. Perdi o bom senso e disquei o número dele. Ele atendeu quase no mesmo instante e parecia aliviado.

— Oi!

— Você está brincando, não está? Tem ideia do quanto isso soa arrogante, não tem? Você tem quantos anos? Vinte? Vinte e um?

Tudo bem, ele parecia aliviado até que percebeu que só liguei para gritar com ele.

— Não é arrogância. É apenas a realidade. E eu tenho vinte e dois, para sua informação.

— Aaaahh, vinte e dois, *perdão!* Você é tão velho e sábio. Esses três anos e meio de diferença devem ser vitais se ainda sou muito *jovem e ingênua* comparada a você.

— Eu não quis fazer disso um insulto — ele disse com um suspiro cansado. — Você não é imatura... Caramba, é muito mais madura que eu, de longe. Mas é muito inocente em alguns aspectos. Você seria um peixinho dourado em um tanque de tubarões no meu mundo. Seria devorada viva. Gente como a minha namorada iriam cortá-la em picadinho. *Eu mesmo* mal consigo lidar com a bruxa, e sou mestre no jogo.

— Vá se danar, Cinder! Eu não sou um bebê. Já passei por muito mais do que você conseguiria imaginar e sobrevivi até agora.

Eu agora estava em pé, descalça e andando pelo quarto. Isso fazia meus dedos doerem, então enfrentei o risco de terremotos e saí para a varanda. Debrucei sobre a grade para tirar a maior parte do peso de meus pés, esperando que a vista e o ar fresco me acalmassem.

O telefone ficou em silêncio por um bom tempo e então Cinder disse devagar:

— É diferente, Ella. Sei que passou por muita coisa. E está certa, eu não tenho ideia de como isso foi para você. Tenho certeza de que é mais resistente do que a maioria das pessoas em muitas coisas, mas, acredite em mim, se eu tragasse você para minha porcaria, ela iria esmagá-la. E, se nos encontrássemos pessoalmente, você *seria* tragada para dentro dela. Seria inevitável.

— Obrigada pela confiança, babaca.

Cinder suspirou outra vez.

— Eu sinto muito. Sei que está frustrada. Sei que eu pareço um bundão, mas juro, que se houvesse algum jeito de dar certo, eu faria. Minha vida é insana demais e não tenho controle algum sobre ela. Você iria se machucar e ia terminar me odiando por isso. Poderia, por favor, acreditar em mim? Será que podemos nos contentar com o que temos agora? *Por favor?*

Ugh. Ele parecia realmente desesperado. Eu não conseguiria dizer não a ele de jeito nenhum, mas não podia dar o braço a torcer e deixar que ele vencesse.

— Legal. Tanto faz. Eu tenho de ir.

E desliguei.

Ele ligou de volta.

Eu desliguei o telefone.

Quando entrei de novo no quarto e subi na cama, Cinder já tinha voltado para o programa de mensagens.

Cinder458

Ah, pare com isso, Ella. Não seja assim.

Eu não estou tentando ser um babaca.

Olá?

Ella!

Pare de me ignorar, mulher!!!

Eu deveria ter desligado e colocado o laptop de lado. Em vez disso, respondi.

EllaTheRealHero

Sinto muito, mas estou muito brava com você agora.

Cinder458

Eu sei, e sinto muito. Entendo se precisar de algum tempo. Só não fique brava para sempre, certo? Vou sentir demais a sua falta. Preciso de você, Ellamara. Preciso dessa amizade.

Eu li a mensagem dele e coloquei o travesseiro no rosto para poder gritar.

EllaTheRealHero

Ugh. Eu odeio quando você faz isso!

Cinder458

Faço o quê?

EllaTheRealHero

Me faz amar você mesmo quando estou tão brava com você!!!

Cinder458

Eu também a amo, Ella. Mais do que qualquer pessoa no mundo. E sinto muito que você esteja brava comigo.

EllaTheRealHero

Tenho certeza de que vou esquecer isso. Com o tempo.

Cinder458

Eu sei. É por isso que não estou preocupado. Vá ter o seu surto de garota e me ligue quando estiver me amando outra vez.

EllaTheRealHero

Odeio você.

Cinder458

Não, você não me odeia. Boa noite, Ella.

EllaTheRealHero

Boa noite, Cinder.



Eu estava destruída por Cinder não querer me encontrar, mas, de certa forma, estava também aliviada depois de nossa conversa. Por um lado, não tinha de me preocupar mais com os “e se”. Era legal entender o que ele estava pensando e por que nunca havia pedido um encontro.

Os motivos dele eram estúpidos, mas ao menos ele não estava me rejeitando. Na verdade, não. Ele estava com medo de me perder. O que, se pensar bem, era muito bacana. Foi por isso também que tive medo de encontrá-lo todo esse tempo. Não compreender a hesitação dele faria de mim a maior hipócrita do mundo.

Outra coisa que minha conversa com Cinder fez foi me libertar daquela pequena esperança de que haveria um dia em que seríamos felizes para sempre. Eu dizia a mim mesma o tempo todo que Cinder e eu não seríamos nada além de amigos. Eu me lembrava todas as vezes em que falava com ele que ele namorava outras garotas o tempo todo. Mas, é claro, como qualquer garota normal em minha posição faria, eu tinha esperança de que ele me amasse secretamente e prendia a respiração esperando o dia em que ele finalmente admitiria isso. Agora eu poderia parar de esperar e começar a tentar me esquecer dele. Pelo menos foi isso que disse a mim mesma que iria fazer quando finalmente encontrei Rob Loxley depois da escola naquele dia.

Vivian viera para casa comigo porque nunca tinha tido uma amiga que morasse no alto da colina antes e queria ver a casa. Ela deu um salto quando mostrei a ela as janelas com controle remoto.

— Ridículo, certo? Mas a vista é bem bonita.

— Opa! — Vivian saiu para a varanda e ficou rodopiando por ali. — Isso é de verdade?

Ri da reação dela. Eu não podia culpá-la. Minha varanda privativa era grande e tinha uma vista que ia até o oceano. Não era tão grande quanto a varanda da sala íntima, onde ficavam a lareira e o ofurô, do lado do penhasco, mas tinha espaço para uma mesa de varanda redonda com quatro cadeiras e uma rede.

— Isso é fantástico! Eu viveria aqui fora o tempo todo.

— Não vou muito aí fora — admiti, rindo. — Com minha sorte, teríamos um terremoto e eu despencaria pelo precipício e *sobreviveria*.

Vivian franziu a testa para mim enquanto colocava a bolsa na mesa da varanda.

— Criminosa.

Ela ergueu o rosto para o sol e respirou fundo. A visão me fez sorrir. Se havia uma coisa que eu amava no sul da Califórnia era o clima. Podia ser novembro, mas ainda estaria fazendo trinta graus lá fora. Seria estranho ter um Natal sem neve, mas eu não tinha dúvida de que me acostumaria a isso rapidamente e sem reclamar.

— Traga sua bunda pra cá, Ella.

Sentei-me na cadeira em frente a ela, mas deixei as portas bem abertas de modo que pudesse me atirar para um lugar seguro ao primeiro sinal de um tremor. Tínhamos acabado de tirar nosso dever de casa da mala quando Juliette entrou no quarto e se atirou na rede.

— E aí? O que está rolando? — perguntou, olhando com todas as forças para dentro da casa pela porta aberta do meu quarto.

Vivian e eu seguimos o olhar dela. Não conseguimos ver nada, mas podíamos ouvir as risadas de várias

peessoas diferentes na cozinha. Como era bastante comum, um punhado de tietes das gêmeas tinha vindo com elas para casa. A voz rachada de Anastasia se destacava das outras. Eu não conseguia entender o que ela estava dizendo, mas a raiva na voz dela era inconfundível.

— Será que você acaba de nos envolver em algum tipo de guerra de irmãs que irá nos comer vivas como efeito colateral? — Vivian perguntou a Juliette.

Juliette bufou.

— Não me importo. Não vou sair com ela enquanto estiver sendo tão babaca. Ela está brava comigo porque tomou uma bronca depois do que aconteceu no jantar ontem à noite. Como se tivesse sido *minha* culpa!

— Bem — eu disse, voltando ao meu dever de trigonometria —, você é bem-vinda, contanto que não tenhamos que ouvir nenhum drama.

Juliette olhou para mim, surpresa, e eu consegui dar um sorriso.

— Vivian e eu estávamos discutindo a possibilidade de uma maratona de Brian Oliver nessa sexta à noite na casa dela. A nova comédia saiu em DVD na semana passada, e o filme *V is for Virgin* está na Netflix agora. Eu ainda não assisti, mas parece ser engraçado.

— Estou nessa — Juliette disse, sem hesitar, no exato momento em que Dylan Traxler, o caso mais recente de Juliette, tornava-se nosso próximo visitante-surpresa.

Dylan era lindo e popular, mas não deu a mínima para quem Juliette tinha escolhido por companhia. Ele viu o espaço vazio na rede ao lado dela e aterrissou como uma mosca no tecido pega-moscas.

— No que estamos dentro? — ele perguntou enquanto se deitava de costas e puxava Juliette com ele.

— Noite de cinema na casa de Vivian nessa sexta. — Ela olhou para Vivian pedindo aprovação. — Ou é uma coisa só para garotas?

— Garotos e garotas é legal — Vivian respondeu, fazendo um trabalho decente de mascarar o choque. — Mas pouca gente. Minha casa é pequena.

— Legal — Dylan disse. Entendi aquilo como se ele estivesse “dentro” também.

A não ser por uma troca de olhares, Vivian e eu agimos como se déssemos festas legais envolvendo pessoas populares o tempo todo. Antes que uma de nós tivesse tempo de pensar no que dizer a seguir, o amigo de Dylan, Luke, veio entrando no quarto.

— Fazendo uma mudança, hein, Jules? — ele perguntou, juntando-se a nós na varanda. — Pessoalmente, eu estava torcendo por uma briga de gato de gêmeas Coleman, mas fico satisfeito com um pouco de amor da meia-irmã esquiava.

Ele puxou a cadeira à minha direita e sentou com as pernas abertas. Sorrindo, ele me cumprimentou com a cabeça de uma maneira extremamente ao estilo “mano”.

— Beleza, Ella? Geral comentando que você secretamente é uma mina bem legal. Qual é a do papo de ficar na solidão?

Decidi esquecer o fato de que Luke costumava zombar de mim por eu mancar logo que cheguei à escola.

— Bem, você sabe, ter um fã-clube é meio incômodo, então...

Luke riu e então os olhos dele perceberam algo dentro da casa, atrás de mim, e ele levantou a mão.

— Oi, Rob! A festa é aqui fora hoje, bro.

Só tive tempo de trocar outro olhar com Vivian, que parecia tão aturdida com o nosso tempo de estudo raptado quanto eu, antes que Rob Loxley saísse para a varanda com uma mão no bolso e a outra segurando um energético.

Eu não sabia muito bem o que fazer com Rob. Ele não era nenhum bonitão destruidor como os caras com quem Juliette e Anastasia saíam, mas tinha uma aparência decente. Era um tanto baixo para um garoto, apenas alguns centímetros mais alto que eu. Mas, já que eu nunca mais iria usar saltos, não via a altura dele como um problema. Tinha cabelos castanhos bem curtos, olhos verdes e traços definidos. Ele ainda estava usando o uniforme da escola, mas tinha afrouxado a gravata e tirado a camisa para fora das calças. Ficou bom. Ele vestia o casual como se tivesse inventado o conceito.

Eu ouvia as pessoas descrevê-lo como *tranquilo e legal*, mas havia algo nele que sugeria que a soma dessas duas coisas não tinha como resultado a timidez. Talvez fosse o nariz, que ficava um tanto torto no rosto dele, como se o tivesse quebrado um dia, ou os braços tão magros que as veias ficavam saltadas. O cara era pequeno, mas aposto que era malhado por baixo da camisa. *Determinado* seria uma descrição precisa. Ele também tinha um ar de confiança que não podia ser falso. Estava confortável consigo mesmo. Tranquilo e legal, pode ser, mas ao mesmo tempo era bastante intimidador.

Rob se sentou ao meu lado e então começou a tomar o energético. Ele deixou os olhos vagarem sobre a varanda até a cidade abaixo de nós, claramente gostando da vista. Ele não falou, e isso me deixou afobada. Eu não tinha ideia do que fazer ou dizer. Quando olhei para Vivian, pedindo ajuda, Luke riu.

— Meu camarada Rob é um cara de poucas palavras, mas o cara é muito impressionante. Ele é um jogador de futebol superestrela. Capitão do nosso time da escola e está sendo recrutado por um montão de faculdades.

Rob revirou os olhos diante da bazófia de Luke, mas os cantos dos lábios dele se contorceceram enquanto ele tentava reprimir um sorriso. Ele era modesto, mas ainda assim gostava de atenção. Eu gostava daquilo.

— Então, o que está rolando, Ella? — Luke continuou quando nem Rob nem eu dissemos nada. — Você está saindo com alguém? Jules disse que achava que tinha alguém.

Eu não podia ter certeza porque estava muito ocupada corando, mas acho que Rob chutou Luke por debaixo da mesa.

— Não tem cara nenhum. — Eu não sabia se estava mais envergonhada com a pergunta, com a resposta ou com o fato de que meu rosto estava pegando fogo e todos podiam ver isso.

— E o Cinder? — Juliette perguntou de repente.

Eu não tinha pensado que ela estivesse prestando qualquer atenção à nossa conversa, mas os olhos dela estavam em mim agora, junto com os de todos os outros. Muito obrigada, Juliette. Se a pergunta tivesse vindo de Ana, eu saberia que ela tinha tocado no nome de Cinder para me machucar, mas Juliette parecia honestamente confusa.

— Cinder é apenas um amigo — murmurei. — Nós nunca sequer nos vimos pessoalmente. É apenas alguém que me conhece do blog.

Vivian, como uma amiga sensacional, tentou tirar a atenção de mim.

— Nós vamos fazer uma sessão de filmes na minha casa na sexta à noite, Luke. — Eu olhei para ela com um olhar agradecido. Ela piscou para mim e depois sorriu para Luke. — Nada especial, só algumas pessoas, alguns petiscos e o último filme de Brian Oliver. Mas se você e Rob quiserem vir...?

Agora foi minha vez de chutar minha amiga por debaixo da mesa. Tentei retirar meu olhar agradecido olhando com seriedade para ela e ela piscou outra vez. Eu arrisquei dar uma olhada para Rob, aterrorizada em pensar que ele pudesse ter visto Vivian piscando e pensasse que eu tinha pedido a ela para dizer alguma coisa. Ele olhou para mim e me deu um sorriso torto.

— Impressão minha ou está rolando um esquema?

Eu não tinha certeza se ele estava pedindo por um esquema, ou se os amigos estavam só caçoando do interesse dele, mas de qualquer maneira ele estava esperando minha resposta.

— É o que parece — murmurei, sentindo meu rosto atingir novos níveis de vermelhidão.

Os olhos de Rob não desgrudaram de mim enquanto ele tomava outro gole da bebida. Depois de um momento, ele disse:

— Por mim está ótimo.

De novo, eu não fazia ideia de como responder... a menos que meus olhos arregalados servissem como resposta.

— Tudo bem se eu for à sua festa na sexta?

Eu corei outra vez.

— Não é exatamente uma festa. Apenas algumas pessoas reunidas para assistir a filmes.

— Essas são minhas festas favoritas.

Ele não iria desistir. Respirei fundo, querendo me recompor. Tentei parecer bem mais relaxada do que me sentia e encolhi os ombros.

— Então acho que você deve ir.

Ele sorriu e o rosto dele se iluminou e me fez perceber que ele era mais bonito do que eu pensava.

— Que bom. Temos um encontro marcado.



Eu não esperava que Juliette e o fã-clube de meninos populares dela se tornassem de repente meus melhores amigos — e não se tornaram, é claro — mas Dylan e Luke balançavam a cabeça e diziam oi quando passavam por mim nos corredores e Rob até começou a sentar ao meu lado na aula que tínhamos em comum e se juntava a Vivian e a mim no lanche.

Eu ainda era na maior parte uma excluída, mas a animosidade em relação a mim parecia ter desaparecido, a não ser por Anastasia e seus amigos mais leais. Isso tornou a vida na escola uma pouco mais confortável. Infelizmente, a tensão em casa piorava. Anastasia odiava que Juliette e eu estivéssemos nos tornando mais amigáveis uma com a outra. E, quanto mais ela ficava com raiva, menos Juliette queria ficar perto dela e, de repente, era Ana quem se escondia no quarto o tempo todo, não eu.

Era bom ter Vivian, Juliette e até mesmo Rob para conversar, mas eu sentia falta de Cinder. Na sexta à noite eu ainda não tinha falado com ele. Apenas três dias tinham se passado desde a nossa briga, mas mais parecia uma eternidade. Eu não sabia por que não tinha feito contato com ele ainda. Por teimosia, principalmente. Queria que ele fosse o primeiro a ceder. Embora ele tivesse dito que se importava comigo, o fato de não querer se encontrar comigo me magoou.

Eu sabia que precisava esquecê-lo, então tentei fazer isso e me divertir na casa de Vivian. Nossa noite de filmes foi um sucesso. Todos estavam tranquilos e de bom humor. Mantivemos o plano de alugar um filme do Brian Oliver. E, como era uma comédia adolescente, todo mundo gostou. Rimos muito e comemos muita pipoca.

Tudo estava perfeito, exceto pelo fato de que eu não conseguia me forçar a gostar de Rob. Ele era um cara muito legal. Era bonito, interessante, inteligente — e eu podia ver que ele realmente gostava de mim —, mas não havia nada ali para mim. Eu gostava dele e adoraria tê-lo como amigo, mas não sentia frio na barriga quando olhava para ele. Ele se sentou ao meu lado durante o filme com as mãos sobre a coxa, como se estivesse esperando que eu a pegasse ou que desse a ele uma indicação de que queria que ele pegasse na minha. Eu segurava a tigela de pipoca e fingia estar distraída.

Consegui esconder minha tristeza muito bem porque, mesmo não tendo flertado com Rob, ele parecia de bom humor quando deixou a casa de Vivian, e Juliette foi falando de como estava animada por mim durante todo o caminho para casa.

Na sexta-feira seguinte, eu fiz 19 anos. Não tinha dito uma palavra sobre isso a ninguém, esperando que o dia passasse sem que ninguém soubesse. Eu temia que alguém descobrisse por vários motivos. O primeiro — e mais óbvio — era porque isso marcava o aniversário de morte de minha mãe. Na manhã do meu décimo oitavo aniversário, mamãe me acordou com uma serenata desafinada de “Parabéns a Você” e anunciou que eu iria faltar à escola nos últimos dois dias naquela semana. Ela iria me levar em uma viagem para esquiar em Vermont. Tinha prometido um jantar caro e uma vela para apagar na sobremesa que eu escolhesse quando chegássemos à estância, mas nunca cheguei a fazer um pedido.

Depois, é claro, eu estava com medo nesse ano pelo fato de que meu pai tinha esquecido ou ignorado meus aniversários pelos últimos quatro ou cinco anos. Na primeira vez em que ele esqueceu meu aniversário, eu tinha onze anos. A última vez em que ele se lembrou, eu tinha quatorze. Não importava o quanto tentasse, eu nunca deixava de ficar desapontada a cada ano em que ele se esquecia, então mamãe ficou determinada a me ajudar a esquecer de meu pai, tornando esse dia o dia mais especial do ano para mim — não importando o que custasse.

Já fazia alguns anos que meu aniversário era um *grande problema*. Esse ano seria diferente. Esse ano não havia ninguém para fazer com que o dia fosse especial. Eu nem tinha certeza se meu pai sabia mais quando era e não tinha vontade de perguntar a ele. As coisas já estavam esquisitas demais entre nós.

Eu disse a mim mesma que iria conseguir suportar o dia. Estava determinada a tratá-lo como qualquer outro dia, mas, quando saí do quarto vestida para a escola, eu já estava tão oprimida que me sentia como se não pudesse respirar. Quando entrei na cozinha e encontrei um buquê de rosas amarelas com meu nome em cima da bancada, tão grande que tinha seu próprio centro de gravidade, quase comecei a chorar. Enquanto olhava para as rosas, um braço pesado caiu sobre meus ombros.

— Como você está hoje? — meu pai perguntou com ar solene.

Eu não conseguiria falar mesmo que soubesse como me expressar. Balancei os ombros sob o peso do braço dele.

De repente, meu pai me apertou contra o peito dele em um abraço que era tanto por ele quanto por mim. Por um momento, fiquei paralisada e em choque, mas logo me derreti nos braços dele e o apertei também com todas as minhas forças.

— Feliz aniversário, menina — ele murmurou, com a voz grave e cheia de emoção.

— Não pensei que você fosse se lembrar.

— Já perdi aniversários seus demais.

Meu pai me abraçou ainda mais apertado, e eu deixei. Os segundos começaram a passar. Nenhum de nós falou e nenhum de nós soltava o outro. A sensação dos braços dele ao meu redor, a preocupação dele por mim e o calor e o amor daquele abraço me tomaram por completo. Enterrei o rosto no peito dele e deixei que ele me abraçasse enquanto eu chorava.

Depois de alguns minutos arruinando a camisa de meu pai, eu finalmente me afastei o suficiente para olhar para ele. Os olhos dele brilhavam com lágrimas não derramadas enquanto ele forçava para mim um sorriso de partir o coração.

— Não achei que fosse querer muita atenção hoje, então não planejamos uma festa. Sem surpresas, prometo, mas espero que nos deixe levá-la para um jantar de aniversário em algum lugar, pelo menos. Você poderia convidar sua amiga Vivian para ir também, se quiser.

— Posso dar uma resposta mais tarde? Neste momento, eu nem tenho certeza se posso aguentar o dia.

Meu pai engoliu o nó que estava em sua garganta e fez que sim com a cabeça quando não conseguiu falar.

— Você gostaria de ficar em casa e não ir à escola hoje?

Eu tive um sobressalto com a voz de Jennifer e me afastei de meu pai como se tivesse sido flagrada fazendo algo que não devia. A dor transpareceu no rosto de meu pai, mas ele a enterrou com rapidez. Ele olhou para Jennifer e depois de volta para mim.

— Ela está certa. Se não estiver bem para ir à aula hoje, não precisa ir.

Olhei para o meu pai e depois olhei ao redor da cozinha. Jennifer e Juliette estavam ambas paradas ali com

sorrisos moderados e de apoio. Acho que o segredo tinha sido descoberto. Elas sabiam que aquele dia não era apenas o do meu aniversário. Até Anastasia se sentou à bancada com uma expressão deprimida. Enxuguei as lágrimas do rosto e balancei a cabeça em resposta à sugestão de meu pai e de Jennifer.

— Acho que ficar por aqui me lastimando sozinha vai ser pior.

— Eu sinto muito que não possamos visitar o túmulo de sua mãe. Talvez possamos fazer uma viagem a Boston no feriado de Ação de Graças na próxima semana, se você quiser. No momento, posso tirar o dia de folga no trabalho e poderíamos ir fazer alguma coisa, só nós dois.

— Você não precisa fazer isso. Acho que vai ajudar se eu puder me manter ocupada. A escola vai ser uma boa distração.

Meu pai pareceu desapontado outra vez, por isso acrescentei:

— Mas seria legal visitar mamãe, a Abuela e o vovô em algum momento. Não precisa ser no feriado de Ação de Graças, mas quando for fim de semana.

— Eu gostaria de ir com vocês — Juliette disse.

Olhei para ela, surpresa e tocada. Ela sorriu de volta com hesitação.

— Você podia me mostrar Boston e talvez pudéssemos visitar alguns de seus antigos amigos. — O sorriso dela se transformou em uma risada maquiavélica. — Eu poderia arrancar deles as melhores histórias sobre você. Uma irmã precisa de material de chantagem, você sabe. Até mesmo uma meia-irmã.

Foi o suficiente. Eu ri. Juliette me surpreendeu ainda mais quando me deu um singelo abraço.

— Feliz aniversário.

— Obrigada — eu disse, e devolvi timidamente o abraço. — Uma viagem a Boston parece divertido. Se esperarmos até o verão, podemos ir até Nantucket e posso mostrar como o pessoal da Costa Leste vai à praia. E vou levar vocês a um jogo dos Red Sox no Parque Fenway.

Juliette riu.

— Com certeza vou usar meu moletom dos Dodgers.

Os olhos marejados de papai saltavam de Juliette para mim.

— Vou reservar um hotel hoje. Vamos fazer disso férias completas.

Anastasia interrompeu o momento com um suspiro, antes que ele ficasse estranho. Eu esperava um comentário maldoso que ela tivesse preparado, mas tudo que ela disse foi:

— Vocês estão prontas? Não quero chegar atrasada.



Quando chegamos à escola, Rob estava nos esperando, no estacionamento dos estudantes, com um botão de rosa vermelho. Quando a peguei, ele beijou meu rosto com carinho e sussurrou:

— Feliz aniversário.

— Obrigada.

Levei o botão até o nariz, desejando que isso escondesse meu rosto corado enquanto Rob pegava minha mochila e colocava no ombro junto com a dele. Enquanto caminhávamos em direção à escola, ele olhou para mim.

— Você não ia contar para ninguém, ia?

— Não ia. Como ficou sabendo?

— Eu disse a ele. — Juliette virou os olhos quando franzi a testa. — Você não pode deixar que o que aconteceu no ano passado tome conta do seu aniversário pelo resto da vida. Precisa de coisas boas para contrabalançar as ruins.

Cheirei a rosa outra vez e um sorriso surgiu em meu rosto. Eu estava surpresa com a maneira como Juliette estava agindo.

— Obrigada.

À medida que nós três chegávamos à primeira marquise e nos misturávamos à multidão de estudantes, pudemos notar que algo não estava normal. Havia algum tipo de burburinho no ar. Levei um minuto para me dar conta de que eu era o foco da empolgação. Foi a combinação mais esquisita de emoções, que ia de fascínio a confusão e finalmente a contentamento. As pessoas me olhavam e cochichavam — algumas empolgadas, outras incapazes de conter seu desgosto. Quando me aproximei do armário, comecei a ouvir alguns dos cochichos.

— É ela!

— Não acredito que ela o conheça.

— Ela não é *tão* bonita.

— O que foi que ele viu nela, gente?

Eu não tinha ideia do que estava acontecendo. Olhei para um grupo de garotas mais jovens que pareciam tão empolgadas que mal podiam controlar a vertigem. Uma delas me viu olhando, e aquela energia finalmente explodiu.

— Oi, Ella.

Assim que o primeiro cumprimento veio, um coro de outros o seguiu.

— Olá, Ella!

— Feliz aniversário, Ella!

— Você tem muita sorte, Ella!

— Você não ama o Brian Oliver, Ella?

— Feliz aniversário!

Olhei primeiro para Rob, mas ele estava tão perplexo quanto eu, então me virei para Juliette procurando uma explicação. Ela colocou as mãos para o alto como se estivesse se rendendo.

— Não olhe para mim. Eu só contei ao Rob e a Vivian. Não tenho ideia do que está acontecendo.

Era como se tivéssemos saído de Los Angeles e aterrissado em alguma dimensão alternativa.

— Brian Oliver? Posso acreditar em *quê*? O que está acontecendo? O que é que eles estão falando? — perguntei, embora soubesse que nem Juliette nem Rob tivessem qualquer resposta.

Mitchell Drayton, o cara mais lindo da escola, que também era o mais esnobe porque tinha um agente e tinha feito alguns bicos em meia-dúzia de programas de tv, veio direto em nossa direção.

— Oi, Jules — ele disse a Juliette e então virou o sorriso devastador para mim. — Oi, Ella. Você vai dar uma festa ou coisa parecida pelo seu aniversário? Precisa de um acompanhante?

Rob chegou um pouco mais perto de mim e o encarou. Mitchell olhou para a rosa em minha mão e então deu uma medida em Rob. Ele deu um passo para trás, rindo para si mesmo.

— Desculpe, bro. Não sabia que estava furando o olho de alguém. — Para mim, ele disse: — Vou dar uma festa amanhã à noite com alguns de meus amigos atores. Você deveria vir. Traga Rob e Jules também, se quiser. Às oito da noite. Jules sabe onde eu moro.

Fiquei boquiaberta e meu coração saltava no peito enquanto o observava indo embora. Qualquer filme de adolescentes que se prezasse começava com uma cena como essa — todos sendo incomumente legais com a pobre e incauta excluída pouco antes de ela ser humilhada publicamente.

— Você acha que Ana está tentando me pregar algum tipo de peça? — sussurrei.

— De jeito nenhum. — Juliette parecia confiante, mas eu não estava convencida. Ela notou meu ceticismo e balançou a cabeça. — É sério. Você notou a falta de maldade essa manhã? Mamãe nos deu um sermão daqueles na noite passada e nos disse que, se uma de nós sequer franzisse a testa para você hoje, ficaríamos de castigo até os trinta anos.

Maravilha. Não que eu não tenha apreciado o gesto, mas isso deve ter deixado Anastasia mais enfurecida do que nunca. Eu tinha sorte por ela ainda não ter explodido.

— Não foi Ana — Juliette insistiu.

— Bem, com toda certeza, alguma coisa é — Rob murmurou, franzindo a testa para dois rapazes que estavam olhando para mim.

— Vou descobrir — disse Juliette quando chegamos à nossa sala. — Lanchamos juntas hoje?

— Você sabe onde me encontrar.

Juliette desapareceu para a sala dela e Rob fechou a cara para todas as pessoas com quem cruzamos no caminho enquanto me acompanhava até minha sala. Ele estava tão cético quanto à minha meia-irmã quanto eu, porque disse:

— Tem que ter sido a Ana. Vivian não teria dito nada. Vou descobrir o que está acontecendo.

Ele parou na porta da classe e segurou minha mão para que eu não fosse embora. Uma garota cujo nome não me lembro trombou acidentalmente com meu ombro enquanto passava para entrar na classe.

— Cuidado aí! — ela esbravejou. Quando percebeu que era eu quem estava no caminho dela, seus olhos se estreitaram. — Você se acha muito especial agora? Bem, você não é.

Outra garota passou atrás dela, sorrindo com maldade.

— Aposto que ela pagou a ele para fazer isso.

Elas foram até seus lugares rindo ruidosamente.

Mais confusa que nunca, olhei para Rob outra vez.

— Você vai ficar bem até o lanche? — ele perguntou.

A preocupação nos olhos dele me fez sorrir.

— Acho que você não se lembra como era logo que cheguei aqui — provoqueei.

O rosto dele escureceu, uma enxurrada de emoções se misturava em seus olhos. Eu me senti horrível quando percebi que ele sabia exatamente pelo que eu tinha passado nesses últimos meses e o quanto isso o chateava.

— Ei. — Apertei a mão dele. — Está tudo bem. Eu estou bem. Obrigada pela flor.

Ele finalmente sorriu.

— Não tem de quê.



Vivian estava borbulhando de energia quando entrou na cafeteria na hora do lanche.

— Brian Oliver desejou feliz aniversário a você no Twitter! — ela gritou. — Como assim?

— Eu sei, Juliette me disse no segundo período e “como assim?” foi exatamente o que pensei. Eu não entendo.

Os olhares e cumprimentos faziam sentido depois que ouvi as notícias. Brian Oliver me tornou o centro das atenções quando me desejou feliz aniversário publicamente naquela manhã. A agitação e o ciúme, e até mesmo o convite de Mitchell para a festa, tudo fazia sentido agora. Mas isso era quase tudo que eu conseguia entender.

— Como ele sabia que era meu aniversário? Como ele sabe que eu existo?

— Porque você é brilhante — disse Rob, sentando-se ao meu lado.

— O quê?

— Ele é fã do seu blog.

— Não! — Vivian soltou um grito agudo. — Deixe-me contar! Por favor? Eu estava louca para mostrar a ela o dia todo!

Rob riu e fez um gesto com as mãos, convidando-a a contar, o que fez o rosto de Vivian se iluminar. Tive medo de que ela fosse distender um músculo quando sorriu porque sua boca se estendeu pelo rosto todo.

— Tudo começou com isso.

Vivian realmente estava esperando para me contar a história. Ela já tinha o celular pronto em uma postagem específica na página de Brian Oliver no Facebook.

— “Feliz aniversário para minha blogueira favorita e fã número um, Ellamara!” — Vivian leu em voz alta. — “Suas palavras de sabedoria são sem paralelo”. — E olhe! — ela gritou. — Ele postou um link para a sua crítica de um filme em que ele atuou.

Eu olhei, e sim, havia um link para a minha crítica do filme *O Longo Caminho para Casa* — a carta de desculpas que eu tinha escrito para Brian Oliver.

— E isso não é tudo — disse Vivian. Ela começou a rolar a página de Brian no Facebook. Havia uma

postagem atrás da outra em que ele compartilhava as postagens do *Palavras de Sabedoria de Ellamara*.

— Ele tem me citado no Facebook?

Vivian concordou com tanto entusiasmo que parecia uma boneca de cabeça de mola.

— O dia todo! Ele tem feito isso no Twitter também, e agora outras pessoas estão fazendo isso. O *Palavras de Sabedoria de Ellamara* está bombando neste momento!

Isso eu tinha de ver. Entrei no meu Twitter no celular e quase tive um ataque do coração.

— Não acredito!

— O que foi? — Rob e Vivian se inclinaram para ler sobre meu ombro.

— Ontem eu tinha pouco mais de seiscentos seguidores no Twitter. Hoje tenho mais de vinte e cinco mil!

Rob riu.

— É isso que acontece quando o menino de ouro de Hollywood diz ao mundo para ouvir você. Espero que sua informação pessoal não esteja em lugar algum do blog.

— Não. Tenho e-mail, Twitter e página no Facebook separados para as coisas do blog e uma caixa-postal para editores enviarem livros. Devo estar a salvo, mas isso é *insano*.

— Não é? — disse Juliette quando finalmente se juntou a nós.

Com Juliette ali, recomeçamos do início. Ela tinha trazido um séquito com ela para se intrometer — Dylan, Luke e outros amigos que estavam curiosos sobre a história o suficiente para terem coragem de serem vistos conversando comigo durante o lanche — mas simplesmente não havia uma história para contar. Eu não conhecia Brian Oliver. Não tinha ideia de como ele tinha descoberto meu blog.

— Tenho uma pergunta — disse Rob, finalmente juntando-se à sessão improvisada de perguntas e respostas. — Como Brian Oliver sabia que era seu aniversário? Ele pode ter chegado à sua crítica sozinho, mas como ficou sabendo que hoje era seu aniversário? Eu li o seu blog. E sei que você não mencionou esse detalhe.

Eu mesma me perguntava isso. De fato, essa era a parte mais intrigante de todo esse suplicio.

— Não sei. Honestamente, fiquei surpresa que *qualquer um* soubesse que era meu aniversário. Eu achava que nem meu pai soubesse que estava chegando. A única pessoa com quem falei sobre isso foi...

E de repente, tudo fazia sentido. A mesa inteira ficou quieta, esperando que eu revelasse o grande segredo, mas tudo que eu pude fazer foi sorrir.

— É claro, eu devia saber.

— Foi *quem*? — Vivian perguntou.

Eu suspirei.

— Foi Cinder.

— O cara da internet? — Rob perguntou.

Eu concordei.

Meu coração se despedaçou e doía ao mesmo tempo. Cinder e eu não nos falávamos desde o dia em que disse a ele que estava brava e desliguei na cara dele, mas eu sabia que ele ainda se importava comigo. Ele sabia que dia era hoje. Tinha tocado no assunto há algumas semanas.

Ele se lembrava do dia porque estava falando comigo por mensagens na hora do acidente. Disse que tinha medo daquele dia e que, à medida que ele se aproximava, parecia que o estava assombrando. Fiquei surpresa até ele explicar. Para ele, aquele foi o dia em que me perdeu. Quando falamos sobre isso, confessei que tinha sido o dia do meu aniversário. Ele prometeu que iria encontrar uma maneira de me distrair hoje e certificar-se de que eu aproveitasse meu aniversário e não ficasse apenas pensando no acidente.

— Ele manteve a promessa — sussurrei para mim mesma, lutando com as lágrimas que surgiram sem avisar.

Vivian chacoalhou a mão em frente ao meu rosto, tentando recuperar minha atenção.

— Que promessa?

— Ele sabia que dia era hoje. Quero dizer, além de ser meu aniversário. Ele prometeu que iria me distrair para que eu não ficasse pensando sobre isso. Embora tenha gritado com ele e não tenha falado com ele até agora, ele manteve a promessa mesmo assim.

Vivian suspirou.

— Isso é muito romântico. Você precisa perdôá-lo, Ella. — Ela vinha me pedindo para fazer isso desde que lhe contei os detalhes de nossa discussão. — Precisa ligar para ele.

Rob não parecia concordar.

— Como sabe que foi ele quem fez isso?

— É a única pessoa que poderia ter feito. O único que sabia que era meu aniversário, e o pai dele é alguma coisa grande na indústria cinematográfica, então ele pode ter conseguido entrar em contato com Brian de alguma forma. Eu sempre soube que Cinder tinha ligações no mundo do entretenimento. Devia ter percebido isso antes.

— Como sabe? Você nunca o encontrou. O cara pode ser um mentiroso.

Eu chacoalhei a cabeça.

— Ele tem me dado informações de dentro de Hollywood desde que nos conhecemos. Sempre sabe das coisas antes que elas cheguem ao mercado. Deve ter pedido para o pai ou algo assim.

— Talvez ele conheça Brian — Vivian disse. — Quer dizer, se eles fossem amigos, isso explicaria por que ele gosta tanto do cara.

— Verdade — concordei. — Ele mencionou conhecer algumas celebridades, embora não fique dizendo nomes, e eu nunca perguntei quem eram. Pode ser que eles sejam amigos. Conhecendo Cinder, isso não me surpreenderia.

Aquilo fez todos ao redor murmurarem e rirem. Uma garota até disse:

— Eu não acredito que você conheça alguém que é amigo de Brian Oliver!

— Na verdade, não conheço. E não tenho certeza de como Cinder fez isso. Ele poderia conhecer Brian ou o pai dele poderia conhecer alguém que conhece alguém que conhece Brian.

— Mas isso que ele fez foi muito legal — Rob disse. Eu levei um minuto para entender que Rob se referia ao fato de Cinder ter feito de tudo para me distrair.

Um sorriso escapou pelo meu rosto.

— Sim. — Eu teria que ligar para ele mais tarde e me desculpar por não falar com ele a semana toda.

— Que intimidade você tem com esse cara? — Rob perguntou. A suspeita na voz dele era embaraçosa.

— Ele é meu melhor amigo.

— Mas nunca o encontrou pessoalmente, certo? Vocês são como *pen pals* ou algo assim?

Finalmente entendi os motivos por trás da linha de perguntas de Rob e fiquei um pouco deprimida. Olhei para meu lanche, sem ideia do que dizer a ele. Ele pareceu entender porque disse:

— Essa é a parte onde você me joga na sarjeta, não é?

Eu me forcei a olhar para Rob. Ele não parecia abatido, o que eu esperava que quisesse dizer que o interesse dele por mim não era tão forte quanto todo mundo acreditava que fosse. Eu não queria feri-lo.

— Sinto muito. Não estou em posição de namorar ninguém nesse momento. Tecnicamente, estou solteira. Não há nada rolando entre mim e Cinder e nunca haverá, mas eu o amo de qualquer maneira. Odeio o fato de amá-lo e tento não amá-lo, mas fracasso terrivelmente.

Rob me estudou por um tempo daquela forma tranquila e intensa e perguntou:

— Tem certeza de que não há nada entre vocês? Tem certeza de que ele não gosta de você também?

Eu concordei com a cabeça.

— Ele tem uma namorada e me disse com todas as letras que não queria me conhecer pessoalmente. Gosta

do fato de não nos conhecermos.

O rosto de Rob se contorceu um pouquinho, como se a exigência de Cinder o tivesse irritado, mas não disse nada.

— Então nós precisamos fazer você se esquecer dele. Será que ajudaria se tivesse outra pessoa, um namorado, para ajudar você a tirá-lo da cabeça?

Corei quando percebi exatamente o que Rob estava dizendo, o que estava oferecendo, mas imediatamente chacoalhei a cabeça.

— Isso é muito bacana, mas não acho que seria justo com você.

— Você gosta de mim? — Rob perguntou.

Concordei, relutando:

— Gosto, mas...

Rob não me deixou terminar a frase.

— Você sente atração por mim?

Meu rosto se inflamou com a pergunta. Baixei os olhos e mordi meu lábio inferior tão forte que doeu, mas fiz um pequeno movimento com a cabeça dizendo que sim.

— Então isso é o suficiente.

Quando levantei os olhos, confusa, ele sorriu.

— Você não precisa estar amando para namorar alguém. Não temos que levar a sério. Não temos sequer de ser exclusivos se não quiser. Você pode ao menos tentar. Saia comigo e veja se alguma luz acende.

Pensei na oferta dele. Eu *realmente* gostava de Rob. Ele parecia um cara tranquilo. Talvez também não estivesse procurando algo sério. Não parecia justo, mas eu precisava tentar esquecer Cinder e, quanto mais pessoas em meu “sistema de apoio” eu pudesse mostrar à doutora Parish, mais cedo eu conquistaria minha independência. Mesmo assim...

— Eu não sei. Acho que ia parecer que estou usando você.

Rob pegou um pedaço de pizza da bandeja dele e sorriu para mim.

— Use e abuse, Ella. Talvez não dê certo, talvez dê. De qualquer forma, pelo menos você tentou e nós vamos nos divertir um pouco.

Ele mordeu a pizza e os olhos dele brilhavam com malícia enquanto mastigava. Quando a boca ficou vazia, ele disse:

— Parece que um bom rebote poderia ser útil a você e eu só quero deixar bem claro neste momento que estou sempre disposto a ser o rebote de uma garota bonita.

Eu finalmente consegui dar um sorriso que chegava até meus olhos.

— Bom saber.

— Então, o que me diz?

Eu seria uma idiota se pelo menos não tentasse.

— Acho que podemos tentar. Meu pai quer sair hoje à noite para comemorar meu aniversário. Ele já me pediu para convidar Vivian. — Eu olhei para Juliette. — Você acha que ele se importaria se Rob fosse também?

Juliette balançou a cabeça.

— Ele vai ser de boa. É com minha mãe que você tem de se preocupar. Ela fica toda doida e empolgada quando Ana ou eu namoramos alguém. Ela vai surtar por você ter um namorado.

Eu empalideci com o termo e Rob riu.

— Então, sem títulos.

Vivian gargalhou.

— A não ser Garoto Rebote, talvez.
Eu fiz uma careta, mas Rob riu de novo.
— Parece interessante!



Quando cheguei em casa, estava mentalmente exausta. Não queria nada a não ser relaxar ao som da voz grave e retumbante de Cinder. Eu sabia que precisava ligar para ele. Eu estava com saudade e ele merecia meu agradecimento.

Meu pai tinha suspenso a restrição ao meu quarto recentemente, então escapei para o santuário assim que cheguei em casa. Quando estava fechando a porta, ouvi Anastasia falar pela primeira vez o dia todo. Ela esteve calada nos trajetos de ida e volta da escola, obviamente se esforçando para não arrumar confusão — se você não consegue dizer nada bom, não diga nada.

Assim que saí de cena, ela se lançou sobre Juliette como um leão faminto. Elas estavam na cozinha — Juliette remexendo a geladeira em busca do lanche pós-aula diário — e a voz das duas atravessava a sala do piso principal e chegava com facilidade ao meu quarto.

— Como ela fez isso? — Anastasia perguntou.

Como ela estava falando de mim, deixei a porta do quarto um pouco aberta e fiquei ouvindo a conversa sem nenhuma cerimônia.

— Ela não fez nada — Juliette respondeu. — Ficou tão surpresa quanto o resto de nós. Foi o Cinder. Foi o presente de aniversário dele para ela.

— *Cinder*? — Ana arfou. — Aquele cara assustador da internet?

Eu ouvi a geladeira fechar e o barulho de uma lata sendo aberta.

— Ele não é assustador — Juliette insistiu. — Na verdade, ele é legal.

— Como você sabe? Falou com ele?

— Não, mas eu ouço Ella falar com ele o tempo todo e a conversa deles é totalmente normal. Além disso, li as mensagens dela uma vez quando ela foi ao banheiro e deixou o laptop aberto no sofá.

— Ah, quê?! Você leu alguma coisa boa?

Fiquei surpresa com a confissão, mas não consegui ficar brava com a invasão de privacidade devido ao sorriso que percebi em sua voz.

— Foi altamente divertido. Aqueles dois ficam batendo papo como se fossem a heroína de um romance e o pirata covarde que a sequestrou.

Houve silêncio por um minuto e então Juliette disse:

— Ela é descolada, Ana, divertida, esperta, simpática e, em geral, bastante legal. Você provavelmente iria gostar dela se desse uma chance.

Fiquei chocada por ser defendida daquela maneira. Sabia que Juliette não tinha mais um problema comigo, mas ali ela falava como se fosse minha amiga de verdade. Anastasia não ficou nada tocada pela fala dela.

— E por que deveria? Ela nunca me deu uma chance.

— E como ela poderia? Você tem sido horrível com ela desde o instante em que chegou aqui. Se quer saber, ela tolera você muito mais do que você merece.

O escárnio de Anastasia parecia malvado. Eu não precisava ver a cara dela para imaginar as adagas que estava atirando em Juliette com os olhos. Eu também estava certa de que suas garras estavam todas à mostra agora.

— Eu não acredito na forma como você se virou contra mim. Ela não é parte da família e você toma as dores dela contra sua própria irmã gêmea! *Eu* sou sua irmã! Não *ela*!

— Ela é parte desta família, Ana. Você precisa aceitar isso.

— Eu não vou aceitar ninguém que esteja tentando roubar a minha vida!

Juliette deve ter ficado tão confusa quanto eu, porque não houve resposta imediata. O que Anastasia queria dizer com aquilo? Em que realidade eu estaria tentando roubar a vida dela? Porque certamente não era nesta.

— Ela já tomou meu quarto, minha irmã e o garoto de quem eu gosto! Ela nem sequer quer o Rob e ele a segue por aí como um cãozinho perdido de amor! Mamãe e papai ficam adulando-a e agora o *maldito Brian Oliver* está desejando feliz aniversário a ela!

— Nada disso é culpa de Ella! — Juliette gritou. — Ela não podia ficar com o quarto de cima porque é deficiente. Você gostaria de ter de coxear por aí como ela? Alguma vez já a viu fazendo fisioterapia? Dói tanto que ela chora. Fazê-la subir as escadas todos os dias para chegar ao quarto seria cruel.

— Tudo bem, mas Rob...

— Ela não tem como evitar o que Rob sente. Ela foi honesta com ele sobre o que sente por Cinder. É ele quem insiste em tentar conquistá-la de qualquer maneira. Acho que ela fez a coisa certa concordando em sair com ele.

Ana zombou outra vez.

— E ela também não *me* roubou de você — Juliette continuou. — Eu não aguento mais ficar perto de você porque tudo o que faz é reclamar de Ella. E papai deveria mesmo adula-la. Ele a *abandonou*. Se alguém roubou alguma coisa de alguém, nós roubamos o papai dela. É um milagre que ela possa perdoar qualquer um de nós!

Juliette fez uma pausa, provavelmente para respirar. Tudo ficou em silêncio por um tempo. Fiquei imaginando se Anastasia iria responder, mas ela não disse nada. Foi Juliette quem quebrou o silêncio. Sua voz estava bem mais calma agora, mas eu ainda podia sentir a intensidade dela.

— Nem tudo tem que girar em torno de *você* o tempo todo. Eu fiquei feliz que Cinder tenha conseguido o lance do Brian Oliver porque isso deu a Ella alguma coisa para pensar a não ser o fato de que hoje é o aniversário de um ano do pior dia da vida dela. Será que você não pode ficar feliz com o fato de que alguma coisa boa aconteceu para alguém que precisava disso?

Outra vez, Anastasia não disse nada. Não que eu esperasse que ela dissesse. Juliette deve ter terminado de descarregar toda a sua frustração porque ouvi a tv do andar de baixo ser ligada e ouvi também uma porta bater em algum lugar no andar de cima.

Não consegui deixar de me sentir um pouco mal por Anastasia. Ela era uma ogra egocêntrica, mas ainda tinha sentimentos. Nunca tinha tentado ver as coisas pela perspectiva dela antes. Juliette e Jennifer já tinham dito que Anastasia se sentia ameaçada por mim. Eu não tinha acreditado nelas, mas era óbvio que elas estavam certas.

Eu não iria me rebaixar e aceitar as bobagens de Anastasia — nossa situação não era minha culpa e eu não merecia ser punida por isso —, mas era bom entender de onde toda aquela animosidade vinha. Eu achei que pudesse tentar ser um pouco mais sensível aos sentimentos dela.

Por fim, fechei minha porta e decidi me afundar na banheira quente.



Brian

A fantasycon é a maior convenção de fantasia do mundo — uma ComicCon para fãs de O Senhor dos Anéis e de Dungeons and Dragons. Acontece todos os anos no Centro de Convenções de Los Angeles em novembro e era lá a primeira das muitas aparições públicas que eu teria de fazer para promover o lançamento de O Príncipe Druida.

Eu adorava a FantasyCon. Tinha vindo todos os anos, desde os 16 anos, e agora eu estava envolvido mais do que como um mero espectador. Era a única parada na turnê de publicidade de *O Príncipe Druida* pela qual eu ansiava, mas acabou se transformando em um dos piores dias da minha vida.

Aquele dia era o aniversário de Ella e o aniversário de um ano do acidente. Durante todo o dia, tive de sorrir e cumprimentar fãs e encenar meu romance falso com Kaylee quando tudo em que conseguia pensar era em Ella e no que ela deveria estar passando naquele momento. Eu sequer podia estar lá para consolá-la porque ela continuava sem falar comigo.

Não podia culpá-la por estar brava. Eu a feri profundamente quando me recusei a encontrá-la, mas não tinha outra opção. Imaginei que ela iria precisar de alguns dias para se acalmar e depois ligar e me perdoar, mas esses “alguns” dias tinham se transformado em quase duas semanas.

Chequei meu e-mail pela milionésima vez. Ella ainda não estava on-line, então fiz a única coisa em que pude pensar e postei outra das *Palavras de Sabedoria de Ellamara* em meu Twitter para meus fãs. Dessa vez, postei algo que ela tinha dito quase três anos atrás sobre o brilhantismo de Margaret Weis e de Tracy Hickman na série *Dragonlance*.

Prometi que iria manter Ella distraída naquele dia, mas, já que ela continuava não falando comigo, essa foi a única coisa que pude pensar em fazer. Eu tinha esperança de que estivesse servindo para distraí-la, porque tudo que estava fazendo por mim era me lembrar do quanto ela adoraria estar ali. Eu odiava que ela estivesse perdendo isso.

— Você se importaria de guardar essa coisa? — Kaylee resmungou quando notou o celular em minhas mãos. — É *rude*!

Coloquei o celular no bolso. Kaylee não estava irritada porque eu estava digitando; ela estava irritada com o que eu estava digitando. A raiva dela me fez sorrir. Eram as pequenas coisas da vida que contavam.

Com uma repentina melhora de humor, cumprimentei a adolescente e a mãe que estavam agora na nossa frente.

— Kaylee está certa. Perdoe-me. Você tem toda a minha atenção agora.

— Ah, tudo bem! — a garota afirmou enquanto me passava uma foto para assinar. — Você acabou de postar outra citação do *Palavras de Sabedoria de Ellamara*, certo?

Eu sorri. Da última vez que verifiquei o Twitter de Ella, tinha havido um salto de mais de vinte mil no número de seus seguidores. Ela iria ficar *maluquinha* quando visse aquilo.

— Estava, sim. Você está lendo?

— Ah, sim! — a garota gritou. — Ella é muito divertida! Posso entender por que ela é sua blogueira favorita. Também comecei a segui-la esta manhã. Achei muito legal o que você está fazendo. Eu *morriera* se recebesse um presente de aniversário como esse. Tenho certeza de que ela adorou.

— Espero que sim. — E ri por dentro outra vez. — Qual o seu nome, queridinha?

— Nancy.

— Bem, Nancy — eu disse enquanto autografava a foto dela e a devolvia —, você gostaria de me ajudar a desejar a ela um feliz aniversário outra vez? — E olhei para a mãe da garota.

— Teria algum problema se eu tirasse uma foto com Nancy e postasse no Instagram?

— Oh! — Nancy virou-se para a mãe e se pendurou em sua manga. — Por favor, mãe! Posso? *Por favor, por favor, por favor*?

Quando a mãe de Nancy riu e concordou, fiz um gesto para que a garota viesse para o meu lado da mesa. Meu dia tinha melhorado um pouco outra vez quando pedi à mãe de Nancy para tirar a foto para que Kaylee pudesse sair também. Kaylee não teve outra opção senão sorrir bonito.

Pisquei para Kaylee e li o comentário em voz alta enquanto fazia o upload.

— Kaylee, Nancy e eu desejando a Ellamara o melhor aniversário de sua vida, da FantasyCon 2014! Junte-se a nós na diversão!

#HappyBirthdayElla!

A expressão no rosto de Kaylee quando postei a foto na internet quase fez meu noivado falso valer a pena.



Quando a sessão de autógrafos terminou, Kaylee e eu deveríamos ir direto para outro evento. Era um torneio de cavaleiros-celebridade. Eu e mais vários atores de outros filmes de fantasia e programas de tv estávamos todos vestidos como nossos personagens e disputando uma competição de lutas de espada Nerf para conquistar um beijo da princesa Ratana.

O evento foi a ideia mais legal que eu já tinha visto e eu ia fazê-lo bombar. Sempre fui bom em minhas aulas de esgrima antes das filmagens de *O Príncipe Druida*. Eu só queria que Ella também pudesse estar ali para aproveitar. Ela era a maior fanática por Merlin e eu estava competindo contra o príncipe Arthur na primeira rodada.

Depois de colocar o figurino de Cinder, verifiquei o celular mais uma vez. Tinha acabado de dedicar minha primeira disputa a Ella e colocado um link para uma crítica dela chamada *Merlin e Arthur: o Melhor Bromance da tv*, quando finalmente recebi uma mensagem.

Você manteve a promessa.

A mensagem tirou um peso do meu peito. Ella sabia que eu estava por trás das postagens de Brian Oliver. Ela sabia que eu estava pensando nela e finalmente estava falando comigo de novo.

Olhei ao redor da suíte de luxo do hotel em que Kaylee e eu fomos instalados durante a convenção e atirei-me na cama. Eu já estava ficando um pouco atrasado, mas meu duelo não seria o primeiro e eu não conseguiria ir a lugar algum sem falar com Ella.

Tentei meu melhor. Funcionou?

Sim.

Fico feliz, Ella, e sinto muito. Por favor, me perdoe.

Você está perdoado. Sabe que não consigo ficar brava com você por muito tempo.

Que bom. Então tenho a permissão de ligar e desejar a você um feliz aniversário?

Só se você cantar para mim.

Abri um sorriso e, quando Ella atendeu o telefone, descarreguei uma interpretação mais ou menos decente de “Parabéns a Você”.

— Você deveria ficar com a leitura, com toda certeza — ela me provocou quando terminei, mesmo eu não tendo desafinado o tempo todo.

Não consegui rir com ela.

— Ella... — limpei a garganta. Minha voz estava surpreendentemente esganiçada. — Como você está hoje?

A resposta dela foi tranquila, mas não tão fraca como eu temia que fosse.

— Sobrevivendo melhor do que eu esperava. — Houve uma pausa e o som de água, e então Ella deixou escapar um leve suspiro. — A banheira está ajudando — ela disse, embaralhando todos os pensamentos dentro do meu cérebro.

— Você disse que está em uma *banheira*?

— Hum, hum. Mergulhada em lavanda. Minha madrastra jura que é terapêutico e eu nunca vou admitir isso a ela, mas ela está certa. Estou muito relaxada neste momento.

Sufoquei um engasgo de surpresa.

— Caramba, Ellamara, o que você está tentando fazer comigo, mulher?

— Do que está falando? Oh! — Ela riu. — Seu pervertido. Como pode estar pensando nisso? Você nem sabe qual a minha aparência. Eu poderia ter duzentos quilos, ser cabeluda e coberta de verrugas, até onde você sabe.

Sim, claro.

— Você não é. Vi sua foto no blog há muito tempo, quando costumava postar sobre aquelas viagens com

sua mãe. Você é atraente. Tem aquela coisa sensual das latinas.

Esperiei que ela respondesse à minha paquera uma vez, mas ela disse apenas:

— Você é cheio de graça. As fotos de aparelho daquela época eram hediondas. Sou mais ou menos, na melhor das hipóteses. Pelo menos, eu era antes. Agora não tem muitos garotos que olhariam duas vezes para mim, não pelas razões certas.

Eu me sentei. O que ela queria dizer com *antes*? Antes do acidente? Será que alguma coisa tinha acontecido e ela nunca me contou? Ela esteve no hospital por um bom tempo, mas nunca explicou as lesões para mim. Sempre disse que não queria falar sobre isso.

— Ella, o que você quer dizer?

— Nada. Não é importante.

Uma ova que não era.

— Ella...

— O que estou tentando dizer — ela interrompeu — é: pare de fantasiar sobre mim e deixe-me desfrutar da minha banheira. Eu preciso disso, depois do dia que tive. Sua pequena façanha fez com que todo mundo que vinha me ignorando há meses de repente quisesse ser meu melhor amigo ou arrancar meus olhos devido a raiva e inveja. Achei que Rob fosse começar a ferir as pessoas em meu nome.

Esqueci completamente o assunto sobre os ferimentos de Ella.

— Rob? Esse é o cara que sua amiga mencionou? Vocês estão namorando agora?

— Mais ou menos, acho. Quer dizer, não somos exclusivos, oficiais, nem nada, mas, enfim, ele me convidou para sair. Ele vem ao meu jantar de aniversário hoje à noite.

Apertei o telefone com tanta força que quase quebrei a tela. Algum punk colegial a estava levando para jantar no aniversário dela e ela não achava isso sério? Balela. Aniversários eram coisas importantes. Os caras temem aniversários de mulheres. Sempre. Ainda que Ella pensasse que não, esse tal de Rob certamente tinha intenções sérias se estava querendo passar o aniversário com ela. Pelo menos Ella não tinha parecido muito entusiasmada.

— Eu posso ver que está pulando de alegria. Você *realmente* quer sair com esse cara?

Ella suspirou.

— Não sei. Não namoro ninguém desde antes do acidente. Não tenho certeza de que estou pronta, mas preciso começar a viver de novo em algum momento, certo? Na pior das hipóteses, Rob merece uma chance.

Foi preciso toda a minha habilidade de encenação para fazer parecer que eu era um amigo preocupado e não um bundão ciumento.

— Não se atreva a se contentar com o segundo melhor, Ella.

— Não é isso. Ele é bonito e muito meigo. É um dos caras mais populares da escola porque é algum tipo de superjogador de futebol, mas não se incomoda nem um pouco que eu seja uma leprosa social. Juro que ele é um cara bom.

Um atleta? Minha pequena nerd amante de fantasia estava saindo com um atleta? *Isso* estava muito errado.

— Bom não quer dizer maravilhoso — resmunguei. — Você não é o tipo de garota que se contenta com a segunda lista.

De repente, houve uma pancada na porta do quarto do hotel e Kaylee gritou meu nome. Quando ela começou a mexer na tranca, eu a amaldiçoei por ter uma chave e disparei para o banheiro. Eu não tinha terminado essa conversa ainda e, com toda a certeza, não iria interrompê-la por causa de Kaylee.

Eu odiava que tivéssemos que dividir um quarto naquela semana, mas nossa equipe de gerenciamento estava paranoica de que o segredo de nossa relação ser uma farsa pudesse vazar, então eles insistiram. Fechei a porta do banheiro e a tranquei no exato momento em que Kaylee entrou na suíte.

— Sei que você está aí dentro! — ela gritou, esmurrando a porta do banheiro. — Que diabos está fazendo?

Foi ruim demais ter de ouvir tudo aquilo sobre o senhor Jogador de Futebol Fantástico. Ter de lidar com

Kaylee foi pedir demais da minha paciência.

— O que acha que estou fazendo? Estou me escondendo de você.

— Engraçadinho! — Kaylee girou a maçaneta e esmurrou a porta outra vez quando ela não abriu. — Saia já daí! Estamos atrasados!

— *Você* está atrasada! Eu só tenho que estar lá daqui a quinze minutos.

— Eu não vou aparecer nessa babaquice *sozinha*! Saia do maldito telefone e venha aqui já!

Ela nunca me deixaria em paz. Murmurando um corolário de maldições, suspirei no telefone.

— A cavalaria finalmente me encontrou. Tenho que correr. Estou nesse trabalho maluco neste fim de semana. Na verdade, estou trancado no banheiro neste momento porque já deveria estar em um lugar, mas, quando vi sua mensagem, não consegui esperar para falar com você.

— Tudo bem. Você pode me ligar mais tarde.

Fiquei aliviado por ouvir um sorriso do outro lado e ainda mais agradecido porque ela estava me pedindo para ligar para ela mais tarde. Isso significava que não estava mais brava. Eu tinha sido perdoado. Essas duas últimas semanas sem ela tinham sido as mais longas da minha vida.

— Talvez possamos ler hoje à noite pelo meu aniversário? — ela sugeriu.

Eu soltei um gemido. Não havia nada que eu não quisesse mais do que me enrolar na cama naquela noite e ler com Ella pelo aniversário dela, mas havia tanta gente na cidade para a convenção que haveria uma grande festa noite adentro e não haveria chance de que Kaylee me deixasse perdê-la.

— Isso parece o paraíso, mas estou em uma conferência até domingo e as noites têm sido muito longas. Não acho que eu consiga escapar. Podemos conversar na segunda?

— Claro.

Ouvi o desapontamento de Ella e tentei engolir o meu.

— Que bom. Mal posso esperar. Eu estava sentindo muito a sua falta, mulher. Você não faz ideia de quanto. Depois de um dia apenas eu tive que deletar o seu número do meu telefone para que não perdesse toda a dignidade ligando para você um bilhão de vezes para implorar pelo seu perdão.

Ella riu ao mesmo tempo que Kaylee esmurrava a porta novamente.

Eu puxei os cabelos de tanta frustração.

— Eu realmente preciso ir. Amo você, Ella. Sem tratamentos silenciosos, certo? Essas duas últimas semanas foram um inferno. Feliz aniversário. Ligo na segunda.

— Obrigada. Também te amo, Cinder. Vou esperar ao lado do telefone na segunda e vou prender a respiração até você ligar.

As palavras de despedida dela aqueceram meu coração. Seriam suficientes para me ajudar a sobreviver pelo resto do fim de semana. Com meu sorriso de volta, fui encarar a megera e, quem sabe, derrotar o príncipe Arthur de Camelot em uma luta de espadas Nerf.



Depois de falar com cinder, sentia-me revigorada o bastante para sair para meu jantar de aniversário. Meu pai tinha feito reservas no Chart House, uma churrascaria na orla de Malibu. Carne não é minha comida preferida, mas o nutricionista ficaria feliz, porque eu tinha perdido um pouco de peso recentemente devido ao estresse e ele exigiu que eu começasse uma dieta alta em calorias, com mais proteínas. Na verdade, ele era o provável responsável pela escolha do restaurante feita por meu pai. De qualquer forma, pelo menos não era sushi. Argh. Pelo lado bom, o restaurante era lindo. Só ver o sol se pôr sobre o oceano já valia a viagem.

O jantar foi agradável. Meu pai gostou de Vivian, estava ainda meio assustado com a nova camaradagem entre Juliette e eu e não fez a Rob nenhuma pergunta terrível, como “então você está saindo com minha filha?”. Nem Anastasia fez muita birra.

O único momento embaraçoso foi quando Jennifer fez alarde porque Rob puxou a cadeira para mim. O pobre Rob ficou vermelho. Tenho certeza de que devo ter ficado da mesma cor. Juliette e Anastasia chiaram com a mãe, ambas com olhares assustadoramente iguais. Felizmente, Jennifer entendeu a dica e tentou não agir como mãe dali por diante.

Depois do jantar, todos estavam satisfeitos, mas papai insistiu que pedíssemos alguns dos bolos de lava quente — era uma festa de aniversário, afinal. Como eu não era de dizer não a delícias com calda de chocolate, concordei com alegria. Enquanto esperávamos pela sobremesa, Juliette começou a saltitar na cadeira.

— Podemos dar os presentes agora?

— Tem presentes? — Minhas bochechas coraram de novo. Eu não esperava nenhum presente.

— Presentes bons — Juliette disse. — Você vai amá-los. Podemos dar a ela agora? Por favor, por favor, por favor?

Foi como assistir uma criança na manhã de Natal. Todos rimos dela.

— Tudo bem — meu pai concordou e me deu um envelope grande que tirou do bolso do paletó. — Isso é da família. Foi ideia de Juliette, então, se você não gostar, a culpa é dela.

Juliette virou os olhos, mas deu um sorriso tão largo que parecia que ia explodir.

— Abra logo!

A empolgação dela era contagiante e eu abri o envelope o mais rápido que meus dedos machucados permitiram. Quase gritei de alegria quando vi o que me aguardava. Na real, eu guinchei um pouco, o que fez com que outros clientes do restaurante franzissem a testa para a nossa mesa. Eu tinha nas mãos ingressos para a FantasyCon daquele ano. Não podia acreditar.

— Você está brincando? Sei que isso faz de mim uma grande tonta, mas tenho vontade de ir a uma dessas desde que tinha, sei lá, doze anos! Ah, meu Deus, não acredito que finalmente vou! Obrigada! Eu amei!

A convenção dura cinco dias, mas o melhor dia era sempre o último — o domingo. Eu tinha nas mãos cinco ingressos para o domingo.

Dali a dois dias eu iria passar o dia todo imersa nos mundos dos meus livros e filmes favoritos. Iria encontrar uma tonelada dos meus autores e atores favoritos, pegar sequências de livros que ainda não tinham sido lançados, ouvir palestras de convidados e ter uma prévia de vários filmes que seriam lançados. Havia, inclusive, um boato de que eles iriam projetar dez minutos de *O Príncipe Druida*.

— Não são apenas ingressos para a FantasyCon — disse Juliette. — Nós compramos lugares para o grupo de discussão de *O Príncipe Druida*. Eu dei uma olhada. O escritor dos livros e o diretor, o produtor, o roteirista e o elenco do filme vão estar todos lá! Haverá uma recepção para todos os participantes do grupo, então você vai encontrar seu amiguinho Brian Oliver! Você acredita?

Juliette estava grunhindo agora, tanto que papai disse a ela para dar um tempo. Eu mesma estava em choque. Tão logo meu cérebro começou a funcionar de novo, percebi quantos ingressos eu tinha.

— Vocês me compraram cinco ingressos? Vocês sabem quanto isso deve ter custado?

Juliette acenou, mostrando que aquilo não tinha importância.

— Não importa. Papai devia a você.

Decidi não pensar sobre isso e fiz outra pergunta antes que as coisas pudessem ficar esquisitas.

— Mas por que tantos?

Juliette deixou escapar um sorriso malvado.

— Bem, obviamente não iria querer ir sozinha, e achei que seria rude dar a você apenas dois ingressos e fazer você escolher entre seus amigos.

— Quer dizer que estava com medo de que eu não escolhesse você — provoqueei.

Juliette não negou.

— Hellooo! *Brian Oliver!*

Eu ri outra vez.

— Tudo bem, mas por que cinco? Você tinha uma lista de convidados específica em mente?

— Bem, obviamente eu, Vivian e Rob, e eu pensei... — Juliette hesitou, mordendo o lábio nervosa.

— Quem? — perguntei. Eu honestamente não tinha ideia de quem mais ela poderia pensar.

— Achei que você poderia convidar Cinder. — Juliette corou e se apressou em dar o resto da explicação.

— Quer dizer, *O Príncipe Druida* é o principal interesse de vocês. Achei que seria a desculpa perfeita para finalmente se encontrarem.

Fiquei chapada. Juliette não estava tentando saciar uma das minhas maiores paixões — ou a dela — com esse presente; ela estava fazendo muito mais que isso. Estava tentando me dar meu melhor amigo. Foi uma das coisas mais atenciosas que alguém já tinha feito por mim. Eu estava tão tocada pelo gesto que não consegui falar.

— O que você acha? — Juliette perguntou com nervosismo.

— O presente é fantástico, Juliette. Muito obrigada por pensar em Cinder. Isso significa muito para mim. Eu adoraria poder ir a esse evento com ele, mas ele não está na cidade no fim de semana, está trabalhando em alguma coisa. Liguei para me desejar um feliz aniversário e só pudemos nos falar por alguns minutos. Ele estava tão ocupado que disse que não teria tempo de conversar até segunda-feira.

— Que droga. — O rosto de Juliette se fechou em um bico por apenas alguns segundos e depois ela voltou

a ficar animada. — Não importa. Nós o pegaremos quando o filme for lançado. Quero dizer, de jeito nenhum vocês vão deixar de assistir ao filme juntos.

Meu coração doeu com o pensamento, porque eu sabia que era uma causa perdida. Cinder e eu nunca iríamos nos encontrar. Eu não iria assistir ao filme com ele, embora não houvesse mais ninguém no mundo com quem eu preferisse ir.

Precisei mudar de assunto antes que começasse a chorar.

— Bem, de qualquer forma, Cinder não pode ir. — Eu olhei para minha outra meia-irmã, que premeditadamente ignorava todos mexendo no telefone. — Por que você não vem com a gente, Ana?

Todos na mesa ficaram paralisados. Vivian, Rob e Juliette olhavam para mim com o rosto em choque e a expressão incrédula. Meu pai e Jennifer estavam surpresos da mesma forma, mas os dois olharam para Anastasia com a respiração presa e expressões esperançosas. Anastasia ficou tão assustada quanto todos os outros.

— Eu?

Ignorei a inimizade e encolhi os ombros.

— Claro. Por que não?

O olhar que ela me lançou foi impressionante, até para ela.

— Eu não preciso de um convite por pena. O que faz você pensar que eu iria querer ir a uma convenção repugnante cheia de esquisitoides com você e os seus amigos?

Os olhares de desapontamento no rosto de meu pai e de Jennifer me deixaram com mais raiva do que o insulto de Anastasia. Eu queria dizer algo rude de volta, mas, quando olhei ao redor da mesa outra vez para minha nova família, não tive coragem de piorar as coisas.

— Não é um convite por pena — eu disse, forçando todo o desprendimento que pude conseguir colocar em minha voz. — Considere isso uma trégua. Uma oferta de paz.

Os olhos de Anastasia se estreitaram enquanto ela esperava minha explicação.

— Juliette e Rob são seus amigos também e sei que você gosta de Brian Oliver. Venha com a gente e se divirta. Não estou pedindo que goste de mim e não quero que venha porque tenho pena de você. Estou convidando você como uma forma de me desculpar. Não posso fazer nada por ter me intrometido em sua vida e não posso me retirar dela. O que posso fazer é tentar consertar isso dando a você uma chance de roubar Brian Oliver de Kaylee Summers. Por mais que me doa dizer isso, acho que você é mais bonita que ela. Se alguém pode conseguir isso, esse alguém é você.

Papai e Jennifer ainda estavam congelados em seus lugares, sem conseguir acreditar no que estava acontecendo, mas Juliette, Vivian e Rob riram.

— Ela é definitivamente agressiva o bastante — Juliette concordou. Ela riu para a irmã e disse: — Você parece uma barracuda.

Anastasia zombou, mas eu podia ver que ela estava tentando não sorrir.

— Não importa. Estou de castigo até o Natal.

— Se quiser ir com suas irmãs à convenção, acho que posso suspender o castigo — papai disse. — Supondo que irá se comportar.

Ana parecia estar rangendo os dentes tanto quanto eu por termos sido chamadas de irmã, mas nenhuma de nós o corrigiu. Ana estreitou os olhos e perguntou:

— Suspensão do castigo só no dia?

Meu pai e Jennifer se entreolharam. Papai encolheu os ombros e Jennifer fez que sim com a cabeça para Ana.

— Suspensão, como em uma liberação inicial. Você pode terminar com o castigo contanto que seu comportamento se mantenha aceitável.

Eu tive a impressão de que amansar o castigo não era uma coisa que acontecia com frequência nessa

família, porque os olhos de Juliette e Ana se arregalaram com o choque. Ana se recuperou mais rápido que Juliette e deu de ombros na minha direção, fingindo indiferença.

— Está bem, que seja. Eu irei a essa besteira.

O garçom veio com nosso bolo e, enquanto todos estavam distraídos, meu pai veio até mim e apertou minha mão.

— Obrigado — ele sussurrou.

— Obrigada pelo presente — eu disse em retorno. — Eu adorei.

Todos nós mergulhamos em nossas sobremesas — felizmente, não houve cantoria —, e depois de alguns minutos de um silêncio confortável, Rob se virou para mim.

— Então não está interessada em conquistar Brian Oliver para você? — Ele estava brincando, mas havia uma curiosidade real em sua voz. — Ele já é seu fã. Tudo que precisa fazer é dizer a ele que era o *seu* blog que ele esteve citando o dia todo.

— Ah, não! — Eu ri. — Isso *não* vai acontecer. Eu já tenho um playboy rico e arrogante enlouquecendo meu coração. Não preciso de mais um. Ele é todo seu, Anastasia... a menos que Juliette queira brigar com você por ele.

— Ah, eu pretendo — disse Juliette, fazendo todos nós rirmos outra vez.

— Muito bem, muito bem, chega disso — Vivian interrompeu. — É minha vez de dar meu presente.

Vivian colocou uma sacola grande com um presente enrolado em papel colorido na minha frente.

— Você me trouxe um presente? Não precisava fazer isso.

— Ah, sim, eu precisava. Vamos, abra logo antes que eu diga o que é.

Quando abri o papel e vi as dobras de um laço branco lindo, arquejei.

— Seus pais me fizeram um vestido?

Empurrei a cadeira e fiquei em pé enquanto retirava o vestido da sacola e o segurava na frente de meu corpo. Era lindo! Era um vestido comprido feito de chiffon e laços brancos. Era o vestido mais elegante que eu já tinha visto. Mais que isso, contudo, eu o *reconheci*.

— Espere. Esse é...?

Vivian concordou com a cabeça.

— Eu não sou boa em guardar segredos; pergunte a qualquer um. Quase dei com a língua nos dentes sobre domingo várias vezes, mas Juliette teria me matado. Quando ela me contou o que seu pai estava preparando para você, fui direto pedir a meus pais para me ajudarem com o seu vestido. Eles ficaram empolgados em ajudar.

— Isso é fantástico! — Eu esperava que meus olhos confirmassem minha gratidão, embora estivesse em pânico. O vestido era deslumbrante, mas era sem mangas e sem costas. Iria mostrar muito das minhas cicatrizes. Eu sabia que tinha me sentido bonita quando experimentei aquele vestido na casa dela, mas eu não achava que pudesse mostrar minhas cicatrizes na convenção, não importa o quanto quisesse me vestir como minha personagem predileta.

— Olhe na sacola — Vivian disse, lendo meus pensamentos.

Tive outro sobressalto quando retirei uma capa branca maravilhosa que combinava com o vestido e um par de luvas longas de cetim.

— Sei que as luvas não são uma parte oficial do traje de Ellamara — Vivian disse —, mas elas combinam e vão cobrir suas cicatrizes perfeitamente. E aqui!

De repente, uma recepcionista apareceu atrás de mim, embora eu não tenha visto ninguém sinalizar para ela. A garota estava segurando um cajado lindo. Ele tinha cerca de 1,80 m, era feito de madeira e entalhado com motivos de galhos de árvore entrelaçados. No topo, uma grande esfera de cristal azul estava finalizando os galhos. Era uma réplica exata do bastão de Ellamara. Aceitei animada o presente da recepcionista, que me desejou um feliz aniversário e depois retornou ao seu posto.

— É lindo.

Vivian apontou para a base do bastão.

— Ele também é totalmente funcional.

Havia um pé de borracha espesso na base, do mesmo tipo que você encontra em muletas... ou na minha bengala. Suspirei outra vez e testei meu peso contra o cajado. Iria funcionar com perfeição. Vivian falou:

— Por mais que eu ame a *Candy Cane* — ela tinha batizado minha bengala de *Candy* depois da “cirurgia plástica” porque eu disse que me lembrava do jogo *Candy Land* —, essa combina muito melhor com o traje.

Dei alguns passos para experimentar e depois me virei para encontrar a mesa cheia de rostos sorrindo.

— Isso é fascinante, Vivian! Obrigada! E agradeça a seus pais também!

— No domingo você não será Ellamara Rodriguez; você será Ellamara, a linda e misteriosa sacerdotisa mística druida.

— Tem uma competição de trajes — Juliette acrescentou — e nós vamos ganhar.

— Nós?

— Sim. Vivian me ajudou com o meu traje também. Eu vou de princesa Ratana.

— E eu vou de Nesona, a rainha malvada — Vivian disse. — Meu vestido é lindo. Vamos estar fabulosas!

Guinchei outra vez. Seria maravilhoso. Era como um sonho se tornando realidade para uma geek da fantasia como eu.

— Vou falar com meus pais sobre Ana quando chegar em casa hoje. Eles não terão nenhum problema em preparar outro traje de princesa Ratana até domingo.

Eu ri com desdém.

— É, não deve ser muito difícil. Não tem muito pano naquele traje.

Juliette mostrou a língua.

— Eu acho sensual. — Ela tinha ouvido meu discurso sobre a falta de roupas da garota guerreira idiota antes. — Princesas Ratanas gêmeas vão definitivamente chamar a atenção do júri. Sem falar da de Brian Oliver.

Rob riu.

— E eu vou ficar andando o dia todo, só eu e quatro garotas atraentes incrivelmente vestidas como princesas medievais? Legal.

Vivian olhou para Rob com um brilho malicioso no olhar que o fez sentar na cadeira.

— O que foi?

Ela riu para ele com um sorriso doce que era todo muito inocente.

— Há um preço para a honra de nos acompanhar à convenção.

Rob franziu a testa.

— Que preço?

— Nada muito ruim — Juliette cantarolou. — Apenas uma túnica.

— Uma *o quê*?

— E *leggings*. — Ela deu uma risadinha.

Rob processou a informação e então seu rosto empalideceu.

— Ah, não! Nem ferrando!

Todos nós rimos, até Anastasia.

— Sim, já está ferrado! — disse Vivian. — Você não achou que a Sacerdotisa Mística, as leais Ladies Ratana e a caríssima Múmia Malvada iriam chegar lá sem seu príncipe druida campeão, achou, caro Cinder?

— Hum, sim, achei.

Eu me senti um pouco mal por ele, mas não o bastante para deixá-lo escapar de usar o traje.

— Se isso ajuda, você pode levar uma espada — ofereci.

— Vocês não podem já ter um traje pronto para mim — ele argumentou. — Como saberiam o tamanho para fazê-lo?

Vivian riu.

— Meu pai tem o dom de medir as pessoas. Você o encontrou na noite em que foi lá em casa assistir aos filmes. Sem contar que há muitas fotos suas no Facebook, que ajudaram bastante.

Rob franziu a testa, confuso, e Vivian sorriu.

— Todos aqueles treinos à tarde que você faz sem camisa se mostraram muito tentadores para as garotas de nossa escola.

Uau! Eu ia ter de me tornar amiga no Facebook de algumas das garotas da escola. Ou talvez começar a assistir a alguns treinos de futebol.

Vivian ronzou mostrando que apreciava, fazendo Rob corar tanto que tive certeza de que o rosto dele nunca voltaria ao tom normal.

— Desculpe — murmurei e ofereci minha mão a ele por baixo da mesa como apoio.

Ele a agarrou como se aquilo pudesse torná-lo invisível e me deu um sorriso de gratidão.

— Pense na roupa como um uniforme e você vai ficar bem — Juliette caçou.

— A roupa vai servir — Vivian prometeu —, mas você deveria ir até minha casa no domingo de manhã, para o caso de eles precisarem fazer qualquer alteração. Na verdade, todos vocês precisam vir mais cedo porque meus pais pediram para os amigos do programa virem para fazer nosso cabelo e maquiagem.

— Mentira! — Juliette, Anastasia e eu gritamos juntas.

Meu pai e Jennifer caíram na gargalhada.

— Nada como uma maquiagem para deixar uma garota empolgada, hein? — papai brincou, dando um sorriso simpático para Rob.

Rob suspirou e apertou minha mão outra vez.

— Tudo bem. Porque é aniversário de Ella, eu serei o seu Príncipe Charmoso do dia.

— Meu príncipe Cinder. — Eu me inclinei e beijei o rosto de Rob. — Você é o melhor.

Ele me deu um sorriso pesaroso com uma expressão que dizia que eu o tinha vencido, depois virou-se outra vez para Vivian.

— Eu dou as regras na maquiagem.

DIREÇÃO EDITORIAL

Silvia Vasconcelos

PRODUÇÃO EDITORIAL

Equipe Editora Pandorga

REVISÃO DE TEXTO

Alinne Salles – as edições

PROJETO GRÁFICO

Inari Jardani Fraton – elo editorial

DIAGRAMAÇÃO DE EBOOK

Cristiane Saavedra

CAPA

Marco Mancen

FOTO DA AUTORA

Jessica Downey

Copyright © Kelly Oram, 2014

Todos os direitos reservados

Copyright 2016 © by Editora Pandorga

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

dados internacionais de catalogação na publicação (cip)
Ficha elaborada por Tereza Cristina Barros – crb-8/7410

Oram, Kelly.
Cinder & Ella / Kelly Oram ; tradução Fátima
Pinho. -- 1. ed. -- São Paulo : Pandorga, 2016.
304 p. ; 16 x 23 cm.
Título original: Cinder & Ella.
isbn 978-85-8442-163-3

1. Romance norte-americano I. Título.

16.08/028-2016

cdd- 813.6

2016

impresso no brasil

printed in brazil

direitos cedidos para esta edição à

editora pandorga

rodovia raposo tavares, km 22

cep 06709-015 – granja viana – cotia – sp

tel (11) 4612 – 6404

www.editorapandorga.com.br

KELLYORAM

2016



A fantasycon era mesmo tudo que sempre sonhei que seria, e meus amigos e eu estávamos deslumbrantes para ela. Os pais de Vivian eram tão bons que não parecíamos ter saído do set de filmagens — parecia que tínhamos encontrado um jeito de transcender mundos e vir direto do próprio Reino.

Nenhum dos meus amigos era fã de fantasia como eu. Eles não estavam familiarizados com as referências, os autores e os artistas conceituais que encontramos como eu estava, e não ficaram à beira de um desmaio quando encontraram Richard e Kahlan de *Legend of the Seeker* como eu fiquei, mas isso não importava. Eles ficaram entusiasmados com todas as outras pessoas com trajes e se divertiram muito rindo do meu jeito *geek*. Tudo bem. Ainda era um dos dias mais deslumbrantes da minha vida.

O grupo de discussão de *O Príncipe Druida* foi uma experiência ímpar. Fiquei tão ansiosa pelo filme que não achei que iria conseguir esperar até o lançamento no Natal. Depois que terminou, as pessoas com ingresso para a recepção fizeram fila para pegar autógrafos dos membros do grupo de discussão.

Vivian, Juliette e Anastasia mal respiravam desde que entramos na sala e vimos Brian Oliver sentado a poucos metros de nós, e o pobre Rob foi reduzido a um monte de baba ao ver Kaylee Summers. Meus amigos interespaçiais me satisfizeram, contudo, e esperaram pacientemente que eu encontrasse primeiro o autor de *O Príncipe Druida*, L. P. Morgan.

Ele estava em uma mesa com o roteirista do filme, o vencedor do Oscar, Jason Cohen, e quase morri quando fui pega em uma discussão com eles, e alguns outros fãs conservadores das *Crônicas de Cinder*, sobre o processo de adaptação e como eles estavam lidando com os episódios. Tirei uma foto com os dois e eles até me deixaram gravar nossa discussão no celular para o meu blog. Era realmente um sonho realizado! Eu estava eufórica quando fui finalmente arrancada deles e carregada à força para encontrar Brian Oliver e Kaylee Summers.

— Não posso acreditar que você fique toda fanática com aqueles dois velhos surrados quando *Brian Oliver* está bem ali — Anastasia disse enquanto esperávamos na fila por nossa vez de encontrar os convidados de honra.

Nem mesmo a atitude dela poderia matar meu bom humor hoje.

— Brian Oliver é sexy, mas L. P. Morgan é meu herói. O homem é um gênio. — Abracei o livro de capa dura que tinha trazido comigo para que ele assinasse. Queria que pudesse ser a cópia do livro de minha mãe de

quando ela era garota, mas iria apreciar esse livro novo mesmo assim. Eu o apertei novamente, soltando um suspiro sonhador. — Eu não acredito que finalmente pude encontrá-lo.

Anastasia balançou a cabeça.

— Você é muito esquisita.

Vivian colocou o braço no meu ombro.

— Sim, mas nós gostamos dela de qualquer jeito.

— E então, Ella, você vai agradecer Brian Oliver pelo presente de aniversário? — Juliette perguntou.

— Não. — E repeti quando todos olharam para mim como se eu fosse louca. — *Não*, não quero que ele saiba quem eu sou.

— E por que não?

Porque ele provavelmente conhece Cinder e depois vai dizer a ele que me encontrou.

— Eu não quero. Apenas. Tudo bem? Por favor, não digam nada.

— Ele provavelmente conhece Cinder — disse Vivian, dando voz aos meus pensamentos, exceto que ela fez parecer que isso era uma coisa boa.

— Você poderia fazê-lo dizer o nome de Cinder e então nós poderíamos procurá-lo no Facebook e ver se ele é tão gostoso quanto parece.

— Não preciso confirmar isso. Cinder não quer me conhecer. Nunca. Eu não quero saber o quanto ele é bonito.

Vivian e Juliette franziram a testa para mim, mas Rob veio em meu socorro.

— Deixem-na em paz. Cinder é um babaca de qualquer forma por não querer conhecê-la. Nós deveríamos estar ajudando Ella a se esquecer dele, e não a encorajando.

Anastasia riu, mas eu não estava certa se ela estava contrariada pelo que ele disse ou zangada porque colocou o braço na minha cintura. Ela continuou a me encarar até que finalmente chegamos na ponta da fila e ficamos cara a cara com Brian Oliver.

Brian Oliver era bonito pela tv. Pessoalmente, ele era completamente hipnotizante. Aqueles olhos que de alguma forma ardiam como fogo enquanto brilhavam... e aquele sorriso...

— Vocês cinco estão incríveis! — Brian disse, quebrando o silêncio por nós quando a presença física dele tinha deixado todos sem fala. — De longe, os melhores trajes que vi este ano. Espero que tenham entrado na competição. — Os olhos deles se moveram para Anastasia e Juliette e imediatamente percorreram o corpo das duas. — Gêmeas — ele ronronou quando acabou de cobiçar. — As leis senhoras são as Ratanas mais bonitas que já vi desde que a convenção começou.

Não consegui segurar a risada que me escapou. Se ele realmente era amigo de Cinder, não era preciso imaginar o motivo. Eles eram muito parecidos.

Corei quando Brian olhou curioso para mim, mas eu estava mais preocupada com o ar magoado no rosto de Juliette e com o olhar raivoso de Ana. Rapidamente, engoli a risada.

— Desculpem.

Juliette me lançou um olhar que dizia “que diabos?” e eu me retraí. Eu estava tendo um dia bem produtivo com Anastasia até ali, mas insultá-la na frente de Brian Oliver não iria me colocar nas graças dela.

— Sinto muito — eu disse novamente, mais arrependida dessa vez. — É claro que ele está certo. Vocês sabem que as duas são deslumbrantes. Eu estava rindo da fala cafona.

— Fala cafona? — Brian perguntou. A voz dele sugeria que ele estava ofendido, mas os lábios torcidos e os olhos sorridentes contavam outra história.

Eu não pretendia insultá-lo, mas era tarde demais para retirar o dito, então tive de me defender.

— Sim, foi brega. E tenho certeza de que você disse a mesma coisa para cada garota que encontrou esta semana. Acho incrível que ainda possa dizer isso com a cara séria.

Brian piscou para mim surpreso. Ao lado dele, Kaylee Summers riu.

— O que você acha, baby? — A condescendência escorria do tom dela, grossa como melão. — Mais alguém que não está impressionado com as suas mentiras.

Eu estava com medo de tê-lo ofendido de verdade dessa vez, mas ele sorriu como se eu tivesse lhe apresentado um delicioso desafio.

— Ela não estaria vestida como Ellamara se fosse facilmente suscetível ao charme — ele disse a Kaylee, sem tirar os olhos castanhos e ternos de mim. — O elogio foi verdadeiro, entretanto. Suas amigas realmente são duas da princesa Ratana mais bonitas que vi neste fim de semana. — Ele deu uma rápida piscada para Ana e Juliette, fazendo-as corar. — Assim como você é a Ellamara mais adorável que já encontrei até agora.

Eu ri outra vez.

— Eu provavelmente sou a *única* Ellamara que você encontrou.

Os lábios de Brian se abriram em um sorriso de parar o coração.

— Mesmo assim, você é encantadora. Esses olhos... — Ele fez uma pausa, olhando fixamente para os meus olhos, e franziu a testa. — Já nos encontramos?

— Ah! Não. Nunca nos encontramos.

— Tem certeza? Você me parece familiar. Eu juro que já vi esses olhos antes.

Eu engoli em seco. Era possível que ele tivesse visto uma foto minha no blog. Eu não postava uma foto desde a última vez em que fui a uma viagem de livros com minha mãe. Isso foi meses antes do acidente. Eu estava bem diferente agora — mais velha e sem aparelho — mas os olhos azuis, a pele morena e os cabelos escuros eram inconfundíveis.

Eu me forcei a sorrir como uma tola.

— Tenho quase certeza de que me lembraria de ter encontrado um astro famoso do cinema. — Ele ainda parecia cético, então adicionei: — Principalmente um que usa frases tão bregas assim.

Finalmente, Brian riu. Ele posicionou a caneta sobre uma foto brilhante, pronto para dar um autógrafo para mim.

— Está certo. Eu desisto. Qual o seu nome, linda?

Minhas bochechas ficaram vermelhas, apesar dos meus esforços. Eu aponte para a foto e balancei a cabeça.

— Tudo bem. Não preciso de uma dessas. Eu só queria dar isso a você.

Eu dei a ele uma cópia de *O Príncipe Druida*. Ao contrário da edição de capa dura que pedi para L. P. Morgan assinar, essa era uma versão barata de capa de papel que havia substituído a capa original por uma com o elenco do filme. Brian aceitou com alegria o livro e então olhou para mim.

— E a quem devo endereçar?

Eu suprimi uma virada de olhos.

— Não quero que assine. Quero que o *leia*.

Brian semicerrou os olhos para mim.

— Como?

Eu suspirei.

— Você está representando um dos personagens mais queridos de todos os tempos. Eu não me importo com quantos Oscars Jason Cohen conquistou por seus roteiros; o roteiro nunca fará justiça ao livro. Sei que é tarde para ajudá-lo com o primeiro filme, mas há mais quatro por vir. Queria muito, muito que você entendesse quem é Cinder, então estou implorando. Por favor. Leia os livros. Eu juro, eles valem a pena.

Cada estranho que podia me ouvir estava embasbacado comigo como se eu fosse uma completa maluca, exceto por outros fãs conservadores que bateram palmas e disseram “é isso aí”. Juliette e Anastasia estavam com expressões horrorizadas. Até mesmo Rob e Vivian pareciam um pouco tomados pela surpresa.

A expressão de Brian Oliver era difícil de descrever. Ele parecia estar tendo o grande momento de sua vida. O sorriso tinha, de alguma forma, aumentado — mas ele também parecia desorientado enquanto olhava para mim com algo nos olhos que parecia suspeita.

— Acha que não li os livros?

Era exatamente o que eu pensava.

— Você quer dizer que leu?

Ele riu.

— Por que acha que pedi para fazer o papel? Eu concordo plenamente que Cinder é um dos personagens mais queridos de todos os tempos. Eu não poderia deixar que outra pessoa o representasse. Mal posso esperar para filmar *O Reino da Glória*. Esse foi o meu livro favorito da série.

Fechei a boca, sem certeza de quando ela tinha ficado aberta, e meus lábios rapidamente se curvaram em um grande sorriso.

— *O Reino da Glória* foi bom — concordei —, mas *O Príncipe Druida* ainda é meu favorito. Fico caída por uma boa história de origem. A de Cinder é trágica e comovente, mas ela traz um sentimento de esperança para um reino desesperado. Sem contar que o mistério sobre quem ele é foi feito com maestria naquele livro.

— Sem dúvida — Brian concordou. — *O Príncipe Druida* é meu segundo favorito. Mas amo quando Cinder consegue finalmente voltar para casa, não como um garoto inútil da fazenda, mas como um guerreiro druida. O cara detona como um mestre. A ação em *O Reino da Glória* é épica.

Agora, sim, eu revirei os olhos.

— Cenas de batalha. Coisa de homens. Aposto que você também adora o que os produtores do filme fizeram com os trajes da princesa Ratana.

Algo mudou em Brian naquele instante. O fogo tomou conta dos olhos dele, uma paixão ardente que eu não sabia como explicar. A suspeita dele se derreteu em um sorriso eloquente e ele colocou os olhos em Ana e Juliette antes de me dar um sorriso libertino.

— Eu certamente não reclamei.

Enquanto eu grunhia, Brian recostou-se na cadeira e cruzou os braços sobre o peito, observando-me com olhar divertido.

— Diga-me uma coisa. Por que se vestiu como Ellamara? Foi porque ela se cobre da cabeça aos pés? Você é algum tipo de puritana?

Eu ri e Juliette bateu com a mão na testa.

— Ah, que ótimo! Agora você conseguiu. Ela vai ficar entalada nisso por *semanas*.

Enquanto Brian considerava as palavras de Juliette, eu apertava meu bastão e resistia à vontade de acertá-lo na cabeça com ele.

— Eu *não sou* uma puritana. É só que não aprecio que Hollywood sacrifique a integridade de alguma coisa só para fazer com que caras pervertidos como você comprem ingressos. Nos livros, a princesa Ratana era uma guerreira, mas ainda assim era uma *princesa*. Seu pai transformou a personagem dela em uma mocinha bonita, burra, inútil e promíscua. É muito aviltante para as mulheres! Nós *podemos* ser bonitas e bem vestidas, sabe?

— Posso ver — Brian caçoou, olhando para mim de cima a baixo.

Juro que senti os olhos dele viajando pelo meu corpo como uma carícia. Lutei contra um arrepio.

— Então, por que Ellamara? — ele perguntou outra vez.

— Porque ela é a melhor personagem dos livros.

Juliette reconheceu a chegada de uma de minhas palestras e tentou me tirar dali antes que eu começasse.

— Tudo bem, Ella, ainda tem mais gente esperando. Não vamos ocupar todo o tempo de Brian.

— Ela está certa, Brian — disse Kaylee, sem se incomodar em esconder a contrariedade. — Dê logo um autógrafo e despache a garota.

Brian ignorou a namorada.

— Você acha que *Ellamara* é a melhor personagem dos livros? E Cinder? Ele é o herói. Ele salva todo o reino.

A pergunta era claramente uma provocação. Ele estava me irritando de propósito. Por mais que eu tentasse não deixá-lo me fisgar, não pude resistir à discussão.

— Claro que é, porque ele tinha *Ellamara* para guiá-lo. Sem ela, ele não teria sido nada.

— Nada? — Brian riu. — Ele tinha a magia. Ainda teria detonado sem ela.

— Sim, mas teria adquirido poder e se tornado apenas mais um príncipe egocêntrico, idiota e esnobe embriagado com o próprio poder. *Não muito diferente do cara sentado à minha frente.*

Pela expressão dos olhos dele, Brian sabia o que eu estava pensando.

— Mesmo assim — apressei-me antes que ele pudesse perguntar —, ele ainda prefere se casar com a garota atraente quando amava *Ellamara*.

— Mas *Ellamara* se tornou uma sacerdotisa. Ela fez um voto de celibato.

Eu rosnei. Tive essa mesma discussão com Cinder um milhão de vezes. Na verdade, foi a primeira discussão que tivemos. A primeira vez em que ele comentou no blog foi para defender a decisão de Cinder de se casar com Ratana, mesmo sendo *Ellamara* quem ele amava de verdade.

— Ela se tornou uma sacerdotisa porque Cinder a rejeitou. Ele destruiu o coração dela!

— Ele não tinha escolha! — Brian gritou em resposta, tornando-se tão apaixonado pela discussão quanto eu estava. Claramente, um fã de verdade.

— Ele pode ter amado *Ellamara*, mas era um plebeu. Ratana era a princesa herdeira de Flatlands. A união deles criou a paz entre os dois reinos. Cinder tomou a decisão nobre e colocou os sentimentos de lado para o bem do Reino.

— Nobre? — rosnei outra vez. — O que ele fez não foi nada nobre. Foi um ato de covardia. Fez o que esperavam dele porque era mais fácil. Um homem de verdade teria lutado para ficar com a mulher que amava. Que se danem as classes sociais.

Brian se afundou na cadeira, chocado com o que eu havia dito, mas eu não iria voltar atrás. Contudo, o choque desapareceu rapidamente, e aquele sorriso satisfeito e sagaz voltou ao seu rosto. Eu não entendi a piada, mas fosse ela qual fosse, Brian Oliver estava se divertindo muito com ela. Ele levantou uma sobrancelha para mim e cruzou os braços sobre o peito.

— Eu pensei que você tivesse dito que Cinder era um dos maiores personagens de todos os tempos.

Eu revidei a teimosia dele.

— Todo grande personagem comete erros. Cinder foi sábio no final e conseguiu comandar seu povo apenas porque *Ellamara* ensinou a ele como pensar além dele mesmo. Ele foi um grande personagem, mas...

— Eu sei, eu sei — Brian interrompeu com um suspiro derrotado —, *Ellamara* foi a verdadeira heroína.

Eu congelei. Quando olhei para os olhos de Brian, ele olhava para mim com o sorriso de quem sabia, esperando que eu entendesse. Fim da piada. A mensagem chegou em alto e bom tom e meu coração parou de bater. Eu não podia acreditar! Não era possível!

— O que fez você dizer isso? — Eu quase não conseguia falar em um tom que pudesse ser ouvido.

O rosto de Brian se suavizou e ele balançou os ombros.

— Era o que você iria dizer.

— Sim, mas como sabia? Por que disse essas exatas palavras?

Nós dois sabíamos que eu já sabia a resposta. Brian se inclinou para a frente na cadeira e me olhou com uma nova intensidade. O sorriso dele se transformou em um sorriso perverso e ele sussurrou:

— Diga *carro* para mim.

Ao meu lado, alguém teve um sobressalto. Achei que pudesse ser Juliette, mas não tive certeza. Eu ainda

estava muito chocada para pensar claramente.

Cinder! Eu estava falando com Cinder! Cinder não *conhecia* Brian Oliver. Cinder *era* Brian Oliver!

Eu me senti como se um raio tivesse me atingido. O choque foi tão grande que me arrastou alguns passos para trás. Eu tropecei em Rob, que me agarrou quando meus joelhos tentaram ceder. Ele me segurou pela cintura para me endireitar — o que foi bom porque eu não tinha certeza se conseguiria ficar em pé sozinha.

Então olhei, incrédula, para o famoso destruidor de corações de Hollywood, Brian Oliver, que olhava com ciúme para os braços de Rob ao redor da minha cintura. O traço de malícia na expressão dele era tão sutil que eu duvido que alguém além de mim tenha notado. Bem, talvez Rob, porque ele me apertou com um pouco mais de força e praticamente rosnava quando perguntou:

— Você está bem, Ella?

— Estou bem. — As coisas não estavam nada, nada bem. Brian era *Cinder*! Eu estive conversando com *Cinder*! *Eu estava olhando para Cinder*!

Os olhos de Cinder voltaram para os meus.

— Ella?

Para qualquer outra pessoa, tenho certeza de que parecia que ele estava simplesmente perguntando para que pudesse assinar um autógrafo, mas eu ouvi a surpresa dele. Nós nunca tínhamos nos perguntado nossos nomes verdadeiros. Ele provavelmente imaginou que Ella fosse apenas um apelido, como Cinder era.

Eu confirmei com a cabeça, atordoada.

— Ellamara — suspirei. Minha boca estava seca. — Minha mãe também amava os livros.

O rosto todo de Brian brilhava de contentamento ao saber do meu verdadeiro nome.

— Brian! — uma voz estridente sibilou um sussurro irritado. — Baby, você está começando a causar uma cena. Pare de *flertar* com ela e assine já o maldito autógrafo.

Desviei os olhos de Brian para ver Kaylee Summers me encarando com tanto asco que poderia levar até mesmo *Anastasia* às lágrimas. Tantas coisas tinham sido colocadas no lugar. Cinder reclamava tantas vezes que sua vida era louca, complicada e fora de controle porque ele era um *ator de cinema famoso*. E a garota que ele estava sendo forçado a namorar — a megera — era a coestrela, Kaylee Summers.

A noiva dele.

O entendimento me chocou outra vez.

— Parabéns pelo noivado — balbuciei para ela, engolindo a bile. — Tenho certeza de que você será uma linda noiva.

Não percebi que estava tremendo até que Rob me apertou contra o peito dele.

— Você está bem?

Enterrei o rosto no ombro dele e balancei a cabeça. Eu não estava bem. Meu coração estava se despedaçando. Ele já tinha se quebrado antes — quando meu pai foi embora e de novo quando soube que minha mãe tinha morrido. Ele tinha se partido uma terceira vez, quando Cinder se recusou a me conhecer. Mas nunca tinha se despedaçado desse jeito.

— Eu preciso sair daqui.

Rob não fez perguntas.

Quando nos viramos para ir embora, Cinder me chamou em pânico. Olhei para trás e desejei não ter feito isso. Os olhos dele penetraram em mim, implorando que eu entendesse. A dor e a frustração dele estavam tão claramente expostas que as senti no fundo de minha alma. Ou talvez fosse minha própria agonia.

Depois de um momento notável em que ficamos nos olhando, Cinder retirou os olhos de mim para escrever seu nome em uma foto. Quando a entregou a mim, não soltou de imediato. Ele olhou para a foto que ambos segurávamos como se quisesse que eu olhasse também. Olhei e quase perdi a respiração outra vez. Em vez de um autógrafo, ele tinha escrito:

*Eu posso explicar.
Encontre-me no Dragon's Roost. Seis da tarde.
Cinder*

— Foi *realmente* um prazer conhecê-la, Ella.

Eu saltei com o som da voz dele. Quando olhei de novo para cima, ele articulou com os lábios as palavras “por favor” e soltou a foto.

— Obrigada — murmurei, e então deixei Rob me arrastar para fora do caminho de modo que todos os outros pudessem ter a chance de conseguir o autógrafo de Brian e de Kaylee.

De alguma forma, eu me sentia como se tivesse sido atropelada por um trem.



Brian

E llamara era a mulher mais incrível que eu já tinha conhecido. Ela era inteligente e espirituosa e não ficava nem um pouco intimidada pela minha fama. E era tão bonita! Eu a havia notado antes até que o grupo de discussão tivesse começado. Ela e os amigos se destacavam da multidão por suas fantasias deslumbrantes. Eu tinha visto centenas de Ratanas e Cinders nos últimos cinco dias — e até mesmo algumas rainhas Nesona —, mas Ella era a primeira pessoa a se vestir como a infame sacerdotisa druida.

Ela me intrigou imediatamente, e fiquei de olho nela durante todo o grupo de discussão. Eu podia dizer que era uma fã ultraconservadora e me vi impaciente para que ela viesse falar comigo depois do grupo, mas ela foi primeiro em direção a L. P. Morgan e ficou lá por quase vinte minutos, tendo claramente a discussão de sua vida com ele e Jason Cohen. Eu queria morrer por não fazer parte daquela conversa.

Quando ela finalmente ficou na minha frente, vi pela primeira vez o quanto ela estava deslumbrante. As garotas que estavam com ela eram todas bonitas, mas Ella era tão diferente, com a pele morena macia e aqueles olhos azuis grandes e brilhantes que saltavam sobre você por baixo do capuz de sua capa.

Eu não sei por que nunca considerei a possibilidade de que a *minha* Ellamara viesse à FantasyCon, agora que estava morando em Los Angeles, ou de que essa beleza misteriosa e exótica pudesse ser ela, mas não demorei muito para descobrir. O pensamento passou pela minha cabeça quando as primeiras palavras que saíram de sua boca foram um insulto. Era a cara de Ella não ficar impressionada com meu flerte inofensivo. Depois ela colocou o maldito livro no meu colo e insistiu para que eu o lesse. Só Ella! E, é claro, o comentário dela sobre o traje de Ratana confirmou isso.

Ela era brilhante, maravilhosa, tudo que sempre sonhei que seria... e estava nos braços de outro cara. Agora eu entendia por que Kaylee era tão pegajosa comigo o tempo todo. Quando aquele jogador esquelético colocou as mãos em Ella, eu quis pular por cima da mesa e estrangulá-lo. E ali estava eu, finalmente no momento com o qual havia sonhado por anos, e tudo o que eu podia pensar era no jeito que aquele cara segurava Ella como se ela pertencesse a ele. E ela estava deixando que ele a abraçasse! Quando Ella finalmente saiu do choque e

percebeu que eu era Cinder e que estava “noivo” de Kaylee, ela se atirou nos braços daquele idiota sortudo e pediu a ele que fosse seu salvador. O bundão estava até vestido como Cinder.

Eu é que deveria ser o Cinder dela! Ella deveria ser *minha*!

Pedi a ela que me encontrasse, mas vi a expressão em seus olhos — o horror — e não estava certo de que ela fosse aparecer. Se ela não fosse, eu iria procurá-la, ainda que tivesse que derrubar cada porta de cada casa em Los Angeles.

Depois que o encontro de autógrafos terminou, Kaylee começou a falar sobre o caso no segundo em que voltamos à suíte.

— Brian — ela começou com aquela vozinha adocicada que irritava meus nervos até que eles estivessem em carne viva —, deixe-me explicar uma coisa a você sobre estar em um relacionamento. Quando você supostamente está apaixonado por alguém, não flerta *com cada maldito par de olhos que caíam no seu gosto*! Que diabos foi aquilo?

Arranquei a camisa e fui para o banheiro para examinar meu rosto no espelho. Fazer a barba outra vez ou não? Eu sabia que Ella achava sensual uma barba por fazer. Ela tinha dito isso várias vezes quando estava na fase do Prison Break. Mas, se nós terminássemos nos aproximando — e eu tinha muita esperança de que isso acontecesse —, um rosto liso seria provavelmente melhor.

— Aquilo foi o fim dessa farsa de publicidade — eu disse, depois que Kaylee me seguiu até o banheiro esperando uma explicação.

Olhei rapidamente para os olhos de Kaylee no espelho, depois peguei a lâmina e fui trabalhar em tornar meu rosto beijável.

— Para mim, basta, Kaylee. — Eu tinha me decidido no instante em que reconheci Ella, e assim que soube que para mim aquele jogo estava terminado, me enchi de serenidade. — Nós podemos terminar da forma como quiser. Você pode dizer às pessoas que foi você, ou pode dizer que dispensei você e encenar o coração partido. Eu não me importo. Faça como quiser, mas acabou. Não vou mais participar.

— *Como é?*

Enxaguei a lâmina na pia e, enquanto a trazia de volta para o rosto, imaginei se ter objetos cortantes por perto enquanto tinha essa conversa era uma boa ideia.

— Aquela não era apenas uma mulher qualquer; aquela era *Ella*.

Kaylee não disse nada por um momento, mas os olhos dela se estreitaram e os lábios se franziram apertados. Ela estava lembrando o encontro de autógrafos e vendo minha interação com Ella por um novo ângulo.

— *Aquela* era Ella? Você não pode estar falando sério. — Ela deu uma risada dura e sem humor. — Aquela cadelinha sarcástica é o motivo de todo esse estardalhaço por todo esse tempo?

Eu coloquei a lâmina na pia, virei-me para Kaylee e encostei-a na parede.

— Não fale assim dela. Estou terminando com você, Kaylee, e estou indo atrás dela. Você pode tornar isso fácil ou complicado, mas, se tentar fazer qualquer escândalo, vou ser claro quanto ao relacionamento ter sido uma farsa desde o início. Vou dizer a todo mundo que a princesinha mimada teve um ataque de birra ao estilo Lindsay Lohan e me chantageou a entrar em um relacionamento falso. Direi a todo mundo que você ameaçou arruinar minha carreira, despedir meu pai e sabotar o filme, tudo porque é louca e obcecada por mim.

— Obcecada por você? — Kaylee riu. — Você não vale o drama. Há centenas de caras lá fora mais bonitos e ricos que você que estariam agradecidos pela chance de estar comigo.

— Que bom. Vá torturar alguns deles.

Ignorando o olhar raivoso de Kaylee, terminei de fazer a barba, borrifei no rosto um pouco da colônia que eu esperava que Ella achasse irresistível e fui procurar algo limpo para vestir.

— Ninguém vai acreditar em você, você sabe — Kaylee argumentou, seguindo-me até o quarto. — Não com a sua reputação de playboy.

Que piada.

— Acredite em mim, Kay, todo mundo na cidade já sabe que você é uma cobra sem coração. Uma diva descontrolada não estaria muito longe.

Revirei minhas coisas e encontrei um suéter cinza-escuro com gola em V do qual as mulheres sempre pareciam gostar. Com sorte, Ella gostaria também.

— E o filme de Zachary Goldberg? Os contratos ainda estão em negociação. Nada assinado ainda. Eu ainda posso fazer meu pai voltar atrás.

— Você está superestimando sua importância, baby — eu disse enquanto colocava o suéter pelo pescoço. — Pode ter persuadido seu pai a ouvir a proposta, mas eu também estava na reunião. Ele adorou o script e tem o diretor mais prestigiado e o ator mais sexy do momento já elencado. O projeto é ouro.

Alisei a roupa e me olhei no espelho uma última vez. Satisfeito com o que vi, coloquei a carteira e o celular no bolso. Já eram seis horas, então liguei para o restaurante para dizer a eles que me atrasaria um pouco e que não deixassem Ella ir a lugar algum.

— Eu ainda posso arruinar a sua carreira — Kaylee disse com uma voz sombria. — Posso jogar seu nome na lama. Posso colocar os paparazzi tão grudados no seu rabo que você vai precisar de cirurgia para removê-los.

A raiva dela aumentava à medida que ficava mais desesperada, mas ela já não tinha mais nenhum efeito sobre mim. Eu estava pra lá de não ligar.

— Faça o seu pior. Qualquer que seja o dano, ele não será permanente.

— Você vai perder o Oscar.

Há alguns meses, aquilo teria me perturbado, mas de que valia uma maldita estátua se significasse perder Ella? Eu dei de ombros.

— Talvez. Mas, mesmo que arruíne minhas chances este ano, terei tempo de provar às pessoas que sou de verdade. Tenho mais quatro filmes das *Crônicas de Cinder* e um projeto com Zachary Goldberg a caminho que poderia muito bem ser chamado *Brian Oliver é o cara*. Eu só precisei de você para me fazer parecer bom porque eu era um bundão imaturo, mas não sou mais aquele cara. Agora tenho Ella, e ela não vai apenas me fazer parecer um cara sério. Com ela, é de verdade.

Kaylee ficou lá, olhando para mim completamente estupefata, quando finalmente percebeu que tinha perdido essa discussão. Em uma última tentativa desesperada de conseguir o que queria, cruzou a sala e colocou as mãos delicadamente em meu peito.

— Brian... — Ela olhou para mim com os olhos cheios de luxúria enquanto deslizava os braços para os meus ombros e apertava o corpo contra o meu. — Baby, por favor, não vá.

Enquanto Kaylee deslizava os lábios pelo meu queixo recém-barbeado, eu imaginava como algum dia tinha sido capaz de achá-la tentadora. Peguei seus braços, tirei de meus ombros e me desvencilhei de seu abraço.

— Desculpe, Kay, só existe uma mulher para mim agora, e você não é ela. Não chega nem perto.

Pela primeira vez desde que a conheci, as emoções de Kaylee vieram à tona e ela foi incapaz de esconder a dor que a rejeição lhe causava. Eu me senti mal por exatos dois segundos. Então uma batida na porta fez meu estômago explodir de nervoso.

— Deve ser Scotty.

— Brian, você não pode fazer isso!

Ignorei Kaylee e abri a porta com a maior pressa da minha vida. Scott estava lá com um sorriso empolgado no rosto, segurando o livro que pedi para que ele pegasse e uma capa verde enorme.

— Trouxe as coisas que pediu.

— Meu herói!

— Boa sorte, cara.

— Brian! — Kaylee gritou outra vez.

— Desculpe, Kay, eu tenho de ir. — Coloquei a capa sobre os ombros e puxei o capuz sobre a cabeça. A

capa era mais para *O Senhor dos Anéis* do que para *As Crônicas de Cinder*, mas a esperança era que o disfarce fosse suficiente para me tirar do centro de convenções e me levar até o restaurante sem ser notado. — Scotty vai colocar minhas coisas na mala para mim e fechar as contas do quarto. Seja boazinha e deixe as partes íntimas dele intactas.

Kaylee me olhava com todo o ódio que tinha dentro dela e eu soprei um beijo em retorno, risonho com minha nova liberdade.

— Vejo você no set do episódio, *princesa*.



O Dragon's Roost era um restaurante dentro do centro de convenções. Fiquei escondido do outro lado do corredor da entrada, observando. Eu desejava ter escolhido um lugar mais privado para encontrá-la, mas entrei em pânico quando Ella começou a se afastar de mim e o único lugar que me veio à mente foi o café onde eu tinha almoçado naquela tarde.

Considerando que o evento estava lotado, as opções de refeitório eram limitadas, e era a hora do jantar, então o restaurante estava lotado. Havia uma fila no balcão de reservas com umas vinte pessoas. Pelo menos eu tinha reservado uma mesa isolada nos fundos com antecedência e, até agora, minha capa da invisibilidade de elfo estava fazendo seu trabalho. Eu me misturei à multidão de amantes da fantasia. Ninguém no mundo além de Ella e Scott fazia a mínima ideia de que eu estaria ali, então, contanto que Ella e eu não causássemos uma cena, nós iríamos ficar bem.

Eu estava quinze minutos atrasado, mas não era o único. Bem na hora em que eu estava entrando, cinco pessoas em fantasias deslumbrantes que reconheci no mesmo instante passaram ao lado do balcão de reservas e pararam.

— Não acho que eu consiga fazer isso — Ella disse enquanto espiava dentro do restaurante.

Meu estômago dava cambalhotas. Ela estava a apenas três metros de mim. Tentado demais a descobrir os sentimentos dela, puxei o capuz um pouco mais sobre o rosto. Mantive a cabeça baixa e fingi estar muito interessado em enviar uma mensagem para alguém enquanto olhava para ela disfarçadamente o máximo que conseguia.

— É claro que você consegue — disse a menina de cabelo vermelho vestida de Rainha Nesona.

A loira de cabelos compridos franziu a testa para ela.

— E por que não?

Era uma boa pergunta.

Uma risada alucinada brotou da garganta de Ella.

— Por que não? Porque ele é *Brian Oliver*. É o garoto mau favorito de Hollywood. Ele está namorando *Kaylee Summers*, pelo amor de Deus!

A ruiva riu.

— Sim, porque *aquela* era um relacionamento saudável.

Eu engoli uma risada. Aparentemente, Kaylee e eu não éramos tão bons em encenação quanto pensávamos.

— Caras como ele não andam por aí com garotas como eu, Vivian.

A declaração violenta de Ella era surpreendente. Como ela poderia pensar aquilo?

— Mas ele é *Cinder*, seu melhor amigo — a loira argumentou.

Eu queria abraçá-la por colocar isso em destaque, mas a resposta de Ella foi frenética.

— Porque ele não me conhece de verdade! É diferente pela internet. Se eu encontrar com ele agora, tudo muda. E se ele ficar desapontado e eu acabar perdendo meu melhor amigo?

Impossível. Achei irônico que agora fosse ela quem estava preocupada em me perder quando eu tinha me recusado a encontrá-la justamente pelo mesmo motivo.

— Ele não vai ficar desapontado de jeito nenhum — a ruiva, Vivian, prometeu. — Mas se ficar, então eu

serei a sua nova melhor amiga e nós podemos servi-lo aos vermes comedores de carne.

Eu ri daquilo. Era fácil ver por que Ella gostava de Vivian.

A Ratana de cabelos compridos colocou o braço sobre os ombros de Ella. Ela devia ser uma das meias-irmãs de Ella. Ella tinha mencionado que elas eram gêmeas — e ela era obviamente a gêmea boa. A má estava distante dos outros, usando uma carranca bastante kayleesca.

— O cara está claramente doido por você — disse a irmã boa. — Ele estava flertando como um louco com você mesmo antes de perceber quem era. Na frente da noiva!

Bem. Pelo menos *alguém* apreciava meu charme. Obviamente não Ella, porque ela rosnou e disse:

— Ele flertou *com todas*. É o *trabalho* dele ser gentil com as fãs.

O desprezo dela era fascinante, mas minha atenção foi arrastada por uma risada alta do Senhor Fantástico. Felizmente, ele não estava mais colado ao lado de Ella, mas estava ainda perto o bastante para me deixar doido de ciúme.

— Aquilo foi bem além de gentileza, Ella. O cara estava a um passo de saltar por cima da mesa e me dar um soco na cara só porque eu estava ao seu lado.

O menino do futebol realmente tinha uma boa percepção. Eu estive prestes a fazer exatamente aquilo, mas não porque ele estava apenas *parado* ao lado dela. A irmã malvada concordava comigo:

— Você quer dizer *pendurado* nela — ela balbuciou. — Você poderia ter mijado nela.

Foi engraçado e absolutamente verdadeiro, mas Ella não disse nada e a outra meia-irmã ficou irritada.

— Ana, não seja malvada!

— A culpa é de Ella — Ana argumentou. — Ela vem enrolando Rob por semanas por causa do *precioso Cinder* e agora ela não quer nem mesmo encontrá-lo. Que palhaçada!

Antes que eu tivesse tempo de tentar decifrar o que ela estava querendo dizer, Ella disparou:

— É claro que quero me encontrar com ele!

— Então qual é o problema? É óbvio que ele quer encontrar você também, ou não teria pedido que viesse.

— Eu odeio concordar com Ana — disse Vivian —, mas ele pediu, sim, que você viesse encontrá-lo, e ele não precisava fazer isso. Se não falar com ele, sabe que vai se arrepender disso pelo resto da vida.

— Mas ele não sabe sobre mim — Ella choramingou de repente. — Eu nunca dei detalhes do acidente. Ele não sabe que eu... que eu...

Eu olhava para ela com tanta atenção que teria sido descoberto se não fosse o fato de que todos os amigos de Ella estavam muito chocados com a confissão dela para me notar. A expressão deles variava de pena e tristeza a empatia e, é claro, uma risadinha muito satisfeita de Kaylee Junior.

— Você nunca disse a ele? — Vivian perguntou com calma. — Mesmo depois de todo esse tempo?

Ella olhou como se quisesse chorar enquanto balançava a cabeça. Eu iria enlouquecer se não descobrisse do que ela estava falando. Ella precisava entrar já para que eu pudesse falar pessoalmente com ela.

— Cinder era a única pessoa com quem eu nunca tive de falar sobre a minha condição, por isso não falei. Não achei que fosse fazer diferença. Não pensei que um dia fosse encontrá-lo.

A irmã legal balançou a cabeça.

— E não vai fazer diferença. Ele vai amá-la do mesmo jeito.

Bem. E essa era a verdade.

Ana riu e isso saiu entre as risadas:

— Claro que vai — ela gritou. — Ele vai deixar a Kaylee Summers por você. Será a versão da vida real de *A Bela e a Fera*, só que ao contrário.

Eu quase derrubei o telefone porque o apertei com muita força. Ella não estava brincando quando disse que a meia-irmã tinha muito em comum com minha namorada. Eu estava muito perto de sair do anonimato e falar poucas e boas a ela, mas Rob se antecipou.

— Feche essa boca, Ana! Estou de saco cheio das suas atitudes.

Ana pareceu ficar tão chocada por alguém ter gritado com ela que fiquei imaginando se algum cara teria se atrevido a fazer isso antes. Provavelmente não. Mas Rob não parou aí.

— Quer saber por que não convidei você para o baile? É porque não importa o quanto seja bonita, toda vez que olho para você, tudo que vejo é uma megera cruel e egoísta.

O grupo todo ficou estupefato com a explosão de Rob. Até mesmo eu. A droga do homem tinha conquistado um pouco do meu respeito.

Os olhos de Ana se encheram de lágrimas e ela ficou observando sem dizer mais nada. Eu quase me senti mal por Ana, mas rapidamente a esqueci porque no instante em que Ana saiu, Rob segurou o rosto de Ella entre as mãos e deu-lhe um beijo apaixonado. Se ele não tivesse dito o que disse depois, eu o teria esmurrado.

— Você é *linda*, Ellamara — ele afirmou. — E eu estou com um ciúme dos infernos agora porque vai entrar lá e fazer Brian Oliver se apaixonar perdidamente por você. Eu não tenho dúvida.

Tarde demais, pensei, rindo para mim mesmo. Decidi que não poderia me ressentir com o beijo de Rob já que o cara parecia mesmo se importar com Ella e aquele seria o único beijo que ele iria conseguir.

— Vá pegá-lo — Rob disse a ela, e então deu um empurrãozinho em direção à porta da frente.

Eu puxei meu capuz para baixo novamente e escapei quando o grupo deu um passo para mais perto de mim. Esperei alguns minutos porque Ella parecia precisar de um momento para se recompor depois de todo o drama e então entrei, determinado a finalmente reivindicar minha princesa druida.



Eu sentia meu estômago revirar um pouco quando entrei no restaurante. Sabia o que meus amigos pensavam, mas a ideia de que alguém como Brian Oliver desejava alguém como eu era insana demais para ser aceita, mesmo se eu pudesse fazer eu mesma entender que ele era o cara que conhecia há anos.

Eu estava tão perdida em pensamentos que não vi ninguém se aproximar de mim até que um homem disse:

— Senhorita Ella?

Dei um passo para trás, assustada.

— Sim, sou eu.

— Seja bem-vinda. Sua mesa está pronta para você. — O homem me deu um sorriso brilhante. — Por aqui, por favor.

Eu estava um tanto perplexa com o tratamento especial. Mas depois, tudo fez sentido quando disse:

— O senhor Oliver também está um pouco atrasado. Ele me pediu que transmitisse suas sinceras desculpas, mas deve estar aqui em poucos minutos.

— Está certo. Obrigada.

O restaurante era um salão enorme e todo aberto com mesas no meio e lugares mais reservados nos cantos. Não era o melhor lugar para se ter privacidade, mas eu podia dizer que o gerente tentou o melhor, porque me levou a uma mesa reservada no canto mais distante. Nós não estaríamos completamente a sós, mas também não estaríamos no centro de tudo. Fiquei grata pelo esforço.

O gerente ficou por ali me dando atenção e acendeu uma pequena vela no meio da mesa. Antes que ele saísse, precisei perguntar.

— Desculpe, mas como sabia quem eu era?

O homem sorriu outra vez.

— Quando o senhor Oliver ligou para reservar a mesa, descreveu o que você estaria vestindo. Ele também disse que eu saberia com certeza que era você devido aos seus olhos “atordoantes”. — O homem não mexeu as mãos, mas as aspas estavam definitivamente ali no tom dele.

— E eu não estava certo? — uma voz tranquila perguntou. Uma voz que me fez tremer.

Cinder deslizou de uma maneira graciosa para o banco à minha frente e sorriu por debaixo do capuz de uma capa grossa. Uma capa bem parecida com a minha linda capa branca, a não ser pela cor escura. O rosto dele estava na sombra, mas a luz da vela na mesa fazia com que seus olhos brilhassem na luz fraca. Aqueles olhos nunca deixaram de olhar para mim enquanto ele agradecia ao gerente por ter nos reservado a mesa e pedia o jantar. Eles me queimavam como laser.

O gerente se apressou para fazer nosso pedido à cozinha, deixando-me a sós — bem, tão sós quanto duas pessoas podem ficar em um restaurante lotado — com meu melhor amigo, que acontecia ser um famoso astro do cinema. Por um momento, tudo que pudemos fazer foi olhar um para o outro.

— Ella.

Ele disse meu nome com reverência e com uma profunda satisfação. Minha resposta pareceu nervosa e incerta.

— Cinder?

— Pode me chamar de Brian, Ella. Por favor.

Ele fez uma pausa, esperando que eu respondesse.

— Está certo... Brian.

Ele sorriu, e o efeito foi devastador.

— Sempre desejei poder dizer a você o meu nome. Toda vez que me chamava de Cinder, eu sentia que era uma mentira. Eu odiava que você não soubesse quem eu era.

Finalmente, o choque desapareceu da minha cabeça. As palavras dele fizeram com que a realidade se abatesse sobre mim de uma forma vingativa.

— Então por que nunca me disse? — Eu não consegui conter minhas emoções. — Como pôde não me contar?

O sorriso dele se apagou um pouco.

— Se eu contasse, você não teria acreditado.

— Talvez não três anos atrás, mas há duas semanas, quando disse que nunca poderíamos nos conhecer... Você deveria ter me contado que era famoso e muito ocupado com o seu filme e sua noiva psicótica para perder tempo comigo.

Cinder recuou como se eu tivesse dado um tapa nele. Ele parecia atordoado com a minha raiva, mas o que esperava? O rosto dele se enrugou de arrependimento.

— Ella, não é isso. Você não compreende.

— Não, afinal, agora eu compreendo. — Minha cabeça girava enquanto tudo se encaixava com perfeita clareza. — Tudo faz muito mais sentido agora. Tudo. Essa é a última peça do quebra-cabeça que me faltava esse tempo todo. Seu relacionamento com Kaylee é uma farsa. É coisa de publicidade, não é?

Brian sorriu.

— Eu não queria participar disso, mas estava em uma posição vulnerável e todos insistiram que isso resolveria meu problema. Além disso, havia muitas pessoas que tinham muito a ganhar se Kaylee e eu estivéssemos juntos. Naquela época, eu não tinha uma desculpa para dizer não. Eu ainda não tinha você de volta.

A confissão dele me espantou. Eu não tinha certeza do que ele estava querendo dizer, mas era muito difícil escutar aquilo e não ver as coisas que eu queria ver. Coisas impossíveis.

Ele estendeu as mãos pela mesa, em um gesto que pedia pelas minhas. Quando não dei as mãos a ele, ele puxou as suas e começou a mexer no copo de água gelada.

— Quando eu e você começamos a conversar, eu tinha feito apenas alguns programas de tv e um filme da Disney. Eu era quase desconhecido. Quando passei a fazer as comédias para adolescentes, tudo mudou. A fama foi maluca. Conseguir *O Príncipe Druida* elevou meu *status* de astro, de louco para insano. Eu não posso ir a lugar algum sem ser atacado. Não tenho amigos de verdade. Ninguém sabe me tratar mais como uma pessoa comum, e eu odeio isso.

Ele fechou os olhos e respirou fundo antes de continuar.

— Você desapareceu no exato momento em que minha vida começou a ficar fora de controle. Não lidei muito bem com isso. De repente, eu tinha uma infinidade de amigos, mas nenhum relacionamento que importasse. Eu me fechei. Deixei de me importar. Quando você fez contato comigo outra vez, minha vida era superficial. Eu estava basicamente morto por dentro, o maior bundão do mundo. Naquela primeira noite em que nos falamos de novo, eu me senti como que acordando de um sonho nebuloso. Você fez o torpor desaparecer. Você me fez lembrar como sentir, como se importar com alguém a não ser eu mesmo.

As palavras dele me fizeram perder o fôlego. O pensamento de que eu podia significar tanto para alguém, que pudesse afetar alguém de tal modo, não era apenas chocante, mas devastador. Meu coração pulava dentro do peito e as borboletas saltitavam dentro do meu estômago como bolas de loteria. Tive de olhar para longe antes de conseguir recuperar a capacidade de falar.

— Todos os atores são assim... apaixonados o tempo todo? — Eu foquei no meu copo d'água enquanto meu rosto fervia de embarço.

Eu esperei que ele risse, mas ele não riu. A emoção que vi ali foi indescritível.

— A não ser por minha mãe, você é a única pessoa em minha vida que importa para mim — ele insistiu, tentando penetrar minha alma com o olhar. — Quando descobri que ainda estava viva, tentei terminar tudo com Kaylee. Disse a ela que não iria continuar com aquilo. Eu ia voar para Boston e contar a você quem eu era.

— Sério mesmo?

Brian concordou com a cabeça.

— Mas Kaylee já tinha o anel e causou uma cena enorme, agindo como se eu tivesse acabado de pedir para que ela se casasse comigo. Havia pessoas em todos os lugares, pessoas com quem tenho de trabalhar e repórteres. Eu estava encurralado. Depois disso, ela me chantageou a continuar com a farsa. Ameaçou arruinar minha carreira e fazer com que meu pai fosse despedido da série das *Crônicas de Cinder*. Ela é má, Ella, inescrupulosa, e principalmente odiou a ideia de que você existia. Eu não queria envolver você, mas sempre planejei explicar tudo assim que pudesse. Nós tínhamos um trato de “terminar” depois da temporada do Oscar. Eu só estava tentando esperar até lá para manter você a salvo da insanidade e longe de Kaylee. Eu não queria que se ferisse.

— Hum... — Eu nem me incomodei em esconder como estava atordoada. — Eu acho que então está perdoado.

Cinder suspirou. O corpo dele se soltou enquanto o alívio o inundava da cabeça aos pés. Ele esticou as mãos em minha direção outra vez, dobrando as mãos em um gesto que pedia pelas minhas. Havia algo tão vulnerável nele que eu não pude negar dessa vez. Eu lhe dei minha mão esquerda, sabendo que não conseguiria estender a mão direita o bastante para alcançá-lo. Ele simplesmente pegou a mão que ofereci com as duas mãos dele. O toque dele parecia fogo, mesmo através do cetim de minha luva.

— Estou feliz que tenhamos nos conhecido — ele assegurou. — Estou feliz que o destino tenha interferido e feito o que eu não tive coragem de fazer.

Mais uma vez, eu não tinha ideia de como responder a ele. Teria sido mesmo o destino? Será que ele acreditava em destino? E o modo como olhava para mim...

Ele soltou minha mão e se recostou na cadeira quando percebeu o quanto estava me sobrecarregando. Em um piscar de olhos, ele voltou a seu jeito calmo, descontraído e brincalhão.

— Eu tenho algo para você.

Levei um minuto para acompanhar o humor dele. Quando consegui, ele estava colocando um livro na mesa e empurrando-o em minha direção. Fiquei ofegante porque o reconheci no mesmo instante, embora nunca o tivesse visto antes. Era uma cópia da primeira edição de *O Príncipe Druida*.

Peguei o livro com cuidado e deslizei minha mão com reverência sobre a capa. Ele ainda estava em boas condições, mas ao mesmo tempo surrado, como se o dono anterior tivesse muita estima por ele e o tivesse lido várias e várias vezes enquanto cuidava para não danificá-lo. Eu sabia que, se abrisse, iria encontrá-lo assinado por L. P. Morgan. Era perfeito.

— Assim que encontrei você mais cedo, pedi para o meu assistente ir até minha casa pegar isso — Cinder disse enquanto eu estudava meu novo tesouro. — Foi por isso que me atrasei. Estava esperando ele voltar.

Abri o livro, coloquei-o perto do rosto, respirei aquele aroma rico e não me importei que a atitude me fizesse parecer uma maluca. Sempre gostei do cheiro dos livros.

— Você se lembra daquele dia? — A voz de Cinder não passava de um sussurro agora, parecia assombrada.

Eu também não consegui mais do que murmurar.

— Só de algumas coisas, mas eu me lembro disso.

Abri a capa e toquei a inscrição. Embora eu mesma tivesse encontrado L. P. Morgan naquela tarde e tivesse outro livro com a assinatura dele, esse era diferente. Era muito mais especial. Eu engoli a emoção que subitamente ameaçava explodir dentro de mim.

— Eu estava preocupado que dar isso a você fazê-la se lembrar daquele dia, mas realmente quero que você o tenha.

Respondi ao olhar solene dele com olhos brilhantes.

— Eu amei. Obrigada.

O momento foi interrompido entre nós quando a jovem garçonete apareceu com a comida. Enquanto colocava os pratos na mesa, ela percebeu quem estava sentado ali, escondido por debaixo da capa da invisibilidade de elfo. A moça teve um sobressalto e quase derrubou o prato de Cinder no colo dele. O prato escorregou para a mesa com uma batida ruidosa e embaraçosa, mas felizmente inofensiva, já que nada respingou. A garota ficou mortificada.

— Sinto muito, senhor Oliver! O senhor está bem?

Cinder não perdeu a compostura. Ele deu um sorriso do qual ela provavelmente iria se lembrar pelo resto da vida e disse:

— Ah, não se preocupe. Se uma garota bonita como você tivesse me surpreendido, eu teria feito a mesma coisa.

Lutei para reprimir uma risada em consideração à garçonete. Ela engoliu o elogio como uma criança faminta e corou até ficar vermelha.

— Obrigada, senhor Oliver. Posso servi-lo em mais alguma coisa?

Como seria estranho se todos soubessem seu nome e as pessoas fossem reduzidas a se comportar de forma desajeitada diante da sua presença e a gaguejar o tempo todo! Eu podia entender por que ele sempre gostou tanto do anonimato de nosso relacionamento, se essa era a forma como todos o tratavam. Eu só estava com ele há quinze minutos e já sabia que odiaria ser famosa.

Cinder olhou para a comida na mesa e começou a dizer que não com a cabeça, mas depois olhou para mim e mudou de ideia.

— Na verdade, você se importaria de tirar uma foto de nós dois?

Da forma como o rosto da garota se iluminou, parecia que ele tinha se oferecido para levá-la para casa na Ferrari dele.

— Claro!

Tentei não rir de como as mãos da menina tremiam quando ela pegou o celular. Não devo ter conseguido esconder meu divertimento, porque Cinder me deu uma piscada sutil. Não era de admirar que o cara tivesse um ego maior que a lua.

A garota deu alguns passos para trás para enquadrar Cinder e eu na foto, mas, antes que ela pudesse tirar a foto, Cinder levantou-se de seu banco e deslizou para o assento ao lado do meu. Ele colocou os braços em volta de mim e me puxou para perto dele.

Eu parei de respirar.

Não, fiquei completamente descontrolada.

Meu Deus! Eu estava pior que a garçonete!

Tudo nele invadia meus sentidos. O cheiro da colônia — um perfume picante e almiscarado que era cem por cento saboroso, sensual e másculo — liderava o assalto, seguido pelo seu toque. Ele não era mais apenas uma pessoa da internet. Não era mais apenas um rosto de um filme, também. Ele era real. Era terno, forte e muito, muito tangível. Coloquei as mãos juntas sobre meu colo para que elas não me traíssem de uma forma embaraçosa.

— Espere aí. — Cinder tirou o capuz da cabeça, e depois olhou para o meu. — Você se importa se eu só... — Ele não terminou a frase antes de retirar o capuz da minha cabeça. — Não quero que esse rosto lindo fique escondido na foto.

Ele mexeu em meus cabelos por um minuto para ajeitá-los. Os dedos tocaram o meu rosto enquanto ele prendia uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Foi preciso o máximo de controle para não suspirar.

— Aí está. — Eu podia ouvir o orgulho em sua voz. — Você está pronta para um close, senhorita DeMille.

Eu quase não registrei a brincadeira com a fala famosa de Gloria Swanson. Minha pele ainda formigava onde ele tinha me tocado. Olhei para ele atordoada.

Ele sorriu com arrogância, como se soubesse exatamente o que estava me causando e gostasse do efeito que ele tinha em mim.

— Você não parecia tão amedrontada comigo antes, quando estava ocupada em gozar das minhas frases feitas e em chamar meu personagem de covarde.

— Você era apenas Brian Oliver ali, e havia uma mesa de espaço entre nós — eu murmurei, piscando várias vezes como se fazendo isso pudesse retirar a neblina do meu cérebro. Não tive sorte com isso.

— Eu era *apenas* Brian Oliver? — Cinder chacoalhou a cabeça e riu, uma risada profunda e gutural que prometia problemas. — Só você, Ella.

De repente, ele aproximou a cabeça e colocou os lábios no meu ouvido. Quando ele falou, sua respiração cobriu meu pescoço de uma forma morna e sensual. Isso me causou um arrepio que levantou as penugens do meu braço.

— Sorria para a câmera, Ella — ele sussurrou. — Prometo que não vou morder. — Mas mesmo tendo prometido, os dentes dele morderam com gentileza minha orelha.

Aí eu suspirei, e ele riu outra vez.

— Não com força, eu quis dizer — emendou.

Ele se recostou e piscou para mim antes de virar o sorriso brilhante para a garota que esperava para tirar nossa foto. Os olhos dela estavam grandes como discos. Não tenho certeza de quem estava mais vermelha — se eu ou ela.

— Hum, vocês estão prontos, então?

— Dê um sorriso bonito, Ella — Cinder falou enquanto me apertava gentilmente. — Esse vai ser o novo plano de fundo do meu computador.

A garçonete esperou gentilmente para tirar a foto até que eu saísse do estado de estupor e conseguisse sorrir. Depois ela devolveu o telefone para Cinder e correu para a cozinha para contar a história para o resto dos funcionários do restaurante. As bochechas dela ainda estavam coradas quando saiu de vista.



Assim que a garçonete se foi, dei uma boa cotovelada em Cinder.

— Seu babaca! Não acredito que fez isso!

Ele se dobrou, mas só porque estava rindo demais.

— Eu não sou um dos seus brinquedinhos, seu pervertido! Pare de invadir meu espaço pessoal e volte para o seu lado da mesa. Seu jantar está esfriando.

Eu o empurrei e ele riu ainda mais. Ele esticou os braços por sobre a mesa e puxou o prato dele — e não se moveu. Se muito, chegou mais perto de mim.

— Não achei que fosse tímida, mas gosto disso. Você fica irresistível quando fica corada, sabia? — Rindo, ele levantou o telefone para que pudéssemos estudar a foto. É claro, eu parecia um tomate. — Veja como ficamos lindos juntos. É a foto perfeita para sua primeira matéria sobre Cinder e Ella.

— Minha *o quê?*

— No seu blog. — Cinder tomou fôlego e disse: — Você lembra como costumava fazer aquelas postagens “Perto e em Pessoa” no blog sempre que você e sua mãe encontravam um novo autor?

Por um breve momento, meus pulmões ficaram presos nas memórias, mas Cinder me puxou para bem perto dele e eu percebi que poderia respirar.

A voz dele se tornou suave, mudando de acordo com nosso clima.

—Tive uma ideia um tempo atrás. Achei que, se um dia nos encontrássemos pessoalmente, poderíamos começar uma nova série de postagens no seu blog. Seria mais ou menos como aquela antiga, mas, em vez de colecionar autógrafos de autores em livros, poderíamos coletar fotografias de nós dois com diferentes celebridades.

Chocada com a ideia, fiquei olhando para ele. Ele olhou para mim com um sorriso triste.

— Sei que não iria substituir todos os livros que perdeu, nada poderá substituí-los, e eu não iria querer tentar. Mas achei que talvez você pudesse dar início a uma nova coleção. — Ele engoliu em seco, meio nervoso e acrescentou: — Comigo.

Eu não sabia o que dizer.

— Eu poderia arrastar você para eventos diferentes ou sets de filmagens pelo mundo todo e apresentá-la aos atores dos filmes sobre os quais irá fazer resenhas. Podíamos chamá-las de “As Aventuras de Cinder e Ella”. Podíamos até mesmo conseguir um artista para nos desenhar como personagens para isso, como se fosse nossa própria revista em quadrinhos. Isso seria fantástico.

Quando não respondi, ele se mexeu na cadeira e passou a mão pelas mechas escuras do cabelo. Eu me senti mal por deixá-lo nervoso, mas estava tão chocada que tudo que pude fazer foi ficar de boca aberta para ele.

— O que acha?

— Você está falando sério?

— É claro.

Eu deixei escapar um riso nervoso.

— Não seja ridículo. Isso é fantástico, mas eu não poderia deixar você fazer tudo isso por mim.

Por alguma razão, o nervosismo desapareceu. A expressão dele se abrandou em algo que fez meu coração saltar. O sorriso no rosto dele não era de contentamento ou de felicidade; era mais do que isso. Era como se, de alguma forma, ao dizer não, eu tivesse feito os sonhos dele se tornarem realidade.

— Mas é isso mesmo — ele disse —, pode me deixar fazer isso por você. Qualquer outra garota iria deixar que eu fizesse. Diabos, a maioria delas iria *esperar* que eu fizesse. Mas, para você, eu *quero* fazer.

Ele me soltou, de modo que pudesse se virar para mim e me olhar de frente. Depois tomou minhas mãos nas dele.

— Você faz ideia do quanto eu me importo com você?

Meu estômago veio parar no peito quando ele levou minhas mãos aos lábios e beijou minhas luvas. — Eu levaria você a qualquer lugar, Ella, e lhe daria tudo que quisesse. Tudo que tem de fazer é permitir que eu faça isso.

Era meu sonho mais louco se tornando realidade. Não, era a fantasia mais louca de qualquer garota no mundo. Exceto que era bom demais para ser verdade. Ele fez parecer muito fácil, mas nada na vida de nenhum de nós dois era assim tão simples.

Retirei minhas mãos das dele e coloquei alguns centímetros de uma distância preciosa entre nós.

— E Kaylee? Preciso lembrar a você que, de verdade ou não, você tem uma noiva neste momento?

Ele negou com a cabeça.

— Está acabado. Eu terminei no segundo em que o encontro de autógrafos acabou. Quero dizer, a mídia ainda não sabe, mas Kaylee, sim. — Ele riu com o pensamento. — Ela ficou irada em nível de estado de alerta vermelho.

Eu não podia acreditar. Ele tinha chutado a namorada supermodelo por mim. Meu coração estava a ponto de se render, mas meu cérebro gritava todo tipo de alerta. Por falar em alerta vermelho, eu estava tão alarmada que os cabelos da minha nuca estavam em pé, em estado de atenção. Eu tinha de manter isso dentro do razoável.

— E a sua carreira? Disse que Kaylee ameaçou arruinar você.

Cinder deu de ombros.

— Ela vai fazer o possível. Pode até causar algum prejuízo, mas nada de que eu não possa me recuperar. Nada que não valha a pena para estar com você.

Meu coração disparou outra vez. Ele estava vencendo a luta livre contra meu cérebro naquele momento. Minha decisão estava caindo aos pedaços.

— E os chefões de quem você falou?

— Agentes, empresários, publicitários, advogados... há uma lista interminável de pessoas que controlam *minha* vida.

Era o que eu pensava.

— Acha que toda essa gente vai ficar feliz se você romper com sua coestrela por minha causa?

Cinder hesitou por tempo suficiente para que eu visse a verdade que ele estava tentando negar. Ele baixou os olhos para o prato.

— Nós ficaremos bem. — Ele parecia estar tentando convencer a si mesmo. — Eles só queriam que Kaylee e eu ficássemos juntos porque isso geraria alguma publicidade grátis da imprensa para nós e acabaria com minha má reputação.

Eu levantei uma sobranceira para Cinder e ele riu embaraçado:

— Em minha defesa, posso dizer que só fiquei com tantas garotas porque nenhuma delas nunca chegou nem perto da única garota que eu queria. — Ele beijou minha mão outra vez. — Como o mundo em breve irá descobrir.

E, por falar em precisar apagar algumas chamas, eu estava tentada a jogar minha água gelada no rosto para refrescar o fogo que surgia nele.

Brian riu.

— O rompimento vai ser uma notícia ruim porque Kaylee não vai ter classe nesse ponto, mas o público vai gostar da ideia de eu estar namorando uma garota normal e que não é famosa. As fãs irão à loucura com isso. Nossa história iria ter muita divulgação. Minha equipe de direção vai ter que estar bem com isso.

Fora o pânico que a ideia de “ter muita publicidade” me causou, eu sabia que a equipe dele — os poderosos *Eles* — nunca iria me aprovar. O tipo de publicidade que eu daria a Cinder iria apenas feri-lo. Eu não queria arruinar a carreira dele e também não queria me expor ao mundo. Eu era a última pessoa que deveria ficar sob os holofotes.

Cinder começou a ficar animado, mas eu não podia compartilhar do otimismo dele.

— Acho que não, Cinder... er, Brian. Sou a última pessoa que o seu pessoal, principalmente suas fãs, iria aceitar.

Ele abriu a boca para argumentar, mas não o deixei dizer nenhuma palavra. Eu tinha de dizer isso antes de perder a coragem, porque ele precisava saber. Ele *merecia* saber.

— Há coisas que você não sabe sobre mim, também. Coisas que nunca contei, porque, assim como você com sua fama, eu tinha medo de que me tratasse diferente.

A cautela e a determinação se debatiam no rosto dele enquanto esperava que eu elaborasse. Eu *realmente* não queria contar. Depois de tê-lo assim tão perto de mim, dizendo todas as coisas que sempre sonhei que ele me diria, eu iria morrer quando ele decidisse que não me queria mais. E eu não tinha nenhuma ilusão de que ele iria querer. E como poderia? Pelo menos, não do jeito romântico.

— Desde o acidente, todos também me tratam diferente. De repente, eu sou aquela garota. Aquela para quem todos olham e sobre quem todos cochicham. Aquela cuja mãe morreu. A garota aleijada com cicatrizes.

— Aleijada? — Cinder sobressaltou-se, surpreso. Os olhos dele me percorreram inteira e ele franziu a testa. Ele não conseguiu ver nada errado.

— Você não notou quando me afastei de você depois de nos vermos no encontro de autógrafos?

As sobranceiras dele se ergueram quase até a testa enquanto ele tentava relembrar nosso encontro mais cedo.

— As coisas estavam um tanto agitadas por lá. Eu estava confuso por ter encontrado você, e tentava prestar atenção em você e nos fãs ao mesmo tempo. Além disso, como eu poderia notar qualquer coisa a não ser a forma como aquele cara estava caído por você?

Eu quase ri. Se não estivesse no meio de algo tão doloroso quanto revelar a verdade sobre mim mesma, teria dado um sermão sobre como caras ciumentos são idiotas. Em vez disso, fechei os olhos e respirei fundo.

— Meu cajado não é apenas parte da minha fantasia. Hoje ele está fazendo um trabalho duplo como minha bengala. Minha amiga o fez especialmente para mim, para que eu pudesse deixar a bengala comum em casa.

— Você usa uma bengala para andar?

Eu fiz que sim com a cabeça.

— Os médicos me disseram que era um milagre quando aprendi a andar outra vez depois do acidente. Sou

grata por poder fazê-lo, mas a coisa não é bonita. Meu coxeador é bastante pronunciado e me causa bastante dor. E sou lenta. Foi por isso que cheguei quase tão atrasada quanto você esta noite. Demorou tudo isso para andar do encontro de autógrafos até aqui. Eu sou deficiente, Brian.

O rosto dele se desmanchava à medida que ouvia minhas notícias. Os olhos dele me observaram outra vez, focados no meu colo, mas é claro, não havia nada para ver. Ainda.

— Você disse que tinha se machucado, mas nunca mencionou... — A voz dele desaparecia à medida que ele era tomado pela emoção.

Eu imaginava que minha condição iria entristecê-lo, mas não esperava que a devastação fosse do tamanho da que ele mostrou naquele momento. Ele nem sabia ainda o pior.

— Brian... — Eu engoli em seco, odiando vê-lo tão triste. — Se não pode lidar com isso, então não vai conseguir suportar o resto.

A cabeça dele se ergueu de súbito.

— O resto? — ele perguntou, horrorizado. — Tem *mais*?

Apesar dos meus melhores esforços, as lágrimas finalmente começaram a encher meus olhos.

— Tem muito mais.

Fechei os olhos mais uma vez, porque não podia encarar a expressão de Cinder, e senti um dedo secando uma lágrima em meu rosto. A atitude gentil, tão sincera e preocupada, só fez com que mais lágrimas rolassem.

— O que mais há? — Cinder perguntou com uma voz tão suave quanto seu toque.

Balancei a cabeça e me recusei a abrir os olhos.

— Eu não quero contar a você.

Cinder me envolveu na segurança de seus braços. Ele me abraçou forte e descansou a cabeça em cima da minha.

— O que quer que seja, Ella, não fará diferença para mim. Não vou pensar nada menos de você.

A afirmação dele feriu meu coração. Eu sabia que ele falava com sinceridade, mas ele não tinha ideia do que estava encarando.

— Sim, você vai.

Incapaz de guardar aquilo por mais tempo, tirei com cuidado a luva branca e longa do braço queimado.

— A aparência é importante para você — eu disse enquanto tirava a luva dos dedos. — Você sempre namora as garotas mais bonitas do mundo.

Com uma puxada final, a luva saiu e eu segurei a mão levantada para que ele visse. Brian tentou disfarçar, mas a respiração ofegante era inconfundível.

— Eu não sou bonita — eu disse, antecipando-me à rejeição dele. — Talvez tenha sido um dia, mas não sou mais.

— Ella... — ele disse com uma voz estrangulada, tentando falar.

Gentilmente, ele pegou meus dedos machucados e acariciou a pele com cicatrizes. Eu endureci quando ele pegou minha mão, mas não a retirei. Ele era a primeira pessoa, a não ser pelos médicos, que eu deixava tocar minhas cicatrizes. Eu não sabia exatamente como me sentir sobre isso. O momento foi de tortura — tanto boa quanto ruim. A sensação era muito boa, mas meu coração doía.

Ele continuou segurando minha mão em uma das mãos dele enquanto a outra percorria meu braço, percebendo que as cicatrizes continuavam. Quando ele finalmente falou, a voz dele tremia:

— O que aconteceu com você?

— O carro pegou fogo. Mais de setenta por cento de meu corpo foi queimado.

— Setenta por cento...

Nossos olhos se encontraram e de repente fiquei desesperada para fazer algo que nunca tinha feito antes. Eu queria mostrar minhas cicatrizes a Cinder — tanto quanto pudesse. Agora que conhecia a verdadeira

identidade dele, eu queria que ele também soubesse tudo sobre mim. Eu não queria mais nenhum segredo entre nós.

Nós estávamos em uma mesa nos fundos do restaurante e, como ele estava ao meu lado, ele impedia que o resto do restaurante pudesse me ver. Eu estava razoavelmente protegida e ninguém estava prestando atenção em nós, então abri o botão perto do pescoço que mantinha a capa no lugar. Com as mãos trêmulas e os olhos fixos no colo, tirei a capa dos ombros e deixei que ela caísse no assento atrás de mim.

Cinder não disse nada. Fiquei imaginando o que ele estaria pensando, mas me recusei a olhar para seu rosto. Ele era um cara bastante dramático, e tudo que ele não fosse capaz de dizer estaria estampado em seu rosto. Eu não estava pronta para ver isso. Eu estava muito sensível.

Levantei o cabelo e me virei para que ele pudesse ver minhas costas, sabendo que o decote do vestido permitiria que ele tivesse uma ideia da extensão do dano que eu tinha sofrido.

— Pega todo o lado direito e tudo da cintura para baixo. Meus pés ficaram tão queimados que meus dedos são deformados.

— Ella... — a voz dele fazia mais do que tremer agora. Eu sabia que, se olhasse, iria vê-lo chorar.

Eu me virei de frente, mas ainda assim não pude olhar para ele. Não conseguiria encará-lo.

— Nunca mostrei isso a ninguém além dos médicos e de Vivian — murmurei. — Sempre mantenho as cicatrizes cobertas. As pessoas são cruéis comigo. Elas olham, riem e dizem coisas horríveis. Sou assediada na escola e aqueles caras nunca viram nada a não ser minha mão e a forma como ando. E o que é pior...

Respirei fundo e levantei os braços, expondo meus punhos e o conjunto diferente de cicatrizes ali. Cinder teve outro sobressalto e tomou meus punhos nas mãos trêmulas.

— Você está... — Ele engoliu em seco. — Você está bem?

Não havia motivo para ser desonesta. Ele já sabia a resposta. Mesmo assim, reafirmei a ele da melhor forma que consegui.

— Não sou mais uma suicida. Prometi isso a você, e falei sério. Não corro perigo de me machucar, mas também nem sempre estou bem.

Finalmente olhei para ele e fiquei desembaraçada pela dor que vi no rosto de Cinder. As lágrimas escorriam descaradamente pelo rosto dele. Meus olhos transbordaram como os dele.

— Eu não posso esconder isso. As fãs e todas as pessoas que cuidam da sua carreira iriam descobrir e nunca iriam aceitar. Elas nunca iriam *me* aceitar. E, mesmo que aceitassem, eu não tenho certeza de que poderia lidar com toda a atenção. Eu não poderia lidar com o mundo todo sabendo de tudo que passei e de tudo que *fiz*.

Brian fechou os olhos e acariciou meus punhos enquanto respirava fundo.

— Ninguém poderia culpá-la por isso. Você passou por algo terrível. Perdeu tudo o que amava, inclusive seu próprio corpo. — Ele passou o polegar devagar pelas minhas cicatrizes. — Você não tem que ter vergonha disso. O que importa é que sobreviveu e está melhor. Veja o quanto já evoluiu.

Retirei minhas mãos da dele, incapaz de continuar a ser tocada — era tudo muito avassalador. Brian me observou com atenção enquanto eu usava o guardanapo para limpar as lágrimas que escapavam de meus olhos. Havia algo diferente nele agora, algo na forma como ele olhava para mim. A inocência dele tinha desaparecido. Ela sabia a verdade, e agora me via da forma como todos me viam — como se esperasse que eu desabasse a qualquer momento. Ele finalmente me via como uma criatura lesionada e frágil com quem ele teria de lidar com cautela.

Eu tinha mudado tudo. Sabia pelos olhos dele que as coisas nunca mais seriam as mesmas entre nós.



Cinder perdeu o apetite e empurrou o prato para longe. Vínhamos comendo em silêncio por bons dez minutos, mas nenhum de nós conseguiu dar mais do que algumas garfadas. Ele olhou para mim, tentando pensar em algo para dizer. A pena que ele sentia partia meu coração em pedaços.

— Por favor, não olhe para mim desse jeito.

— Não posso evitar. Como deveria reagir a isso? Não posso acreditar que nunca tenha explicado tudo isso para mim. Você não confiava em mim? Não achou que eu iria querer ajudá-la com isso? Você preferiu passar por isso *sozinha*?

A mágoa na voz dele me fez ficar envergonhada. Meu pânico aumentou com a necessidade de fazê-lo sentir-se melhor.

— É claro que confio em você. Você me ajudou mais do que qualquer um.

— Não é a mesma coisa. — A raiva permeava a voz dele enquanto lutava para manter as emoções sob controle. Eu sabia exatamente o que ele sentia.

— Por favor, entenda — implorei a ele. — Eu não queria que me tratasse diferente. Sei que sabe como é isso. — Brian franziu a testa e olhou para o prato. — Eu não tinha ninguém, Brian, família ou amigos. Tudo que eu tinha era um homem que havia me abandonado dez anos antes e a família dele, que se ressentia de mim porque eu era o segredo profundo e obscuro dele. A única coisa que me manteve em pé nestes últimos meses foi você. Você não me tratava como se eu fosse louca ou frágil. Não tinha medo de brincar comigo e de me fazer rir. Eu não podia perder isso.

Olhei para os olhos dele outra vez e os perdi por completo. O horror e a pena me deixaram com raiva.

— Eu sabia que se contasse a verdade a você tudo mudaria! Sabia que iria olhar para mim exatamente do jeito como está me olhando agora!

— É muita coisa para absorver, Ella! Você precisa me dar um tempo para processar tudo. Meu coração está se *partindo* neste exato momento.

Meus olhos começaram a arder outra vez.

— Eu não queria magoar você.

Cinder colocou as mãos nos meus ombros. O toque era parecido ao de uma pena, embora ele parecesse querer me chacoalhar.

— Não, Ella, meu coração está se partindo *por você*. Eu sei que perder sua mãe deve ter sido duro, mas isso... eu nem posso imaginar...

— Por favor, não. — Eu virei o rosto para não olhar para ele. — Eu não quero sua pena.

Cinder soltou meus ombros e colocou uma mão debaixo do meu queixo. Voltou meu rosto para o dele, e eu fiquei assustada por ver como estava perto de mim.

— Não é pena — ele afirmou com toda a austeridade do poderoso príncipe druida que encenava no filme.

Ele colocou meu cabelo para trás e secou minhas lágrimas outra vez.

— Não sei como me sinto neste momento — disse. — Estou estraçalhado.

Ele pegou minhas mãos e as levantou entre nós dois. Tão devagar que parecia que o tempo tinha parado, ele passou os lábios nas costas da minha mão boa e depois nas da ruim.

Respirei ofegante com a sensação dos lábios dele nas minhas cicatrizes. O toque era mais íntimo do que qualquer coisa que eu já tivesse experimentado. Meus olhos se fecharam, fazendo minhas lágrimas ficarem enroscadas nos cílios.

— Queria que houvesse uma maneira de tirar tudo isso de você.

Ele pressionou os lábios com firmeza contra as dobras dos meus dedos, um de cada vez, como se estivesse tentando beijá-los melhor. Um soluço violento subiu de meu peito e escapou de mim na forma de um choramingo.

— Ella — Cinder murmurou meu nome com um novo tipo de desespero e levou as mãos ao meu rosto. Eu sabia que ele iria me beijar e, mesmo estando em meio a uma agonia emocional, eu não iria impedi-lo. Aquele era Cinder — meu melhor amigo no mundo inteiro, o cara que eu amava há anos. Eu queria aquele beijo mais do que qualquer outra coisa na vida.

Os lábios dele pousaram nos meus com suavidade, como se ele estivesse saboreando cada segundo desse momento, absorvendo cada sensação e armazenando-as no cérebro para tê-las em segurança. Sua boca deslizava sobre a minha de um lado para outro, explorando-a e pedindo permissão. Eu concedi, abrindo-a para ele com um suspiro leve que tirou dele toda a restrição.

A paixão tomou conta dele e ele amassou nossas bocas em um beijo que parecia de cinema. Os dedos dele penetraram meu cabelo enquanto a língua se tornava íntima da minha em uma dança inflamada. Minhas mãos, descansando em seu peito, subiam e desciam com sua respiração selvagem. O coração de Cinder batia debaixo das palmas das minhas mãos e o meu batia com a mesma força.

O momento foi mágico. Um conto de fadas. E, assim como em um conto de fadas, terminou muito rápido. O relógio bateu doze vezes para a nossa felicidade quando um *flash* brilhante veio de encontro ao nosso rosto. Esse foi seguido por uma sucessão infinita de *flashes* e gritos.

Brian e eu nos afastamos para descobrir que nossa mesa estava cercada por vários homens com câmeras. Atrás deles, uma multidão de fãs estava reunida, criando uma parede impenetrável de pessoas. O restaurante estava um caos. As garotas gritavam e as pessoas nos filmavam com os celulares. Os homens que bloqueavam nossa mesa, filmando e tirando incontáveis fotos, gritavam todo tipo de perguntas para Cinder.

Não. Cinder, não. Brian Oliver.

Foi nesse momento que “Cinder” desapareceu e eu finalmente vi o cara que eu estava beijando como o destruidor de corações de Hollywood, Brian Oliver. O calor que momentos antes tinha me envolvido transformou-

-se em gelo. Comecei a suar enquanto me dava conta de nossa plateia.

Brian devia estar acostumado a esse tipo de coisa porque não entrou em pânico até que viu o pânico no meu rosto. Então ele finalmente olhou para o caos. Seus olhos correram de um lado para outro várias vezes, da minha expressão apavorada para a multidão de pessoas, e o sangue desapareceu de seu rosto.

— Ella, sinto muito. Eu não devia ter beijado você aqui... eu não estava raciocinando.

Depois de olhar mais uma vez para a multidão, ele xingou baixinho e pegou o celular.

— Scott — ele disse com urgência —, ainda está por aqui? Que bom. Pode trazer a segurança do centro de convenções para o Dragon's Roost? Ella e eu vamos precisar de escolta. Sim. E depressa, porque a coisa vai ficar feia. Obrigado, cara.

Eu não conseguia respirar e comecei a tremer. Sabia que estava começando a hiperventilar quando a ansiedade tomou conta de mim, mas não percebi meu nível de pânico até que Brian me agarrou pelos ombros e me olhou direto nos olhos.

— Vai ficar tudo bem, Ella — ele disse naquele tom vibrante, grave e calmante que normalmente reservava para nossas sessões de leitura.

Meus olhos se voltaram para a multidão e ele pegou meu queixo e me forçou a olhar de novo para ele.

— Ei, olhe para mim. Bem aqui. Bem dentro dos meus olhos.

Tentei fazer como ele pedia. Tentei não me concentrar em nada além daqueles lindos olhos escuros, mas não conseguia tirar os sons da minha cabeça.

— Quem é a garota, Brian?

— E Kaylee?

— Você a está traindo?

— Diga-nos o nome dela.

— Você está apaixonado?

— Onde vocês se conheceram?

— Brian!

— Brian!

Brian ignorou todos. A atenção dele estava toda voltada para mim.

— Você está bem, Ella. Isso é normal. Já passei por isso centenas de vezes. Nós vamos ficar bem, está certo?

As mãos dele deslizaram do meu ombro pelo meu braço e ele pegou minhas mãos na dele de novo.

— Você, garota! Onde conseguiu essas cicatrizes?

— O que aconteceu com você?

— Brian, o que há de errado com a sua nova namorada?

Ao ver minhas cicatrizes mencionadas, um novo horror veio à minha mente. Eu não estava usando a capa nem as luvas. Coloquei a capa novamente sobre os ombros, mas isso não fez com que eu me sentisse melhor. Era tarde demais. Naquele minuto, imagens minhas estavam sendo gravadas e estariam por toda a imprensa antes que eu chegasse em casa. Meu pior pesadelo tinha se tornado realidade.

Brian teve de abotoar a capa para mim porque minhas mãos tremiam demais. Depois disso, ele me abraçou como se fosse um escudo contra os vultos que naquele momento estavam rasgando minha alma.

Enterrei meu rosto no peito dele e soluzei até ouvir os gritos irritados de pessoas que tentavam afastar a multidão. Comecei a levantar a cabeça, mas Brian me abraçou contra ele e afagou meus cabelos.

— Calma, Ella. Está quase no fim. Vai estar tudo bem em um minutinho.

Eu sabia o que ele queria dizer, mas as palavras dele soavam como mentiras para os meus ouvidos. Isso não iria ficar bem em um minuto. E eu não tinha certeza de que um dia ficaria bem outra vez.

Tentei parar de chorar enquanto ouvia a comoção. A maior parte da gritaria vinha agora do gerente do restaurante que tinha me ajudado quando cheguei, mas eu podia ouvir várias outras vozes gritando para que as pessoas desocupassem o restaurante.

— Brian!

— Scott! — Brian soltou a respiração. — Obrigado por trazê-los tão rápido. Você poderia ficar por aqui e falar com o gerente? Pague a conta e diga a eles que ligo depois para ter certeza de que tudo foi acertado.

— Com certeza. Vou até transmitir seu pedido de desculpas.

— Como eu poderia viver sem você?

— De uma maneira muito desorganizada.

Brian riu, e então uma voz grave disse:

— Senhor Oliver? Nós o levaremos para a sala de segurança, mas temo que tenhamos de atravessar todo o saguão principal.

Brian deu um suspiro e tirou meu rosto do peito dele.

— Você está pronta para escapar daqui?

Eu certamente não estava pronta, mas concordei com a cabeça, de qualquer forma.

— Nós vamos ficar bem, Ella.

Brian se levantou e me estendeu a mão. Eu me levantei lentamente. Alcancei meu bastão e dei um passo na direção em que um agente da segurança gigantesco me dizia para ir e congelei. A segurança do centro de convenções tinha forçado todos os clientes a voltarem para as suas mesas e conseguiu evacuar o restaurante de todo o resto, mas uma multidão estava reunida do lado de fora nos esperando.

— Brian — eu sussurrei aterrorizada —, eu não consigo. E se você for sozinho? Eu poderia esperar aqui e chamar Juliette depois que o caos se desfizer.

— Sem chance.

— Mas...

— Não vou deixar você lidar com isso sozinha. — Brian me encarou, mas a raiva dele não tinha nada a ver comigo. Ele olhou para as câmeras lá fora, que ainda piscavam, e balançou a cabeça com amargura. — Não iria dar certo, de qualquer maneira. Sou supostamente um homem comprometido. Você e eu acabamos de criar um dos maiores escândalos que Hollywood já viu nos últimos tempos.

Ele tentou sorrir para mim, mas o sorriso se desfez.

— Em uma convenção com todas essas celebridades, todos os paparazzi de Los Angeles estão aqui. Aqueles fotógrafos querem saber quem você é. Se eu for embora, alguns deles irão me seguir, mas o resto vai esperar você. Eles a seguiriam até o carro, e depois até em casa e iriam montar acampamento no gramado da frente.

Meus olhos se arregalaram quando a realidade do que estava acontecendo me acertou. Gostasse ou não, minha vida nunca mais seria a mesma.

— Bem-vinda à fama, Ella — Brian murmurou, cheio de arrependimento na voz. — Sinto muito que tenha acontecido dessa maneira, mas nós vamos passar por isso juntos, está bem?

Ele estendeu a mão para mim, mas eu não consegui pegá-la. Eu olhava para a multidão que parecia ter dobrado de número desde que eu tinha me levantado.

— Senhor Oliver — o segurança interrompeu —, quanto mais demorarmos, mais a multidão vai se reunir. Há milhares de pessoas neste centro de convenções hoje.

Brian estendeu a mão para mim outra vez.

Eu balancei a cabeça, tentando não entrar em pânico.

— Eu não consigo.

— Ella, sinto muito mesmo, mas você não tem escolha. Nós temos que ir.

— Você não entende! — gritei. — Quero dizer *fisicamente*. Eu mal posso andar. Nunca vou conseguir abrir caminho no meio dessa multidão.

Brian piscou como se só agora se lembrasse de que havia algo errado comigo. Ele olhou para a forma como eu apoiava meu peso no cajado e seu rosto empalideceu. A expressão pesarosa e de coração partido reapareceu. Eu não conseguia olhar para aquilo, então virei o rosto e percebi que tinha ganhado a atenção de todos dentro do restaurante. Minha explosão deixou todos paralisados com os garfos a meio caminho das bocas.

Olhei ao redor e vi uma centena de olhos diferentes focados em mim, já fazendo julgamentos. Fechei os olhos e respirei fundo, desejando não chorar outra vez, mas minhas lágrimas voltaram de qualquer maneira.

— Também não consigo esticar totalmente o braço — murmurei, com o rosto em chamas com a vergonha. — Se eu cair ou alguém me agarrar, posso arrebentar os enxertos de pele. Aconteceu há pouco tempo. Tenho outra cirurgia agendada para janeiro por causa disso.

Não abri os olhos até sentir o toque gentil de Brian enquanto ele secava as lágrimas do meu rosto.

— Sinto muito, Ella. Não sei como eles souberam que estávamos aqui. Eu nunca deveria tê-la beijado em público. É tudo minha culpa. Eu simplesmente não raciocinei.

— Não importa agora. Vamos sair daqui. — Eu não consegui olhar para ele quando acrescentei: — Alguém vai ter de me carregar.

Era muito humilhante. Brian era um homem tão perfeito, tão amado e adorado por tanta gente, que havia literalmente milhares de pessoas reunidas do lado de fora para ver quem estava com ele, e eu não podia sequer sair dali andando ao lado dele.

— Isso não é um problema, senhorita, eu posso...

Brian rosnou com o segurança que estava falando.

— Eu posso fazer isso. — Ele me tomou nos braços como se eu não pesasse nada e me trouxe para bem perto do peito dele.

Dois homens que pareciam aptos a jogar na defesa do Green Bay Packers adorado por Brian ficaram um de cada lado nosso.

— Pronto, senhor Brian?

— Minhas coisas? — eu perguntei.

— Scott? — Brian chamou.

— Já peguei.

Brian me deu um sorriso de lado.

— Ele é realmente maravilhoso.

Quando não consegui devolver o sorriso, ele abaixou a cabeça em minha direção e beijou minha testa.

— Eu sinto muito, Ella.

Ele fez um sinal com a cabeça para os seguranças e então partiu para o saguão do centro de convenções. Uma multidão de pessoas com câmeras nos rodeou no segundo em que saímos pela porta. Elas gritavam e faziam piscar suas câmeras enquanto disputavam melhores posições por fotos melhores. Enterrei o rosto no ombro de Brian tentando fugir delas, mas um grito estrangulado chamou minha atenção.

— Ella! — Juliette gritou. — Ella! Deixe-me passar, seu grandalhão! Ela é minha irmã! Ella!

— Juliette?

Eu não podia vê-la, mas Brian fez um sinal afirmativo com a cabeça para um dos seguranças ao lado dele e disse:

— Aqueles quatro.

Segundos depois, Juliette, Vivian, Rob e Anastasia foram trazidos para o agrupamento atrás de mim.

— Você está bem? — Rob berrou mais alto que o barulho.

— Isso é uma loucura! — Juliette gritou.

Eu concordei com a cabeça para os dois e então enterrei o rosto no ombro de Brian outra vez. Não olhei para cima até estar a salvo na sala de segurança do centro de convenções.



No instante em que brian me colocou no sofá na sala de segurança, Juliette colocou os braços ao redor de mim em um abraço apertado.

— Você está bem?

— Não. — As lágrimas voltaram com seu abraço. — Eu quero ir para casa. Como vamos fazer para sair daqui?

Um homem que se apresentou como o chefe da segurança do local veio até a nossa frente.

— Vocês vieram de carro?

Juliette fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Deixamos nosso carro com o manobrista.

— Vamos pedir a eles que tragam o carro para a entrada dos fundos, onde os caminhões de entrega descarregam. Não é longe daqui e toda aquela área está bloqueada para o público. Vocês devem conseguir ir embora sem ser notadas, mas vamos enviar um batedor da polícia com vocês só por segurança.

Dei um suspiro de alívio. Se pudéssemos ir embora naquele dia sem sermos seguidos, então poderia não ser tarde demais para manter alguma privacidade. Ninguém sabia quem eu era. Nem mesmo Brian sabia meu sobrenome ou onde eu morava.

Rob deu nosso tíquete de estacionamento para o homem e ele passou o número pelo rádio. Depois de uma rápida resposta, ele sorriu para nós outra vez.

— Vai estar aqui em dez minutos.

Eu me afundei no sofá tanto quanto as almofadas permitiam, exausta agora que a adrenalina tinha saído do meu corpo. Meus nervos estavam tão esfarrapados que eu não sabia se algum dia iriam se recuperar.

Brian sentou-se ao meu lado e colocou minha mão na dele. Ele não disse nada, mas se inclinou e beijou meu rosto. Alguns minutos depois, Scott, o assistente, chegou.

— Já tomei conta de tudo no Dragon's Roost — informou a Brian enquanto descarregava as luvas, o livro e o cajado que eu tinha deixado para trás no restaurante. — O gerente ficou bastante mortificado por vocês terem sido interrompidos daquela maneira e recusou-se a deixar você pagar pela refeição. Ele envia suas

sinceras desculpas.

Brian balançou a cabeça. Ele parecia tão cansado quanto eu quando se levantou e deu a Scott um molho de chaves.

— Um último favor, e depois eu exijo que tire alguns dias de folga. Você se importaria de levar o Precioso para casa a salvo?

Adorei a perplexidade que tomou conta do rosto de Scott. Imagino que ficaria com a mesma cara se um dia Brian me pedisse isso.

— Precioso? — Vivian perguntou confusa.

Ela olhou para mim para ver se eu sabia o que ele estava dizendo, e eu dei meu primeiro sorriso no que pareciam horas.

— A Ferrari dele. Ele a chama de Precioso. — Dei um suspiro quando ninguém percebeu o motivo. — Como em “meu precioso”... Gollum... o Anel...?

Ainda nada. Joguei a cabeça para trás e grunhi.

— Como posso ser amiga de tanta gente que não entende essa referência?

Brian riu.

— Ele é um grande nerd de *O Senhor dos Anéis* — expliquei para meus amigos deficientes em Tolkien.

— Fã — Brian corrigiu, e o sorriso dele se dissolveu em um biquinho. — *Nerd* não. Como se você pudesse falar de mim, senhorita eu-assisti-ao-filme-doze-vezes-no-cinema.

Todos riram, e Brian piscou para mim antes de retornar a atenção a Scott.

— Você trocaria de carro comigo? Leve o Precioso para casa e descanse por lá um pouco até eu trazer o seu carro de volta? Há um bônus nele para você.

— Claro.

— É claro, um arranhão nele e você está sumariamente despedido.

Scott engoliu em seco enquanto olhava para as chaves na palma da mão.

— Certo. Sem problemas.

Brian riu e deu um soquinho no ombro de Scott.

— Estou brincando com você, cara. Sabe que eu nunca conseguiria funcionar sem você. Apenas tenha cuidado com o meu bebê. Não vou demorar. Só quero levar Ella para casa e ter certeza de que ela está bem, mas os paparazzi conhecem bem o meu carro.

Quando percebi o que ele tinha dito, meu coração estremeceu e meu humor brincalhão desapareceu.

— Eu preferiria que você não fosse — disse com a voz trêmula.

Todos na sala ficaram paralisados, e então Vivian e Juliette vieram para o meu lado enquanto Brian franzia a testa para mim, confuso. Engoli em seco, esperando ser capaz de fazer o que era preciso sem magoá-lo demais.

— Desculpe, Brian. — A declaração foi dura e todos na sala entenderam o significado completo.

— Você tem certeza disso? — Juliette sussurrou.

Não era o que eu queria, mas eu tinha certeza do que precisava acontecer. O que as pessoas diriam quando os repórteres espalhassem fotos das minhas cicatrizes horrorosas pela mídia para o mundo todo ver? O que iria acontecer quando descobrissem minha identidade? Minha dor e meu sofrimento, o acidente, a perda de minha mãe e a tentativa de suicídio, tudo seria apresentado para o mundo todo como nada mais que fofoca e diversão barata. Eu não achava que poderia viver com aquilo.

— Estou certa. — Respirei algumas vezes e então me forcei a olhar para Brian. Ele merecia ao menos isso. — Eu poderia lidar com quase tudo, mas isso... — Balancei a cabeça. — Você estava certo quando disse que eu não suportaria o seu mundo. Eu não posso. Sinto muito, Brian. Não sou a garota certa para você.

Os olhos de Brian se arregalaram. Ele atravessou a sala e veio até mim em apenas dois passos grandes, e

Juliette e Vivian saíram rápido para que ele pudesse sentar ao meu lado. Ele pegou minha mão outra vez.

— Não faça isso — implorou com toda a paixão que o tornou famoso.

A emoção dele me revirou por dentro. Eu entendia exatamente por que ele tinha se tornado um ator. Os olhos dele diziam muito mais que as palavras conseguiriam. Naquele momento, eles estavam dizendo o quanto ele estava confuso, magoado, e mesmo assustado. Eu não podia aguentar. Em algum lugar por baixo da superfície de Brian Oliver estava meu melhor amigo — a pessoa mais importante e única da minha vida. Nunca quis causar preocupação a ele e, principalmente, nunca quis magoá-lo.

A represa atrás de meus olhos ameaçava arrebentar outra vez.

— Duas semanas atrás era você quem implorava para que o que nós tínhamos fosse suficiente — eu disse. — Agora tenho que pedir o mesmo.

Brian chacoalhava a cabeça furiosamente.

— Você acha que existe alguma maneira de voltarmos atrás depois de hoje? Não podemos, Ella. Pertencemos um ao outro e você sabe disso.

Ele não estava tornando as coisas fáceis, mas eu endireitei os ombros, determinada.

— Não seria fácil assim.

Brian passou a mão pelos cabelos com tanta violência que eu temi que os arrancasse.

— Sei que fama é muita coisa para lidar, sei que é pedir muito, mas juro que eu faria valer a pena para você.

Eu acredito que ele iria tentar, mas eu sabia que ele não iria ter controle sobre a situação. Ele reclamava o tempo todo sobre não ter controle sobre sua vida. Eu sabia que quem ele namorava tinha importância — daí o motivo de ele estar com Kaylee Summers.

Namorar uma garota como eu iria arruinar completamente a imagem dele. Já o fizera. Eu tinha acabado de destruir tudo que ele estava tentando conseguir com o relacionamento falso quando “trapaceei” com ele em público. As pessoas não iriam me perdoar por isso. O mundo dele nunca iria me aprovar. Eu era uma ninguém. Era pior que uma ninguém. Eu manca e deformada, cheia de cicatrizes e feia.

Nós realmente éramos Cinder e Ella. Eu era a plebeia e ele, o príncipe. Mesmo que me amasse, em algum momento ele iria fazer a escolha esperada para ele — a escolha nobre, como ele tanto me dizia. Ele iria escolher Ratana. Talvez não fosse Kaylee Summers, mas seria alguma famosa. E bonita. Alguém à altura dele.

— Não posso fazer isso. As pessoas destroem até as mais belas estrelas de Hollywood por terem um nariz menos que perfeito, ou um grama extra. Mesmo que você possa não dar importância aos meus defeitos, o resto do mundo nunca irá ignorá-los. Não posso lidar com as coisas que vão dizer sobre mim. Não sou como você. Sou muito inibida. Muito orgulhosa. Muito fraca.

— Ellamara, você não é fraca. Pode não ser fácil, mas nós vamos lidar com isso juntos. Dê uma chance para nós. *Por favor.*

Fechei os olhos outra vez e lutei contra as lágrimas. O que eu precisava dizer seriam as palavras mais difíceis que eu já tinha dito, mas elas tinham de ser ditas.

— Você ainda é meu melhor amigo. Sabe que amo você mais do que qualquer coisa. Sempre estarei disponível para o Cinder, mas não posso ser parte da vida de Brian Oliver. Eu sinto muito.

Eu engoli as emoções e olhei para meus amigos.

— Vivian?

Vivian sabia o que eu queria. Ela trouxe meu cajado e me ajudou a ficar em pé. Brian me interrompeu antes que eu chegasse à porta.

— Sei que está um tanto surtada sobre a coisa da fama, mas...

— Eu não estou um *tanto* surtada, Brian. — Meu último retalho de controle se rasgou e eu gritei com ele. — Estou *aterrorizada*! Estou em provação com minha terapeuta nesse momento. Estou a um ataque de ansiedade de ser enfiada em um hospital psiquiátrico, a uma provocação de ser expulsa da escola, e já estou um ano atrasada por ter passado oito meses no hospital.

— Oito *meses*? — Brian murmurou surpreso e horrorizado.

Parei de gritar e a desesperança que senti permeou minha voz.

— Sim. E ainda tenho anos de recuperação pela frente. Tenho a *trigésima sétima* cirurgia agendada para janeiro. Ainda estou de luto pela perda de minha mãe, ainda lutando para aceitar tudo que aconteceu comigo. Estou *apenas sobrevivendo*. Não acho que possa suportar o tipo de pressão que está me pedindo para assumir.

Quando Brian respondeu, a voz dele estava fraca. Era a primeira vez que ele parecia inseguro.

— Não é sempre assim. O que aconteceu hoje foi desafortunado, mas...

— Desafortunado? — Eu engasguei com um soluço que me pegou de surpresa.

— Hoje foi muito mais que desafortunado. Apenas minha família e Vivian já tinham visto minhas cicatrizes daquela forma, e *ninguém* além de meus médicos as tinha tocado. Sabe qual foi o tamanho do passo emocional que aquilo foi para mim? Você destruiu toda a defesa emocional que eu tinha. Você me escancarou de forma a estar mais exposta do que já tinha estado na vida.

— Eu não pretendia... — Brian procurava as palavras. — Eu estava tão destroçado por tudo, eu não percebi... — Ele fez uma pausa por um tempo para recompor a voz. — Ella, eu sinto *muito*.

Eu me sentia horrível por tê-lo feito sentir-se culpado.

— Por favor, não se desculpe, Brian. Esta noite você fez com que eu me sentisse bonita, especial e amada quando eu não pensava que pudesse me sentir assim outra vez. Sou grata a você por isso. Só estou chateada porque, bem na hora em que senti o primeiro raio de esperança depois do acidente, aqueles caras com as câmeras vieram e roubaram isso de mim. A primeira coisa que eles perguntaram foi por que você estava comigo e o que havia de errado comigo. Aquele momento entre nós foi um dos momentos mais bonitos e especiais de toda a minha vida.

Brian veio em minha direção e me abraçou.

— Da minha também, Ella.

Eu finalmente me desmanchei em uma choradeira sonora.

— Mas aquele momento está prestes a ser transmitido para o mundo inteiro para que as pessoas zombem e fofiquem. Minha dor e meu sofrimento estão prestes a se tornar o entretenimento do país. Não consigo suportar isso, Brian. Não sei lidar com isso. Eu sinto muito.

Eu me soltei do abraço dele e olhei para o segurança.

— Nosso carro está pronto?

O homem olhou nervoso para mim e para Brian várias vezes e então confirmou com um gesto da cabeça.

— Ella, espere. Por favor.

Brian tentou argumentar, mas parei de escutar. Eu não podia aguentar aquilo. Juliette pareceu entender minha necessidade de ir embora.

— Não aqui, está bem? — ela disse a Brian. — Vocês podem conversar sobre isso depois, mas não agora. Deixe que ela ligue para você depois que se acalmar.

— Mas...

— Deixe-a ir — ela disse com firmeza e gesticulou para que o segurança nos mostrasse nosso carro.



Depois de algum tempo, eu consegui parar de chorar, mas continuei fungando durante todo o caminho para casa. Foi o único som que se ouviu no carro durante todo o trajeto. Quando chegamos na garagem de casa, Anastasia saiu do carro e bateu a porta da frente antes mesmo que o resto de nós tirasse o cinto de segurança. Eu não a tinha ouvido dizer nada desde que Rob mandou que ela se calasse. Eu não tinha certeza se ela ainda estava brava com aquilo ou se odiou muito o papo não-me-deixe-nascemos-um-para-o-outro de Brian. Presumi que fossem todas as alternativas anteriores e duvidei que ela falasse comigo outra vez na vida.

Antes que Vivian ou Juliette pudessem pegar meu cajado no porta-malas, Rob me pegou nos braços e me carregou para a entrada. Eu estava com o coração tão despedaçado e tão exausta que não discuti. Quando chegamos à porta da frente, meu pai e Jennifer estavam lá em pé, agarrados um ao outro em um abraço preocupado.

— O que aconteceu? — Jennifer perguntou afobada.

Eu não tinha forças para explicar.

Rob olhou para Juliette.

— Por que você não conta a eles? Vou levar Ella para o quarto.

Rob fechou a porta quando me levou para o quarto e me colocou na cama, o que achei que estava quebrando uma regra da casa, mas não mencionei o fato. Ele se sentou ao meu lado e não disse nada. O silêncio era confortável, mas eu disse:

— Obrigada.

Rob pegou minha mão. Ele hesitou um segundo quando percebeu que a mão mais próxima era a mão com cicatrizes, mas depois a pegou mesmo assim.

— Você está bem? — ele perguntou ao mesmo tempo que começava a correr os dedos pelas costas da minha mão e depois pela palma, explorando a sensação da minha pele.

Por algum motivo, fiquei aliviada com o gesto dele. Não havia repulsão da parte dele, e agora não havia mais temor de que ele me tocasse. Foi como se nós tivéssemos atingido um novo nível de confiança e aceitação. Se pudéssemos compartilhar esse momento sem nenhuma estranheza entre nós, então ele era realmente meu amigo.

Fiquei ali por um tempo, observando os dedos dele em minha pele e desfrutando da paz na atmosfera.

— Você é um bom amigo, Rob. Eu não mereço.

Rob entrelaçou seus dedos nos meus e sorriu.

— Sim, você merece.

A resposta dele veio com tanta tranquilidade e era tão sincera que fez meu coração doer.

— Rob, aprecio muito que esteja tentando me ajudar a deixar Cinder para trás, e talvez algum dia eu esteja pronta para isso, mas não posso namorar você neste momento. Desculpe.

— Não se desculpe. — Rob suspirou, mas ainda sorria para mim. — Não é culpa sua. Eu não entendi direito, Ella. Pensei que você tivesse apenas uma paixonite pelo cara porque o mistério era empolgante. Achei que, com o tempo, você iria decidir que um namorado de carne e osso seria melhor que um cara no telefone, mas o que vi hoje *não era* uma paixonite qualquer. Para nenhum dos dois.

Rob colocou a outra mão sobre nossos dedos entrelaçados.

— E não importa quanto tempo eu espere você. Eu poderia esperar para sempre e isso não me traria nenhum benefício. Seu coração é dele.

Eu corei e murmurei outro pedido de desculpas. Dessa vez ele riu.

— Está tudo bem, Ella. Posso ser apenas seu amigo. E, como amigo, acho que devo dizer a você que não desista dele.

Olhei para ele assustada, e ele sorriu para mim.

— Vocês se amam. Não desista disso porque está com medo. Vai ser duro, mas qualquer coisa que valha a pena sempre é difícil. E você tem seus amigos para ajudá-la.

— Ele está certo. — Vivian sorriu da entrada do quarto. Eu não tinha ouvido a porta se abrir. — Você sempre nos terá.

Juliette estava ao lado dela, com o rosto iluminado por um sorriso brilhante.

— Você também tem a sua família. — Ela pegou o controle remoto da tv, e ela e Vivian sentaram na cama.

— Vamos lá. Nós todos vamos ver o prejuízo juntos.

Ficamos uns dez minutos assistindo ao noticiário antes que a história aparecesse. Um homem e uma mulher sentados atrás de uma mesa ancoravam o noticiário e a foto mostrada na tela atrás deles era de Brian e eu nos beijando. Além de me fazer corar na frente de meus amigos, ver aquela foto me magoava. Ela me provocava com a lembrança do beijo de Brian. A foto me lembrava de como tudo tinha sido maravilhoso por alguns momentos e ao mesmo tempo me lembrava de que eu nunca poderia tê-lo.

No *Notícias do Showbiz*, a mulher jovem e de olhar penetrante disse:

— O astro de *O Príncipe Druida*, Brian Oliver, causou alvoroço na FantasyCon esta noite ao ser flagrado beijando uma mulher que *não era* sua noiva, a coestrela de *O Príncipe Druida*, Kaylee Summers.

Como se uma foto já não fosse ruim o bastante, a tela cortou para uma tomada de vídeo de meu beijo com Brian. Ao meu lado na cama, Juliette e Vivian suspiraram. Rob suspirou em resposta aos suspiros das duas.

Na tv, Brian e eu nos separávamos. Meu rosto em pânico piscava para as câmeras como uma garota assustada. Eu parecia tão jovem e patética e surtava enquanto Brian tentava me confortar. A imagem ficou ainda mais triste quando me atrapalhei ao tentar cobrir as cicatrizes com a capa e depois comecei a soluçar no peito de Brian.

A imagem na tela mudou para uma foto de nós dois saindo do restaurante — eu nos braços de Brian — sob a proteção dos seguranças gigantes.

— Os pombinhos não disseram nada para as câmeras — a mulher âncora disse — mas depois a equipe de Brian divulgou uma nota que dizia: “Não foi o que parecia. Brian estava trabalhando com uma instituição de caridade que realiza desejos. A garota era uma fã que foi queimada até quase a morte em um acidente terrível e teve o desejo realizado — um beijo de Brian Oliver. A senhorita Summers estava ciente da situação e dando total apoio. Os dois, embora não tenham ainda uma data estipulada para o casamento, estão tão felizes como

sempre e empolgados com a chegada da primeira exibição de *O Príncipe Druida* no próximo mês”.

Todo o ar desapareceu de meus pulmões e meus olhos arderam. Eles disseram às pessoas que eu era um caso de *caridade*?

— O quê? — Juliette sobressaltou-se.

Ela olhava para a tv com os olhos arregalados. Vivian também estava boquiaberta, sacudindo a cabeça com incredulidade.

— Tem de haver uma explicação.

— E tem — murmurei. — Controle de dano.

— Mas nós vimos vocês juntos, Ella, o jeito como ele olhava para você... Eu não acho que ele teria...

Eu a interrompi, antes que ela pudesse defendê-lo.

— Tenho certeza de que ele não queria, mas ele faz o que quer que o mandem fazer. Ele só estava namorando Kaylee, em primeiro lugar, porque a equipe dele assim decidiu. O pessoal dele obviamente pensou que deixar Kaylee por uma ninguém horrorosa seria ruim para a carreira dele.

— Ella. — Rob franziu a testa.

Balancei a cabeça, sem querer deixar que Rob me contradissesse.

— Desliguem a tv.

Juliette pegou o controle, mas parou quando a jornalista disse:

— Brian pode ter ficado um pouco tímido com as câmeras, mas nós conseguimos falar com Kaylee e ela tinha muito a dizer sobre o assunto.

— Tenho certeza de que sim — o jornalista mais velho ao lado dela deu uma risadinha que fez meu sangue borbulhar.

— Isso não tem como ser bom — Vivian murmurou.

A tela mudou para a foto de uma mulher segurando um microfone para Kaylee. Kaylee estava equilibrada e perfeita para as câmeras.

— Ah, por favor — ela disse quando a repórter perguntou sobre Brian estar me beijando. — Você acha realmente que Brian iria me trair com uma garotinha como aquela? — Ela fez um gesto desdenhoso com as mãos. — Ele a encontrou para uma daquelas coisas de caridade de realizar desejos. A garota é uma grande fã dele. Ele concordou porque ela tem um blog do qual ele gosta. Passou a sexta-feira toda tuitando sobre isso.

— Então você não vê problema em ele tê-la beijado? — a repórter perguntou.

O olhar furioso que Kaylee deu como resposta fez a repórter dar um passo para trás. Tão logo conseguiu enterrar a raiva, Kaylee colocou um sorriso no rosto.

— Obviamente, não fiquei muito feliz com aquilo — ela disse —, mas eu o perdoo. Estou certa de que ele ficou com pena dela. Quero dizer, você viu a aparência dela com todas aquelas cicatrizes. E ela não consegue nem mesmo andar. Foi por isso que ele teve de carregá-la para fora do restaurante. Acredite, não estou preocupada.

— Não estou acreditando! — Vivian gritou com raiva.

— Ela é má! — Juliette concordou.

Os dedos de Rob deslizaram entre os meus enquanto o rosto de Kaylee Summers brilhava na tela com um sorriso presunçoso. Eu apertei a mão que ele me ofereceu com todas as minhas forças.

Na tela, Kaylee continuava com o festival de mentiras.

— Brian é um sujeito muito bondoso. Ele tem dificuldade em dizer não, principalmente para as fãs. Está sempre tentando agradar todos. — Ela suspirou como se pensasse que Brian fosse um bobo. — Ele está sempre tentando ser o herói.

— Parece que ele foi a escolha perfeita para fazer o papel do heroico príncipe Cinder, então — disse a repórter.

— É verdade — Kaylee concordou. Então, de repente, o sorriso tranquilo desapareceu de seu rosto e ela encarou a repórter com firmeza: — E se aquela *bisbilhoteira* tentar se aproximar outra vez do meu noivo, ela vai entender por que eu fui a escolha perfeita para representar a princesa Ratana, a guerreira destemida. Brian é *meu*.

Juliette finalmente desligou a tv.

Rob, Vivian e Juliette me afundaram em um abraço coletivo. Eu estava grata a eles, mas, quando eles tentaram me consolar com palavras, pedi que saíssem. Eu tinha tido um dia longo e só queria que ele terminasse.



A mentira de Brian pode ter salvado a reputação dele, mas destruiu a minha vida. Acordei na manhã seguinte com a caixa de entrada cheia de e-mails de ódio. Os fãs de Brian e Kaylee não tratariam com gentileza a psicopata perseguidora que quase separou o casal “perfeito”. O blog, o Twitter e o Facebook estavam repletos de comentários dolorosos e profanos.

Na escola foi pior, porque eu não era apenas uma bisbilhoteira. Para os colegas de classe, eu era uma mentirosa patética. Todos me acusaram de mentir dizendo que era amiga dele. E não importava que eu nunca tivesse dito que o conhecia.

Rob e Vivian estavam esperando por Juliette e por mim no estacionamento quando chegamos à escola. O ar pouco amistoso deles me dizia tudo que eu precisava saber sobre como iria ser esse dia — não que eu não tivesse imaginado. Os três caminharam comigo pela marquise, olhando com raiva e gritando com qualquer um que se aproximasse de mim. A presença deles não impediu que as pessoas mais corajosas rissem e gritassem coisas horríveis, mas pelo menos elas se mantiveram a distância.

Juliette foi a primeira a chegar ao meu armário e, com um sobressalto apavorado, ela se virou, encostou as costas no armário e cobriu a frente dele para que eu não visse.

— Por que não vamos direto para a classe? Quem precisa de livros?

— Aprecio o gesto, Juliette, mas tenho que entrar aí, então vou ver o que quer que seja, de qualquer forma.

Juliette balançou a cabeça.

— Jules, o que quer que seja eu vou ficar sabendo em algum momento hoje.

Quando Juliette finalmente saiu para o lado, Vivian também teve um sobressalto e Rob fez um ruído que parecia um rosnado horroroso. Minhas adoráveis colegas de classe tinham sido muito gentis e decorado meu armário com caneta permanente com as palavras *psicopata*, *stalker*, *vagabunda*, *loser*, *feia*, *monstrenga* e *manca*.

Eu disse a mim mesma que eram apenas palavras e que não eram verdadeiras. Disse a mim mesma que minhas colegas de classe estavam com ciúme e que elas não sabiam a verdade. Disse a mim mesma que eu tinha três amigos ao meu lado que me apoiavam, e que isso era tudo que importava. Mesmo assim, não importa o que eu dissesse a mim mesma, ver meu armário daquele jeito doía.

Quando fechei os olhos contra as ferroadas das lágrimas e respirei bem fundo pelo nariz, uma mão pousou sobre meu ombro.

— Vamos ligar para papai e mamãe — Juliette disse. — Eles vão deixar você ir para casa hoje.

— Do que adiantaria? — perguntei. Minha voz tremia enquanto eu lutava para controlar minhas emoções. Abri o armário e tirei os livros de que iria precisar para a primeira aula.

— Se eu não estiver aqui hoje, eles vão esperar até amanhã para me assediar, ou depois de amanhã, ou o dia seguinte.

Quando bati a porta do armário, o braço de Rob me envolveu. Eu me inclinei em direção a ele e deixei que sua presença me confortasse. Ele beijou minha testa e então começou a me escotar para a minha primeira aula.

— Estamos aqui com você, Ella.

Eu o apertei de volta e respirei mais uma vez.

— Obrigada.

Ah, se os três pudessem estar comigo o dia todo. Juliette estava em minha segunda aula, mas nenhum deles estava na primeira. Eu estava sozinha para caminhar do primeiro para o segundo período.

Mantive a cabeça baixa para evitar os olhares maldosos enquanto atravessava o corredor. Eu não vi o grupo de rapazes me seguindo com a intenção de causar problemas até que fosse tarde demais.

— Ei, monstrenga — um deles me cumprimentou. Esse foi o único aviso que tive antes que ele chutasse minha bengala.

Desmorenei no chão em meio a um trovão de risadas. Felizmente, amortizei a queda com meu braço bom e consegui ao menos não causar mais nenhum dano aos enxertos de pele. Meu quadril reconstruído, que era o maior responsável por eu coxear, bateu contra o chão, causando uma dor tão intensa que meus olhos se encheram de água.

Uma garota da minha primeira aula que vinha sendo particularmente malvada o ano todo se agarrou ao cara que tinha chutado minha bengala e ria.

— Onde está Brian Oliver para carregá-la para um lugar seguro agora, Ella? — Ah, é mesmo... ele está com a verdadeira namorada porque, na verdade, ele não se importa com você. Você é apenas uma *stalker* patética.

Tentei alcançar minha bengala para poder me levantar e outro babaca a chutou pelo corredor e a tirou do alcance das minhas mãos.

— Ops, desculpe!

Eu não podia me levantar sem algo em que pudesse me apoiar, então eu estava literalmente travada ali até que alguém decidisse ter pena de mim. Era totalmente degradante, e a coisa mais cruel que já havia acontecido comigo durante toda a minha vida.

Com exceção do dia em que Jason rasgou meu enxerto, eu nunca tinha chorado na escola e não queria começar agora. Era isso que aquelas pessoas queriam — me reduzir a lágrimas. Eu não queria dar a eles o prazer, mas estava tão humilhada que não consegui impedir meus olhos de se encherem.

— Ah, não! — a Garota Malvada provocou. — Será que a pobre Ella vai chorar outra vez como fez na tv na noite passada?

Incapaz de segurar por mais tempo, eu finalmente dei a eles o que esperavam. Enterrei o rosto nas mãos e comecei a soluçar.

Uma garota que estava por ali e testemunhou a cena pegou minha bengala e tentou me devolver, mas outro babaca a arrancou das mãos dela e começou a brincar de bobinho.

— Parem com isso! — A garota se abaixou e, depois de perguntar se eu estava bem, informou que a amiga tinha ido chamar o diretor. Foi legal da parte dela me defender, mas ainda assim eu não conseguia parar de chorar.

— Que diabos está acontecendo?

O alívio tomou conta de mim quando ouvi a voz de Rob. Ele se jogou no chão e me abraçou.

— Ella, o que aconteceu?

— Não sei por que você se importa com ela, Rob. — Eu não olhei para ver qual dos caras estava falando. Achei melhor não saber. — Você viu as cicatrizes dela, cara? Nojento. Ouvi dizer que elas cobrem todo o corpo dela. É sério que você vai encarar?

Os braços ao meu redor desapareceram e, segundos depois, houve um estrondo e uma gritaria enorme. A comoção não durou mais do que trinta segundos, quando vários professores separaram a briga, mas foi tempo suficiente para que Rob ensanguentasse o nariz e a boca do cara que tinha chutado a bengala para longe de mim.

Em vez de tentar descobrir o que tinha acontecido ali mesmo, os professores levaram todos os presentes — onze de nós ao todo — para a sala do diretor.

A garota que me defendeu e mais duas pessoas tentaram me ajudar a levantar, mas Rob as enxotou e não

deixou ninguém se aproximar de mim. Ele me ajudou a levantar e me deu minha bengala, mas meu quadril doía tanto que não consegui colocar nenhum peso em minha perna. Pela segunda vez em pouco tempo, tive de ser carregada.



Os quatro caras envolvidos em brincar de passa-passa com minha bengala e as três garotas que os incitaram, riram e disseram coisas rudes foram suspensos por três dias. Rob e o cara que chutou minha bengala tomaram uma semana de suspensão por brigar, e eles estavam discutindo a possibilidade de expulsão de meu “assaltante”, já que as intenções dele tinham sido maliciosas e resultaram em eu ficar machucada. Meu destino ainda seria decidido.

Quando meu pai apareceu na sala do diretor — com Jennifer, Daniel, Cody e a doutora Parish a reboque —, eu me atirei nos braços dele e encharquei sua camisa de lágrimas.

— Papai, me tire desta escola. Eu não me importo se nunca me formar. Para mim, chega.

Meu pai me abraçou forte e passou a mão em minha cabeça.

— Tudo bem, menina. Nós vamos encontrar outra forma de você terminar.

Ele rosnou para alguém por cima de minha cabeça, provavelmente o diretor Johnson.

— Estou tirando minha filha desta escola. Eu espero uma restituição total das mensalidades e estou colocando este lugar sob vistoria.

— Senhor Coleman, o que aconteceu hoje é indesculpável — disse o diretor Johnson —, mas o senhor não acha que é um pouco extremado?

Meu pai me soltou e virou-se para o homem.

— *Extremado?* Essa é a *segunda vez* que minha filha é agredida neste campus durante o período de aulas! Onde diabos estava a sua equipe, e por que você não consegue manter os seus alunos sob controle?

O diretor Johnson gaguejou e caminhou em direção a meu pai com as bochechas vermelhas.

— Desculpe, senhor Coleman, mas esta é uma escola excelente e minha equipe é extremamente capaz. Até sua filha chegar, nosso registro de alterações entre estudantes era quase zero.

— Você está dizendo que isso foi culpa de *Ella*?

— Estou dizendo que os problemas parecem procurar sua filha. Você não pode colocar a culpa disso nesta instituição.

— Uma ova que não posso! Você é responsável pelo que acontece aqui e vou me certificar de que seja responsabilizado por isso.

Enquanto os dois continuavam a discutir, Cody e Daniel me bombardeavam com perguntas e me faziam executar todos os tipos de movimentos e alongamentos. Depois de um rápido exame, eles decidiram que eu tinha um osso do quadril machucado e que teria uma rigidez extra a ser trabalhada com Daniel na fisioterapia. De resto, eu estava bem. Fisicamente, quer dizer. Emocionalmente, eu estava quebrada, e não custou muito esforço à doutora Parish para me arrancar essa confissão.

— Ella, fale comigo. Como está se sentindo neste momento?

Essa simples pergunta me fez explodir em outro ataque de soluços.

— Como posso estar me sentindo neste momento? Como as pessoas podem ser tão cruéis? E por quê? Por que alguém me trataria desse jeito? O que foi que eu fiz para qualquer uma dessas pessoas para merecer isso?

— Nada, Ella. Você não merecia isso. Ninguém mereceria isso.

A Doutora Confortadora não ajudou. Eu sentia que meu peito tinha sido arrebitado e que todos os pedaços do meu coração despedaçado estavam espalhados no chão.

— As coisas estavam melhorando, mas, no instante em que eles conseguiram material novo para me provocar, a tortura recomeçou... só que pior! Essa vai ser minha vida de agora em diante? Será que sempre vou ser torturada porque sou diferente?

Minha pergunta calou a sala inteira. Todos assistiam em silêncio enquanto eu me despedaçaava. E eu não me descompus só um pouquinho: eu me desfiz por inteiro. O que quer que tenha sobrado de mim — de meu coração, minha mente, minha alma — estava espatifado. Eu fui engolida por um oceano de desesperança.

— Eu não posso mais — soluzei. — Por que ficar tentando, quando não há razão para isso? Estou cansada de ser machucada. Estou cansada de lutar. Cansada de tentar. Nada disso adianta. Eu queria ter morrido naquele acidente com mamãe.

Meu pai ficou ao meu lado outra vez e me puxou de volta para os braços dele.

— Ella, não diga isso.

— Mas é a verdade.

A sala ficou em silêncio outra vez, e nada além do som dos meus soluços quebrava o silêncio. Quando a doutora Parish recomendou que eu fosse hospitalizada alguns minutos depois, eu estava com o coração tão partido que não fiz nenhuma objeção. Qualquer coisa devia ser melhor do que aquilo.



Brian

Havia batidas fortes na porta, e elas não cessavam. Rolei na cama e dei um gemido, deitado de costas. Depois de limpar a baba do rosto, arrisquei abrir os olhos. Estava escuro. O escuro era bom. Agora, se eu pudesse me livrar do ruído...

— Brian!

Eu franzi a testa. Desde quando meu monólogo interior tinha a voz do meu assistente?

— Brian! Não me faça pedir aos funcionários do hotel para abrirem a porta!

Pisquei os olhos outra vez e olhei ao redor. Eu estava sozinho em um quarto escuro de hotel em... Las Vegas? Meu cérebro começou a despertar e a ligar os pontos. Depois que Ella me rejeitou, eu tinha dirigido até Las Vegas e me embriagado. Há quanto tempo tinha sido isso? Algumas horas? Um dia?

— Brian!

Bem. Qualquer que tenha sido o tempo que estive por aqui, foi longo o suficiente para que Scotty viesse me procurar. Que droga de assistente zeloso.

— Pensei que tinha dito para você tirar alguns dias de folga!

Com outro gemido, rolei para fora da cama e fui cambaleando até a porta. Fechei imediatamente os olhos contra o violento feixe de luz que invadiu o quarto vindo do corredor.

— Por que você não entra e me mata com uma marreta? Chega das malditas batidas.

Deixando a porta aberta para que Scott entrasse, voltei para a cama resmungando.

— Tome. — Scott me jogou um frasco de aspirina enquanto eu desmoronava de novo na cama. — Isso deve ajudar.

— Deve, se eu tomá-la com uma garrafa de uísque. Você não tem nenhuma dentro dessa sua bolsa mágica,

tem?

— Alguém é um bêbado mal-humorado. — Scott pegou uma garrafa da bolsa de mensageiro e jogou para mim. Água. Droga.

Tomei a água toda com um punhado de analgésicos e então franzi a testa para Scott.

— Sou um bêbado muito amado, muito obrigado. Apenas sou muito ruim no dia seguinte.

— Tente dois dias depois.

Dois dias? Eu tentei pensar e isso fez minha cabeça doer.

— Faz tanto tempo? — Eu me virei e aconcheguei-me com meu travesseiro abençoado. — O que andei fazendo em dois dias inteiros?

— Não atendendo ao telefone.

— Não acho que sequer tenha saído desta suíte desde que cheguei aqui.

— Tenho certeza — Scott respondeu. — Se tivesse, você teria visto o noticiário, e duvido que se tivesse visto o que estava acontecendo, você estaria vivendo seu episódio pessoal de *A Ressaca*.

— Isso parece ameaçador. — Puxei as cobertas até cobrir a cabeça. Talvez se eu não pudesse mais ver Scott, o Assistente Maravilha desaparecesse e me deixasse voltar a dormir. — Então Kaylee já está esbravejando? Minha vida já está arruinada? Sou a pessoa mais odiada na América agora?

Scott arrancou as cobertas e jogou-as no chão.

— Você, não. — Havia tanta irritação na voz dele que eu finalmente notei a urgência. — Ella.

Sentei tão rápido que minha cabeça girou.

— O que você quer dizer? O que aconteceu?

Sem esperar a resposta de Scott, peguei o telefone e liguei para o número de Ella.

— Isso não vai adiantar — disse Scott, no mesmo instante em que a operadora informava que o número de Ella não estava mais em serviço.

O medo fez com que a adrenalina jorrasse em meu corpo, dissipando, no mesmo instante, o resto da neblina que havia em meu cérebro.

— O que está acontecendo? Por que o telefone de Ella não está funcionando? Ela está bem?

— Não sei. Não consegui fazer contato com ela. Tentei o telefone, o e-mail e o Messenger que você tinha listado em seus contatos, e todos estão fora de serviço.

Eu estava pronto para arrancar as respostas de Scott se ele não explicasse tudo naquele segundo. Fiquei tão chateado quando Ella se recusou a ser parte de minha vida que me esqueci de que tinha feito dela uma celebridade da noite para o dia. Será que a identidade dela tinha sido descoberta? Será que estava sendo perturbada? Será que Kaylee tinha feito alguma coisa?

— Fale comigo, Scotty. Eu sei que é ruim se você me seguiu até Las Vegas no seu Toyota.

— Na verdade, vim de avião. Achei que gostaria de ir direto para casa e não sabia se teria condições de dirigir.

A julgar pela olhada que Scott me deu enquanto avaliava meu estado amarrotado, ele provavelmente estava certo.

— Boa ideia.

Scott riu.

— Achei que seria. E também usei seu cartão de crédito, reservei a passagem e melhorei meu assento para a primeira classe.

Mesmo em meio ao meu pânico, tive de rir daquilo.

— Você está mesmo começando a pegar o jeito desse emprego.

Scott pegou o laptop e deu um tapinha no espaço da mesa ao lado dele.

— Eu aprendo rápido. Pegue uma cadeira. Você vai querer se sentar para ver isso.



Fiquei andando pelo quarto do hotel por dez minutos, ainda com muita raiva para poder falar. Aquilo era um pesadelo.

Eu sabia que haveria um frenesi da mídia sobre o incidente do domingo, mas achei que Ella estaria a salvo. Ninguém sabia a verdadeira identidade dela. Eu não sabia quem era ela na verdade. Mas eu sabia que alguma coisa iria acontecer. Como pude sair assim de cena e não esperar por lá para ver quais seriam as consequências?

A identidade pessoal de Ella não tinha vazado, mas, graças a Kaylee, sua vida on-line tinha. O Twitter e o Facebook dela tinham sido deletados e o endereço de e-mail não era mais válido. O blog ainda estava lá — graças ao Senhor pelo milagre; eu ficaria de coração partido se todas as postagens dela dos últimos três anos tivessem sido apagadas para sempre —, mas a opção de comentários tinha sido desabilitada e ela não tinha postado nada desde domingo.

Não precisei pensar muito para imaginar o tipo de coisa que as pessoas haviam postado nas mídias sociais dela para que ela deletasse tudo, porque a internet estava cheia de outros lugares para ler sobre isso. Um caso de caridade? Uma fã obsessiva? Uma *stalker* psicopata? E essas eram apenas as coisas mais leves. Não vou repetir as mais pesadas.

E tinha sido a minha própria gente que começara com os rumores. Ella devia me odiar. Na verdade, eu sabia que sim, porque mesmo que ela tenha precisado deletar a personalidade on-line, o público não sabia o número do celular dela nem o ID do Messenger. Ela não precisava ter se livrado deles, mas o fez. Ela tornou impossível que eu fizesse contato com ela.

Ela não tinha apagado apenas sua presença on-line — ela tinha me deletado da sua vida. Era inaceitável. Eu tinha de fazer alguma coisa. Eu não podia deixar que ela me colocasse para fora da vida dela sem me dar uma chance de explicar. Eu precisava de um plano, mas não iria conseguir fazer nada com as pessoas que normalmente me ajudavam.

Parei de andar e virei para Scott, que ainda permanecia sentado à mesa, em frente ao laptop, esperando que eu voltasse de minha tormenta interna.

— Tenho um advogado, não tenho? Tenho que ter. Provavelmente tenho toda uma equipe de advogados, certo?

Scott concordou com a cabeça.

— Candice Regan e Associados.

— Candice Regan. — Eu guardei o nome na memória. — Ligue para Candice Regan.

Scott procurou no iPad por um tempo e depois ligou do meu celular.

— Sim, estou com Brian Oliver na linha para falar com Candice Regan. Então sugiro que interrompa. Acho que o senhor Oliver não está no espírito de esperar. Sim, eu aguardo na linha. Obrigado.

Scott me passou o telefone no exato momento em que a voz alegre de uma mulher mais velha atendeu.

— Brian! Que surpresa agradável. Há quanto tempo não falo com você! O que posso fazer por você?

— Toda a minha equipe de direção — eu disse devagar, tentando controlar a raiva que ainda fervilhava dentro de mim. — Quero todos despedidos até o final do dia, e não quero ser processado por isso.

— Despedidos! Bem! — Candice gaguejou um segundo e então disse: — Mas eles estão todos protegidos por contrato, Brian.

— E esse é exatamente o motivo pelo qual liguei para você. Está sabendo da história que eles espalharam no domingo à noite?

— O caso de caridade com o desejo do beijo?

Rangi os dentes. Não era culpa da mulher. Eu não devia gritar com ela. Mesmo assim, quando falei, eu parecia bastante perigoso.

— Era mentira. Tudo mentira. Ella não é *uma* fã. Eu não estava trabalhando com instituição de caridade nenhuma, e nem sequer estava mais noivo de Kaylee quando beijei Ella. Minha dita equipe inventou a história com Kaylee em uma reunião em que eu não estava presente. Eles espalharam isso sem o meu conhecimento ou aprovação contra os protestos de meu assistente pessoal, que disse a eles que eu nunca permitiria isso.

Candice estava aturdida demais para falar.

— Deve haver uma brecha no contrato em algum lugar.

— Estou certa de que podemos encontrar alguma coisa, mas e se não?

— Estão despedidos da mesma forma — eu disse com firmeza. — Apenas vai me custar mais caro.

— Se eles realmente agiram sem a sua permissão, não deverá ser um problema.

— Eu estive indisponível. Fiquei sabendo disso há quinze minutos.

— Nesse caso, me dê algumas horas e eu digo a você o que encontrei.

— Agradeço. Vou esperar para dar a notícia até falar com você.

Eu desliguei e Scott sorriu.

— Isso deve dar uma sensação boa.

— Não tão boa quanto despedi-los.

— E o que fazemos agora?

Eu pensei por um minuto.

— Estou na minha agência desde que comecei. Minha carreira evoluiu bastante desde então. Acho que está na hora de fazer uma melhoria, você não acha?

— Com certeza. Ligo para a caa, icm ou wme?

— Ligue para todas. — Comecei a andar pelo quarto outra vez, tentando me manter focado, ainda que meus pensamentos voltassem sempre para Ella. — Informe a eles a situação... toda a situação... e diga que, se me quiserem, eles têm até amanhã de manhã para me apresentar um plano de como abordariam essa baderna. Diga que vou assinar com quem tiver a melhor ideia. E Scott? — Scott olhou para mim quando parei de falar. — Certifique-se de que eles entendam que Ella é a minha prioridade aqui, e não a minha maldita carreira.

Scott absorveu a declaração e balançou a cabeça como se eu tivesse perdido o juízo.

— Isso vai ser interessante — murmurou enquanto começava a vasculhar o tablet outra vez. — Terei tudo pronto quando você sair do chuveiro.

Olhei para as calças de pijama que eu estava vestindo há aparentemente duas noites e passei a mão pelos cabelos desgrehados.

— Imagino que isso seja uma sugestão?

— É mais um pedido amigável — Scott disse, sem levantar os olhos da tela brilhante na frente dele. — Você está fedendo, chefe.

Eu ri durante todo o caminho para o banheiro.



O centro de reabilitação em Beverly Hills era tranquilo, luxuoso e surpreendentemente cheio de paz. Havia apenas um punhado de “hóspedes”, como nos chamavam, incluindo uma “hóspede” cuja música eu tinha no iPod. Se não fosse pelas sessões de terapia obrigatórias, eu teria pensado que tinham me mandado para um spa para tirar umas férias.

Eu recebia visitas diárias da doutora Parish e me juntava aos outros pacientes para uma sessão de terapia em grupo em dias alternados. Meu nutricionista veio uma vez depois que cheguei e teve uma reunião com a equipe da cozinha da clínica sobre a minha dieta, e meu enfermeiro, Cody, continuou com as visitas semanais.

Daniel Delicioso vinha trabalhar comigo todos os dias, assim como a doutora Parish. Embora eu tivesse batido o quadril, isso não era necessário — nós tínhamos uma rotina de três vezes por semana antes —, mas acho que ele ficava triste por mim e queria me fazer companhia. Ele era assim fantástico. É claro, acho que também tinha alguma coisa a ver com aquela estrela pop que mencionei que também estava no centro de reabilitação, e que gostava de ficar na academia onde eu e Daniel fazíamos nossas sessões de terapia. Daniel negava a acusação, mas sempre corava quando eu sinalizava que ele estava encarando outra vez.

Eu ficava feliz com a companhia de Daniel porque, a não ser por meus médicos, eu não tinha permissão de ter contato com ninguém do lado de fora. O motivo de eu estar ali, a doutora Parish me disse, era para descansar e relaxar em um ambiente longe de estresse. A regra de nenhuma visita era porque minha família era um ponto importante de estresse para mim, e as regras de sem amigos, sem telefone, sem tv e sem internet tinham o objetivo de ser um escudo contra todo o desastre com Brian Oliver. Embora sentisse falta de meus amigos e estivesse entediada ao extremo, não posso dizer que odiava ter perdido a atenção da mídia.

A reclusão total iria terminar em algum momento, contudo, e esse momento aconteceu mais ou menos uma semana depois da minha chegada. A doutora Parish permitiu que meu pai e Jennifer me visitassem, com a condição de que nosso tempo juntos fosse supervisionado. A visita foi basicamente de aconselhamento familiar — que a doutora Parish recomendou que meu pai e eu começássemos a fazer com regularidade. Fiquei atônita quando meu pai concordou sem hesitar.

— Se é disso que precisamos para ajeitar as coisas entre nós, então é claro que farei — ele disse quando viu minha surpresa. — Eu amo você, Ella. Adorei ter você de volta em minha vida no ano passado. Sei que uma desculpa não é o bastante, mas peço perdão por tê-la abandonado.

— Eu entendo as pessoas se divorciarem — murmurei —, mas você nem sequer disse adeus. Nunca me ligou. Nunca veio me visitar. Por que simplesmente me abandonou?

Eu vinha sendo muito boa em não chorar desde que chegara à clínica, mas meus olhos começaram a arder.

Meu pai suspirou pela derrota, depois começou a explicação com um aviso.

— Eu gostaria de ter uma boa desculpa que tornasse aceitável o que fiz, mas não tenho. A verdade não é bonita, docinho. Não quero magoar você mais do que já está magoada.

Eu podia ouvir o pedido desesperado e mudo para deixar aquilo de lado, mas eu precisava saber.

— Não entender é o que dói mais.

— Sem compreender, Ella não vai ser capaz de perdoá-lo, senhor Coleman — disse a doutora Parish com gentileza. — Isso é o que a impede de seguir em frente. Se não puder ser honesto com sua filha, você nunca será capaz de construir um relacionamento verdadeiro com ela.

O corpo de meu pai pareceu se trancar em si mesmo. Se Jennifer não estivesse com ele, abraçando-o forte, ele poderia ter entrado em desespero.

— Cometi muitos erros na vida, Ella, e todos eles começaram quando conheci sua mãe. Eu nunca deveria ter me casado com ela.

Eu me agitei na cadeira. A doutora Parish teve de me dar um copo d'água antes que eu pudesse falar. Minhas mãos tremiam tanto que eu derramava um pouco da água enquanto bebia.

— O q-quê? — balbuciei quando finalmente consegui pensar outra vez. — Como pode dizer isso? Você ao menos a amava?

— Eu passei a amá-la de algumas formas, mas não da forma que você está perguntando, e acho que ela também nunca me amou.

Eu comecei a dar goles na minha água e meu pai se virou para a doutora Parish com uma cara de quem estava totalmente aterrorizado.

— Tem certeza de que isso é uma boa ideia? Você acha que ela pode suportar isso agora? A mãe dela era a heroína dela, a melhor amiga. Isso não vai ser fácil para ela.

— Diga logo. — Se ele não me explicasse logo, eu ia perder a cabeça.

A doutora Parish olhou para nós dois calmamente e então olhou para meu pai com uma rigidez gentil que só os médicos e as mães são capazes de ter.

— Seja o que for, senhor Coleman, você e eu estamos aqui para ajudá-la a suportar.

Meu pai engoliu e então se voltou para mim. O corpo todo dele cedeu no instante em que olhou para mim.

— Eu estava no último ano em uma das melhores escolas de Direito do país. Era um programa brutal e competitivo. Eu estudava praticamente todo o tempo em que não estava em aula. Minha vida era muito estressante. Conhecer sua mãe foi como respirar ar puro. Ela era muito engraçada e exótica. Nós saíamos de vez em quando, quando eu encontrava tempo, e nos divertíamos muito juntos, mas as coisas nunca foram sérias entre nós. Nunca estivemos apaixonados. Nunca sequer fomos um casal.

Meu pai estremeceu quando meus olhos ficaram inchados, mas continuou.

— Fiquei chocado quando sua mãe me contou que estava grávida. A última coisa que eu queria naquele momento era um filho. Eu estava me preparando para o exame da Ordem. Se eu passasse, tinha um emprego em vista, e já sabia, pelos meus estágios, que ele iria exigir muito do meu tempo.

Meu estômago revirou com um enjoo repentino.

— Você pediu a ela para fazer um aborto?

Meu pai olhou para o colo. Eu o ouvi engolir do outro lado da sala. Depois de algum tempo, ele olhou para mim e murmurou:

— Sim.

Senti o sangue congelar em minhas veias e tive de me lembrar de respirar. Não foi fácil conseguir. Meu coração pulava dentro do meu peito e a água que eu tinha bebido parecia que não iria ficar dentro de meu

estômago. Ele nunca me quis. Nunca.

— Sua mãe era religiosa. Ela se negou terminantemente a interromper a gravidez e, em vez disso, pediu que me casasse com ela. Eu me ofereci para pagar por tudo e ajudar no que eu pudesse, mas não queria me casar. Sua mãe e eu não nos encaixávamos bem. Eramos muito diferentes. Não nos amávamos. Mas sua mãe insistiu. Sua Abuela e seu avô eram fanáticos religiosos. Eles ficaram indignados com a história toda do bebê fora do casamento. Disseram que, se não nos casássemos, eles iriam desonrar sua mãe. Você sabe como ela era ligada aos pais. Ela ficou histérica. Além disso, ela ficaria sozinha, e ia ter um bebê. Meu bebê. Posso não ter sido criado dentro de uma religião, mas fui ensinado a me responsabilizar pelos meus atos.

— Então você se casou com ela.

Meu pai soltou o ar e concordou:

— Então eu me casei com ela.

Eu era uma gravidez indesejada e um casamento forçado. Meus pais nunca sequer se amaram.

Meu pai leu a expressão do meu rosto e fez uma careta.

— Foi ruim desde o começo. Eu estava ressentido com ela por ter me aprisionado, ela estava ressentida comigo por sentir-se aprisionada, e eu culpei o bebê... — Papai engoliu de novo e se corrigiu: — Culpei você por minha infelicidade.

Fechei os olhos contra minhas lágrimas, mas elas escaparam pelo meu rosto mesmo assim.

— Eu estava errado por sentir daquela forma, Ella. Sua mãe e eu fomos os culpados pelo que aconteceu, não você. Sinto muito que eu tenha demorado tanto tempo para perceber isso.

Meu pai e a doutora Parish me deram um minuto para me recompor. Quando pude falar, perguntei algo cuja resposta eu não tinha certeza de que queria ouvir, mas que tinha de saber mesmo assim.

— Você *algum* dia me amou, pai? Eu sei que eu era pequena, mas não me lembro de as coisas serem tão ruins. Eu me lembro de você rindo e brincando comigo às vezes. Era tudo mentira?

— Querida, a vida não é em branco e preto — papai respondeu. — Eu amava você, sim, mas não conseguia deixar para trás meus problemas, e nem sua mãe. Ela jogou a história do aborto em minha cara durante todo o tempo em que estivemos casados. Nunca me perdoou por não querer você, e ela nunca me deixaria esquecer disso. Ela sempre ficava com raiva quando você e eu estávamos juntos. Dizia que eu não merecia você. Ela colocou de propósito uma parede entre mim e você, e com ela tornando as coisas difíceis, foi mais fácil para eu me distanciar. Eu trabalhava o máximo que podia e deixava você e sua mãe fazendo suas coisas. Eu me mantinha fora do caminho.

— Que tipo de parede? — perguntei, absolutamente incapaz de vislumbrar minha mãe fazendo algo tão cruel.

— Ela criou você como se fosse totalmente chilena. Ignorou completamente o fato de que você era metade americana —, metade *minha* filha. Ela mergulhou você em uma cultura que eu não entendia, ensinou a você uma linguagem que eu não sabia. Ela praticamente a criou com seus avós e ignorou todas as tradições de família a que eu estava acostumado. Nós só visitamos minha família duas vezes durante todo o tempo em que estivemos casados. Era difícil, porque eles viviam no oeste, mas sua mãe também não fazia nenhum esforço para vê-los. Na maior parte do tempo, eu ia visitá-los sozinho. Ela não queria que você fosse parte da minha família. Você não os vê desde que tinha três anos.

— Sua família? — perguntei confusa.

Meu pai suspirou.

— Você tem avós vivos, Ella, os meus pais. E uma tia, um tio e três primos.

Eu tive um sobressalto. Isso era novidade para mim.

— Tenho?

Tudo fazia sentido, é claro — meu pai ter pais e uma irmã e tudo isso —, mas em todos os anos de que posso me lembrar, eu não me recordava de ter ouvido falar deles. Minha mãe certamente nunca os tinha mencionado. Depois que meu pai foi embora, ela quase nunca falava sobre ele, exceto para culpá-lo pelas

coisas ou para xingá-lo em espanhol.

— Acho que eu deveria ter pensado em contar isso a você antes, mas, sim. Meus pais e meu irmão mais novo Jack vivem na baía de São Francisco. Eles estiveram aqui não faz muito tempo, enquanto você ainda estava no centro de reabilitação em Boston. Quando estiver pronta, posso levá-la para visitá-los, ou pedir a eles que venham a Los Angeles. Eles estão curiosos e empolgados para conhecer você... da mesma forma que eu estava quando o hospital me ligou.

Eu estremeci com a confissão, incerta sobre como me sentir sobre aquilo.

— Você estava empolgado para me encontrar quando o hospital ligou?

A descrença em minha voz fez com que os ombros de meu pai se levantassem, sobrecarregados pelo peso da culpa.

— Sim, Ella. Você é minha filha. Nós podemos não ter tido o melhor dos relacionamentos, mas criei você por oito anos. Isso não é algo que uma pessoa esqueça. Eu pensei, sim, em você ao longo desses anos. Eu sabia que provavelmente estaria feliz, porque sabia o quanto sua mãe a amava, mas eu ficava imaginando como você estaria e como seria. Quando fui para Boston, estava curioso para ver em que tipo de moça você tinha se transformado e estava aterrorizado que não fosse sobreviver e que eu nunca fosse encontrá-la. Isso vai parecer terrível, mas eu estava empolgado com a oportunidade de passar algum tempo com você sem sua mãe por perto para envenená-la contra mim. Quando a trouxe para cá, eu esperava que pudesse haver uma chance de recomeçar.

Algum começo nós tivemos.

— Eu ainda iria gostar disso — meu pai disse com calma —, se você me der uma chance.

Naquele momento, as palavras dele me acertaram em cheio. Eu ouvi o pedido na voz dele e percebi que a relação tempestuosa que eu tinha com meu pai era, na maior parte, minha culpa. Eu sabia que ele estava tentando, mas eu não estava lhe dando uma chance de se aproximar de mim. Era estranho. Eu queria que me amasse, que me quisesse e que me conhecesse, mas nunca deixava que ele se aproximasse.

— Eu gostaria também — admiti. — Vou tentar ser melhor, mas acho que vai levar algum tempo.

Papai acenou com a cabeça.

— Eu entendo.

— Você entende? — perguntei, incapaz de manter todo o antagonismo fora de minha voz. — Eu estou com tanta raiva, pai. E estou magoada. Você me deixou. Eu cresci sem um pai. Quando cheguei aqui e vi como era feliz com Jennifer, Juliette e Anastasia, aquilo me cortou o coração. Elas chamam você de papai quando eu sinto que devo chamá-lo de senhor Coleman. Tem alguma ideia de como isso me faz sentir? Eu quero construir uma relação com você, mas odeio morar na sua casa porque tenho muito ciúme da sua família.

A doutora Parish se levantou e me passou a infame caixa de lenços. Peguei um e depois mais três por precaução. Eu já estava quase pegando a caixa toda, mas então a doutora Parish se virou e foi oferecê-la a meu pai e a Jennifer.

Fiquei abalada ao ver os olhos de meu pai brilhando. Eu nunca o tinha visto chorar antes.

— Sinto muito, Ella. Eu não consigo deixar de amar minha família. Quando encontrei Jennifer...

A voz dele desapareceu e ele levou algum tempo para se recompor.

— Quando conheci Jennifer, me apaixonei pela primeira vez na vida. Eu não sabia o que estava me faltando. O quanto eu era infeliz. Até que Jennifer preencheu o rombo em meu coração.

Jennifer piscou, derramou algumas lágrimas e apertou as mãos de meu pai. Eu queria ficar com raiva dela. Eu queria odiá-la — queria odiar os dois —, mas qualquer idiota podia ver o quanto eles se amavam. Como poderia ficar ressentida com eles por isso? Como poderia não querer que meu pai fosse feliz? Ele não merecia ser infeliz na vida como eu era.

— Meus anos em Boston eram um amontoado de memórias dolorosas — papai disse. — Jennifer e as meninas ficaram tão felizes por eu estar em suas vidas. Era tão bom ser querido e amado que decidi que seria melhor se eu recomeçasse minha vida. Sua mãe não quis que eu fosse parte da sua vida mesmo quando estávamos casados. Não haveria como ela deixar que eu fosse parte da sua vida depois do divórcio. Sei que

foi errado, mas, depois disso, foi muito fácil, para mim, partir e deixar vocês duas para trás. Desculpe-me, Ella. Cometi um erro. Cometi muitos erros. É tarde demais para desfazer qualquer um deles, mas quero consertá-los para você, então me diga como posso fazer isso. O que você precisa de mim?

Eu respirei fundo. Se estávamos sendo honestos um com o outro, então só havia uma coisa que eu precisava dele.

— Eu preciso que me deixe ir.

O rosto de papai se fechou em uma carranca, e a doutora Parish começou a fazer anotações outra vez.

— Você pode explicar o que você quer dizer, Ella? — ela perguntou.

— Eu quis dizer que preciso da minha liberdade. Quando eu estiver pronta para sair daqui, liberte-me da custódia de meu pai. Eu sou adulta, mas não tenho permissão de tomar minhas próprias decisões. Em vez disso, alguém que é praticamente um estranho para mim está tomando em meu lugar. Eu sei que ele está tentando fazer o melhor, mas o que é melhor para ele e para a família dele não é necessariamente o melhor para mim. Eu preciso que as pessoas confiem em mim.

Com um sorriso, a doutora Parish me encorajou a prosseguir, mas ela fez um sinal afirmativo para meu pai. Ela já sabia como eu me sentia. Ela queria que eu dissesse isso a ele.

Meu pai não desviou o olhar quando olhei para ele. Ele até tentou copiar o sorriso encorajador da doutora Parish, mas eu podia ver que isso era difícil para ele. Eu via seu desapontamento.

— Eu estou tentando melhorar — eu disse a ele —, mas estar com a sua família está me segurando. Sinto que não posso respirar dentro da sua casa. Eu me sinto uma forasteira, uma intrusa. Sinto que estou apenas causando problemas a todos vocês, e que não sou querida lá.

— Ella, é claro que é uma adaptação, mas eu quero você, sim.

— Você quer — eu concordei. — Mas e quanto a Anastasia? E Jennifer?

Papai pareceu espantado quando eu disse o nome de Jennifer, e ele olhou para a mulher. Ela não disse que sim automaticamente, e isso deixou meu pai atordoado.

— Eu estou tentando — ela me disse. — Não é que eu não goste de você. Eu acho que você é uma garota maravilhosa. Só não estava esperando... tem sido muito difícil para minhas meninas... — Ela pegou um lençinho. A caixa estaria acabada antes que a nossa sessão terminasse. — Desculpe, Ella. Nunca quis que você se sentisse indesejável.

— Está tudo bem — eu disse a ela. — Eu entendo. Entendo mesmo. Honestamente, não a culpo. Nenhum de nós pediu para que isso acontecesse. É por isso que acho que seria melhor se eu me mudasse. Vivian disse que eu poderia morar com ela até encontrar um lugar para mim, e Juliette falou em morarmos juntas no ano que vem se eu tiver permissão de deixar sua casa para ir para a faculdade.

— Querida...

Olhei outra vez para meu pai e tentei dar a ele um sorriso encorajador.

— Se realmente quer construir um relacionamento comigo, isso é ótimo. Vamos começar a nos conhecer. Vamos jantar vez ou outra, ou vamos ao cinema. Vamos conversar. Mas, por favor, não faça comigo o que mamãe fez com você. Não me aprisione. Não me force a ser parte de uma família que, vamos encarar, não é a minha. Se quer que eu ame você, não me faça ficar ressentida.

Todos ficaram calados por um tempo. Até mesmo a caneta da doutora Parish, que escrevia o tempo todo, estava parada. Então meu pai deu um suspiro tão grande que vi o corpo dele murchar.

— Você tem certeza de que é isso mesmo do que precisa? — ele perguntou.

Não hesitei. Não precisei. Eu sabia.

— Sim. É disso que preciso. E é disso que Ana precisa também.

Eu prendi a respiração e soltei o ar quando vi a decisão de meu pai nos olhos dele.

— Está certo. Vamos nos concentrar em que você melhore enquanto está aqui e, quando estiver pronta para sair, vamos pensar em alguma coisa. Seria muito pedir que me deixe ajudar a traçar um plano? Eu me sentiria mais confortável se me deixasse pelo menos ser parte do processo de decisão.

Senti um enorme peso sair do meu peito. Dessa vez, quando sorri para meu pai, senti que o sorriso chegava aos meus olhos.

— Acho que parece um acordo razoável.



Sempre fiz o meu melhor para odiar os encontros com a doutora Parish, mas, naquele dia, eu tinha um sorriso no rosto. Depois de um mês inteiro, eu estava me encontrando com a doutora Parish para minha última sessão no centro de reabilitação. Eu ia ser liberada naquela tarde.

— O sorriso fica bem em você, Ella — a doutora Parish disse quando me sentei à sua frente.

O comentário fez meu sorriso aumentar.

— A sensação é boa.

A doutora Parish riu comigo.

— Você está empolgada, então? Sem ansiedades por deixar o centro?

Eu estaria mentindo se dissesse que não, então não disse. Eu tinha aprendido nas últimas quatro semanas que eu tinha muito mais a ganhar com a doutora Parish quando não me confrontava com ela. As perguntas e os pensamentos dela nunca eram feitos como acusações. Ela realmente queria me ajudar, mas não conseguia quando eu não era completamente honesta com ela sobre como eu me sentia.

Foi preciso ser honesta com meu pai para que eu aprendesse isso. Depois de nossa primeira sessão de terapia juntos, algo mudou entre nós. Ele e eu ainda tínhamos um longo caminho a percorrer, e não estava sendo fácil, mas estávamos cooperando agora para tentar fazer as coisas funcionarem. Isso mudou todo o nosso relacionamento.

Eu estava trabalhando com a doutora Parish também, e fazia progresso. Bastante progresso. Era uma pessoa mais forte do que antes.

— É claro que estou nervosa por ter de voltar para o mundo real. O acidente, as cicatrizes, a perda de minha mãe, e o relacionamento instável com meu pai ainda estão por lá. Sei que vai ser mais difícil lidar com eles quando eu estiver lá fora, mas acho que sou capaz de encarar essas coisas agora. Estou pronta para encará-las.

Pela primeira vez, a caneta da doutora Parish não se moveu depois que eu falei. Em vez disso, ela sorriu outra vez.

— E tem certeza de que quer deixar a casa de seu pai? Você não pode fugir dos seus problemas, Ella, e sei que sabe disso. Eu só quero ter certeza de que se mudar para a casa de Vivian não é uma tentativa de escapar

de uma situação difícil.

Eu endireitei os ombros e olhei para ela.

— Não é. — Eu estava segura. — Não estou fugindo de nada; estou fugindo para algo. Você disse que preciso de um sistema de apoio. Vivian e os pais dela querem ser isso para mim. Eu quero estar lá, e eles estão animados porque estou indo para lá. Não estou fugindo de meu pai ou da família dele; só estou dando a cada um de nós nosso espaço necessário.

A doutora Parish me olhou de um jeito que me fez revirar os olhos.

— Está bem, talvez eu esteja fugindo um pouco de Anastasia, mas ainda vou ter sessões de aconselhamento com meu pai, e Juliette é uma das minhas melhores amigas. Vou continuar sendo parte da família deles. Concordei em ficar até o Natal e vou conhecer meus parentes. Meus avós, meu tio e a família dele estão vindo para Los Angeles nas férias para que possamos nos conhecer.

O rosto da doutora Parish brilhou.

— Isso é muito bom. Acho que vai ser uma coisa muito boa para você. — Ela ficou me olhando por um tempo e então colocou o bloco de lado e se recostou na cadeira. — Bem, Ella, parece que você tem um sistema de apoio muito bom e um plano sólido... pelo menos para um futuro próximo.

— Eu tenho. Prometo, estou pronta.

— Acredito que esteja. Há apenas uma última questão que quero discutir hoje.

Eu me encolhi. Sempre que ela dizia isso, as novidades não eram boas.

— Vamos falar de Brian. — Fiquei deprimida. — Esse é um problema do qual você ainda está fugindo.

Não tentei negar. Eu estava fugindo para o mais longe e o mais rápido possível de Brian. Não falava com ele desde a FantasyCon. Depois que meu pai me deixou no centro de reabilitação, começou a deletar minhas coisas, com raiva. Meu Facebook, e-mail, Messenger, Twitter e até mesmo a caixa postal do blog foram deletados. Eu não consegui aguentar que ele deletasse meu blog, então ele o deixou lá, mas deletou todos os comentários horríveis e mudou as configurações para não permitir nenhum futuro comentário. Mudou até o número do meu telefone, com medo de que meus colegas de escola deixassem que isso vazasse em uma brincadeira cruel.

Juliette me disse que ele tinha ido à escola e falado com todos os estudantes em uma assembleia, explicando o que iria acontecer com qualquer um que decidisse vazar minha identidade para a mídia. Levou um dos amigos dele do FBI para explicar como eles seriam capazes de encontrar quem tinha feito, se isso acontecesse, e que tipo de ação legal seria tomada. Sabendo como meu pai podia ser um belo de um advogado e procurador assustador e malvado, ele provavelmente deixou metade da escola se mijando nas calças.

Até agora, minha identidade não tinha sido divulgada.

Tenha ou não sido sua intenção, meu pai fez as coisas de modo que Brian não tivesse meios de entrar em contato comigo nunca mais. Eu ainda sabia o e-mail, o telefone e a identidade de Brian no Messenger, de forma que poderia encontrá-lo se quisesse, mas não estava certa de que essa fosse uma boa ideia.

— Já pensou no que quer fazer a respeito dele? — a doutora Parish perguntou. — Você pensa em fazer contato com ele?

Meu coração doía só de pensar nele. Como eu poderia ser capaz de um dia manter uma amizade com ele?

— Acho que não consigo.

— Ele é seu melhor amigo, Ella, e o elo mais forte em seu novo sistema de apoio. Você precisa dele.

— Mas agora que o conheci pessoalmente, não acho que possa voltar ao relacionamento que tínhamos antes.

— Então não volte — a doutora Parish disse com simplicidade. — Deixe-o evoluir.

— Mas não posso ter um relacionamento real com ele.

A doutora Parish franziu a testa pela primeira vez no dia todo. Mas eu não podia reclamar; nunca antes tínhamos chegado tão longe em uma sessão sem que ela franzisse a testa.

— Você pode ter um relacionamento com ele. Só está com medo.

— É tão errado querer me proteger? Brian me avisou que o mundo dele iria me machucar, e ele estava certo. Eu estive com ele por uma hora e veja o que aconteceu. Eu me tornei a maior piada da nação. As pessoas me odiaram tanto que Brian teve de mentir sobre nosso relacionamento para salvar a carreira. Teve que fingir que eu não significava nada para ele, que nem sequer me conhecia. Isso não vai mudar. Eu não quero arruinar a carreira dele e não quero ter de ouvir o quanto as pessoas acham que sou feia e patética pelo resto da vida.

A doutora Parish franziu os lábios enquanto pensava. Depois de algum tempo, ela suspirou.

— Não, você está certa. Essa seria uma situação bastante estressante e nada saudável para você. Mas e se esse não fosse o caso? E se você pudesse fazer bem à imagem dele em vez de ser mal? Você consideraria?

Eu ri, o que fez com que a doutora Parish franzisse a testa para mim outra vez.

— Muito bem — resmunguei. — Se, por algum milagre, as pessoas me aceitassem e eu pudesse estar com Brian, então eu o perdoaria em um minuto e correria no mesmo instante para os braços dele e nunca o deixaria.

— A fama não incomodaria você?

Eu ri outra vez.

— Você está brincando? Seria um pesadelo. Eu odiaria. Mas iria encontrar uma forma de lidar com isso porque Brian valeria o esforço — eu zombei. E acrescentei: — Isso é, supondo que ele ainda me quisesse, o que provavelmente não acontece. Ele viu minhas cicatrizes, descobriu a verdade sobre mim e, naquele dia, fui eu quem não consegui aceitar-lo como ele era. Fui eu quem fugiu. Nem posso culpá-lo por deixar a equipe inventar aquela história sobre mim. Quer dizer, foi como no noivado dele com Kaylee. Eu o rejeitei, então ele não tinha uma razão muito boa para dizer não.

Recebi outro olhar da doutora Parish.

— Você acredita mesmo nisso? Que ele não a amaria mais porque você ficou assustada depois de passar por uma experiência muito traumática na primeira vez em que se encontraram? Realmente acredita que ele não entendeu que você estava oprimida?

Para dizer a verdade, eu não sabia em que eu acreditava. Mas estava assustada o suficiente para ter medo de ligar para ele. Eu tinha surtado totalmente com ele. Ele me pediu para dar uma chance e eu disse que nunca poderia ser parte da sua vida. Provavelmente me odiava agora.

Estava começando a pensar que a doutora Parish podia ler minha mente, porque ela sempre via o que estava acontecendo dentro de mim. Esse momento não foi exceção. Ela suspirou e se levantou.

— Você vem comigo, Ella?

Fiquei um tanto surpresa quando ela foi até a porta e a abriu para mim. Nós só estávamos conversando há apenas quinze minutos, e ela nunca me dispensava da sessão mais cedo.

— Para onde estamos indo?

— Tem uma coisa que acho que precisa ver. Nós a mantivemos longe de toda a mídia durante este mês, e depois de hoje você não vai poder se esconder mais disso. Acho que é melhor se tiver uma noção do que vai encontrar lá fora antes de deixar o centro.

Engoli algumas coisas que tentaram sair do meu estômago. Eu sabia que iria ser ruim, mas se era tão ruim que a doutora Parish queria me mostrar antes de eu ir embora, isso significava que era ruim o bastante para que ela ficasse preocupada que isso pudesse me causar uma recaída.

Eu não queria fazer isso, mas ela estava certa. Era melhor tirar isso do caminho agora. Eu a segui para fora da pequena sala de visitas que usávamos para nossas sessões e atravessamos o corredor em direção à sala de recreação. Quando chegamos lá, fiquei atordoada ao ver a sala lotada com todas as pessoas que me importavam: meu pai, Jennifer, Juliette, Rob, Vivian, os dois pais dela e até o resto da minha equipe de reabilitação.

Quase chorei. Meu pai e Jennifer vinham todas as semanas para nossas sessões de aconselhamento, e Vivian e os pais dela tiveram permissão para me visitar uma vez com meu pai quando discutimos a

possibilidade de eu ficar com eles. Mas, a não ser por isso, eu não via nenhum deles havia um mês.

Olhei para a doutora Parish com um olhar interrogador, e o rosto fechado dela se transformou em um sorriso.

— Eles são seu sistema de apoio, Ella. Eles queriam estar aqui com você para ajudá-la com isso.

Legal. Iria ser pior do que eu pensava. Tentei acalmar minha ansiedade porque, se eu me descontrolasse antes mesmo de ver qualquer coisa, a doutora Parish provavelmente iria me mandar de volta para o meu quarto e me trancar por mais algumas semanas.

Nós entramos na sala e Juliette foi a primeira a me ver. Ela pulava como uma gatinha enlouquecida, gritando e chorando e me abraçando e rindo até que Cody a tirou de cima de mim, alegando que ela iria me quebrar.

Primeiro, houve uma rodada de abraços e olás. Nós conversamos, rimos e choramos. Daniel tentou me fazer executar alguns alongamentos — ao que eu respondi que ele podia pegar os alongamentos e enfiá-los em algum lugar bastante inapropriado até minha próxima sessão de fisioterapia — e então, finalmente, nos sentamos em frente à televisão e a doutora Parish abriu o menu do dvd.

Enquanto me sentava no sofá, eu podia sentir a apreensão de cada um deles, mas não demonstrei a minha. Havia uma empolgação sutil na sala que eu não conseguia explicar.

— O que está acontecendo? — perguntei, sem conseguir conter o nervosismo que começava a borbulhar em meu estômago como uma rede cheia de borboletas. — Que tipo de vídeo é esse?

Juliette me lançou um sorriso enviesado enquanto se sentava do meu lado no sofá.

— Você vai ver.

Vivian derrotou Rob e se sentou do outro lado, mas sentou-se sobre os pés para que Rob pudesse sentar no chão perto de mim, encostado no sofá. Ele sentou-se perto das minhas pernas e colocou o braço no meu colo, enquanto Vivian e Juliette descansavam as cabeças nos meus ombros.

Sorri ao ver a necessidade óbvia que meus três melhores amigos tinham de me tocar. Eles estavam tão reconfortados por terem a mim de volta quanto eu estava por tê-los. Depois de tudo que tinha acontecido, nós quatro tínhamos nos tornado muito unidos. Éramos tão ligados quanto amigos íntimos podem ser, e eu sabia que seríamos assim pelo resto de nossas vidas. Parecia um milagre que eu pudesse ter meu pai de volta e a sorte de ter dois amigos fantásticos e a melhor meia-irmã que alguém poderia desejar.

Meu bom humor desapareceu quando a doutora Parish percorreu o menu do dvd na tv e selecionou um episódio pré-gravado de um programa de entrevistas com o famoso comediante Kenneth Long. A apresentação dizia: “convidado especial: Brian Oliver”. No instante em que vi o nome dele, meu coração começou a pular e minha respiração ficou ofegante.

A doutora Parish me deu um último sorriso encorajador e então apertou o play. Imediatamente, o rosto bonito de Brian apareceu na tela. Era a primeira vez que tinha notícias dele desde a FantasyCon, e fui tomada por mais emoção do que eu esperava. Meu coração literalmente pulsava de saudade.

Eu devo ter começado a tremer ou algo assim, porque Vivian apertou meu braço e disse:

— Está tudo bem.

Juliette a seguiu, e disse:

— Confie em nós.

Até mesmo Rob apertou minha perna e sorriu para mim e me pediu do jeito tranquilo de sempre para que eu apenas acompanhasse.

Respirei fundo e prendi o fôlego enquanto via Brian entrar em cena e apertar a mão de Kenneth Long. Depois de esperar pelos gritos da plateia, eles entraram em uma discussão leve sobre o próximo filme de Brian, *O Príncipe Druida*.

Assistir a essa entrevista dilacerava meu coração. Eu não conseguia entender por que todos estavam tão determinados a me submeter a essa tortura até que a conversa se voltou para mim.

— Eu soube que você pediu para fazer o papel de Cinder assim que o filme foi anunciado — Kenneth disse a Brian.

Não sendo alguém humilde, Brian levantou o queixo e esticou o peito.

— Pode apostar. Eu nasci para esse papel. Cinder sempre foi um dos meus personagens favoritos.

— Então é verdade que você é o maior fã do livro?

A atenção de Brian desapareceu por um momento. O sorriso dele se tornou triste e distante.

— Acho que só existe uma pessoa que ame o livro mais do que eu.

Da forma como Kenneth pulou sobre a afirmação, eu tinha certeza de que ele tinha sido instruído a não falar sobre mim. Mas, como Brian abriu a lata de iscas primeiro, foi jogo limpo.

— Seria a fã que você encontrou na FantasyCon no mês passado? Aquela cujo desejo era um beijo de Brian Oliver?

Minha garganta secou, mas eu senti a mão de Rob dando outro aperto tranquilizador em minha perna.

Brian saiu de seus pensamentos e forçou um sorriso.

— Eu me referia exatamente a ela. Na verdade, se não se importa, eu gostaria de falar sobre ela por um minuto. Tudo bem se eu for direto para a história?

Brian tinha obviamente se desviado do script. Kenneth Long, atordoado, deu uma resposta atrapalhada:

— Ahn... é... é claro! Acho que os telespectadores iriam adorar saber o que realmente aconteceu. Estamos todos muito curiosos depois de ver aquele beijo e ouvir sobre o seu rompimento com Kaylee e a substituição abrupta de sua equipe de direção. Foi um pequeno escândalo, Brian... até para você.

Por mais que eu não quisesse, meu coração respondeu às notícias.

— Rompimento? Que rompimento? Ele não está mais com Kaylee?

Vivian e Juliette fizeram psiu e apontaram para a tv.

— Assista!

Na tela, Brian pegou o telefone e o passou para Kenneth.

Kenneth o levantou.

— Podemos colocar isso na tela?

Um assistente de palco pegou o telefone e, poucos segundos depois, a foto de Brian e eu no restaurante aparecia em uma tela gigante. A plateia murmurava diante da imagem adorável e meu rosto ficou tão vermelho quanto estava na foto na tv.

— Ela é bonita — Kenneth disse.

Brian concordou com a cabeça, olhando para o meu rosto na tela atrás dele.

— Muito bonita. — A voz dele rosnava levemente quando ele disse: — Ela não é uma fã que conheci por meio de uma instituição de caridade. Seu nome é Ella, e é minha melhor amiga.



Parecia que o tempo tinha parado. pelo menos o meu coração tinha. Brian acabara de anunciar para o mundo todo que eu era a melhor amiga dele. Ele tinha contado a verdade ao mundo. Pelo menos parte dela. Fiquei boquiaberta e me enchi de esperanças naquele mesmo instante. Será que esse teria sido o motivo por detrás das perguntas esquisitas da doutora Parish sobre Brian? Sobre eu estar ajudando a reputação dele e não arranhando?

Eu sentia que os olhares de todos estavam sobre mim, mas não conseguia tirar os olhos da tela. Estava claro que, por meio da confissão de Brian, pela primeira vez, o público ouvia falar nessa história, porque a plateia teve um sobressalto e Kenneth ficou novamente sem saber o que dizer.

A energia de Brian era grande quando ele finalmente começou a contar a história.

— Conheci Ella por meio do seu blog há mais de três anos, quando me deparei com uma postagem que ela tinha feito sobre minha série favorita de livros. — Ele deu à plateia um sorriso devastador. — Vocês já devem ter ouvido falar sobre *As Crônicas de Cinder*, de L. P. Morgan.

Os aplausos eclodiram e, depois que o barulho se acalmou, Brian continuou.

— Ela tinha uma teoria maluca de que o príncipe Cinder deveria ter escolhido Ellamara no lugar da princesa Ratana, o que, é claro, eu precisei contestar. Escrevi uma “Carta ao Editor” muito legal e educada, explicando como a teoria dela era equivocada.

Brian deu uma risadinha, mas eu retaliei:

— Legal e educada? Ele me chamou de feminista romântica ingênua e cabeça-dura!

Todos na sala riram e até mesmo eu tive de sorrir porque um sorriso secreto se insinuou no rosto de Brian. Sem dúvida, ele estava pensando na mesma coisa que eu.

— Quando ela respondeu, foi amor à primeira vista — ele disse, deixando a plateia com a respiração ofegante outra vez.

Meu sobressalto foi maior, e todos que estavam na sala comigo riram outra vez. Meu rosto mal tinha se recuperado da última vermelhidão, mas isso não impediu que eu corasse outra vez.

— Amor! — Kenneth exclamou.

Brian riu e concordou.

— Foi para mim. Começamos a trocar e-mails e ela logo se tornou minha melhor amiga, mesmo que nós nunca tenhamos nos encontrado pessoalmente. Ela sabia tudo sobre mim, exceto minha verdadeira identidade.

Kenneth se inclinou tanto sobre a mesa em direção a Brian que fiquei com medo de que ele fosse cair da cadeira.

— Então, você conhecia essa garota há três anos e nunca tinham se encontrado? — ele perguntou, incrédulo. — Ela não fazia ideia de que você era um ator de cinema famoso?

Brian balançou a cabeça.

— Só nos conhecíamos por nossos apelidos — ele riu para si mesmo outra vez —, Cinder e Ella.

A forma como a plateia murmurou sobre isso me fez querer morrer para ser poupada do embarço.

— Ella, sendo grande fã dos livros como é, veio ao grupo de discussão do Príncipe Druida na FantasyCon. Haveria uma recepção com autógrafos depois do grupo. Ella e eu não fazíamos ideia de que iríamos os dois estar ali. Quando nos encontramos, ela achava que estava falando com Brian Oliver e eu achava que estava encontrando uma fã aleatória. Cada um de nós percebeu quem o outro era quando começamos a discutir o livro e caímos em nossa antiga discussão. — Ele balançou a cabeça enquanto ria dessa vez. — Nós só conversamos por um minuto, mas foi o suficiente para mim. Eu terminei com Kaylee, e sinto muito por tê-la ferido, mas não tinha outra opção. Não podia ficar com ela quando estava apaixonado por outra pessoa.

O sorriso de Brian desapareceu e foi substituído por uma raiva visível.

— Fui eu quem a convidou para jantar comigo naquela noite. Eu a bejei porque não consegui evitar. Estava apaixonado por ela há anos. Estava tentando convencê-la a me namorar quando as câmeras nos interromperam. Kaylee mentiu sobre nós ainda estarmos noivos porque estava possessa comigo. Ela queria magoar Ella. Despedi minha equipe porque a declaração que eles fizeram sobre Ella ser uma fã com um desejo foi uma mentira completa, e eles a fizeram sem minha permissão.

Houve outra rodada de admiração da plateia de Brian e até mesmo alguns gritos raivosos. A boca de Kenneth Long ficou aberta. Eu sabia como todos estavam se sentindo. Eu estava tão chocada quanto eles.

— Ele não sabia? — Parecia impossível. — Todo esse tempo, eu pensava que ele tinha permitido que eles fizessem isso. Todo esse tempo, fiquei tão magoada. — Eu não podia acreditar. — Fui muito estúpida! Se eu tivesse ao menos conversado com ele, se o tivesse deixado explicar.

— Ella, você não teve oportunidade — Vivian disse. — Você foi dormir depois da reportagem e veio direto para cá no dia seguinte.

Ela estava certa, mas eu ainda me sentia muito mal.

— Preciso ligar para ele. Estou sendo liberada hoje; isso significa que posso usar o telefone agora, não? Preciso falar com ele.

— Espere! — Juliette disse. — Assista ao resto primeiro.

— Sinto demais a falta dela — Brian dizia. — Kaylee e minha antiga equipe transformaram Ella em uma piada. As pessoas foram muito cruéis com ela. Disseram coisas horríveis. Havia websites inteiros dedicados a disseminar o ódio contra ela. Houve até ameaças de morte.

— Ameaças de morte! — murmurei.

— Está tudo bem, Ella — meu pai assegurou. — Eram todas injustificadas. Apenas pessoas zangadas. Sua identidade nunca foi descoberta.

— O blog de Ella era importante para ela e foi arruinado. Ela não postou mais nada desde que a declaração foi dada. Também mudou o número do telefone, o endereço de e-mail e do Messenger. Deletou as contas do Facebook e do Twitter. Ela teve que desaparecer. — Ele passou a mão pelo cabelo e se mexeu na cadeira enquanto murmurava: — Eu a perdi outra vez.

A plateia toda ficou em silêncio.

— O que você quer dizer com a perdeu “outra vez”? — Kenneth perguntou.

Brian, agora sem conseguir ficar imóvel, pegou a infame caneca de café que os convidados sempre

recebem nesses programas de entrevistas. Da forma como ele dava goles grandes, imaginei que fosse uísque.

— Há pouco mais de um ano, Ella sofreu um acidente terrível de automóvel — Brian explicou. — Na verdade, eu estava falando com ela pelo Messenger na hora do acidente... e não, ela não estava dirigindo. Nunca enviem mensagens enquanto dirigem, pessoal. Nós estávamos conversando, e ela estava ali em um instante e, no instante seguinte, não estava mais. No começo, achei que a bateria do celular tinha acabado, mas depois ela não me procurou mais. Ela apenas... desapareceu.

Meu peito apertava enquanto via Brian mergulhar em uma memória e estremecer. Quando falou novamente, sua voz era suave, mas não importava porque a plateia estava em silêncio. Eles estavam completamente encantados com a história.

— Nunca fiquei sabendo o que tinha acontecido com ela. Pensei que tivesse morrido.

Nesse momento, a plateia murmurou, e Kenneth finalmente retomou a conversa.

— Você supôs? Nunca teve certeza?

Brian balançou a cabeça.

— Eu não tinha ideia de quem ela era. Não sabia seu nome verdadeiro. Não tinha ideia de onde encontrá-la. Foram quase dez meses até que eu ficasse sabendo do acidente. Ela esteve em coma e passou mais de oito meses no hospital se recuperando dos ferimentos.

Brian esperou que os murmúrios da plateia terminassem antes de continuar.

— Quando ela escreveu o primeiro e-mail, foi como se tivesse voltado dos mortos. Fiquei nas nuvens. Eu deveria ter rompido com Kaylee naquele momento. Sabia que nunca me importaria com Kaylee da forma que me importo com Ella, mas não tinha certeza do que Ella sentia por mim. Nós nunca tínhamos conversado sobre nos encontrarmos pessoalmente. Além disso, havia todo o problema da minha verdadeira identidade. Eu não sabia como trazer o assunto à tona quando ela tinha passado por uma tragédia tão terrível. Ela perdeu a mãe naquele acidente e ficou com sequelas permanentes e cicatrizes. Eu não tinha certeza de que ela iria querer um relacionamento, principalmente um tão complicado quanto namorar um astro do cinema. Mas quando ficamos frente a frente naquele dia, na FantasyCon...

Brian fechou a mão em punho e bateu no peito como se tivesse sido atingido no coração. A plateia foi tomada pela emoção com o gesto. Eu fui tomada pela emoção com o gesto.

— Há apenas dois tipos de mulheres no mundo para mim agora, Kenneth: Ella e não Ella. Nunca serei capaz de aceitar ninguém a não ser ela, e agora eu a perdi outra vez.

Outro murmúrio atravessou a plateia e Kenneth fez a pergunta óbvia:

— O que você quer dizer com isso? Por que a perdeu outra vez?

Brian pegou a caneca novamente. A porcaria deveria estar vazia agora. Ele tomou um gole da bebida misteriosa e murmurou:

— Ela acha que eu fiz aquilo. — Ele limpou a garganta e disse: — E por que não acharia? Foi a minha equipe que mentiu sobre ela ser uma fã com um desejo. Foi o meu pessoal que disse que eu estava trabalhando com uma casa de caridade. A minha noiva quem confirmou tudo e disse que ainda estávamos juntos. A vida de Ella foi arruinada, e ela acredita que fiz isso para salvar minha reputação.

Meu peito se rasgava por dentro. Eu tinha pensado tudo aquilo, mas, depois de ouvir aquilo de sua boca, percebi o quanto era absurdo. Que babaca estúpida eu tinha sido por até mesmo pensar daquela forma.

— Gente, eu preciso ligar para ele!

— Shhhhh!

O shhhh vinha de todos na sala.

— Você não poderia simplesmente ligar para ela e explicar? — Kenneth perguntou.

Brian suspirou.

— Fiquei triste porque Ella tinha me rejeitado. Desliguei o celular e fui para Las Vegas porque precisava espairar. Levei dois dias para perceber o que tinha acontecido e, quando descobri, já era tarde demais. Ela tinha desaparecido.

Kenneth digeriu a informação enquanto Brian pegava a caneca novamente. Dessa vez, quando a levou à boca, ela estava realmente vazia. Ele a segurou de cabeça para baixo e a balançou, como se isso fosse fazer mais café ou água — ou o que quer que havia lá dentro — aparecer. Ele a colocou de volta na mesa e Kenneth pediu para alguém longe das câmeras trazer mais uma para Brian.

Enquanto Brian bebia a segunda caneca, Kenneth voltou ao tópico.

— Podemos voltar um segundo à parte em que a Ella rejeitou você?

Meu coração começou a bater tão forte que cheguei a me perguntar se todos na sala conseguiam ouvi-lo.

— Está tudo bem, Ella, eu juro — Vivian sussurrou.

— A minha fama era um problema para ela — Brian explicou. — Ela tinha medo de que as pessoas não a aceitassem por causa da deficiência física e das cicatrizes. As pessoas estavam sendo tão horrorosas com ela desde o acidente que ela já não acreditava mais que era bonita. Não percebia que as cicatrizes a faziam mais bonita ainda para mim. Mostravam sua força. Ela passou por tantas coisas, sobreviveu a tantas coisas, perdeu tanto e, mesmo assim, ela se preocupava comigo. Não achava que as pessoas a aceitariam. Tinha medo de prejudicar minha imagem, de ser ruim para a minha carreira. Achava que não era boa o bastante para mim quando, na verdade, era o contrário. Eu não a mereço. Ela é a mulher mais forte e mais maravilhosa que já conheci.

Rob apertou a minha mão.

— Eu concordo — murmurou.

— Eu também — disse Vivian.

Juliette concordou com a cabeça e sorriu para mim com olhos brilhantes.

Fiquei com um nó na garganta e já não sabia mais se era por causa do Brian ou por causa dos meus amigos, ou das duas coisas. Alguém tocou meu ombro e me ofereceu um lenço de papel. Era Jennifer. Ela e o meu pai estavam atrás do sofá abraçados. Os dois sorriam para mim com os olhos aguados.

— Uau! — disse Kenneth depois de um tempo. — Você não estava brincando mesmo. É amor com “A” maiúsculo.

Brian ficou inquieto, parecia que estava relutando para não levantar e começar a andar de um lado para o outro. Ele se sentou na ponta do sofá e concordou com a cabeça.

— É mais que amor, Kenneth, acho que ela é a minha alma gêmea.

Fiquei contente pelo comentário ter levado a multidão ao delírio, porque o alvoroço e os gritinhos cobriram o começo do meu choro.

— Eu preciso dela — Brian disse —, mas não consigo encontrá-la. Ainda não sei o sobrenome dela. Não sei onde ela mora. Fomos interrompidos antes de chegar nesse ponto.

Vivian me cutucou com o cotovelo e disse:

— Só porque você pulou as apresentações e foi direto para a pegação.

— Vivian! — eu disse indignada e todos riram de mim.

— Não podemos culpá-la — Juliette completou com um suspiro sonhador.

Quando olhei de volta para a tela, Brian estava passando os dedos pelo cabelo novamente. O cara parecia estar à beira de um ataque de nervos.

— Ela desapareceu da minha vida e eu não consigo aceitar isso. O lugar de Ella é ao meu lado.

Brian olhou direto para a câmera. Reconheci a paixão que tomava conta dele. Ele tinha o mesmo olhar do centro de convenções, quando me pediu uma chance.

— Ella, esteja lá onde você estiver, se estiver ouvindo, eu te amo. Você é meu mundo. Você sempre disse que o Cinder era covarde por fazer o que as pessoas esperavam dele em vez de seguir o coração. Bem, eu não sou um covarde. O príncipe Cinder escolhe a Ellamara. Eu escolho você, Ella e não vou deixar que seja covarde também. Não vou deixar minha fama levar você para longe de mim. Nós somos Cinder e Ella, mulher. Temos que ter nosso final feliz!

A audiência explodiu em gritos selvagens.

Minha cabeça enlouqueceu e meu coração começou a bater erráticamente. Nisso, Brian puxou algo de dentro do bolso do blazer. Não acreditei quando o vi segurando as luvas brancas que eu tinha tirado para ele naquele dia. Eu não tinha nem percebido que as tinha esquecido!

— Não é um sapatinho de cristal — Brian disse, erguendo as luvas no ar —, mas, se eu tiver que testá-las em cada garota de Los Angeles para encontrar a minha princesa, é isso que vou fazer.

As pessoas ficaram tão enlouquecidas que demoraram a se acalmar. Kenneth até teve de se levantar e assoviar alto. É claro que mesmo depois que as pessoas se aquietaram ele ainda estava rindo tanto que levou alguns segundos a mais para se recompor.

— Acho que você tem o seu primeiro grupo de candidatas dispostas bem aqui — ele provocou, fazendo um gesto para a audiência que fez as mulheres enlouquecerem novamente. — Devo pedir para que elas façam uma fila?

Brian sorriu novamente e balançou a cabeça.

— Com sorte não será preciso, eu tenho um plano.

Kenneth esfregou as mãos, ansioso.

— Isso vai ser emocionante.

Brian respirou fundo. Eu também respirei, instintivamente, e segurei o ar nos pulmões enquanto esperava que Brian revelasse o esquema maluco que tentaria para me encontrar.

— Ainda preciso de companhia para ir à estreia de *O Príncipe Druida* — disse, fazendo uma pausa para deixar as fãs gritarem à vontade. — Quero ir com a Ella. Esse é o nosso filme, a nossa história. Eu assumi o personagem por ela tanto quanto por mim mesmo. O Príncipe Druida foi o motivo pelo qual nos conhecemos. Seria um crime ir assistir a esse filme com qualquer outra pessoa que não fosse ela.

Brian ficou inquieto de novo, mas, dessa vez, a falta de sossego era mais de animação do que de estresse.

— Mesmo que Ella não for comigo, ainda preciso encontrá-la, então vou aceitar como companhia qualquer pessoa que me diga como entrar em contato com ela.

— Como assim? — Kenneth perguntou por cima dos murmúrios da audiência. — Todo mundo vai dizer que a conhece.

Brian fez que não com a cabeça.

— Ella deixou algo no café naquela noite além das luvas. Uma coisa muito importante para nós dois. Algo que eu tinha dado para ela. Tenho certeza de que qualquer um que saiba qual era esse presente vai saber como entrar em contato com Ella. Mesmo se Ella não quiser aparecer pessoalmente, mesmo se ela não quiser mais nada comigo... queria que ela recebesse o presente de volta.

— Meu livro! — sussurrei. — Minha cópia autografada da primeira edição de *O Príncipe Druida*. Não acredito que esqueci o livro.

— Sabia que era um livro! — Juliette gritou. — Quais são os dois detalhes? Estava morrendo de curiosidade!

— Detalhes? — perguntei, confusa.

Vivian pediu para ficarmos quietas.

— Para de falar, Juliette. Ela conta pra gente daqui a pouco. Deixe-a assistir.

Brian tirou outra coisa do bolso e segurou em direção à câmera.

— É um ingresso para sentar ao meu lado na estreia de *O Príncipe Druida*. Vou deixá-lo na recepção do escritório central do estúdio para a primeira pessoa que me disser exatamente o que Ella esqueceu na noite em que nos conhecemos. Você tem de ser específico. Vai precisar conhecer dois detalhes importantes para conseguir o ingresso.

Ele olhou para a câmera novamente e percebi que aquele olhar era para mim antes mesmo de ele abrir a boca.

— Ou você podia parar de ser teimosa e me ligar, mulher. Meu e-mail, meu im e meu telefone continuam os mesmos. — Um lado da boca de Brian se curvou em um sorriso afetado, enlouquecedor e irresistível. — Perdoe-me, Ellamara, oh, sábia sacerdotisa mística do Reino, e deixe-me dar a você o final feliz que sempre quis.

O público enlouqueceu mais uma vez, e entraram os comerciais. Deve ter sido o fim da entrevista — ou pelo menos da parte interessante dela — porque a doutora Parish desligou a tv e de repente tudo terminou.

Todos ficaram em silêncio esperando a minha reação, mas eu não tinha uma. Precisava de tempo para me convencer de que aquilo tudo não era um sonho. Ele não tinha mentido. Disse que as minhas cicatrizes me faziam ainda mais bonita. Ele me chamou de alma gêmea!

Meu coração estava a ponto de explodir.

— Você vai para a estreia! — ordenou Juliette, entendendo errado meu silêncio como hesitação.

Antes que eu conseguisse dizer qualquer coisa, todos começaram e me encorajar. Até a doutora Parish concordou. Ela apontou para a tv escura onde Brian tinha acabado de confessar publicamente que me amava.

— Esse cara vai dar valor a você e vai amá-la. Ele vai fazer mais por sua autoestima do que eu um dia conseguiria. — Depois ela suspirou de uma maneira bem diferente do que costumava fazer e disse: — Além disso, ele é lindo demais para recusar.

Eu estava em choque. Era a coisa mais não profissional que eu já tinha ouvido a doutora Parish dizer.

— Ahá! — ela gritou de repente, apontando para mim. — Um sorriso! Finalmente a fiz sorrir!

O resto da equipe de reabilitação caiu na gargalhada.

— Não sei se isso conta — Daniel brincou. — Acho que foi pensar no Brian Oliver que a fez sorrir, não você.

Agora eu já não estava mais sorrindo, estava virando um pimentão de novo.

— Você vai, não é? — Vivian perguntou.

É lógico que eu iria. Eu tinha medo de compartilhar a fama dele, mas ele estava certo: fugir faria de mim uma covarde. Depois do que ele tinha feito por mim no programa, na frente do mundo inteiro — e pelas inúmeras vezes em que chamei Cinder de covarde —, eu tinha de sair com o Brian pelo menos para estarmos quites. Ele nunca mais me deixaria ganhar outra discussão, e isso não ia acontecer.

— Quando isso foi ao ar? É quase Natal. Eu perdi?

— Foi ao ar duas semanas atrás. A estreia é daqui a três dias.

— Duas semanas? — perguntei, horrorizada. — Ele fez isso duas semanas atrás e está achando que o estou ignorando esse tempo todo? Ele deve me odiar!

Juliette revirou os olhos.

— Esse cara nunca conseguiria odiar você e você sabe disso. Aqui está. — Ela me passou o telefone e o número do Brian já estava na tela.

Quando ela começou a apertar o botão "ligar", eu gritei e tirei o telefone de sua mão.

— Não, não faça isso!

Todos olharam espantados. Juliette e Vivian trocaram olhares e a expressão da Juliette pareceu desesperada.

— Mas, Ella, você tem que ir com ele.

— Ah, é claro que vou. Mas vai ser muito mais legal fazer uma surpresa para ele na estreia, não acham?

— Que cruel — disse Rob.

— Não, é só dramático. Brian é ator, ele vive pelo drama.

— Com certeza, é mais romântico — Juliette concordou. — Então quais são as duas coisas?

— É a primeira edição do Príncipe Druida e tinha uma dedicatória do autor para mim.

— Ah, que doce — Juliette riu. — Muito nerd, mas fofo. E perfeito. Podemos pedir ao papai que busque o ingresso amanhã enquanto vamos comprar um vestido.

Stefan gritou horrorizado.

— Comprar um vestido? Ellamara, não ouse!

— Oh! Aaah! Sim! — Vivian pulou do sofá e começou a saltitar. — Deixe meus pais fazerem o vestido!

Se eu não fosse deficiente física, eu teria começado a dançar com Vivian pela ideia de ter um vestido feito pelos pais dela. Eu tinha minha fantasia de Ellamara, mas fiquei arrepiada com a ideia de ver o que eles fariam tendo eu em mente.

Olhei para Stefan e Glen, cheia de esperança.

— Vocês acham que teriam tempo?

Stefan e Glen pareciam ofendidos com a pergunta, mas, antes que pudessem responder, Jennifer disse:

— Eles não precisam de tempo. — Quando ela ganhou a atenção de todos os presentes, ela disse: — Você já tem o vestido perfeito.

Só tinha um vestido ao qual ela poderia estar se referindo, mas com certeza não estava falando do vestido da minha mãe.

— Fica lindo em você — disse, sabendo que eu a tinha entendido. — E, em uma noite tão importante para você, o que seria mais apropriado que vestir algo que pertencia à sua mãe?

Não fiquei surpresa com a forma como Juliette e meu pai concordaram com a cabeça, mas ainda não tinha entendido por que a Jennifer tinha sugerido aquilo.

— Você quer que eu use o vestido da minha mãe? Na frente de centenas de pessoas e câmeras de tv? — perguntei. — Ele deixa muito do corpo exposto, lembra? Todo mundo vai ver minhas cicatrizes.

O sorriso de Jennifer pareceu triste.

— Ella, nunca tive vergonha de você. Desculpe se me entendeu errado. Eu só estava preocupada com os seus sentimentos. Sei como as pessoas podem ser cruéis. Sou modelo. Já fui a centenas de testes onde as pessoas criticaram as minhas imperfeições... Minhas coxas e a minha bunda não eram firmes o suficiente, meu nariz era grande demais, meus peitos eram pequenos demais, os olhos separados demais, precisava emagrecer alguns quilos... sempre tinha alguma coisa.

O mundo era mesmo muito injusto se a Jennifer não era considerada bonita o suficiente para ele. Ela era a mulher mais bonita que eu já tinha visto. Não conseguia imaginar as pessoas criticando-a pela aparência. Eu não via um defeito...

— Quando comecei, era difícil ignorar os comentários. Eu ficava obcecada com tudo que falavam sobre mim. Fiquei deprimida. Desenvolvi um distúrbio alimentar. Eu me autodestruí porque era insegura com a minha aparência.

Os olhos dela se encheram de água.

— Eu só não queria que passasse por isso. Não queria que as pessoas fossem cruéis com você. Já estava lidando com tanta coisa, tinha perdido sua mãe e tendo que se adaptar a outra família. Não queria que se magoasse se as pessoas ficassem olhando ou dissessem coisas malvadas. Eu estava tentando proteger você. Desculpe se machuquei seus sentimentos.

— Está tudo bem. — Olhei para ela da cabeça aos pés de novo e me perguntei se ela teria mudado alguma coisa desde quando começou a ser modelo. Com certeza o comentário sobre os "peitos serem pequenos demais" a tinha levado ao peito perfeito e não natural que ela tinha agora, mas eu me perguntava o que mais tinha mudado. Não acho que tinha sido muito.

— Você ainda é modelo, mas é superconfiante agora.

— As pessoas ainda me criticam às vezes, mas não dou mais ouvidos. — Jennifer sorriu para o meu pai com um amor e uma sinceridade que eu nunca tinha presenciado. — Seu pai faz com que eu me sinta bonita e isso é o suficiente. — Ela sorriu de novo para mim. — Talvez Brian Oliver seja o homem que fará isso por você.

O que a Jennifer disse fazia sentido. Pensei na noite em que Brian e eu tínhamos nos conhecido e em como ele roubou o meu ar quando beijou os nós dos meus dedos com cicatrizes. Ele me disse que eu era bonita e

acreditei nele.

— Se ele faz você sorrir assim, então ele merece você — Rob disse de repente.

Eu não tinha percebido que estava sorrindo, mas as minhas bochechas estavam esquentando de novo sob os olhares de todos.

— Então, tudo bem — Vivian disse. — Já que não posso ajudar com o vestido, pelo menos deixe-me fazer seu cabelo.

— E eu vou levar você para fazer as unhas — Juliette se ofereceu. — Se não se sentir confortável em ir a um salão, eu mesma as faço. Eu sei me virar muito bem com um esmalte.



Meu corpo todo tremia quando me olhei no espelho gigante do quarto. Meus nervos não tinham me dado um segundo de descanso nos últimos três dias. Às vezes eu ficava tão animada que achava que aquela espera toda iria me matar, e outras vezes tinha certeza de que o que iria me matar era o medo do que estava por vir.

Eu tinha me informado um pouco sobre as notícias nos últimos dias. A cidade de Los Angeles estava esperando ansiosa pela estreia daquela noite. Todos especulavam se a Ella do príncipe Cinder apareceria ou não. Noticiários locais, apresentadores de programas de entrevistas, djs de rádios — todos.

A parte mais louca é que todos estavam animados. Eles queriam que eu aparecesse. A entrevista do Brian tinha sido uma sacada de mestre. Ele tinha nos tornado um conto de fadas moderno — o romance definitivo. Eu tinha passado da pessoa mais odiada dos Estados Unidos a uma sensação nacional da noite para o dia. Não era mais uma *stalker* obsessiva, mas, sim, uma sobrevivente bonita, inteligente, engraçada e forte. O público agora me amava.

É claro, tinha sido genial também para Brian, porque garantia que ele iria conseguir o que queria. Se eu não aparecesse na estreia, a nação inteira me odiaria um milhão de vezes mais do que odiava antes. Como os americanos são instáveis... E entusiásticos. Uma multidão tão grande tinha se aglomerado fora do cinema em Westwood, onde a estreia aconteceria, que a polícia teve de bloquear o tráfego de dois bairros da cidade. Todas aquelas pessoas estavam esperando por mim.

— Acho que vou vomitar.

— E estragar o meu batom? — Vivian perguntou de onde estava deitada na minha cama, fuçando uma revista. — Eu mato você.

Juliette sorria enquanto colocava no meu cabelo o novo pente de prata e pérolas que meu pai tinha me dado.

— Brian vai estragar o batom dela assim que a vir, de qualquer forma.

Vivian bufou e eu fiquei vermelha. Pelo que parecia ser, digamos, a vigésima vez no dia. Depois das centenas de piadas que vinham sendo feitas comigo nos últimos dias, era de se esperar que eu já estivesse acostumada a elas, mas não. Qualquer referência a Brian e eu ainda ficava tímida como uma garotinha de escola.

Vivian sorriu para Juliette no espelho com um brilho perverso nos olhos.

— Brian tem permissão de estragar o batom. Ela mesma, não. — Ela observou a minha expressão por um momento e torceu o nariz. — Odeio você por ficar tão bem com esse tom de vermelho. Mataria para ter o seu bronzeado.

Olhei para os meus lábios. O vermelho brilhante que ela tinha usado em mim estava arrasando em contraste com a minha pele caramelo e ficava ainda melhor com o amarelo do vestido. Isso ressaltava meus olhos azuis e eu estava exótica. Misteriosa. Perfeita para uma sacerdotisa mística.

O cabelo suavizava o quadro. Juliette decidiu deixar meu cabelo solto e dar apenas um toque nos cachos naturais. Esse toque acabou virando, tipo, trinta frascos de produtos. Meus cachos castanhos caíam sobre os ombros e sobre as costas nuas com uma pequena mecha delicadamente tirada da parte da frente e presa pelo pente.

Meu novo pente era lindo e elegante, e combinava com o colar de pérolas de minha mãe. Meu pai tinha me surpreendido com ele pela manhã, dizendo que também queria estar em espírito comigo naquela noite, como a mamãe estaria. Chorei como um bebê e Juliette e Vivian enlouqueceram e gritaram que meus olhos iriam ficar inchados.

Dava até para pensar que era meu casamento, e não um primeiro encontro.

Mas, sim, com certeza tratava-se de um grande primeiro encontro.

— Sabe? — Vivian disse atenciosamente enquanto olhava para mim. — A parte mais estranha disso tudo é como a Candy Cane completa perfeitamente o conjunto.

Eu sorri.

— Eu disse a você que seria uma boa ideia.

Depois que concordei em ir à estreia, no outro dia, a primeira coisa que Vivian fez foi pedir para ver meu vestido. Ela se ofereceu para fazer outra “cirurgia plástica” na Candy Cane e deixá-la amarela, mas eu não deixei. Eu gostava de como o arco-íris de cores contribuía para a personalidade do vestido. Minha mãe teria adorado.

— Meninas! O carro chegou! — papai gritou do outro lado da casa.

Eu mal conseguia mexer os joelhos de tanto terror. Parei também de respirar.

— Vai dar tudo certo — Vivian disse. — É só o Cinder. Você só vai assistir a um filme com o seu melhor amigo. Só isso.

— É. — Juliette riu baixinho, enquanto virava minha cabeça para que eu pudesse ver o pôster gigante de Brian sem camiseta que ela tinha colado do lado de dentro da porta do meu quarto.

— E Cinder se parece com isso e quer ser o pai dos seus filhos.

— Não está ajudando — eu respirei.

Anastasia apareceu no vão da porta e suspirou:

— Brian Oliver é um desperdício para você.

Juliette e Vivian olharam com raiva, mas eu me neguei a ficar brava. Anastasia não iria arruinar aquela noite.

— É provável que seja verdade — concordei, surpreendendo-a com o jogo de cintura. — Mesmo assim, não vou ser ingrata pelo presente.

Pode ter sido imaginação, mas juro ter visto os lábios da Ana se torcerem uma vez. Ela me olhou de cima a baixo e eu fiquei esperando pelo comentário maldoso e sarcástico, mas dessa vez ela me surpreendeu. Deu de ombros, se apoiou contra o batente da porta e ficou parada na entrada do quarto como se não quisesse sair, mas, ao mesmo tempo, também não quisesse entrar. O silêncio começou a ficar bem constrangedor.

Na verdade, eu estava surpresa por vê-la. Ela não tinha dito uma única palavra para mim desde que cheguei em casa. E tinha feito um bom trabalho em nunca ficar no mesmo cômodo que eu. Ela não parecia estar feliz, mas, pela primeira vez desde que a conheci, não havia hostilidade. Ela de fato estava se esforçando pela primeira vez. Provavelmente, era obra da doutora Parish. Papai e Jennifer vinham fazendo Ana encontrar a minha psicóloga já há algumas semanas. Já estava mais do que na hora, se quer saber a minha opinião. A

menina tinha tantos problemas quanto eu, se não mais.

— Você está bonita — Ana disse de repente.

Tentei parecer legal, mas não deu certo. Nunca consegui fazer uma cara de paisagem decente.

— Ahn... Obrigada?

— Você sabe — ela acrescentou —, para uma monstrenga.

Eu sabia que ela estava me provocando, mas nem Vivian, nem Juliette gostaram do humor.

— Você perdeu alguma coisa? — disse Juliette.

Ana olhou com raiva para a irmã, mas então os olhos dela se encontraram com os meus e ela parecia determinada. Eu não sabia dizer o que aquela expressão significava, mas não era raiva. A determinação dela não era provocação. Era outra coisa. Resolução.

— Fui eu quem vazou onde você estava naquele dia. Tirei uma foto de vocês jantando juntos com o celular e mandei para alguns sites de fofoca de celebridades. É culpa minha que tenham sido emboscados.

Não fiquei surpresa que tivesse sido ela — sempre tinha suspeitado disso. O que me surpreendeu foi a confissão. Ela não estava jogando a informação na minha cara, estava se desculpando. Parecia estar se sentindo tão confortável dentro da pele dela naquele momento quanto eu me sentia na minha. Era como se sentir remorso e admitir ter feito algo errado fosse uma experiência totalmente nova para ela.

Fiquei feliz que ninguém tenha pulado no pescoço dela. Se alguém tivesse feito isso, tenho certeza de que ela teria entrado na defensiva e aquele momento teria sido arruinado. Nós duas precisávamos superar nossos problemas uma com a outra.

— Desculpe por tudo o que aconteceu — ela disse.

Dei de ombros com o que eu esperava que mostrasse desprendimento.

— A mentira que a equipe de Brian contou não foi culpa sua.

Ela balançou a cabeça.

— Mas eles não teriam dito nada se aqueles paparazzi não tivessem aparecido no jantar.

— Talvez não naquela noite — concordei —, mas teria acontecido mais cedo ou mais tarde se eu continuasse saindo com o Brian.

Vivian riu.

— Uh, vocês não estavam saindo, vocês estavam se pegando.

Juliette começou a gargalhar.

— Boa!

Dei tapinhas nas duas e voltei a encarar Anastasia. Fiquei chocada ao perceber que ela estava sorrindo.

— De qualquer forma, me desculpe — ela disse, tentando sumir com o leve sorriso de seu rosto.

— Obrigada.

Ela se virou para sair e eu a impedi.

— Você vai com a gente para o cinema hoje?

Ela balançou os ombros novamente e continuou com uma expressão entediada no rosto, mas dava para ver que ela tinha gostado do convite.

— Pode ser que sim. Não tenho nada melhor para fazer hoje à noite.

Sorri e agradei novamente.

— Sem problemas — respondeu. Ela começou a se afastar, mas parou no meio do caminho e disse: — Quando vocês estiverem no ar hoje à noite, pergunte para Brian se ele não me arranja um encontro com o Logan Lerman.

— Você quer dizer se eles aparecerem para entrar no ar — Juliette provocou.

— Vocês duas! Fiquem quietas! É sério!

Eu não estava brincando, mas, por algum motivo, as três riram de mim.

Saímos do quarto e papai e Jennifer estavam nos esperando na cozinha. Para minha surpresa, Rob estava sentado no bar. Os olhos dele bateram em mim e ele se levantou tão rápido que quase caiu do banquinho. O pomo de adão dele pulou de uma forma que parecia que ele tinha tentado engolir uma bola de beisebol.

— Você está sensacional — ele disse.

Fiquei vermelha novamente.

— Obrigada. — Fui até ele e o abracei. Ele demorou um pouco mais que o normal para me soltar.

— O que está fazendo aqui?

— Tinha que vir ver você sair. Não podia deixar que fosse para o seu grande encontro sem desejar boa sorte.

Eu o abracei mais uma vez, dessa vez com muito mais sentimento. Rob tinha o dom de me acalmar. Ele era a confiança e a tranquilidade acima de tudo. Fiquei preocupada que as coisas pudessem ficar estranhas entre nós dois, mas Rob era sempre muito maleável. Ele tinha se resignado à posição de “apenas amigos” com tranquilidade depois de perceber o quanto Brian e eu significávamos um para o outro. Eu estava muito grata por poder mantê-lo como amigo. Teria de encontrar uma garota para ele um dia.

— Você vem no carro conosco? — Juliette perguntou. — Papai alugou uma limusine para que todos nós pudséssemos ir com Ella até lá.

— Existe uma preocupação de que Ella vá sequestrar o carro e fugir se a deixarmos ir sozinha — Vivian acrescentou.

Eu revirei os olhos, mas ela podia ter um pouco de razão.

A única resposta de Rob foi um sorriso e um oferecimento de braço. Eu aceitei e fiz o melhor que pude para não hiperventilar enquanto todos nós subíamos na limusine.

Demoramos mais de uma hora no trânsito, já que tivemos de esperar na fila enorme de carros que chegavam à estreia. Então, de repente — de repente demais —, o carro parou e a porta se abriu para um barulho ensurdecedor e uma infinidade de *flashes*. Olhei lá fora e a primeira coisa que vi foi vermelho.

— É o tapete vermelho! — Juliette gritou, pulando de empolgação depois de notar a mesma coisa que eu tinha notado. — Você está prestes a caminhar no tapete vermelho!

Havia um homem de terno esperando para me ajudar a sair do carro. Era agora ou nunca. Fiz uma rápida distribuição de abraços e deixei meu pai para o final.

— Boa sorte, menina — ele sussurrou com a voz cheia de emoção. Então limpou a garganta e projetou um tom másculo: — Lembre-se, mocinha, em casa à uma hora.

Juliette rosou.

— Um toque de recolher? Sério mesmo? Pai, posso lembrá-lo de que ela tem dezenove anos e que desde ontem não está mais legalmente sob sua custódia?

Eu não tinha levado a sério, mas adorei que Juliette tenha sentido a necessidade de sair em minha defesa.

Papai suspirou.

— Dê-me uma chance dessa vez, hã? Eu não pude brincar de paizão assustador com Ella ainda, e nem sequer pude conhecer o pretendente dela.

Eu ri e dei um tapinha no ombro dele.

— Você vai ter a chance de ameaçá-lo muito em breve, tenho certeza. — E ri com sarcasmo para as garotas. — Planejo pedir a ele que venha ajudar a carregar as caixas no dia da mudança.

Vivian, Juliette, Ana e até Jennifer ficaram arrebatadas.

— Veja se pode conseguir que ele faça isso sem camisa — Juliette disse.

— Juliette! — Meu pai fez um ruído estrangulado na garganta e soltou a respiração. — Esse tal de Brian Oliver vai me deixar de cabelos brancos antes da hora.

Eu ri e dei um abraço em meu pai, e surpreendi nós dois quando dei um beijo em sua bochecha.

— Você vai adorá-lo — garanti. — E vou estar em casa à uma.

Meu pai me abraçou outra vez e teve de limpar a garganta antes de responder:

— Eu amo você, menina. Vá lá e o deixe derrubado.

Com isso, respirei fundo e então desci do carro. O homem que esperava para me ajudar correu os olhos em mim, parando por um momento em minhas cicatrizes e na bengala. O rosto dele se iluminou em um sorriso largo quando compreendeu.

— Espero que esteja pronta para isso — ele murmurou, acenando na direção que eu deveria seguir.

— Nem um pouco — garanti a ele enquanto dava meu primeiro passo em direção a uma nova vida.

O tapete vermelho se estendia pela área toda e levava à entrada do cinema. Era ladeado em toda a extensão por luzes brilhantes, cordões grossos de veludo e infravermelhos. Sorri para mim mesma quando vi as lâmpadas. Eu tinha tentado sair da limusine com o casaco — era a semana anterior ao Natal, afinal —, mas Ana fez uma cena. Ela agarrou o casaco e insistiu que ninguém caminhava no tapete vermelho escondendo o vestido. No fim, ela estava certa.

Fotógrafos e repórteres com câmeras e microfones estavam posicionados do lado de fora do cordão de veludo e atrás deles estava uma multidão de pessoas tão grande que me senti como se estivesse no centro do campo de beisebol em Fenway Park.

Havia várias pessoas caminhando pelo tapete à minha frente. Reconheci algumas delas, outras não me eram familiares. Kaylee Summers sorria bastante para a multidão, pendurada repulsivamente em um ator que reconheci de um filme popular sobre vampiros. De alguma forma, parecia combinar.

Eu não via Brian em lugar algum.

Meu estômago revirou com a ideia de ter de ir de onde eu estava até a porta do teatro, que parecia estar a milhas de distância. Eu não estava certa de conseguir, mas já não tinha outra opção. As pessoas mais próximas a mim já tinham notado e começavam a sussurrar.

Dei um passo, e depois, lentamente, o segundo. Minhas juntas não estavam muito entusiasmadas com o tempo frio, então minha marcha estava um pouco mais lenta que o normal. Meu modo de andar despertou a atenção das pessoas e os murmúrios se transformaram em aplausos.

— É ela! — alguém gritou. — É Ella! Ela veio!

De repente, uma onda de ruídos ensurdecedores eclodiu e se alastrou do lado em que eu estava até a entrada do teatro e para o outro lado da rua, até que ficou alta o bastante para ser ouvida em Boston.

As pessoas gritavam e berravam. Elas estendiam as mãos como se quisessem me tocar. As câmeras piscavam no meu rosto e me cegavam. O frenesi era muito maior do que eu esperava. Confusa, tropecei nas cordas. Um homem com o dobro do tamanho de meu pai, trajando um terno caro e algum tipo de fone de ouvido, me segurou.

— A senhorita está bem?

Eu olhei para a multidão, sem conseguir pensar.

— Isso é alucinante.

O homem riu e me colocou em pé outra vez.

— Ninguém vai atravessar para este lado das cordas. Você estará a salvo.

As pessoas que estavam à minha frente no tapete pararam para ver qual era o motivo da comoção. Elas me observavam com olhos curiosos. Algumas pessoas sorriam, enquanto outras pareciam não ter apreciado que eu estivesse roubando a atenção que seria para elas. Kaylee parecia querer me picar em pedaços com as próprias mãos.

— É melhor você ir andando, senhorita — disse o segurança, e me deu um empurrãozinho gentil. — O show começa em quinze minutos.

Fiz que sim com a cabeça e comecei a andar novamente, mas, quando fiz isso, os aplausos se tornaram

impossivelmente altos e eu senti como se o caos estivesse me engolindo. Eu estava com medo de entrar em pânico, mas então vi uma comoção no tapete à minha frente que fez tudo ao meu redor desaparecer.

Brian abria caminho através da multidão de celebridades em minha direção. Eu podia dizer que ele estava chamando meu nome, embora não pudesse ouvir o que dizia em meio ao barulho. Os movimentos dele eram frenéticos; eram iguais aos que eu sentia dentro do peito. Achei que iria explodir se não colocasse os braços ao redor dele nos próximos cinco segundos. E então ali estava ele, parando a alguns passos de mim. Não entendi a distância que ele manteve entre nós. Eu queria diminuí-la. Precisava diminuí-la. Precisava senti-lo, cheirá-lo e me perder nos olhos dele.

— Você veio — ele resfolegou. Quando ele falou, o silêncio desceu sobre a multidão. As pessoas estavam desesperadas para ouvir o que estávamos dizendo. Minha atenção vagou em direção à multidão por um momento, mas logo retornou a Brian, quando ele disse: — Depois do programa, quando você não me ligou, eu pensei...

Ele pensou que não iria me ver nunca mais.

Não consegui falar e eu não o forcei.

— Eu... me afastei... por um tempo... depois do que aconteceu.

Eu não sabia se Brian entendia exatamente o que eu queria dizer, mas a expressão de culpa e devastação em seu rosto sugeria que ele estava no caminho certo, se não exatamente correto. Eu esperava que meu sorriso assegurasse a ele que eu estava bem. Eu teria essa conversa com ele, mas não agora.

— Só voltei para casa há três dias — eu disse. Meu sorriso se contorceu. — Minha psicóloga me mostrou a sua entrevista na frente de todas as pessoas que conheço. Eu era a única que não tinha visto ainda. Não tinha ideia do que estava acontecendo e todos olhavam para mim o tempo todo. Tive que assistir à entrevista com meu pai parado atrás do meu ombro. Foi muito embaraçoso.

Brian cruzou os braços sobre o peito e levantou uma sobrancelha.

— Meu amor por você é embaraçoso?

Milagre dos milagres, eu consegui ficar com o rosto normal.

— Existe uma coisa chamada delicadeza, Brian. Você poderia se beneficiar de algumas aulas sobre o assunto.

Eu estava indo bem, mas, quando o rosto de Brian se desmanchou em um beicinho, eu caí na gargalhada.

— Eu amei!

Brian finalmente veio em minha direção e me pegou nos braços.

— Você é uma diabinha. Não posso acreditar que me fez suar até o último segundo.

Encolhi os ombros.

— Depois de assistir àquela entrevista, descobri que estávamos nos esforçando para sermos dramáticos. Surpreender você me pareceu o caminho certo a seguir.

Brian deu um sorrisinho e sondou a quase rebelião que minha chegada tinha causado.

— Foi definitivamente isso. Você conseguiu causar uma boa cena. — Ele riu para mim de uma maneira que derreteu meu coração. — Eu aposto que posso fazer melhor.

Eu me desfiz em um sorriso.

— É claro que pode.

O brilho perverso em seus olhos foi o único aviso que ele me deu antes de me afundar em um beijo.

Nosso primeiro beijo tinha sido terno. Tinha sido um beijo para que nos conhecêssemos. Esse beijo foi completamente diferente. Esse beijo era faminto. Brian me beijou como se estivesse tentando fundir nossas almas por toda a eternidade. Ele não estava fazendo isso para mostrar. Não tinha nada a ver com as milhares de pessoas assistindo e sendo levadas à loucura ao nosso redor. Também não era possessivo. Ele não estava reclamando seus direitos sobre mim. Não estava sequer tentando provar os sentimentos dele por mim. Estava simplesmente pegando o que ele precisava.

Eu podia sentir a ânsia, a dor dele por mim, e aquilo me transformou em manteiga derretida. O que ele precisasse, podia pegar. Eu daria com prazer. Poderia ter-me por inteiro. Na verdade, no momento em que o beijo terminou, ele já tinha tudo de mim.

— Eu a amo muito, Ella — ele murmurou.

Eu não sabia o que era mais fofo: a expressão apaixonada dele ou o batom vermelho brilhante espalhado por todo seu rosto.

— Eu também o amo, Cinder.

Ele me deu outro beijo rápido e então passou o braço pela minha cintura e me levou em direção às portas do teatro. Quando chegamos lá, ele parou e se virou em direção à multidão.

— Diga xis, Ella — ele provocou.

Eu fiquei ali e sorri até meu rosto doer, mas não foi difícil fazer isso, já que eu estava tão delirante e feliz. Brian podia dizer o mesmo, porque toda vez que eu olhava para ele, ele sorria como se eu fosse a coisa mais fascinante do mundo.

Eu devo ter perdido o sinal, mas, depois de um tempo, Brian decidiu que era hora de seguir em frente. Quando nos viramos para sair, um homem do outro lado das cordas de veludo esticou um microfone em nossa direção.

— Brian! Brian! Você não vai nos dar uma declaração antes de entrar?

Brian parou de andar.

O silêncio se espalhou pela multidão. A atmosfera se tornou quase reverente enquanto o mundo esperava para ouvir o que Brian Oliver iria dizer. Eu esperava, pelo bem dele, que o que ele dissesse fosse bom. Eu sentia que esse nosso momento iria entrar para a história de Hollywood.

Brian olhou para o homem e depois para mim. O sorriso dele se espalhou pelo rosto todo e ele disse:

— Que tal “e eles foram felizes para sempre”?

Agradecimentos



Muito obrigada, como sempre, ao Josh pelo apoio infinito, pelas opiniões, pelas lindas capas, por fazer minhas vontades quando peço para fazer os gráficos, por assumir muitas das tarefas de “mãe” para que eu possa escrever, e principalmente por me amar apesar das minhas esquisitices de escritora.

E obrigada a Josh Jr., Jackie, Matthew & Daniel por preferirem comidas, como cereais frios, waffles congelados, iogurte e pizza a refeições preparadas em casa que eu não tenho tempo, energia ou habilidade para fazer. São os melhores filhos que uma mãe poderia desejar! (Sim, mesmo vocês brigando tanto).

A Jen (literalmente Jen) e Lisa (Uma Vida Ligada pelos Livros) por sua inestimável opinião e empolgação por esse projeto, e a Heather por sempre estar disposta a sentar e me ouvir falar sobre os problemas do enredo (e por comer os donuts extras quando acabo ficando com muitos!). Vocês todas me ajudam a fazer com que meus livros sejam o melhor que podem ser.

Obrigada a todos os meus amigos e à minha família pelo amor e pelo apoio durante todos esses anos. Eu não conseguiria sem vocês. E sou especialmente grata ao meu Pai no Céu por me abençoar com um pouco de talento e de criatividade, uma boa dose de paciência e uma quantidade insana do impulso pessoal necessário para ser uma escritora! Através Dele, tudo é possível.



INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS
PUBLICAÇÕES E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS



[FACEBOOK.COM/EDITORAPANDORGA](https://facebook.com/EDITORAPANDORGA)



[TWITTER.COM/EDITORAPANDORGA](https://twitter.com/EDITORAPANDORGA)

WWW.EDITORAPANDORGA.COM.BR

Este livro foi composto em FontIn
(textos), Always in my heart e Darleston
(títulos) para a Editora Pandorga em
setembro de 2016.